

"J. Lynn criou um grande elenco de personagens, que fará você rir e se emocionar. Cam conquistou meu coração." Cora Carmack

ESPERO *por você*

JENNIFER L. ARMENTROUT

Como **J. LYNN**

Autora best-seller #1 do *The New York Times*





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



"J. Lynn criou um grande elenco de personagens, que fará você rir e se emocionar. Cam conquistou meu coração." Cora Carmack

ESPERO *por você*

JENNIFER L. ARMENTROUT

Como **J. LYNN**

Autora best-seller #1 do *The New York Times*



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Página de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTAS](#)

ESPERO *por você*

JENNIFER L. ARMENTROUT
Como J. LYNN

Tradução
Leonardo Gomes Castilhone



© 2013 by Jennifer Armentrout

Publicado originalmente por Hapercollins

Edição feita sob acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literatia, SL

© 2017 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2017

Produção Editorial: Equipe Novo Conceito

Preparação de texto: Camila Fernandes



Armentrout, Jennifer L.

Espero por você / Jennifer L. Armentrout ; tradução Leonardo Gomes Castilhone. –
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2017.

Título original: First comes love

ISBN 978-85-8163-821-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

*Dedicado àqueles que estão lendo este livro agora mesmo.
Sem vocês, nada disso seria possível. Vocês me deixam nas
nuvens!*

CAPÍTULO 1

Havia duas coisas na vida que me tiravam o sossego. Acordar no meio da noite e dar de cara com um fantasma, com o rosto transparente colado no meu, era uma delas. A probabilidade de isso acontecer era quase nula, mas ainda assim dava um medo danado só de pensar. A segunda coisa era entrar atrasada numa sala de aula lotada.

Eu, absolutamente, tinha pavor de chegar atrasada.

Detestava quando as pessoas viravam a cabeça para me encarar, coisa que sempre acontece ao entrar numa sala um minuto que seja depois do início da aula.

Foi por isso que, no fim de semana, analisei minuciosamente, com a ajuda do Google, a distância entre meu apartamento em University Heights e o estacionamento designado para os alunos. E, de fato, fiz o trajeto de carro duas vezes no domingo para ter certeza de que o Google não estaria me levando ao erro.

Um quilômetro e novecentos metros, para ser precisa.

Cinco minutos de carro.

Até saí quinze minutos mais cedo para chegar com uma antecedência de dez minutos para a aula que começaria às nove e dez da manhã.

O que não estava em meus planos era o longo engarrafamento perto do semáforo (só Deus sabia por que havia um bendito sinal de trânsito na cidade histórica) e o fato de que não havia nem meia vaga no campus. Tive que estacionar na estação de trem adjacente

ao campus, perdendo um tempo precioso na hora de caçar moedinhas na bolsa para o parquímetro.

“Já que insiste em se mudar para o outro lado do país, pelo menos fique em um dos dormitórios. Eles têm dormitórios por lá, não têm?” Ouvi a voz da minha mãe permeando meus pensamentos assim que parei na frente do Prédio de Ciência Robert Byrd, sem fôlego por ter subido correndo a ladeira mais íngreme e inconveniente da história.

É claro que eu não havia escolhido ficar em um dormitório, pois sabia que, em algum momento, meus pais apareceriam para me visitar sem avisar e começariam a *julgar* e *falar* mal do lugar, e eu preferiria dar um soco no meu próprio rosto antes de sujeitar um inocente espectador àquilo. Em vez disso, preferi investir meu precioso dinheiro para alugar um apartamento de dois quartos próximo ao campus.

O senhor e a senhora Morgansten odiaram isso.

E isso me deixou extremamente feliz.

Mas agora eu estava, em parte, me arrependendo desse pequeno ato de rebeldia, porque, conforme corri, saindo do calor úmido daquela manhã de fim de agosto para dentro do prédio com ar-condicionado, já eram nove e onze, e minha aula de Astronomia ficava no segundo andar. E por que diabos escolhi Astronomia?

Talvez porque a simples ideia de aguentar outra aula de Biologia me fizesse querer vomitar? Sim. Era isso.

Subi correndo as largas escadas, empurrando com tudo a porta dupla, e trombei com uma parede.

Ao cambalear para trás, abanei os braços como um daqueles guardas de trânsito nos cruzamentos. Minha bolsa transversal, que estava abarrotada, me puxou para um lado. Meu cabelo voou para a frente do rosto, uma camada ruiva que tampou toda a minha visão, enquanto eu oscilava perigosamente.

Meu Deus, eu estava caindo. Não tinha como evitar. Visões de pescoços quebrados passaram pela minha cabeça. Isso ia ser um saco, então...

Uma coisa dura e forte envolveu minha cintura, impedindo a queda livre. Minha bolsa caiu no chão, espalhando todos os livros e canetas ridiculamente caros por todo o chão encerado. Minhas canetas! Minhas queridas canetas rolaram para todos os cantos. Um segundo depois, fui pressionada contra a muralha.

A muralha era estranhamente quente.

A muralha riu.

— Opa — disse uma voz profunda. — Você está bem, meu anjo?

A muralha não tinha *nada* de muralha. Era um cara. Meu coração parou e, por um segundo amedrontador, senti uma pressão esmagando meu peito, e não conseguia me mover ou pensar. Fui levada para cinco anos antes. Travada. Não conseguia me mexer. O ar parecia perfurar meus pulmões com uma pressa dolorosa e pontadas se espalhavam e subiam pela minha nuca. Cada músculo ficou retesado.

— Ei... — A voz suavizou, com um tom de preocupação. — Você está bem?

Forcei-me a respirar fundo — apenas respirar. Eu precisava respirar. Inspirar. Expirar. Tinha praticado isso várias vezes nos últimos cinco anos. Eu não tinha mais quatorze anos. Eu não estava lá. Estava *aqui*, do outro lado do país.

Dois dedos tocaram debaixo do meu queixo, forçando minha cabeça para cima. Olhos azuis profundos e surpreendentes contornados por cílios escuros e grossos estavam fixos em mim. Um azul muito vibrante e elétrico, e tal era o contraste com as pupilas negras que me perguntei se eram reais.

Foi aí que me dei conta.

Um cara estava me segurando. Nenhum cara jamais havia me segurado. Eu não estava contando com aquela vez, porque aquela vez não valia merda nenhuma, e eu estava apertada contra ele, coxa com coxa, meu peito contra o dele. Como se estivéssemos dançando. Meus sentidos fritaram quando senti o leve aroma de colônia. Nossa. Tinha um cheiro bom e caro, como o *dele*...

De repente, um sentimento de raiva brotou em mim, algo doce e familiar, afastando o velho pânico e a confusão. Agarrei-me àquilo desesperadamente e encontrei minha voz.

— Pode. Me. Soltar.

“Olhos Azuis” imediatamente baixou os braços. Despreparada para a súbita perda do apoio, vacilei para o lado, recuperando o equilíbrio antes de tropeçar na minha bolsa. Respirando como se tivesse acabado de correr um quilômetro, afastei as grandes mechas de cabelo do rosto e, finalmente, dei uma boa olhada em Olhos Azuis.

Santa Mãe de Deus, Olhos Azuis era...

Ele era maravilhoso, do tipo que faz qualquer garota agir de forma idiota. Era alto, quase trinta centímetros maior que eu, e tinha ombros largos, mas afilado na cintura. O corpo de um atleta — como um nadador. O cabelo preto e ondulado cobria a testa e combinava com as sobrancelhas. Maçãs do rosto altas e lábios expressivos completavam o pacote criado para as garotas babarem por ele. E ainda com aqueles olhos cor de safira, *u-la-lá*...

Quem imaginaria que em um lugar chamado Shepherdstown estaria escondido um cara como aquele?

E eu dei de cara com ele. Literalmente. Que ótimo.

— Sinto muito. Eu estava com pressa para chegar à minha aula. Estou atrasada e...

Os lábios dele curvaram-se levemente nos cantos ao se ajoelhar. Ele começou a juntar minhas coisas e, por um breve instante, senti como se fosse chorar. Pude sentir lágrimas surgindo na minha

garganta. Agora eu estava realmente atrasada, e de jeito nenhum entraria naquela sala no primeiro dia. Ferrou.

Inclinando-me para a frente, deixei o cabelo cair e cobrir meu rosto enquanto recolhia as canetas.

— Não precisa me ajudar.

— Não tem problema! — Ele pegou um pedaço de papel e olhou para cima. — Introdução à Astronomia? Estou indo para lá também.

Ótimo. Pelo resto do semestre eu teria que ver o cara que quase matei no corredor.

— Você está atrasado — eu disse, um tanto inconveniente. — Sinto muito mesmo.

Com todos os livros e canetas de volta na minha bolsa, ele ficou de pé e a entregou para mim.

— Está tudo bem. — Aquele sorriso disfarçado ficou mais largo, revelando uma covinha na bochecha esquerda, mas nada na outra. — Estou acostumado com garotas se jogando em meus braços.

Pisquei os olhos, pensando que não tinha ouvido direito aquele gato de olhos azuis, porque não era possível ele ter dito algo tão idiota.

Pois tinha, e não parou por aí.

— Mas tentar pular nas minhas costas é novo. Meio que gostei.

Sentindo as bochechas queimarem, fiquei uma fera.

— Eu não estava tentando pular nas suas costas nem me jogar nos seus braços.

— Não estava? — O sorriso de canto de boca continuava. — Bem, que pena. Se estivesse, este teria sido o melhor primeiro dia de aula da história.

Fiquei sem saber o que dizer ao apertar a bolsa pesada contra meu peito. Os caras não flertavam comigo na minha cidade. A

maioria deles nem ousava olhar na minha direção no Ensino Médio, e os poucos que o faziam, bem, não estavam a fim de mim.

O olhar de Olhos Azuis baixou para o pedaço de papel em suas mãos.

— Avery Morgansten?

Meu coração pulou.

— Como sabe meu nome?

Ele inclinou a cabeça para o lado e seu sorriso ficou ainda maior.

— Está em sua agenda.

— Ah...

Afastei o cabelo ondulado do meu rosto em brasa. Ele me devolveu a agenda, e eu a peguei, rapidamente colocando-a na bolsa. Lutei, meio desengonçada, para colocar a alça no ombro outra vez.

— Meu nome é Cameron Hamilton — disse Olhos Azuis. — Mas todos me chamam de Cam.

Cam. Pensei naquele nome por alguns instantes, gostando do som.

— Obrigada mais uma vez, Cam.

Ele se curvou e pegou uma mochila preta que eu não notara. Muitos cachos de cabelo preto caíram sobre sua testa e, ao endireitar-se, puxou-os para trás.

— Bem, vamos fazer nossa entrada triunfal.

Meus pés permaneceram fincados no mesmo lugar, quando ele se virou e caminhou alguns metros à frente até a porta da sala 205. Ele colocou a mão na maçaneta, olhando por cima do ombro, aguardando por mim.

Eu não conseguiria. Não tinha nada a ver com o fato de que eu tinha trombado com tudo em quem deveria ser o cara mais sexy do

campus. Apenas não conseguiria entrar na sala e suportar todos se virando para me observar. Já estava farta de ser o centro das atenções em todos os lugares aonde ia nos últimos cinco anos. O suor começou a brotar na minha testa. Meu estômago se contraiu ao dar um passo para trás, para longe da sala e de Cam.

Ele se virou, franzindo as sobrancelhas, com uma expressão de curiosidade tomando conta do rosto.

— Você está indo na direção errada, meu anjo.

Parecia que eu estava indo na direção errada minha vida inteira.

— Não consigo.

— Não consegue o quê? — Ele deu um passo na minha direção.

E eu corri. Literalmente, dei a volta e saí desesperada, como se estivesse em uma corrida pela última xícara de café do mundo. Quando atravessei aquela maldita porta dupla, ouvi Cam gritando meu nome, mas continuei correndo.

Meu rosto ardia ao descer as escadas. Estava praticamente sem ar ao atravessar o departamento de ciências. Minhas pernas continuaram a se mexer, até eu me sentar num banco diante da biblioteca adjacente. O sol da manhã pareceu intenso demais quando levantei a cabeça e fechei os olhos com força.

Caramba.

Que jeito de causar uma primeira impressão em uma nova cidade, nova escola... nova vida. Fizera uma mudança de quase dois mil quilômetros para começar do zero e já tinha conseguido estragar tudo em questão de minutos.

CAPÍTULO 2

Eu tinha duas opções naquele momento: deixar quieto e superar a tentativa desastrosa de assistir à minha primeira aula na faculdade ou ir para casa, deitar na cama e puxar as cobertas por cima da cabeça. O que mais queria era ceder à tentação da segunda opção, mas aquela não seria eu.

Se correr e me esconder fosse meu *modus operandi*, eu nunca teria sobrevivido ao Ensino Médio.

Levei a mão direita ao punho esquerdo para verificar se meu bracelete grande e prateado ainda estava no lugar. Eu quase não sobrevivi ao Ensino Médio.

Meus pais quase tiveram um treco quando informei sobre meus planos de frequentar uma universidade do outro lado do país. Se fosse Harvard, Yale ou Sweet Briar, eles teriam ficado empolgadíssimos, mas uma universidade mequetrefe como aquela? Que vergonha. Eles simplesmente não compreendiam. Nunca compreenderam. Por nada neste mundo eu iria para a faculdade que eles frequentaram, aonde metade do country clube da minha cidade forçava seus filhos a ir.

Eu queria ir aonde não visse nenhum risinho desdenhoso ou ouvisse os sussurros venenosos que as pessoas *ainda* destilavam como cobras. Onde ninguém tivesse ouvido a história ou qualquer versão da verdade que fora repetida tantas vezes a ponto de eu mesma questionar o que realmente havia acontecido naquele Halloween de cinco anos atrás.

Porém, naquele lugar, nada daquilo importava mais. Ninguém me conhecia. Ninguém suspeitava de nada. E, em dias de verão,

ninguém sabia o que o bracelete escondia, quando uma camiseta de manga comprida não funcionava.

Vir para cá tinha sido uma decisão minha e fora a melhor coisa a ser feita.

Meus pais chegaram a ameaçar parar de pagar meu financiamento estudantil, o que achei hilário. Eu tinha meu próprio dinheiro — dinheiro sobre o qual eles não tinham nenhum controle, depois que completei dezoito anos. Dinheiro que eu tinha *merecido*. Para eles, eu os estava decepcionando mais uma vez, mas, se ficasse no Texas ou perto daquelas pessoas, eu estaria morta.

Olhei rapidamente a hora no meu celular, fiquei de pé e passei a alça da bolsa por cima do ombro. Pelo menos, não chegaria atrasada para minha aula de História.

História ficava no prédio de Ciências Sociais, no início da ladeira pela qual eu tinha acabado de subir correndo. Cortei pelo estacionamento atrás do prédio Byrd e atravessei a rua congestionada. À minha volta, alunos caminhavam em grupos de dois ou mais, e muitos deles, obviamente, conheciam uns aos outros. Em vez de me sentir rejeitada, havia um precioso sentimento de liberdade ao caminhar de sala em sala sem ser reconhecida.

Tirando da cabeça meu desastre épico matinal, entrei no Whitehall e subi o primeiro lance de escadas à direita. O corredor no andar de cima estava cheio de alunos esperando as salas esvaziarem. Atravessei os grupos que riam sem parar, desviando de alguns que ainda pareciam meio adormecidos. Encontrei um lugar vazio no corredor, na frente da sala, sentei-me encostada à parede e cruzei as pernas. Esfreguei as mãos na calça jeans, empolgada por estar começando a cursar História. A maioria das pessoas estaria morrendo de tédio na aula de Introdução à História, mas aquela era minha primeira aula de graduação.

E, se tivesse sorte, em cinco anos, estaria trabalhando em uma biblioteca ou um museu fresco e silencioso, catalogando textos ou

artefatos antigos. Não era a profissão mais glamorosa, mas seria perfeita para mim.

Melhor do que o que eu costumava querer ser, que era uma bailarina profissional em Nova York.

Mais uma coisa que fez minha mãe ficar desapontada comigo. Todo aquele dinheiro gasto em aulas de balé, desde que eu tinha começado a andar, havia sido desperdiçado depois de eu fazer quatorze anos.

Mas sentia falta do efeito calmante que a dança tinha sobre mim. Só não conseguia me imaginar fazendo aquilo de novo.

— Garota, o que está fazendo aí sentada no chão?

Minha cabeça se ergueu e um sorriso brotou no meu rosto quando vi aquele sorriso, largo e brilhante, no rosto lindo, delicado e cor de caramelo de Jacob Massey. Nós ficamos amigos durante o teste vocacional da semana anterior e ele estava na minha próxima aula, além da de Artes às terças e quintas. Senti-me imediatamente acolhida por sua personalidade extrovertida.

Olhei para seu jeans de aparência cara, reconhecendo que era um corte sob medida.

— Está confortável aqui embaixo. Acho que você deveria se juntar a mim.

— De jeito nenhum! Não quero que minha bundinha linda fique suja por me sentar nesse chão. — Ele encostou a lateral do quadril na parede ao meu lado e sorriu. — Espere um pouco. O que você está fazendo aqui a esta hora? Achei que tivesse aula às nove.

— Você lembrava disso? — Mostramos nossos horários um ao outro por cerca de meio segundo na semana anterior.

Ele deu uma piscadela.

— Tenho uma memória assustadora para coisas que são totalmente inúteis para mim.

Eu ri.

— Bom saber.

— Quer dizer que já matou aula? Garota malvada.

Balancei a cabeça, contraindo-me um pouco.

— Sim, mas eu estava atrasada, e odeio entrar em uma sala depois da aula ter começado, então acho que o meu primeiro dia será na quarta-feira, se eu não desistir antes disso.

— Desistir? Garota, não seja idiota. Astronomia é uma aula fácilima. Eu teria me matriculado nela, se não tivesse enchido em dois segundos, porque todos os veteranos a pegaram.

— Bem, mas não foi você que quase matou um cara no corredor correndo para a aula... Um cara que, por sinal, está na mesma aula fácilima.

— O quê? — Seus olhos escuros se arregalaram de interesse e ele começou a se ajoelhar. Alguém chamou sua atenção. — Espere um segundo, Avery. — Então ele começou a acenar com o braço e pular. — Ei! Brittany. Traga essa sua bunda para cá!

Uma garota loura e baixinha parou bruscamente no meio do corredor e se virou para nós, com as bochechas coradas, mas sorriu ao ver Jacob pulando feito louco. Ela veio caminhando e parou na nossa frente.

— Brittany, essa é Avery — apontou Jacob. — Avery, essa é a Brittany.

— Oi — disse Brittany, acenando timidamente.

Acenei de volta.

— E aí?

— Avery está prestes a nos contar como ela quase matou um cara no corredor. Achei que você fosse querer ouvir a história também.

Eu me encolhi acanhada, mas o súbito interesse nos olhos castanhos de Brittany foi meio engraçado.

— Conta já — disse ela, sorrindo.

— Bem, eu não quase matei alguém exatamente — respondi, suspirando. — Mas foi por pouco, e fiquei morrendo de vergonha.

— As histórias constrangedoras são as melhores — insistiu Jacob, tocando o joelho no chão.

Brittany riu.

— É verdade.

— Desembucha, amiga.

Puxei o cabelo para trás e baixeí a voz para que o corredor inteiro não se divertisse com a minha humilhação.

— Eu estava correndo atrasada para a aula de Astronomia e empurrei com tudo a porta dupla do segundo andar. Não dava para ver aonde eu estava indo, então bati com tudo nesse cara no corredor.

— Caramba! — Brittany contraiu-se condoída com a história.

— É, e eu quase o derrubei. Deixei minhas coisas caírem no chão. Livros e canetas voaram para todos os cantos. Foi épico.

Os olhos de Jacob brilharam de curiosidade.

— E ele era gostoso?

— O quê?

— Ele era gostoso? — repetiu ele, passando a mão no cabelo. — Porque, se ele era gostoso, você deveria ter usado isso a seu favor. Esse poderia ter sido o melhor puxador de conversa da história. Tipo, vocês dois poderiam se apaixonar loucamente e contariam a todos como você deu um tranco nele antes de ele, de fato, dar um *tranco* em você.

— Meu Deus. — Senti um calor familiar nas bochechas. — É, ele era bem bonitão.

— Ah, não — disse Brittany, que parecia ser a única pessoa, além de mim, a compreender como um cara lindo podia tornar a situação ainda mais constrangedora. Acho que era preciso ter uma vagina para entender isso, porque Jacob parecia ainda mais empolgado com as notícias.

— Então me conte, como era esse pedaço de mau caminho? Esse é um detalhe que não pode faltar.

Parte de mim não queria falar, porque só pensar em Cam me trazia mil níveis diferentes de constrangimento.

— Bom... é... ele era bem alto e musculoso, eu acho.

— Como você sabe que ele era musculoso? Você deu uma apalpada também?

Eu ri ao ver Brittany balançando a cabeça.

— Eu, literalmente, *dei de cara* com ele, Jacob. E ele me segurou. Eu não o apalpei de propósito, mas ele parecia ter um corpo legal.

— Dei de ombros. — Então, ele tinha cabelo escuro e ondulado. Mais comprido que o seu, meio jogadinho, mas de um jeito...

— Caramba, garota, se você diz jogadinho de um jeito “não estou nem aí, porque eu sou o máximo”, quero eu trombar com esse cara.

Brittany riu disfarçadamente.

— Adoro cabelo assim.

Fiquei me perguntando se meu rosto estava tão quente quanto eu o estava sentindo.

— É, era bem assim. Ele era lindo mesmo, e os olhos dele eram tão azuis que pareciam...

— Espere... — engasgou Brittany, com os olhos arregalados. — Os olhos dele eram tão azuis que quase pareciam falsos? E ele tinha um cheiro muito bom? Sei que pode parecer estranhíssimo, mas apenas responda à pergunta.

Estranhíssimo era pouco, mas também divertido.

— Sim para tudo o que disse.

— Puta merda! — Brittany soltou uma gargalhada alta. — Você perguntou o nome dele?

Comecei a ficar preocupada, porque Jacob também estava com um olhar de incredulidade.

— Sim, por quê?

Brittany cutucou Jacob com o cotovelo e, em seguida, baixou a voz.

— Era Cameron Hamilton?

Meu queixo caiu no chão.

— Era! — respondeu a própria Brittany, contraindo os ombros. — Você trombou com *Cameron Hamilton*?

Jacob não estava sorrindo. Ele apenas olhava para mim com uma cara de... choque?

— Estou com muita inveja de você neste momento. Eu daria meu testículo esquerdo para trombar com Cameron Hamilton.

Eu meio ri, meio engasguei.

— Nossa. Isso é bem sério.

— Cameron Hamilton é sério, Avery. Mas você nunca saberia mesmo. Você não é daqui — explicou Jacob.

—Você também é calouro. Como sabe sobre ele? — perguntei, porque Cam parecia velho demais para ser calouro. Ele tinha que estar, no mínimo, no segundo ou terceiro ano.

— Todos no campus o conhecem — respondeu ele.

— Você está no campus há menos de uma semana!

Jacob riu maliciosamente.

— Eu ando por aí.

Balancei a cabeça, rindo.

— Eu não entendo. É, ele é... lindo, mas e daí?

— Eu frequentei a mesma escola que Cameron — explicou Brittany, olhando por cima do ombro. — Ele é dois anos mais velho que eu, na verdade, mas era o fodão no Ensino Médio. Todos queriam estar perto dele ou com ele. Aqui é basicamente a mesma coisa.

A curiosidade brotou em mim, apesar de ter me lembrado de outra pessoa, pelas coisas que Brittany disse.

— Então, vocês dois são das redondezas?

— Não. Somos dos arredores de Morgantown, na área de Fort Hill. Não sei por que ele escolheu esta faculdade em vez da Universidade de West Virginia; só sei que eu quis sair da cidade para não ficar presa às mesmas pessoas de sempre.

Eu me identifiquei com aquilo.

— De qualquer forma, Cameron é conhecido em todo o campus. — Jacob juntou as mãos, batendo palmas uma vez. — Ele mora fora do campus e dizem por aí que ele organiza as melhores festas e...

— Ele tinha uma reputação no Ensino Médio — cortou Brittany. — Reputação que era bem merecida. Não me entenda mal. Cameron sempre foi um cara muito legal. Muito bacana e engraçado, mas ele era a personificação do cara galinha naquela época. Parece que ele deu uma sossegada, mas, uma vez galinha...

— Ok. — Mexi no meu bracelete. — Bom saber, mas, de qualquer jeito, não importa. Digo, eu trombei com ele num corredor. Isso é tudo que sei sobre Cam.

— *Cam?* — piscou Brittany.

— É? — Fui me pondo de pé e peguei a bolsa. A porta logo se abriria.

As sobrancelhas de Brittany se contraíram.

— Aqueles que ele não conhece o chamam de Cameron. Só os amigos o chamam de Cam.

— Ah... — Franzi a testa. — Ele me disse que as pessoas o chamavam de Cam, então imaginei que era assim que os outros o chamavam.

Brittany não disse nada, e, honestamente, eu não entendia direito qual era o lance. Cam/Cameron/Tanto Faz estava apenas sendo educado depois de eu o ter atropelado. O fato de ele ser um ex-festeiro só significava uma coisa para mim: ficar o mais longe possível dele.

As portas se abriram e os alunos saíram aos empurrões para o corredor. Nosso pequeno grupo esperou esvaziar até conseguir entrar, escolhendo três cadeiras nos fundos, com Jacob entre nós duas. Quando puxei meu imenso caderno de cinco matérias, com o qual eu poderia até matar alguém de tão pesado, Jacob agarrou meu braço.

Seu olhar estava cheio de safadeza e maldade.

— Você não pode desistir da aula de Astronomia. Para aguentar este semestre, preciso ficar sabendo, através de você, de tudo que se passa com *Cam*, pelo menos três vezes na semana.

Dei uma risadinha.

— Não vou desistir da aula... — Embora eu meio que quisesse. — Mas duvido que venha a ter alguma coisa para lhe contar. É muito provável que nem nos falemos mais.

Jacob largou meu braço e se recostou na cadeira, olhando para mim.

— As mais famosas últimas palavras, Avery.

* * *

O restante do dia não foi nem de perto tão agitado quanto a manhã, o que me deixou muito feliz. Sem mais gostosões inocentes

sendo atropelados, nem quaisquer outros incidentes. Apesar de eu ter revivido a experiência toda mais uma vez no almoço, para a diversão de Jacob, fiquei contente porque ele e Brittany tiveram um intervalo quase na mesma hora que eu. Havia planejado passar sozinha a maior parte do meu dia, então acabou sendo legal conversar de verdade com pessoas... da minha idade.

Para mim, ser sociável era como andar de bicicleta.

E a despeito do conselho desnecessário de Jacob, de que eu deveria trombar em Cam, só que desta vez de propósito, na próxima vez que o visse, não houve nenhum outro momento constrangedor. No fim do dia, para ser sincera, eu já tinha praticamente me esquecido de Cam.

Antes de sair do campus, passei no prédio de finanças para pegar uma ficha de inscrição para o programa de trabalho e estudo. Eu não precisava do dinheiro, mas tinha que fazer alguma outra coisa muito chata para ocupar minha mente. Estava com a grade cheia — dezoito horas de créditos —, mas, ainda assim, teria um monte de tempo livre. Um emprego no campus parecia a coisa mais certa a se fazer, mas não havia vagas. Meu nome foi para uma extensa lista de espera.

O campus era, realmente, muito bonito, de um jeito tranquilo e excêntrico. Não tinha nada a ver com aqueles vastos campi das grandes universidades. Localizado entre o Rio Potomac e a minúscula cidade história de Shepherdstown, parecia uma daquelas paisagens que se vê em um cartão-postal. Prédios imensos adornados com torres mescladas entre estruturas mais modernas. Árvores por toda parte. Ar limpo e fresco, e todo tipo de coisa que se necessita a uma caminhada de distância. De fato, eu podia mesmo vir caminhando em dias mais agradáveis ou, pelo menos, estacionar na ala oeste do campus, para evitar pagar o parquímetro.

Após dar minhas informações para a lista de espera, voltei andando para o carro, curtindo a brisa aconchegante. Ao contrário da manhã, quando tive que correr contra o tempo, eu tinha agora a

chance de observar as casas no caminho até a estação de trem. Três casas, lado a lado, tinham varandas cheias de rapazes com idade para estar na faculdade. Muito provavelmente, aquela era a versão dessa faculdade de um conjunto de fraternidades.

Um cara olhou quando passei, cerveja na mão. Ele sorriu, mas, logo em seguida, se virou quando uma bola de futebol voou pela porta e o acertou nas costas, o que o fez xingar até não poder mais.

Com certeza era um conjunto de fraternidades.

Minha coluna se retesou conforme acelerei o passo, passando mais rápido pelas casas. Cheguei a um cruzamento, dei um passo para a frente e quase fui atropelada por uma caminhonete prata — uma daquelas bem grandes, talvez uma Hilux^[1] —, que vinha acelerada pela rua estreita que eu precisava atravessar. Meu coração pulou do peito quando o carro freou bruscamente, bloqueando minha passagem.

Confusa, dei um passo para trás, subindo na calçada. Será que o motorista ia gritar comigo?

O vidro escurecido da janela do passageiro baixou e eu fiquei com cara de tacho.

Cameron Hamilton sorriu para mim do volante, com seu boné de beisebol virado para trás, de onde brotavam alguns cachos pretos de cabelo. Ele estava sem camisa — totalmente sem camisa. E, pelo que pude ver, só o peito, era um peito incrível. O peitoral era todo trabalhado. Tinha uma tatuagem. No lado direito, uma explosão solar, com as chamas subindo pelos ombros até as costas, em tons vibrantes de vermelho e laranja.

— Avery Morgansten, nós nos encontramos de novo.

Ele era a última pessoa que eu queria ver. Eu tinha uma sorte de merda.

— Cameron Hamilton... oi.

Ele se inclinou para a frente, apoiando um braço sobre o volante. Correção. Ele também tinha um bíceps maravilhoso.

— Temos que parar de nos encontrar desse jeito.

Aquela foi a coisa mais verdadeira que alguém já disse. Eu precisava parar de ficar olhando para seu bíceps... e seu peitoral... e sua tatuagem. Nunca pensei que o sol pudesse ser tão... sexy. Nossa. Isso era esquisito.

— Você me atropelando, eu quase atropelando você? — elaborou Cam. — É como se fôssemos uma catástrofe prestes a acontecer.

Fiquei completamente sem palavras. Minha boca ficou seca e meus pensamentos confusos.

— Para onde está indo? — perguntou ele.

— Até meu carro — respondi, forçando as palavras para fora. — Meu horário no parquímetro está para vencer. — Não era bem verdade, porque eu tinha sido bem generosa na hora de colocar moedinhas naquela coisa, então, não tomaria nenhuma multa, mas ele não precisava saber disso. — Então...

— Bem, entre, meu anjo. Posso dar uma carona pra você.

O sangue se esvaiu do meu rosto e correu para outras partes do corpo de um jeito realmente estranho e confuso.

— Não, tudo bem. Meu carro está logo ali. Não precisa se incomodar.

O sorriso ficou ainda maior, revelando aquela covinha.

— Não é incômodo. É o mínimo que posso fazer depois de quase atropelá-la.

— Obrigada, mas...

— Ei! Cam! — O cara da cerveja pulou da varanda e veio correndo pela calçada, olhando rapidamente para mim. — O que está fazendo por aqui, cara?

Salva pelo garoto da fraternidade.

O olhar de Cam não se desviou de mim, mas o sorriso começou a ceder.

— Nada, Kevin, só estou tentando ter uma conversinha aqui.

Dando um aceno rápido para Cam, passei apressada por Kevin e dei a volta pela frente da caminhonete. Não cheguei a olhar para trás, mas pude senti-lo me observando. Com o passar dos anos, desenvolvi um talento que era saber quando alguém estava me observando, mesmo sem olhar para a pessoa.

Fiz força para não correr para a estação de trem, porque fugir do mesmo cara duas vezes no mesmo dia ultrapassaria todos os níveis aceitáveis de esquisitice. Até mesmo para mim.

Não percebi que estava prendendo a respiração até sentar atrás do volante do meu carro e ouvir o som do motor.

Jesus.

Apoiei a cabeça no volante e gemi. Uma catástrofe prestes a acontecer? Sim, parecia que sim.

CAPÍTULO 3

Aguentar sentada uma aula de Sociologia de três horas, numa noite de terça-feira, não foi tão ruim quanto pensei, mas, assim que a classe foi dispensada, percebi que estava faminta. Antes de voltar para meu apartamento, parei no Sheetz — um posto de gasolina com loja de conveniência, coisa que não existia no Texas — e comprei algo para comer depois. Uma salada para viagem, caprichada nas tiras de frango frito e no molho *ranch*.

Humm... Que coisa saudável.

O estacionamento estava lotado de carros, alguns até no campinho ao lado, que dava fundos para o lado oeste do campus. Não estava desse jeito quando fui para minha aula noturna, e fiquei imaginando o que poderia ter acontecido. Por fim, encontrei uma vaga lá longe, perto da estrada principal, e, ao virar a chave na ignição, meu celular disparou a tocar no porta-copos.

Sorri quando vi que era uma mensagem de texto de Jacob. Havíamos trocado telefones mais cedo, na aula, já que ele morava em um dos dormitórios.

Arte é um saco era tudo o que dizia o torpedão.

Rindo, mandei-lhe uma mensagem rápida de resposta sobre nosso dever de casa, que era identificar as pinturas de acordo com a época. Graças a Deus que existe Google, porque só assim para eu conseguir concluir aquela tarefa.

Após pegar a bolsa e o lanche, desci do carro. O ar estava grudento e eu puxei o cabelo para cima, tirando-o da nuca, com o intuito de fazer um rabo de cavalo. O aroma do outono estava no ar e eu não via a hora de chegar o clima mais fresco. Talvez até a neve

do inverno. Atravessei o estacionamento todo iluminado até o conjunto central de apartamentos. Eu morava no último andar — o quinto —, parecia que muitos alunos viviam lá e a maioria só começara a chegar naquele dia. Mas, logo que pisei na calçada, descobri de onde vinham todos aqueles carros.

Uma música muito alta vibrava em algum lugar dentro do meu prédio. Muitas luzes estavam acesas e pude ouvir trechos de conversas conforme subi as escadas. No quinto andar, encontrei o culpado. O dono do apartamento do outro lado do corredor, duas portas depois da minha, estava dando uma festa. A porta estava escancarada e luzes e música eram lançadas para o corredor.

Um pingo de inveja brotou no meu peito quando virei a chave do meu apartamento. Toda aquela risada, o barulho e a música pareciam divertidos. Tudo parecia muito normal, como se fosse algo que eu *deveria* estar fazendo, mas festas...

Festas não terminavam bem para mim.

Fechando minha porta, joguei os sapatos para longe e larguei a bolsa no sofá. Mobiliар esse apartamento deixara minha conta bancária meio quebrada, mas eu ficaria ali por quatro anos, e pensei que seria possível levar as coisas comigo ou vendê-las, quando tivesse que ir embora.

E tudo aquilo era *meu*. Isso significava muito para mim.

A festa continuou rolando solta no corredor, muito tempo depois de eu terminar minha salada não tão saudável, trocado de roupa e colocado minha bermuda de pijama e uma camiseta de manga comprida. Em seguida, terminei meu dever de Artes. Já passava um pouco da meia-noite quando desisti de ler minha tarefa de Inglês e fui para o quarto.

Mas parei no hall, meus dedos dos pés curvaram-se no carpete.

Ouvi o barulho bem alto de uma gargalhada, deu para notar que a porta devia estar aberta de novo, porque o som estava mais alto que antes. Fiquei paralisada, contraindo o lábio inferior. E se eu abrisse

a porta e reconhecesse alguém da minha sala? Com certeza, era alguém da faculdade que estava dando aquela festa. Quem sabe eu conhecesse a pessoa? E se eu conhecesse? Nunca que eu sairia de casa sem sutiã, de pijama e com o rabo de cavalo mais malfeito da Terra.

Virei-me e acendi a luz do banheiro, olhando meu reflexo no espelho. Sem maquiagem, as sardas da ponta do meu nariz ficaram mais evidentes e meu rosto parecia mais corado que o normal. Curvei-me sobre a pia, da qual minha mãe caçoaria, e aproximei o rosto do espelho.

Com exceção do cabelo castanho-avermelhado, que eu tinha puxado do meu pai, eu era a cópia exata da minha mãe. Nariz retinho, queixo arredondado e bochechas altas; com toda a ajuda cosmética da qual ela dispôs durante os anos para parecer *rejuvenescida*, parecíamos mais irmãs do que mãe e filha.

Passos ecoaram lá fora, no corredor. Mais risadas.

Fiz uma careta para o meu reflexo e me afastei do espelho. De volta ao hall, disse a mim mesma para ir dormir, mas me vi caminhando em direção à porta da frente. Não fazia ideia do que eu estava fazendo ou por que estava sendo tão enxerida, mas tudo parecia tão... aconchegante e divertido ali fora, e tudo lá dentro estava frio e entediante.

Aconchegante e divertido?

Revirei os olhos. Deus, como eu era idiota. Estava frio aqui dentro porque eu tinha ligado a porcária do ar-condicionado lá no mínimo.

Mas eu estava na porta e nada nesse mundo me impediria. Abri um pouco e espiei a escadaria, vendo duas cabeças desaparecendo enquanto desciam. A porta da festa ainda estava aberta, e fiquei ali parada, sem saber o que fazer. Ali não era minha cidade. Ninguém ia me olhar torto ou gritar obscenidades para mim. No máximo, achariam que eu era apenas uma maluca parada ali do nada, com metade do corpo para fora da porta e os olhos inchados, deixando o ar frio sair de dentro de casa.

— Traga Raphael de volta! — exclamou uma voz familiar, acompanhada de uma risada forte que fez meu estômago se contrair com tamanho choque. — Seu retardado de merda!

Eu reconheci aquela voz! Ai, meu Deus...

Não podia ser. Eu não vi aquela caminhonete prateada gigantesca do lado de fora; mas havia tantos carros estacionados, além de que não fiquei procurando a picape dele...

A porta se abriu por inteiro e fiquei travada quando um cara saiu rindo, colocando uma tartaruga — *mas que porra é essa?* — no chão. Aquela coisa pôs a cabeça para fora, olhou em volta e, depois, desapareceu dentro do casco outra vez.

Um segundo depois, o cara que colocou a tartaruga para fora foi puxado para dentro do apartamento e Cam apareceu na entrada, sem camisa, em toda a sua glória. Ele se agachou e aninhou o bichinho verde nos braços.

— Desculpe, Raphael. Meus amigos são uns... — Ele olhou para cima.

Tentei voltar disfarçadamente porta adentro, mas já era tarde demais.

Cam me viu.

— Otários... — Ele olhou mais atentamente. — Mas que...?

Será que se eu me jogasse para dentro do apartamento pareceria estranho? Sim, pareceria. Então, comecei com um cumprimento bem bobo:

— Oi...

Cam piscou os olhos várias vezes, como se precisasse limpar a visão.

— Avery Morgansten? Isso está se tornando um hábito.

— Pois é. — Forcei-me a engolir. — Está, sim.

— Você mora aqui ou está visitando...?

Pigarreei para limpar a voz e vi as pernas da tartaruga começarem a se mover, como se estivesse tentando se livrar do colo.

— Eu... eu moro aqui.

— Fala sério! — Seus olhos azuis se arregalaram e ele ficou se balançando para lá e para cá. Não pude deixar de notar como a bermuda de ginástica estava baixa em seus quadris estreitos. E o abdômen. Era todo definido; um tanquinho de oito gomos perfeitos. — Você mora mesmo aqui?

Fiz força para olhar para cima e fiquei entretida com a tatuagem do sol.

— Sim. Eu moro mesmo aqui.

— Isso é... Eu nem sei — riu ele outra vez, e olhei nos olhos dele. — Muito maluco.

— Por quê? — Além do fato de que ele estava de pé no corredor diante do meu apartamento, sem camiseta, descalço e segurando uma tartaruga chamada Raphael?

— Eu moro aqui.

Fiquei boquiaberta. Toda aquela coisa de estar quase sem roupa agora fazia sentido, e acho que a coisa da tartaruga também, mas não podia ser. Eram muitas coincidências.

— Você está de sacanagem, certo?

— Não. Já moro aqui há algum tempo. Faz uns anos, com meu companheiro de quarto. Você sabe, o otário que colocou o pobre Raphael aqui fora.

— Ei! — gritou o cara de dentro do apartamento. — Eu tenho um nome. É *Señor* Otário!

Cam riu.

— De qualquer forma, você se mudou esse fim de semana?

Eu me vi meneando a cabeça, confirmando.

— Faz sentido. Fui para minha cidade, visitar a família. — Ele mudou Raphael para a outra mão, acomodando a tartaruga junto ao peito. — Bom, sei lá...

Minha mão estava até doendo de tanto que eu apertava a porta.

— Essa é... hã, sua tartaruga?

— É. — Um sorriso apareceu ao levantar o bichinho. — Raphael, esta é Avery.

Depois de acenar levemente para a tartaruga, eu meio que me senti uma idiota por aquilo. A coisa voltou a cabeça para dentro do casco verde e marrom de novo.

— É um animal de estimação bem interessante.

— E essa aí é uma bermuda bem interessante. — Seu olhar baixou. — O que são? — Inclinando-se para a frente, ele estreitou os olhos para a estampa, e eu fiquei travada. — Pedacos de pizza?

O calor subiu para minhas bochechas.

— São casquinhas de sorvete.

— Hmmm... Gostei. — Erguendo-se, seu olhar foi subindo lentamente, deixando uma estranha onda de calor por onde passava. — Muito.

Imediatamente, soltei a porta e cruzei os braços, escondendo meu peito. O canto dos lábios dele subiu um pouco. Meus olhos ficaram fixos nele.

— Obrigada. Que bom que gostou.

— Gostei mesmo. Tem meu selo de aprovação. — Ele mordeu o lábio inferior ao erguer os cílios. Os olhos dele eram muito penetrantes. — Preciso colocar Raphael em seu pequeno habitat, antes que ele faça xixi na minha mão, o que ele está prestes a fazer, e isso não é nada legal.

Torci o lábio em um sorrisinho.

— Posso imaginar.

— Então, acho que você deveria vir aqui em casa. Os caras estão prestes a ir embora, mas tenho certeza de que vão ficar ainda um tempinho. Você pode conhecê-los. — Ele se aproximou de mim e baixou o tom de voz. — Eles estão longe de ser tão interessantes quanto eu, mas são legais.

Olhei por cima do ombro dele, parte de mim querendo uma coisa e a outra querendo nada com aquilo. Foi esta parte que ganhou.

— Obrigada, mas eu estava indo para a cama.

— Tão cedo?

— Já deve passar da meia-noite.

O sorriso dele cresceu.

— Ainda assim é cedo.

— Talvez para você.

— Tem certeza? Eu tenho cookies.

— Cookies? — Minhas sobrancelhas levantaram.

— Sim, e fui eu que fiz. Sou bom na cozinha.

Por algum motivo, não conseguia imaginar aquela cena.

— Você assou cookies?

— Costumo cozinhar um monte de coisas, e tenho certeza de que está morrendo de curiosidade para saber tudo sobre isso. Mas, hoje, foram cookies de chocolate com nozes. Para falar a verdade, sou bom pra caramba.

— Por mais que pareça maravilhoso, vou deixar para outra hora.

— Quem sabe mais tarde?

— Quem sabe. — Nada provável. Dei um passo para trás, alcançando a porta. — Então, bom vê-lo de novo, Cameron.

— Cam — corrigiu ele. — E veja só: nós não nos atropelamos desta vez. Olhe para nós, mudando o padrão.

— Esse é um bom sinal. — Voltei para o meu apartamento e ele ainda estava na frente da minha porta. — Você deveria entrar antes que Raphael faça xixi na sua mão.

— Valeria a pena — retrucou ele.

Minhas sobrancelhas se franziram.

— Por quê?

Ele não respondeu, mas começou a voltar para seu apartamento.

— Se mudar de ideia, ficarei acordado por algum tempo.

— Mas eu não vou. Boa noite, Cam.

Os olhos dele se arregalaram só um pouco, mas o sorriso disfarçado transformou-se em um bem aberto, e meu estômago se contorceu, porque o sorriso dele era simplesmente estonteante.

— Vejo você amanhã?

— Amanhã?

— Aula de Astronomia? Ou vai faltar de novo?

Minhas bochechas esquentaram novamente. Meu Deus, eu *quase* esqueci que fugi na frente dele, como uma completa idiota.

— Não — suspirei. — Estarei lá.

— Ótimo. — Ele voltou a andar para trás. — Boa noite, Avery.

Escondendo-me atrás da porta, fechei-a e a tranquei. Juro que o ouvi rindo, mas eu só podia estar ficando maluca.

Fiquei ali alguns momentos e, depois, dei meia-volta e corri para meu quarto. Mergulhando por baixo das cobertas, virei-me de barriga para baixo e enterrei o rosto no travesseiro.

Durma. Apenas vá dormir.

Cam morava do outro lado do corredor?

Você precisa acordar cedo. Vá dormir.

Como isso era possível? Ele estava em todos os lugares aonde eu ia.

Vá dormir.

E por que ele tinha uma tartaruga de estimação? E é sério que ele tinha mesmo batizado o bicho em homenagem às Tartarugas Ninjas? Porque aí seria bem engraçado.

A manhã vai raiar logo.

Será que ele só usava camiseta durante as aulas? Ai, meu Deus, ele morava mesmo do outro lado do corredor. Jacob ia ficar maluco... e, quem sabe até, se mudar para cá. Isso seria divertido. Eu gostava muito de Jacob, mas tinha a sensação de que ele pegaria minhas roupas emprestadas.

Vá dormir, cacete.

Não acredito que aquele cara gostosíssimo com quem trombei e de quem fugi mora do outro lado do corredor. Nem sabia por que eu estava pensando nisso. Não tinha a menor importância. Eu não estava interessada nem em caras, nem em garotas, mas ele era incrivelmente gostoso... e meio engraçado... e meio charmoso.

Não. Não. Não. Pare de pensar nele, porque não há qualquer esperança e sentido nisso, então, vá dormir.

Será que eu comi toda aquela salada? Caramba, aqueles cookies cairiam bem agora.

— Ahhh! — grunhi com o rosto no travesseiro.

Esse dilema se desenrolou por mais cerca de meia hora, até que desisti e me joguei para fora da cama. Lá da sala de estar, eu não ouvia música ou barulho vindo do apartamento de Cam. Ele, provavelmente, deveria estar dormindo tranquilo, enquanto eu estava ali obcecada com cookies, iscas de frango e abdomens definidos.

Marchando em direção ao outro quarto, que tinha se tornado uma espécie de biblioteca e escritório, liguei o notebook e abri meu e-

mail. Havia uma mensagem não lida do meu primo na caixa de entrada. Apaguei sem sequer abri-la. Na barra de tarefas à esquerda, vi que tinha uma porção de mensagens não lidas na pasta de lixo eletrônico. Mais entediada que tudo, cliquei no link e passei os olhos nos anúncios de medicamentos, nos e-mails “eu tenho dinheiro numa conta estrangeira” e no aviso de que tal loja estava com promoções. Meus olhos se focaram no assunto de um e-mail em especial que chegou por volta de onze da noite.

Lia-se AVERY MORGANSTEN e era de um endereço eletrônico que eu não reconhecia.

Bem, aquilo era estranho, porque meu e-mail não estava configurado sob meu nome verdadeiro, então era improvável que aquilo fosse um golpe. Só meus pais e meu primo tinham meu e-mail, porque, embora tivessem meu telefone, eu preferia que eles me contatassem daquela maneira, mas nenhum deles o fazia.

Meu dedo deslizou sobre o *touch pad*, inquieta enquanto meu estômago dava nós. Abraçando as pernas contra o peito, disse a mim mesma para não abrir, para apenas deletar, porém cliquei, pois era preciso. Era como olhar para um grave acidente de carro à beira da estrada. Você sabe que não deve ver, mas mesmo assim o faz.

Imediatamente, desejei não ter visto. Meu estômago se contraiu ainda mais e um nó se formou na minha garganta. Com a barriga revirada, afastei-me da escrivaninha e fechei com força o notebook. Parada no meio da sala, respirei fundo com dificuldade e fechei as mãos em punhos.

Eram apenas três linhas.

Só isso.

Três linhas superaram milhares de quilômetros.

Três linhas arruinaram minha noite.

Três linhas me encontraram numa pequena cidade estudantil na Virgínia Ocidental.

Você não é nada além de uma mentirosa, Avery Morgansten. No fim, você vai ter o que merece. E não será na forma de dinheiro.

CAPÍTULO⁴

Eu me arrastei para a aula de Introdução à Astronomia dez minutos adiantada e escolhi o que acreditei ser um lugar discreto, no meio da sala de aula que parecia um anfiteatro. Alguns outros alunos já estavam lá, sentados na frente. Bocejando, sentei rapidamente e esfreguei os olhos. O litro de café que eu havia tomado naquela manhã não tinha surtido qualquer efeito, já que eu tinha dormido apenas uma hora.

Três meras frases.

Espremendo os olhos, apoiei a cabeça no antebraço. Não queria ficar pensando no e-mail ou no fato de que reabrira meu computador e consultara a pasta de lixo para ver o que meu primo havia dito. O e-mail dele era apenas uma grande papagaiada sobre como eu estava decepcionando meus pais e como os pais dele estavam morrendo de preocupação e temendo que eu fosse submeter minha mãe e meu pai a outro episódio daqueles. *Você precisa vir para casa*, ele escreveu. *Essa é a coisa certa a se fazer*. Era a coisa certa para eles, e, embora meu primo estivesse do lado dos meus pais, assim como de noventa e nove por cento da cidade, eu duvidava que ele estivesse por trás do e-mail.

O endereço eletrônico era irreconhecível para mim, e, apesar de haver uma infinidade de pessoas que poderiam tê-lo enviado, eu não fazia a menor ideia de quem era. Não podia ser *e/e*, porque nem ele seria tão estúpido a ponto de me contatar.

Ou seria?

Um arrepio desceu pela minha espinha. E se tivesse sido Blaine? E se ele tivesse descoberto para onde eu havia me mudado? Minha

família não teria contado a ele. Mas, ainda assim, eles poderiam ter comentado com os pais dele, pois, afinal de contas, eram todos amiguinhos do country clube. Eu os mataria se tivessem dito. Sério mesmo. Pegaria o próximo voo para o Texas e os mataria, pois o motivo principal de eu ter vindo para cá era para fugir do...

— Bom dia, meu anjo — surgiu uma voz profunda.

Levantei a cabeça e virei o corpo, ainda sentada. Surpresa e sem palavras, observei Cam sentar-se no lugar vazio ao meu lado. Demorei um pouco para ter alguma reação, pois sabia que deveria ter dito que o lugar estava ocupado ou que era para ele sair dali, mas tudo o que fiz foi ficar parada.

Ele se recostou, olhando para mim de soslaio, e disse:

— Você parece meio cansada hoje.

E ele estava incrivelmente revigorado para alguém que ficara na balada na noite anterior. O cabelo umedecido e levemente bagunçado, os olhos brilhando.

— Obrigada.

— De nada. Que bom que conseguiu vir para a aula desta vez. — Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça contra o assento e apoiando os pés na cadeira à nossa frente, sem tirar os olhos de mim. — Apesar de que senti falta daquela história de um atropelando o outro. Foi bem divertido.

— Não senti falta disso — admiti, curvando-me à frente e procurando meu caderno na bolsa. — Foi muito constrangedor.

— Não deveria ter sido.

— Fácil para você dizer. Você que tomou a trombada. Eu estava dando a trombada.

O queixo de Cam caiu. Meu Deus, eu disse mesmo aquilo? Disse. Ruborizando até meu último fio de cabelo, abri o caderno.

— Raphael está muito bem, aliás.

Um sorriso de alívio surgiu no meu rosto.

— Que bom. Ele chegou a fazer xixi na sua mão?

— Não, mas foi por pouco. Trouxe uma coisa para você.

— Xixi de tartaruga?

Cam riu e balançou a cabeça, enfiando a mão em sua mochila.

— Sinto muito desapontá-la, mas não. — Ele puxou alguns papéis grampeados. — São as matérias. Eu sei. Muito empolgante, mas imaginei que, já que não veio à aula na segunda-feira, você precisaria disso, então peguei com o professor.

— Obrigada. — Tomei os papéis da mão dele, um tanto chocada com aquela atitude. — Foi muito legal da sua parte.

— Bem, então se prepare. Estou cheio de surpresas legais esta semana. Trouxe outra coisa para você.

Mordi a ponta da caneta, enquanto ele se virou e eu o olhei de cima a baixo, secando-o sem que ele percebesse. Fazia muito tempo mesmo desde a última vez que eu tivera uma conversa com alguém do sexo oposto que não fosse meu parente, mas até que estava lidando bem com aquilo. Apesar do comentário da trombada, eu até que tinha orgulho de mim mesma.

Cam puxou um guardanapo e o desembrulhou com seus dedos longos.

— Um cookie para você e um cookie para mim.

Tirando a caneta da boca, balancei a cabeça.

— Você não precisava fazer isso.

— São só cookies, meu anjo.

Balancei a cabeça novamente, porque aquilo não fazia sentido para mim. Cam não fazia sentido para mim. Caramba, a maioria das pessoas não fazia sentido para mim.

Ele ergueu os olhos, com aqueles cílios incrivelmente longos, e suspirou. Rasgando o guardanapo em dois, embrulhou um dos cookies e, em seguida, colocou-o no meu colo.

— Sei que dizem por aí que não se deve aceitar doces de estranhos, mas é um cookie, não é bem um doce, e tecnicamente não sou um estranho.

Engoli seco.

Cam deu uma mordida em seu cookie e fechou os olhos. Um som profundo emanou de sua garganta — um gemido de prazer. Meu coração pulou e minhas bochechas ferveram ainda mais ao olhar para ele. Fez o som de novo e minha boca se abriu. Uma fileira para baixo, uma garota se virou no assento com o olhar estranho.

— É mesmo tão bom assim? — perguntei, olhando para o cookie apoiado no meu colo.

— E como, isto aqui é perfeito. Eu falei para você noite passada. Ficaria melhor ainda se tivesse um pouco de leite para acompanhar. — Ele deu outra mordida. — Humm, leite.

Ousei olhar novamente para ele e parecia que Cam estava à beira de um orgasmo ou coisa do gênero.

Um olho se abriu.

— É a combinação de nozes com chocolate. Você mistura tudo e fica parecendo uma explosão sexual na sua boca, mas sem tantos fluidos. A única coisa melhor seriam aqueles bolinhos de chocolate. Quando a massa está quente, você coloca um pouco dela na boca... Bom, de qualquer forma, você precisa experimentar. Dê só uma mordidinha.

Mas que diabos! Era só um cookie, não um cachimbo de crack. Eu estava agindo como uma idiota. Desembrulhei o guardanapo e dei uma mordida. O cookie praticamente derreteu na minha boca.

— Gostou? — perguntou Cam. — Está bom?

Dei outra mordida e concordei com a cabeça.

— Bem, tenho mais um monte deles lá em casa. — Ele deu uma espreguiçada e enrolou seu guardanapo. — Só estou dizendo.

Depois de terminar aquele cookie, eu tinha que admitir que era um cookie e tanto. Limpando os dedos, comecei a enrolar o guardanapo, mas Cam se aproximou e o tirou das minhas mãos. Ele se virou um pouco no lugar, roçando o joelho na minha perna.

— Uma migalha — disse ele.

— O quê?

Um sorrisinho apareceu em seu rosto e, logo depois, ele estendeu o braço até mim, sem o guardanapo, e, antes que eu soubesse o que ele estava fazendo, alisou meu lábio inferior com o polegar. Cada músculo do meu corpo ficou travado e dolorido de tanta tensão. Meus olhos se arregalaram e minha respiração ficou entalada. O toque era leve, quase imperceptível, mas eu o senti em várias partes do corpo.

— Prontinho. — O sorriso dele ficou maior.

Meu lábio ainda estava sensível. Só conseguia pensar naquilo. Não podia me mover. Pelo menos, não até a porta da sala abrir e o cara mais estranho da face da Terra entrar por ela. Vestido da cabeça aos pés com poliéster verde-oliva, o homem tinha um cabelo ondulado e grosso que ia para todas as direções, levemente grisalho. Os óculos eram imensos, apoiados na ponta do nariz. Conforme ele cruzou o palco principal, notei que usava um sapatênis quadriculado... que combinava com sua gravata borboleta.

Cam riu disfarçadamente.

— O Professor Drage é um homem... único.

— Deu para notar — murmurei.

O Professor Drage tinha um sotaque que não conseguia identificar ao certo, mas, baseada em sua pele bronzeada, eu arriscaria que ele vinha do Mediterrâneo ou do Oriente Médio. Logo

que chegou, foi direto ao assunto da aula — sem lista de chamada ou avisos prévios. Fiquei toda atrapalhada para acompanhar a introdução ao campo da Astronomia, e as unidades, e as medidas, enquanto Cam se remexia ainda mais na cadeira ao abrir o caderno. Sua caneta fazia movimentos curtos e rápidos sobre o papel, mas ele não estava tomando notas.

Estava desenhando.

Estiquei o pescoço para o lado, enquanto tentava me concentrar em entender o que diabos era uma medida astronômica, um número maluco que não conseguia nem ter uma vaga ideia do que significava. No fim das contas, parece que era a distância média da órbita da Terra em volta do Sol. Aquilo era importante, porque as unidades astronômicas eram usadas para determinar a maioria das distâncias no nosso sistema solar, mas me vi olhando para o caderno de Cam.

Que diabos ele estava desenhando?

— Agora, a maioria de vocês não se importa com unidades astronômicas ou nunca sequer ouviu falar delas — continuou o Professor Drage, caminhando pelo palco. — O que vocês já devem conhecer é o termo “ano-luz”. Embora eu duvide que algum de vocês realmente entenda o que signifique um ano-luz.

Eu tinha quase certeza de que Cam estava desenhando o Pé Grande.

A palestra prosseguiu até o Professor Drage, subitamente, mudar o foco no fim, pegando de surpresa a mim e a todos os presentes, menos Cam, e começando a distribuir mapas estelares.

— Sei que hoje ainda é quarta-feira, mas esta será a primeira tarefa para o fim de semana. Os céus devem estar limpinhos como bumbum de bebê no sábado.

— Limpo como bumbum de bebê? — murmurei.

Cam deu uma risadinha.

— Quero que encontrem a Corona Borealis no céu; no verdadeiro e único céu noturno — explicou o Professor Drage, sorrindo como se tivesse dito algo engraçado, mas todos nós o encaramos. — Vocês não precisarão de um telescópio. Usem seus olhos, óculos ou lentes de contato, o que seja. Será possível vê-la na noite de sexta-feira ou sábado, mas o tempo estará instável na sexta, então escolham sabiamente.

— Espere — disse alguém de uma fileira na frente. — Como se usa este mapa?

Cam me entregou um mapa que estava sendo passado de mão em mão, junto com várias folhas quadriculadas.

O Professor Drage parou na frente da sala.

— É só olhar para ele.

Eu meio que engoli uma risada.

O aluno reclamou:

— Já entendi, mas é para fazer o quê? Levantá-lo para o céu?

— Claro. Pode fazer isso. Ou pode apenas olhar para cada uma das constelações, ver como elas são e, depois, usar seus olhos e cérebro para encontrá-la no céu. — O professor fez uma pausa. — Ou usar o Google. Quero que todos vocês comecem a se familiarizar com a observação do céu. Vocês farão muito isso durante o nosso semestre, e vão preferir fazer isso agora, enquanto o clima está favorável. Então, juntem-se com seus parceiros e escolham um dia certo. A folha deverá ser entregue a mim na segunda-feira. Isso é tudo por hoje. Boa sorte e que a força do universo esteja com vocês.

Muitos alunos riram, mas meu estômago foi parar no pé.

— Colega? — eu disse, com a voz baixa, olhando freneticamente ao meu redor na sala. Quase todos já estavam virados em seus assentos, conversando uns com os outros. — Quando escolhemos nossos parceiros?

— Na segunda — respondeu Cam, fechando o caderno e enfiando-o na mochila. — Você não estava aqui.

Meu coração começou a disparar e quase caí da cadeira de nervoso. *Merda*. O Professor Drage já tinha saído da sala, assim como metade dos alunos.

— Avery?

Como diabos eu ia conseguir um parceiro de trabalho agora? Não deveria ter saído correndo na segunda. Isso era tudo culpa minha.

— Avery?

Onde era o escritório do professor? Eu ia ter que encontrar o cara e explicar que não tinha um parceiro. Aposto que o escritório dele tinha um cheiro esquisito também, como naftalina.

— Avery?

— Que foi? — rosnei, virando-me para Cam. Por que ele ainda estava ali sentado, olhando para mim?

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Nós somos parceiros.

— O quê?

— Nós. Somos. Parceiros — repetiu, suspirando em seguida. — Pelo que parece, Drage pediu para que todos escolhessem os parceiros no início da aula na segunda-feira. Como entrei atrasado, no fim da aula, ele me disse para escolher algum aluno que viesse à aula na quarta-feira ou eu ficaria sem parceiro. E, já que não me agrada a ideia de fazer um trabalho sozinho, você e eu somos parceiros.

Olhei para ele.

— Podemos escolher fazer isso sozinhos?

— Sim, mas quem iria querer sair à noite para ficar olhando para o céu sozinho? — Ele ficou de pé e colocou a mochila no ombro, começando a descer as fileiras. — De qualquer forma, conheço um

lugar ideal onde podemos fazer nosso trabalho. Tem que ser sábado, porque tenho planos para sexta-feira.

— Espere. — Levantei-me e corri atrás dele. — Eu, sim.

— Você tem planos para sábado? — Ele franziu a testa. — Bem, eu posso...

— Não. Não tenho planos para sábado, mas não temos que ser parceiros — expliquei. — Eu posso fazer sozinha.

Ele parou tão bruscamente na frente da porta que quase tivemos uma reprise do que aconteceu na segunda-feira.

— Por que quer fazer todos os trabalhos sozinha? Se olhar direito, tem uma porção deles nessa aula.

— Bem, não é que eu queira. — Transferi o peso do corpo de um pé para o outro. — Mas você não precisa ser meu parceiro. Digo, você não me deve nada ou coisa do tipo.

— Não estou entendendo o que está dizendo. — Cam inclinou a cabeça para o lado.

— O que estou dizendo é que... — Não consegui completar a frase. O que diabos eu estava dizendo? O problema é que eu não o entendia... não entendia nada do que estava acontecendo. Ele não me conhecia. Eu não o conhecia, e ainda assim ele era tão... tão *amigável*. As palavras seguintes apenas saíram pela minha boca. — Por que está sendo tão legal comigo?

A sobrelha dele subiu novamente.

— Você está falando sério?

— Estou.

Ele olhou para mim alguns segundos.

— Muito bem, acho que sou só um cara legal. E está na cara que você é caloura. Você parecia estar meio perdida na segunda-feira e, logo em seguida, saiu correndo, nem veio para a aula, daí eu...

— Não quero que tenha pena de mim. — Fiquei horrorizada. Ele estava sendo legal comigo porque achava que eu era uma caloura maluca. Meu Deus, aquilo era...

Cam franziu a testa, mas, desta vez, franziu para valer.

— Eu não estou com pena de você, Avery. Só estou dizendo que você parecia estar um pouco perdida na segunda-feira e imaginei que pudéssemos ser parceiros. — Ele parou e estreitou os olhos. — Dá para ver que não acredita em mim. Será que foi o cookie? Bem, você se recusou a provar meus cookies noite passada e, para falar a verdade, eu ia comer o outro cookie. Mas você parecia tão cansada e triste ali sentada que pensei que precisasse mais do que eu.

Não sabia se ele estava falando sério ou não, mas havia um quê de brincadeira em seus olhos.

— E você é bonita — acrescentou.

Pisquei os olhos.

— O quê?

Aquele franzido da testa desapareceu quando ele abriu a porta, colocando-me para fora da sala.

— Não venha me dizer que você não sabe que é bonita. Se disser isso, vou perder toda a fé na humanidade. Você não vai querer ser responsável por isso.

— Eu sei que sou bonita... quero dizer, não foi o que quis dizer. — Meu Deus, como eu parecia fútil. Balancei a cabeça. — Eu não acho que seja feia. Foi isso que quis...

— Ótimo. Agora esclarecemos o assunto. — Puxando minha bolsa, ele me fez dar meia-volta na direção da escada. — Cuidado com a porta. Ela pode sacanear você.

Ignorei aquele comentário.

— O que toda essa história de eu ser bonita tem a ver com alguma coisa?

— Você perguntou por que eu sou tão legal com você. É mutuamente benéfico.

Assimilei o que ele disse e parei na escada, alguns degraus acima dele.

— Você é legal comigo porque me acha bonita?

— E porque você tem olhos castanhos. Eu viro um idiota quando vejo grandes olhos castanhos. — Ele riu. — Sou um cara muito superficial. Olha só, o fato de você ser bonita contribui para que eu seja um cara legal. Faz com que eu queria dividir meus cookies com você.

Olhei para ele.

— Então, quer dizer que, se eu fosse feia, você não seria legal comigo?

Cam virou-se de frente para mim. Mesmo um degrau abaixo de mim, ainda ficava mais alto que eu.

— Eu também seria legal com você se fosse feia.

— Sei.

Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios. Ele inclinou a cabeça para baixo e sussurrou:

— Eu só não ofereceria nenhum cookie a você.

Cruzei os braços e procurei ignorar a proximidade de nossos rostos.

— Estou começando a achar que cookie seja um código para outra coisa.

— Talvez seja. — Ele segurou de novo na minha bolsa e deu um passo confiante para trás, forçando-me a descer outro degrau. — Então pense nisso aqui. Se cookie for um código, o que quer que simbolize, agora está na sua boca, meu anjo.

Parte de mim ficou um pouco perturbada com aquilo; e quanto à outra parte? Uma risada surgiu na minha garganta, explodindo e

soando quase como um rosnado.

— Você é realmente...

— Incrível? Maravilhoso? — Ele parou, levantando as sobrancelhas. — Estonteante?

— Eu ia dizer bizarro.

— Bom, se eu tivesse sentimentos, até poderia ter ficado magoado.

Sorri, deixando-me cair nos gracejos dele.

— Então, acho que é uma coisa boa você não ter sentimentos, não é?

— Acho que sim. — Ele desceu mais alguns degraus e parou na plataforma da escada. — É melhor se apressar, ou vai se atrasar para sua próxima aula.

Puta merda! Ele tinha razão.

Cam riu porque arregalei os olhos e saiu da minha frente enquanto eu descia correndo.

— Caramba, se você ao menos não tivesse comido os meus cookies com essa rapidez, eu seria um cara feliz.

— Cale a boca! — gritei para trás enquanto chegava ao próximo lance de escadas.

— Ei! — ele gritou para mim. — Não quer saber o que significa a palavra cookie?

— Não! Por Deus, de jeito nenhum!

A risada dele me seguiu pelo corredor até a aula seguinte.

CAPÍTULO 5

— **S**eu apartamento é muito legal — disse Brittany, do meu sofá. Um texto de História estava aberto em seu colo, mas ela não o lia. — Adoraria não ter que morar num dormitório. Minha colega de quarto ronca como um porco dormindo.

Andei lentamente por entre a mesa de centro e a televisão, sem saber ao certo como Brittany e Jacob tinham ido parar lá no meu apartamento depois da aula. No almoço, conversamos sobre nos encontrarmos e trocar anotações de História, e em algum momento meu apartamento foi citado. Para falar a verdade, acho que foi ideia de Jacob, e, como os dois estavam ali, não estudaríamos nem um pouco.

Uma energia de ansiedade percorria meu corpo. Fazia muito tempo desde a última vez que recebera pessoas na minha casa. Lá na minha cidade, ninguém além da minha família me visitava, e só a faxineira entrava no meu quarto. Não só me tornei uma pária virtual na minha cidade e na escola, mas também dentro de casa. Mas, antes daquela festa de Halloween, *todo mundo* gostava de ir lá em casa, principalmente as garotas do estúdio. Na época, todos ainda conversavam comigo e eu ainda dançava. Antes daquela festa, as coisas eram normais.

Mexi com meu bracelete, nervosa. Eu gostava do fato de eles estarem aqui, porque era normal e me lembrava do *antes*. Era isso que as pessoas na faculdade faziam, mas era tão... diferente para mim.

Jacob ressurgiu da minha cozinha, com um saco de batata frita na mão.

— Esqueça o apartamento. Não me entenda mal. É um lindo apartamento, mas eu quero saber mais sobre os *cookies* do Cam.

Peguei uma batata do saco.

— Nunca deveria ter contado a você sobre aquela conversa.

— Agora já era — ele respondeu, com a boca cheia.

Brittany deu uma risadinha.

— Estou morta de curiosidade para saber qual é o significado de *cookies* na gíria dele.

— Deve ser o pau dele — disse Jacob, jogando-se no braço do sofá.

— Meu Deus! — Enchi a mão de batatinhas. Eu precisava de um reforço de calorias para o rumo que estava tomando aquela conversa.

Brittany acenou com a cabeça.

— Mas faz sentido. Quer dizer, com toda aquela história de não dividir os *cookies* com garotas feias.

— Não acho que foi isso que ele quis dizer — declarei, pondo uma batatinha na boca. — Então, voltando às anotações de História...

— Que se dane História. De volta ao pau do Cam — disse Jacob. — Pensa só uma coisa, se *cookies* é um código para pau, então significa que você estava com o peru dele na sua boca.

Engasguei com a batatinha e peguei minha lata de refrigerante, sorvendo o líquido enquanto sentia o rosto queimar.

— Teoricamente falando, é claro — acrescentou Jacob, rindo como um imbecil, levantando-se logo em seguida. — Não sei como aguenta, Avery. Se eu morasse na frente do apartamento dele, ficaria colado na porta do bofe noite e dia. E ia querer toda hora os *cookies* dele. Nham-nham.

Abanando a mão na frente do rosto, balancei a cabeça.

— Pode ficar com os cookies dele.

— Ah, querida, se ele tivesse alguma vocação para o meu time, eu não pensaria duas vezes.

Brittany virou os olhos.

— Grande surpresa.

— O que eu não entendo é você não estar nem aí para os *cookies* dele.

Abri a boca, mas Brittany balançou a cabeça e disse:

— Não acho que cookies signifique pau. Acho que podem ser as bolas dele, já que está no plural.

Jacob explodiu em uma gargalhada.

— Então, significa que as bolas dele estavam na sua boca, teoricamente falando! Caramba, que gastronomia pornográfica.

Fiquei boquiaberta com os dois. Será que aquela era a conversa de costume?

— Meu Deus, podemos, por favor, parar de falar no peru e nas bolas dele? Ou nunca mais vou conseguir comer cookies de novo. Tipo, jamais.

— Não. É sério. Como você pode não estar interessada... — Jacob escalou o encosto do sofá, como um gato gigante. — Está na cara que ele está paquerando você.

— E daí... — respondi, acreditando que seria seguro comer outra batatinha sem morrer.

O queixo de Jacob caiu.

— E daí?

Brittany fechou o livro de História e o jogou no chão com força, fazendo um estrondo. Acho que ali acabaram nossas chances de estudo.

— Jacob é como uma mulher na casa dos trinta sedenta por sexo, então ele não tem como entender por que você não iria querer dar uma voltinha naquele garanhão.

Olhei para Jacob. Ele apenas deu de ombros e disse:

— Isso é verdade.

— Até eu demorei para entender. Cameron é o maior pegador — continuou Brittany. — Mas nunca ouvi nenhuma garota falar mal dele, então ele deve tratá-las muito bem.

Sem saber o que dizer, eu me lancei na cadeira preta de canto, próxima à TV. Tentar explicar a eles o porquê de tudo aquilo não adiantaria de nada.

— Sei lá. Só não estou interessada.

— Você tem ovários? — perguntou Jacob.

Olhei com raiva para ele.

— Tenho.

Ele deslizou do encosto do sofá e sentou-se ao lado de Brittany.

— Então, como é que você não está interessada?

Enfiando o restante das batatinhas na boca, fiz de tudo para não responder parecendo uma puritana. Mas eu era uma completa puritana, não era? Ou aflita, dependendo de quem perguntasse. Seja como for, embora a ideia de paus e bolas me interessasse, só de pensar em me aproximar, pegar e brincar com a coisa em si me fazia suar frio.

E naquele momento eu estava suando mesmo. As batatinhas já se acumulavam no meu estômago. Teria que fazer muitos abdominais mais tarde. Minha mente imediatamente voltou ao e-mail da noite anterior.

Mentirosa.

Limpando as mãos no jeans, balancei a cabeça.

— Só não estou interessada em um relacionamento.

Jacob riu.

— E nós não estamos dizendo que Cam esteja, entende? Você não precisa estar num relacionamento para um pouco de tchica-tchica-bum.

Brittany olhou lentamente para ele.

— Você disse isso mesmo?

— Disse. E diria de novo. Vou até fazer uma camiseta com esses dizeres. — Jacob riu com o canto da boca. — Voltando ao assunto, o que estou dizendo é que ele é uma oportunidade que você não vai querer deixar passar.

Nem dei ideia para ele.

— Por que estamos falando disso, afinal? Temos uma aula juntos e ele mora no apartamento em frente ao meu...

— E vocês serão parceiros pelo resto do semestre — acrescentou Brittany. — Meio romântico sair à noite para olhar as estrelas.

Meu estômago se contraiu.

— Não é romântico. Nada é romântico.

As sobrancelhas dela se ergueram e ela ficou alisando os curtos cachos louros.

— Falou, pessoa do contra.

Virei os olhos para cima.

— Só estou dizendo que não o conheço direito. Ele não me conhece. É só paquera. Você mesma disse que ele é “o pegador”. Talvez esse deva ser o jeito dele. Ele é um cara legal e amigável. Só isso. Então podemos só esquecer isso tudo?

— Ai, vocês estão me deixando de saco cheio — disse Jacob, e Brittany mostrou a língua para ele. Um raio lançou um clarão lá fora, e eu pisquei os olhos, pensando que aquilo devia ter doído em

alguém. — E eu preciso de um molhinho para acompanhar essas batatas.

— No armário de baixo — gritei, mas ele já estava na cozinha, abrindo e batendo portas.

Para o meu imenso alívio, o assunto se desviou de mim e do meu rolo inexistente com Cam. Horas se passaram e fiquei mais tranquila com eles ali; chegamos até a abrir nossos livros de História por alguns segundos. Quando eram quase nove horas, eles juntaram suas coisas e foram até a porta.

Brittany parou e pulou até mim. Antes que eu pudesse me preparar, ela me deu um abraço rápido e um beijo no rosto. Fiquei parada, meio sem reação. Ela sorriu.

— Vai ter uma superfesta em uma das fraternidades na sexta à noite. Você deveria vir conosco.

Lembrei de Cam dizendo que estaria ocupado na sexta, e, já que ele obviamente gostava de uma festa, esse deveria ser o motivo. Balancei a cabeça por um instante.

— Eu não sei.

— Não seja antissocial — disse Jacob, abrindo a porta. — Nós somos pessoas muito legais com quem sair.

Eu ri dele.

— Eu sei. Vou pensar no assunto.

— Está bem. — Brittany acenou com os dedos. — Vejo você amanhã.

Lá fora, no corredor, Jacob começou a apontar para a porta de Cam e fazer movimentos com os quadris, rebolando. Mordi o lábio para parar de rir. Ele não parou até Brittany agarrá-lo pelo colarinho da camisa polo e puxá-lo escada abaixo.

Sorrindo, fechei e tranquei a porta. Não demorei muito para limpar tudo e me preparar para ir para a cama. Toda essa coisa de ir para a cama, na verdade, não tinha sentido, porque eu não estava com

sono, e, como estava evitando o computador (e por conseguinte meu e-mail), acabei assistindo a algumas reprises de *Ghost Hunters* até me convencer de que havia um *poltergeist* no meu banheiro. Desliguei a televisão, levantei do sofá e acabei fazendo uma coisa que detestava.

Andar de um lado para o outro no apartamento, como costumava fazer no meu quarto, na casa dos meus pais. Com a televisão desligada e o apartamento em silêncio, eu podia ouvir barulhinhos de outros apartamentos. Concentrei-me nesses sons em vez de deixar a mente divagar, porque aquela noite tinha sido muito boa e eu não queria estragá-la. Os últimos dias vinham sendo ótimos, exceto pela vez em que atropelei Cam. As coisas iam bem.

Parei atrás do sofá, só percebendo naquele instante o que estava fazendo.

Olhando para baixo, vi a manga da minha camiseta arregaçada e os dedos envolvendo meu punho esquerdo. Lenta e meticulosamente, levantei os dedos, um a um. Havia leves marcas rosadas do bracelete pressionado contra minha pele. Nos últimos cinco anos, só tirava o bracelete à noite e quando entrava no banho. Aquelas marcas, provavelmente, seriam permanentes.

Assim como a cicatriz que o ornamento escondia.

Retirei a mão por completo. A marca de cinco centímetros sobre a veia, de cor rosa mais intensa, a partir do centro do punho. Fora um corte profundo, feito com vidro estilhaçado do porta-retratos que jogara na parede depois da primeira foto circular pela escola.

Quando fiz aquele corte, foi o momento mais triste da minha vida, e isso não é nenhum exagero. Haveria um corte tão grave no punho direito também, se não fosse pela empregada ter ouvido o barulho de vidro quebrado.

A foto era de mim e do meu melhor amigo; o mesmo melhor amigo que foi um dos primeiros a virar as costas para mim e espalhar palavras como “vadia” e “mentirosa”.

Então tive vontade de acabar com tudo ali mesmo. Apenas dar um basta, porque naquele momento da vida nada poderia ter sido pior do que o que aconteceu comigo, com o que meus pais concordaram e tudo o que veio depois em consequência. Em questão de meses, minha vida foi completamente dividida em dois grandes momentos: o antes e o depois. E não conseguia ver um possível *depois*, já que a escola inteira se colocara a favor de Blaine.

E agora? O depois oferecia infinitas possibilidades, mas a vergonha ardia como um fogo brando em meu estômago enquanto eu olhava para aquela cicatriz. Suicídio jamais seria a resposta para alguma coisa e, no fim das contas, *dar um basta* era permitir que todos vencessem. Aprendi a lição por conta própria, já que terapia nunca foi uma opção. Meus pais teriam preferido cortar as próprias pernas a sofrer a humilhação de ter uma filha que tentara cometer suicídio e precisava de terapia. Muito dinheiro havia molhado as mãos para manter minha passagem vespertina pelo hospital por debaixo dos panos.

Aparentemente, meus pais aceitavam numa boa que uma filha fosse rotulada de vadia mentirosa.

Mas eu odiava ver a materialização da minha fraqueza, seria humilhante demais se alguém visse.

De repente, uma gargalhada forte vinda do corredor desviou minha atenção — a gargalhada de Cam. Minha cabeça virou rapidamente na direção da cozinha. No forno, o relógio apontava quase uma da manhã.

Puxei a manga da camiseta para baixo.

— Você não pode deixar de ir na sexta à noite? — perguntou uma voz feminina, um pouco abafada pela parede.

Houve uma pausa e, em seguida, ouvi Cam dizer:

— Você sabe que eu não posso, meu anjo. Quem sabe da próxima.

Meu anjo? Não acredito! Ouvi os passos dos dois lá fora, perto da escada, descendo os primeiros degraus.

Dei a volta no sofá, apressada, para me aproximar da janela. Como meu apartamento ficava na extremidade do prédio, de frente para o estacionamento, só o que eu tinha a fazer era esperar. Então, lá estavam eles, uma garota e um Cam sem camiseta.

Uma morena bem alta, de pernas longas, usando uma linda saia jeans. Isso foi tudo o que consegui ver da janela, conforme eles atravessaram o estacionamento. A garota tropeçou, mas se recuperou antes que Cam pudesse intervir. Eles pararam atrás de um sedã escuro. Fiquei me sentindo uma fofoqueira que espia a vida dos outros, mas não conseguia sair dali.

Cam falou alguma coisa e riu quando a garota empurrou seu ombro descontraidamente. Um segundo depois, eles se abraçaram e, então, ele deu um passo para trás, dando um leve aceno antes de voltar para o prédio. Na metade do caminho, olhou para cima, na direção do nosso andar, e dei um pulo para trás como uma completa idiota. Ele não conseguiu me ver. Não tinha como me ver com todas as luzes do apartamento apagadas.

Ri de mim mesma, mas parei logo em seguida quando ouvi uma porta fechando no corredor.

Um alívio percorreu meu corpo, soltando os músculos que ficavam se contraindo e relaxando. Vê-lo com outra garota foi... bom. Confirmou muitas suspeitas de que Cam era apenas um cara charmoso e paquerador que gostava de oferecer cookies a garotas bonitas e tinha uma tartaruga de estimação chamada Raphael. Isso era bom. Era possível. Era algo que eu podia suportar, porque só de pensar no que Brittany e Jacob me disseram fez com que eu me sentisse agitada e ansiosa.

Talvez eu e Cam nos tornássemos amigos. Isso seria legal, porque era bom ter mais amigos, como *antes*.

Mas, ao deitar acordada na cama, olhando para o teto, por um instante, um breve instante, eu me perguntei como seria se Cam

estivesse interessado em mim *daquele* jeito. Ter aquela sensação de ansiar por algo. De me sentir tonta e excitada sempre que ele olhasse para mim ou quando nossas mãos acidentalmente se tocassem. Fiquei me perguntando como seria estar interessada nele ou em qualquer cara. Ansiar por encontros, primeiros beijos e todas as coisas que vêm depois disso. Aposto que seria legal. Seria como *antes*.

Antes de Blaine Fitzgerald ter tirado tudo isso de mim.

* * *

Nuvens carregadas estavam no céu daquela quinta de manhã e parecia que seria um dia chuvoso e entediante no campus. Por sorte, eu teria apenas duas aulas, então, antes de sair de casa, peguei um moletom com capuz e o coloquei por cima da camisa. Pensei em trocar a bermuda e as sandálias, mas estava com muita preguiça para me dar a esse trabalho.

Enquanto escrevia uma mensagem para Jacob para ver se ele queria que eu comprasse algum café para levar à aula de Arte, saí do meu apartamento e cheguei à escada, antes da porta de Cam se abrir e um cara sair por ela, puxando uma camiseta por cima da cabeça. Pude ver o cabelo loiro dele, comprido e bagunçado, e o reconheci como o cara com a tartaruga de Cam — o colega que dividia o apartamento.

No momento em que nossos olhares se cruzaram, um grande sorriso surgiu em seu rosto bronzeado, expondo os dentes extremamente brancos.

— Oi! Eu já vi você antes.

Meus olhos piscaram, olhando atrás dele. Tinha deixado a porta escancarada.

— Oi, você é... o cara da tartaruga.

Seu rosto esboçou confusão ao sair caminhando de chinelo pelo chão de cimento.

— Cara da tartaruga? Ah, sim... — riu ele, com a pele vincada em volta dos olhos castanhos. — Você me viu com Raphael, certo?

Confirmei com a cabeça.

— E acho que você se autodenominou Señor Otário.

Gargalhando alto mais uma vez, ele me acompanhou pelas escadas.

— Esse é meu nome de bebedeira. Na maior parte do tempo, as pessoas me chamam de Ollie.

— Assim é muito melhor que Señor Otário. — Sorri ao chegarmos ao quarto andar. — Meu nome é...

— Avery. — Quando meus olhos arregalaram, ele deu um sorriso cheio de dentes. — Cam me falou seu nome.

— Ah... Então, você está indo para...

— Ei, seu idiota, você deixou a porta aberta! — A voz de Cam reverberou pelas escadas e, um segundo depois, ele apareceu lá no topo, usando seu boné preto de beisebol. Um sorriso de canto de boca surgiu no semblante dele ao nos avistar, e ele desceu rapidamente os degraus restantes. — Ei, o que está fazendo com a minha garota?

Minha garota? O quê? Eu quase tropecei de susto.

— Estava explicando para ela como atendo a dois nomes.

— É mesmo? — Cam passou um braço sobre meus ombros, e tropecei nas minhas sandálias. Seu braço me segurou, puxando-me mais para perto dele. — Opa, meu anjo, quase perdi você.

— Olhe só para você — disse Ollie, descendo os degraus. — Fez a garota tropeçar nela mesma.

Cam riu consigo mesmo e, com a mão livre, virou a aba do boné para trás.

— Não posso evitar. É o meu charme.

— Ou pode ser seu cheiro — retrucou Ollie. — Acho que não ouvi o chuveiro ligado hoje de manhã.

Ele ficou boquiaberto, fingindo que se ofendera.

— Estou fedendo, Avery?

— Seu cheiro está ótimo — murmurei, sentindo o rosto esquentar. Mas era a verdade. O cheiro dele estava maravilhoso; uma mistura de roupa de cama limpa, perfume suave e algo mais, que provavelmente era seu aroma natural. — Quer dizer, você não está fedendo.

Cam me observou por um momento longo demais.

— Está indo para a aula?

Íamos descendo os degraus, mas o braço dele ainda estava nos meus ombros e toda a lateral do meu corpo parecia estar formigando, como se tivesse adormecido. Ele era tão... descontraído com aquilo. Como se não fosse nada para ele, e provavelmente não era. Lembrei-me de como ele e a garota se abraçaram ontem à noite, mas, para mim, era...

Não havia palavras.

— Avery? — Cam baixou o tom de voz.

Eu me desvencilhei do braço dele, e vi a forma como o sorriso de Ollie cresceu. Acelerei o passo na escada, pois precisava de distância.

— Sim, estou indo para a aula de Artes. E vocês?

Cam rapidamente me alcançou no terceiro andar.

— Vamos tomar café da manhã. Você deveria matar a aula e vir conosco.

— Acho que já matei aula demais esta semana.

— Eu estou matando aula — anunciou Ollie —, mas Cam só vai ter aula à tarde, então ele está dando uma de bom menino.

— E você está sendo um menino mau? — perguntei.

O sorriso de Ollie era contagioso.

— Ah, eu sou muito mau.

Cam olhou torto para o amigo.

— É... Ele é mesmo ruim em soletrar, matemática, inglês, limpar as coisas depois de usar, conversar com as pessoas, e a lista só aumenta.

— Mas sou bom nas coisas que realmente contam.

— E quais são elas? — perguntou Cam, quando saímos do prédio. Lá fora, o ar trouxe o aroma suave da umidade e as nuvens pareciam bastante carregadas.

Ollie acelerou o passo e se virou para ficar de frente para nós, caminhando de costas, ignorando completamente a caminhonete vermelha que se aproximava. Ele levantou a mão bronzeada e começou a contar nos dedos.

— Beber, *socializar*, fazer *snowboarding*, jogar futebol... Lembra desse esporte, Cam? Futebol?

O sorrisinho de Cam rapidamente sumiu do rosto.

— É, eu lembro sim, panaca.

Ollie apenas riu e se virou novamente, indo na direção da picape prateada estacionada. Olhei para Cam com curiosidade. Ele só olhava para a frente, com as mandíbulas travadas e os olhos gélidos. Sem voltar os olhos para mim, enfiou as mãos nos bolsos e disse:

— Te vejo por aí, Avery.

Com isso, ele se juntou a Ollie na cabine da picape. Juro que, na mesma hora, a temperatura caiu e se igualou à frieza de Cam. Não era preciso ser um gênio ou uma pessoa muito intuitiva para perceber que Ollie tinha colocado o dedo numa ferida sobre a qual Cam não estava a fim de conversar.

Tremendo de frio, corri e entrei no meu carro. Nem um segundo depois, uma grande gota de chuva pingou no para-brisa. Conforme dei a ré para fora da vaga, olhei à frente e vi os dois na caçamba da picape: Ollie sorrindo e Cam com a mesma expressão fria e distante enquanto falava. O que quer que estivesse dizendo para o amigo, não estava muito contente com o assunto.

CAPÍTULO 6

Não faço ideia de como Cam me convenceu, durante a aula, a ir com ele dirigindo e não irmos cada um no seu carro. Sábado à noite — a noite de nosso trabalho —, pouco antes do pôr do sol, eu me vi subindo na imensa caminhonete prateada. Meu estômago estava contorcido desde sexta à noite, quando Jacob começou a me atormentar a respeito da festa à qual ele e Brittany iriam. Parecia ser uma festa bem-intencionada e eu queria ir, mas não consegui me forçar a sair. Além do mais, eu não tinha ideia de onde ficava a casa, já estava tarde quando ele começara a me mandar mensagens e estava caindo mais uma tempestade.

E naquele momento eu estava tão nervosa quanto um rato num quarto cheio de gatos. Por mais bobo que isso fosse, eu nunca tinha ficado sozinha dentro de um carro com um cara. Mesmo só admitindo para mim mesma, aquilo soava incrivelmente patético. A ponto de eu querer levar aquele pensamento comigo para o túmulo.

Cam enfiou a chave na ignição e olhou para mim. O boné de beisebol estava virado para trás de novo. Por trás dos cílios grossos, seus olhos brilhavam como duas safiras.

— Está pronta?

Vestindo meu leve cardigã, acenei com a cabeça. Quando o vira ontem pela manhã na aula de Astronomia, ele estava de novo com seu humor de costume — brincalhão, paquerador e oferecendo cookies. Eu esperava que fosse sinal de que o que quer que rolara entre ele e Ollie tivesse sido resolvido.

— Tem certeza de que não podemos fazer isso por aqui mesmo?

— Esse lugar será perfeito. Eu jamais a levaria para uma enrascada, meu anjo.

— Tudo bem — murmurei, apertando as mãos. Virei-me para a janela e fiquei observando a paisagem, deixando para trás o campus e cruzando a ponte até Maryland.

Quinze minutos depois, Cam pegou a estrada que levava ao centro de visitantes em Antietam National Battlefield. A *nerd* que vivia em mim começou a dar pulos de alegria bem ali, mas eu estava nervosa demais por estar ali àquela hora da noite com Cam. Não que ele parecesse o tipo de cara que tentaria qualquer coisa, mas, pela minha experiência, não havia “tipo de cara” quando se tratava desse assunto. Meus nervos pareciam prestes a estourar de tão tensos.

— Tem certeza de que podemos ficar aqui a esta hora da noite?
— perguntei, olhando à nossa volta.

— Não. — Ele estacionou numa das vagas. Havia apenas alguns poucos carros.

Olhei para ele, assustada.

— O quê?

Ele riu ao desligar o motor.

— Estou brincando. Só precisamos dizer para um dos seguranças que somos da universidade. Eles não vão encrascar com nada.

Assim eu esperava. A ideia de ser perseguida e expulsa de um campo de batalha por um segurança não estava na minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

No entanto, depois de olhar rapidamente para Cam, parecia que isso meio que estava em seus planos.

— Pronta?

Peguei minha bolsa no chão e abri a porta da caminhonete.

— Sim, vamos logo com isso.

Cam pegou uma lanterna do porta-luvas e deu uma risada.

— Você não me parece muito animada.

Sorri de leve para ele.

— E não estou.

— Não minta. — Ele deu a volta pela frente da picape e se aproximou de mim, apontando para onde uma torre de cimento com o cimo vermelho ascendia até o céu. — É para lá que vamos.

— A torre em Bloody Lane?

Ele me olhou na mesma hora.

— Já estive aqui antes?

— Não. — Sorri levemente e segurei uma mecha do cabelo, enrolando-a entre os dedos. — Estou estudando História, então, lugares como esse me interessam. Li a respeito dele antes de vir. O dia mais sangrento de toda a guerra aconteceu naquele trecho estreito de estrada de terra.

— Sim, é o que dizem. Espere um segundo. — Ele olhou para um segurança que vinha atravessando o campo. — Já volto.

Eu o observei correndo até onde o segurança o aguardava. Parecia que os dois estavam conversando, e então Cam mostrou-lhe o caderno. O segurança riu e os dois apertaram as mãos. Inclinando a cabeça para cima, eu já podia ver pequenas estrelas aparecendo no céu azul-escuro. O anoitecer estaria sobre nós em alguns minutos.

Respirei bem fundo e expirei lentamente.

Cam veio até o meu lado.

— Podemos ir até lá. E não somos os únicos. Há alguns alunos do outro lado da torre.

— Beleza. — Comecei a andar com ele, mantendo uma distância segura entre nós. — Por que tantas pessoas vêm até aqui para

fazer isso? Tenho certeza de que existem lugares mais próximos do campus.

— Não como este aqui. Olhe em volta. — Ele guardou a lanterna no bolso de trás. — Além das casas do outro lado da rua, não tem qualquer sinal de luzes ou torres por perto. É só o céu.

— E plantações de milho — ressalttei.

— Muitas plantações de milho — ele completou.

Chegamos à parte calçada da estrada e seguimos até a torre.

— Quanto tempo acha que isso vai demorar? — perguntei.

— Por quê? Tem algum encontro imperdível hoje à noite?

Soltei uma gargalhada alta e curta.

— Nem pensar.

Ele levantou uma sobrancelha:

— Você fala como se isso fosse algo impossível, insano. Que ninguém jamais teria um encontro com você num sábado à noite.

Largando a mecha de cabelo de lado, forcei-me a dar de ombros.

— Não estou saindo com ninguém.

— Então, por que a pressa?

Admitir que eu estava totalmente desconfortável com aquela situação seria muito constrangedor e grosseiro, portanto acabei não dizendo nada.

— Você está preocupada que eu a trouxe até aqui para levar a cabo meus planos maléficos?

Parei bruscamente, sentindo o estômago dar voltas e mais voltas.

— O quê?

Cam parou e se virou de frente para mim. O sorriso dele vacilou um pouco.

— Ei, Avery, só estou brincando. É sério!

Senti o calor se espalhando pelas minhas bochechas e os nós em meu estômago se desfazendo, substituídos por um forte sentimento de ridículo total.

— Eu sei. É só que...

— Está nervosa?

— Sim, é isso.

Ele me estudou por um tempo e, em seguida, voltou a caminhar.

— Venha. Vai escurecer logo, logo.

Acompanhando os passos dele, eu me vi correndo direto até as cercas velhas de madeira e me espetando em uma das pontas afiadas. Deus, eu precisava me segurar em alguma coisa. Nem todos os caras eram como Blaine. Eu sabia disso. Compreendia inteiramente. Não tinha ficado perturbada pelo meu *acidente*.

Do outro lado da torre, perto das placas, dois alunos da nossa aula de Astronomia estavam sentados no banco com seus cadernos no colo. Eles acenaram para nós, e, quando acenamos de volta, Cam desceu mais um pouco, em direção ao grande estacionamento, e, em seguida, desviou para a colina gramada, ignorando o caminho de terra da Bloody Lane.

Cam escolheu um lugar e pegou a lanterna antes de se sentar. Fiquei alguns passos para trás, ouvindo o canto dos grilos. O chão havia secado da chuva do dia anterior, mas, mesmo que estivesse molhado, não teria me impedido de sentar ali. Eu estava agitada demais.

— Senta aqui comigo? — disse Cam, dando tapinhas no chão e inclinando a cabeça. — Por favor? Estou me sentindo muito solitário aqui embaixo.

Mordiscando o lábio, sentei-me a uma certa distância dele e então me ocupei em encontrar o caderno de Astronomia. Ao tirá-lo da bolsa, olhei para ele e nossos olhos se encontraram. Eu não conseguia desviar. Intenso. Essa foi a primeira palavra que me veio

à mente. O olhar dele era intenso, como se estivesse vendo através de mim.

Pigarreando, concentrei minha atenção no caderno. Finalmente, Cam falou:

— Qual constelação teremos que localizar?

Ele apontou a luz da lanterna enquanto eu folheava minhas anotações.

— É... Corona Borealis, eu acho.

— Ah, a coroa do Norte.

Olhei assustada para ele, com a sobrancelha erguida.

— Você sabia isso de cabeça?

Ele riu.

— Eu posso não fazer anotações, mas presto atenção à aula.

Tinha quase certeza de que ele dormira boa parte da aula no dia anterior. Passei para ele a folha quadriculada que o professor Drage havia feito para nós e o mapa das estrelas. Logo achei a Corona Borealis.

— Realmente, não consigo entender como alguém pode ver formas nas estrelas.

— Sério? — Ele se aproximou e olhou por cima do meu ombro. — As formas são bastante óbvias.

— Não para mim. Digo, é só um monte de estrelas no céu. Provavelmente, você pode ver o que quiser ver.

— Olhe para a Borealis. — Ele indicou com o dedo no mapa. — Está na cara que é uma coroa.

Eu ri.

— Não parece em nada com uma coroa. Parece um meio-círculo irregular.

Cam balançou a cabeça.

— Olhe. Dá para ver bem direitinho. É uma coroa. Qual é... veja as sete estrelas.

Inclinei a cabeça para trás e peguei uma caneta da bolsa.

— Vejo as sete estrelas, mas também vejo outras centenas ao lado. Também vejo um monstro em forma de cookie.

Cam soltou uma gargalhada. Era um som agradável, profundo e encorpado.

— Você é ridícula.

Meus lábios ensaiaram um sorriso conforme aproximei a caneta da folha. Eu não tinha ideia de por qual linha latitudinal deveria começar. Olhei para cima, lá para a Borealis, e tratei de desenhar uma linha onde achei possível, ligando dois pontos.

— Você sabe de onde vem esse nome? — Quando balancei a cabeça, ele estendeu a mão e tomou a caneta de mim. Seus dedos roçaram nos meus e eu retraí a mão, apoiando-a na grama macia.

— Representa a coroa dada pelo deus Dionísio para Ariadne. Quando ela casou com Baco, ele colocou a coroa dela nos céus em homenagem ao casamento deles.

Olhei para ele e disse:

— O professor Drage não ensinou isso na aula.

— Eu sei.

Eu me inclinei para trás e o analisei.

— Então, como você sabia disso?

— Por que você não sabe disso?

Virei a cabeça de lado, erguendo uma sobrancelha.

— Tudo bem. Talvez a maioria das pessoas não saiba isso de cabeça. — Ele girou minha caneta entre os dedos. — Na verdade,

eu me matriculei nessa matéria quando entrei na faculdade, mas tive que largá-la.

— Sério?

Ele meneou a cabeça, confirmando, mas não continuou.

— Você é o que, um calouro?

— Sim. Acabei tendo que ficar parado um ano, o que me atrasou um pouco.

Eu queria perguntar por que, mas decidi que não era da minha conta.

— Por que decidiu fazer Astronomia outra vez? — Imaginei que essa pergunta não teria muito problema. — É parte da sua formação?

— Não. Eu só gosto da aula e do professor Drage. — Ele fez uma pausa, desviando a lanterna. — Estou estudando recreação e esportes. Quero trabalhar com reabilitação esportiva.

— Ah. Você... — Parei de falar quando a garota atrás de nós desandou a rir. Olhei por cima do ombro e arregalei os olhos.

Os dois alunos da nossa sala, com certeza, eram um casal ou estavam a caminho de se tornarem um. Os cadernos deles foram esquecidos no banco. Ela estava no colo dele, os rostos estavam a centímetros de distância e a mão do rapaz já estava deslizando por dentro da barra da saia dela.

— Aquela é uma forma interessante de observar as estrelas — comentou Cam.

Agradei pela escuridão do céu, porque meu rosto tinha começado a esquentar. Eu sabia que deveria parar de olhar, porque ficar encarando os dois fazia de mim uma idiota, mas não conseguia. Nem quando a garota enfiou a mão no cabelo dele, puxando-o até ela, e os dois começaram a se beijar para valer; a mão do cara já tinha subido por dentro da saia dela até o antebraço.

Nossa.

Cam cutucou meu braço com a caneta, chamando minha atenção. Ele parecia... curioso.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. É só que... — Ele parecia estar escolhendo as próximas palavras cuidadosamente. — Você está olhando para eles... como se nunca tivesse visto um casal fazer aquilo antes.

— Estou?

Ele assentiu.

— Então, a menos que tenha sido educada em um convento, imagino que já deva ter ficado no colo de um cara uma ou duas vezes, certo?

— Não, nunca fiquei! — Eu me encolhi, pois praticamente gritei nessa hora. — Quero dizer, nunca estive no colo de um cara.

— E no colo de uma garota?

— O quê? Não!

Um sorriso foi crescendo lentamente no rosto dele.

— Eu estava brincando, Avery.

Rangi os dentes de vergonha.

— Eu sei, é que eu...

— Que foi? — Ele me cutucou novamente. — Você o quê?

Minha boca abriu e vomitei a pior sequência de palavras da minha vida.

— Eu nunca estive em um relacionamento. — No instante em que aquelas palavras foram pronunciadas, eu quis me dar um soco. Quem admite esse tipo de coisa para alguém que mal conhece? Amassando a beirada do meu caderno, olhei para Cam. Ele estava me encarando como se eu tivesse acabado de revelar que era a Virgem Maria. Minhas bochechas ferviam. — O que foi? Não é nada de mais.

Cam piscou e chacoalhou um pouco a cabeça, virando o rosto para o céu.

— Você nunca namorou antes?

— Não. — Fiquei desconcertada ao máximo, como se tivesse desnudado minha alma.

— Nada?

— É isso que significa nunca.

A boca de Cam se abriu e fechou em seguida.

— Quantos anos você tem?

Revirei os olhos e respondi:

— Tenho dezenove.

— E nunca estive em nenhum relacionamento? — perguntou ele outra vez.

— Não. — O papel estava começando a se desfazer nos meus dedos. — Meus pais... eles eram rígidos. — Uma mentira descarada, mas parecia aceitável. — Digo, *muito* rígidos.

— Dá para notar. — Cam bateu com a ponta da caneta no caderno de anotações. — Mas você já saiu com alguém antes?

Suspirando, baixei os olhos para meus papéis.

— Achei que tínhamos vindo para cá para mapear estrelas, não?

— Sim, foi para isso.

— Mas não é o que parece. Só o que fiz até agora foi rabiscar uma linha e você não fez nada.

— Esse seu *rabisco* está entre Delta e Gama. — Ele se curvou para perto de mim, ligando os dois pontos. — Aqui é a Teta e esta é a Alfa, a estrela mais brilhante. Viu, já fizemos metade do trabalho.

Franzi a testa ao olhar para cima, procurando o padrão das estrelas no céu. Caramba, ele fez tudo direitinho. Então ele se

debruçou sobre mim de novo, o ombro encostado ao meu, traçando uma linha perfeita até outro ponto no mapa. Mordi o lábio conforme ele continuou o desenho sem sequer olhar para cima ou consultar o mapa estelar. Fiquei plenamente atenta ao calor de seu braço, mesmo através de duas camadas de roupa. A sensação daquele toque se espalhou pelo meu ombro e meu peito, acelerando a pulsação.

Ele virou a cabeça na minha direção.

— Agora acabamos de mapear as estrelas.

Inspirei rapidamente. Nossos rostos estavam a poucos centímetros um do outro; ele estava perto até demais. Olhei para os lábios dele. Havia um leve sorriso e aquela covinha começara a aparecer na bochecha esquerda. Sua boca havia começado a se mexer, mas eu não ouvia nenhuma palavra que dizia. Eu precisava me afastar, mas... não queria. A confusão se espalhou pelo meu corpo enquanto lutava para não me afastar... e não me aproximar. Era como estar entre polos magnéticos opostos.

Talvez eu devesse parar de olhar para os lábios dele.

Parecia um bom plano, porque ficar olhando para os lábios de um cara era meio esquisito, então forcei meus olhos para cima. Meu Deus, não deu muito certo, porque agora eu estava encarando aqueles olhos de baixar as calcinhas, como Jacob se referira a ele mais cedo numa mensagem. E Jacob acertara na mosca. Aposto que devia existir um rastro de calcinhas caídas por onde Cam passava. Deveria ser ilegal um garoto ter cílios tão grossos como os dele. Mesmo no escuro, os olhos pareciam ter vários tons de azul. O calor relativamente tolerável estava se tornando uma chama quase insuportável, que corria pelas minhas veias.

Contorci o corpo novamente, pois era incapaz de me lembrar da última vez que tinha me sentido daquele jeito. Pelo menos, não desde aquela festa de Halloween. Talvez antes. Com certeza, antes. Mas havia alguma coisa em Cam que me fazia esquecer de tudo,

exceto do que estava acontecendo naquele exato momento. Parecia normal. Eu gostava de boa parte daquela sensação.

— Você está me ouvindo?

Pisquei lentamente.

— Hein? Sim! Sim. Claro.

O sorriso dele ficou convencido, e eu quis me esconder no arbusto mais próximo.

— É... então, você nunca saiu com ninguém?

— O quê?

Cam deu um riso suave.

— Você realmente não ouviu nenhuma palavra do que eu disse. Estava muito ocupada me encarando.

— Não estava! — Meu rosto inteiro parecia estar pegando fogo e eu rapidamente desviei o olhar para onde o casal estava. Eles já tinham ido embora.

Ele deu um leve empurrão no meu ombro.

— Estava, sim.

Retorci o rosto.

— Você tem um nível de arrogância muito acima do aceitável, sabia?

— Arrogância? Só estou constatando a verdade. — Cam jogou o caderno no chão e se apoiou nos cotovelos, olhando para mim através daqueles cílios. Aquele maldito e insuportável risinho torto dele estava ali. — Não há nada de errado em olhar para mim. Eu gosto.

Meu queixo caiu. Como eu conseguiria responder a algo assim?

— Eu não estava encarando. Não mesmo. Eu meio que... me distraí. Esse é o nível de *empolgação* que sinto ao conversar com você.

— Tudo em relação a mim é *empolgante* — respondeu ele.

— Tão empolgante quanto observar sua tartaruga atravessar a rua.

— Sei, sei. Tente se convencer disso, meu anjo.

— Continue me chamando de “meu anjo” e vai voltar mancando para casa.

Os olhos de Cam se arregalaram.

— Olhe só para você.

— Deixa para lá.

— Nós deveríamos fazer isso.

Minha mente foi exatamente para onde não deveria ter ido e minha pele começou a formigar.

— Fazer o quê? Ir para casa? Estou muito a fim de ir para casa, tipo, agora mesmo.

— Deveríamos sair juntos.

Obviamente, eu havia perdido uma parte importante daquela conversa. Fechei o caderno e apalpei o chão ao meu redor, procurando a bolsa.

— Não sei bem se estou entendendo esta conversa.

— Não é tão complicado assim. — Cam riu quando olhei fixamente para ele. — Nós deveríamos sair juntos.

Meu estômago foi lá nas costas quando olhei novamente para ele. Parecia tão contente, meio esparramado no chão. Será que estava brincando? Ou estava chapado? Enfieei o caderno na bolsa, junto com a caneta.

— Não estou entendendo.

Cam deitou e esticou os braços para cima, fazendo sua camiseta subir a ponto de revelar um pedaço de pele bronzeada e os

músculos laterais próximos aos quadris... meu Deus. Desviei o olhar e respirei profundamente.

— Normalmente, “sair juntos” é quando duas pessoas saem à noite ou durante o dia, às vezes. Na verdade, pode ser a qualquer hora do dia ou da noite. Geralmente, envolve um jantar. Outras vezes, pode ser um cinema ou uma caminhada no parque. Embora eu não caminhe pelo parque. Talvez uma praia, mas, já que não há nenhuma por perto...

— Eu sei o que é sair junto — cortei-o logo, ficando de pé.

Ele continuou no chão e não parecia que sairia dali tão cedo. Eu deveria ter vindo com meu carro.

— Você disse que não entendia — afirmou ele de brincadeira. — Então eu estava explicando o que significa sair juntos.

Frustrada... e, relutantemente, entretida, cruzei os braços.

— Não foi essa parte que não entendi e você sabe disso.

— Só estava querendo ver se estávamos falando sobre a mesma coisa.

— Não estamos.

Cam baixou os braços, mas ainda ficou aparente a parte do abdômen entre a camiseta e a calça jeans. Será que ele estava de cueca? Só o que vi foram um cinto de couro e a calça. Tudo bem. Eu não precisava começar a pensar nisso agora.

— Então, agora que nós dois sabemos do que se trata um encontro, deveríamos sair juntos — disse ele.

— Hã...

Cam riu, levantando-se em um só movimento fluido.

— Essa não é bem uma resposta, Avery.

— Eu... — Um encontro? Um encontro com Cameron Hamilton? Duas coisas vieram à minha mente ao mesmo tempo: inquietude e

interesse. Dei um passo para trás, criando distância entre mim e ele e todo o resto.

— Você não tem uma namorada?

Ele levantou as sobrancelhas com surpresa e riu:

— Namorada? Não.

— Então, quem era a morena que saiu cambaleando do seu apartamento na quarta à noite?

O risinho de Cam tornou-se um grande sorriso.

— Você tem me observado, Avery?

— Não. Não! O quê? Não estava observando você. Eu tenho uma vida.

Ele franziu a testa.

— Então, como é que você sabe sobre Stephanie?

— Esse é o nome dela?

— Bem, sim, ela tem um nome, e não, ela não é minha namorada.

— Ele empinou a cabeça para o lado, olhando para mim. — E ela não estava cambaleando. Talvez estivesse meio tonta.

Revirei os olhos.

— Mas como foi que você a viu, se não estava de olho em mim?

— Ele cruzou as pernas. — E não me incomodo com a ideia de você me observando. Lembre-se, eu gosto disso.

Eu me forcei a respirar fundo e devagar, antes de me aproximar e dar um chute na perna dele.

— Eu não estava observando você. Estava sem sono e fiquei apoiada na janela da minha sala. Apenas *acabei* vendo você acompanhá-la até o carro dela.

— Bem, isso faz sentido. Mas não é nem de perto tão excitante quanto você estar parada na janela para tentar me ver.

Não tive reação a não ser ficar olhando para ele.

Cam deu uma piscadela e... Caramba! Por que ele tinha que ficar tão lindo fazendo aquilo?

— Steph não é minha namorada, a propósito. Não tem nada a ver.

O que, provavelmente, queria dizer que ele só devia estar ficando com ela, e não tinha nada de errado com isso. Talvez fosse exatamente isso que ele quisesse comigo num encontro. Jacob ficaria empolgadíssimo com a notícia. Lembrete para mim mesma: não contar nada para ele.

— Eu não sou desse tipo.

— Que tipo? — perguntou ele.

Quer dizer que ele ia me fazer dizer em voz alta. É claro. Por que não?

— Eu não sou do tipo dela.

— Mas você a conhece?

Meus olhos se estreitaram.

— Eu não fico com caras só por diversão, está bem? Não vejo nada de errado nisso. Nem estou aqui para julgar ninguém, mas não sou assim. Então, não estou interessada. Desculpe.

— Espere um pouco. Estou confuso. Você não está julgando, mas chegou à conclusão de que ela é do tipo que fica com qualquer um? Que ela é minha amiga colorida? Não acha que é um julgamento precipitado baseado em achismos?

Caramba, ele tinha razão.

— Você está certo. Eu não sei se é isso que vocês são. Talvez sejam amigos de infância ou coisa parecida.

— Não somos. — Aquele sorriso malicioso estava de volta. — A gente fica de vez em quando.

Não acreditei quando ele disse isso.

— Eu estava certa! Então, por que me acusou de estar fazendo julgamentos?

— Eu só estava dizendo a verdade — respondeu ele, com os olhos tremeluzindo como aquelas malditas estrelas no céu. — E, só para constar, nós não ficamos na quarta à noite. Não por falta de vontade da parte dela, mas eu não estava muito a fim.

Lembrei-me de como a garota era linda e fiquei me perguntando que tipo de homem não estaria a fim dela.

— Que seja. Esta conversa é totalmente sem sentido.

— Estou gostando da conversa.

Balançando a cabeça, curvei-me e estiquei a braço para alcançar minha bolsa, mas Cam levantou de repente e a pegou antes que meus dedos pudessem chegar à alça. Suspirei e estendi a mão.

— Dá pra mim.

— Estou tentando.

Olhei para ele com desdém.

Rindo, ele deu um passo à frente e colocou a alça sobre meu ombro. Seus dedos roçaram meu pescoço, e não pude evitar um sobressalto ao mero toque. Ele recuou um pouco e pegou a lanterna.

— Viu? Só estava tentando ser um cavalheiro.

— Não acho que seja um cavalheiro — resmunguei, segurando com força a alça. — Mas obrigada.

Ele pegou seu caderno do chão e voltamos para onde a caminhonete estava estacionada, passando pelo banco agora vazio. Cam ligou a lanterna para iluminar o caminho. Acho que, para provar que eu estava errada, abriu a porta para mim quando paramos em frente à picafe.

— Senhorita.

— Obrigada — respondi, com um tom de voz mais delicado que antes.

Em vez de fechar a porta, Cam encostou-se no carro e apoiou a mão perto do vidro.

— E então, o que me diz?

— Sobre o quê?

Ele olhou para mim com a mesma intensidade de antes.

— Sair comigo.

Endureci o tom de novo.

— Por quê?

— Por que não?

— Isso não é resposta. — Puxando o cinto de segurança, concentrei-me em colocá-lo no lugar certo. Minhas mãos estavam trêmulas, portanto não conseguia acertar a trava.

— Que tipo de pergunta é essa? Como eu vou... Ei, é só um cinto de segurança. Não é tão difícil. — Ele veio para cima de mim, assumindo o controle. As mãos dele tocaram as minhas e eu me coleí no encosto do banco. Ele parou e olhou para mim, aqueles lábios que normalmente estavam curvados para cima começaram a se curvar para baixo nos cantos. Alguma coisa mudou em seus olhos. Não sei o que foi, mas se esvaiu ao travar o cinto. Porém, ele não se afastou. — Por que acha que não devemos sair juntos?

Fiquei tensa ali no banco, cerrando os punhos no colo. A questão não era que eu estava desconfortável com ele estar tão perto. Era que estava desconfortável com a forma que eu notava cada olhar ou toque dele em minha pele.

— Porque... porque nós não nos conhecemos.

Seus lábios se curvaram para cima novamente. Daquele jeito era bem melhor que o rosto emburrado.

— É para isso que serve um encontro. Conhecer um ao outro. — Os olhos de Cam baixaram para minha boca. — Saia comigo.

— Não há nada para saber sobre mim. — As palavras saíram em um sussurro inebriado, conforme meu peito subia intensamente.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— Tenho certeza que tem milhares de coisas legais para saber sobre você.

— Não tem, não.

— Então, posso ficar falando o tempo todo.

— Parece muito divertido.

— Ah, vai ser mais emocionante do que ficar olhando Raphael atravessar a rua.

— Ha-ha.

— Achei que fosse gostar dessa — disse ele, com um sorriso.

Senti o bolso lateral da minha bolsa vibrar uma vez na minha perna. Uma mensagem de texto? Provavelmente de Jacob. Eu queria olhar, mas acabaria batendo a cabeça na de Cam. Não era algo que eu quisesse repetir.

— Podemos ir agora?

— Podemos sair juntos?

— Meu Deus, você não desiste.

— Não.

Eu ri, não deu para evitar, e o sorriso dele cresceu ainda mais em resposta àquele som.

— Tenho certeza que há uma porção de garotas querendo ter um encontro com você.

— Tem mesmo.

— Nossa! Quanta modéstia!

— E por que deveria ser modesto? — retrucou ele. — E eu quero sair com você. Não com elas.

— Não entendo por quê.

Suas sobrancelhas escuras se levantaram.

— Posso citar algumas razões. Você não é como a maioria das garotas. Isso me interessa. Você é esquisita desse jeito... lindo demais. Você é inteligente. Quer ouvir mais?

— Não. Não mesmo — falei rapidamente. Precisava cortar aquilo pela raiz. Reputações à parte, ele era muito mais do que eu podia administrar. Ele iria querer de mim coisas que eu não podia oferecer. Manter uma conversa já era bem difícil às vezes. — Eu não quero sair com você.

Cam não parecia surpreso nem desencorajado com a minha resposta.

— Imaginei que fosse dizer isso.

— Então, por que perguntou?

Finalmente — *graças a Deus* —, ele se afastou e segurou na lateral da porta.

— Porque eu queria.

— Bom, então, tá legal. Que bom que tirou isso do seu peito.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu não tirei isso do meu peito.

Ah, não...

— Não tirou?

— Não. — Ele deu um sorriso incrivelmente charmoso. — Sempre existe o amanhã.

— O que tem amanhã?

— Vou convidar você outra vez.

Balancei a cabeça.

— A resposta ainda será a mesma.

— Talvez. Talvez não. — Ele trouxe a mão ao meu rosto e tocou a ponta do meu nariz. — E talvez você diga sim. Sou um cara paciente, e, como você disse, eu não desisto facilmente.

— Ótimo — murmurei, mas... ah, ah, não, havia um rebuliço estranho no meu peito.

— Sabia que veria dessa forma. — Cam apertou a ponta do meu nariz e eu lhe dei um tapa, afastando sua mão. — Não se preocupe. Eu sei a verdade.

— Que verdade?

Cam afastou-se e respondeu:

— Você quer dizer sim, mas ainda não está pronta.

Meu queixo caiu.

— Está tudo bem. — Seu sorriso ficou convencido. — Posso ser muita areia para o seu caminhãozinho, mas posso lhe assegurar que você vai se divertir.

Então, antes que eu pudesse pensar numa resposta que valesse a pena, ele deu outro tapinha no meu nariz e, em seguida, fechou a porta na minha cara.

* * *

De volta ao meu apartamento, joguei a bolsa no sofá e desabei ao lado dela. Sair com Cameron? Ele era maluco? Só podia estar brincando ou querendo jogar charme. No caminho para casa, ele não falou mais nisso, ficou apenas perguntando sobre a minha agenda. Pergunta por pergunta, arrancou de mim cada detalhe sobre as aulas que eu estava fazendo. Quando chegamos ao nosso prédio, eu estava exausta.

Encostando a cabeça na almofada, fechei os olhos. Meu coração estava batendo rápido demais para alguém sentado. Será que ele tinha falado sério sobre não ter ficado com Stephanie na quarta? Parecia estranho ele não ter se interessado, se ela estava dando em cima dele.

Sinceramente, isso não fazia diferença.

Eu não podia me envolver em um relacionamento, de nenhum tipo. Quem sabe um dia. Com sorte, algum dia, porque eu não queria ser assim pelo resto da vida. Talvez, uma hora dessas eu quisesse ser a garota que fica empolgada ao ser chamada para sair, em vez da garota que volta para casa e não faz nada.

Abrindo os olhos, gemi:

— Eu sou o Señor Otário. Ou a Señorita Otária.

Fiquei de pé e, a meio caminho do quarto, lembrei-me da bolsa que tinha vibrado.

— Ai, merda.

Voltando para o sofá, enfiei a mão no bolso lateral e puxei meu celular. Toquei a tela, na expectativa de ver uma mensagem de Jacob ou Brittany. Em vez disso, vi uma ligação perdida e uma mensagem de voz.

— Mas que diabos?

Olhei a lateral do aparelho e percebi que tinha colocado aquela porcaria no silencioso. Fazendo o gesto de desbloqueio da tela, vi que a chamada era de um NÚMERO DESCONHECIDO.

Meu coração palpitou.

Nada de mais. Provavelmente um engano ou alguém oferecendo produtos. Fui à tela da mensagem de voz e aproximei o dedo do botão de “deletar”. O passado mostrou sua face feia e amarga. Quantas vezes recebi trotes de pessoas que bloqueavam seus números? Infinitas, mas não podia ser isso. Meu número era novo, como meu e-mail...

Xinguei novamente.

Respirando fundo, apertei o botão da mensagem e trouxe o telefone ao ouvido. Houve uma pausa e, então, uma voz áspera e indistinguível surgiu do outro lado da linha.

— Você sabe o que acontece com mentirosa e puta? Elas tomam um belo de um...

Gritando, apertei o botão de deletar antes que pudesse ouvir o fim. Joguei o telefone no sofá, em vez de jogá-lo na parede, e recuei como se aquilo fosse um tipo de criatura venenosa apoiada nas almofadas.

Qualquer meio de comunicação poderia se tornar venenoso. Mas eu já não sabia disso desde o início? Uma risada reprimida escapou de mim. Sério, eles não tinham coisa melhor para fazer? Já haviam se passado cinco anos. Cinco anos! Eles não conseguiam se livrar do passado.

Assim como, lá no fundo, eu também não.

CAPÍTULO 7

Levantei da cama com um sobressalto, confusa e desorientada. Já eram lá pelas quatro da madrugada quando finalmente pegara no sono, e não fazia ideia do que tinha me acordado. Girei o tronco e gemi quando vi que eram apenas oito da manhã.

De um domingo.

Jogando-me de costas na cama, olhei para o teto. Uma vez acordada, nunca que conseguiria de novo...

Tóc, toc, toc.

Sentei-me outra vez, franzindo a testa. Alguém estava batendo à porta — *minha porta*. Mas que diabos? Depois de me descobrir, coloquei as pernas para fora da cama. Meu pé enroscou no lençol e quase dei de cara no carpete.

— Mas que merda.

Xingando como uma louca, corri pelo apartamento antes que acordassem o prédio inteiro. Espreguicei-me e fui olhar pelo olho mágico. Tudo o que vi foi uma massa de cabelo escuro e cacheado. Cam?

Alguma coisa não estava certa. Talvez o prédio estivesse pegando fogo, porque eu não podia imaginar qualquer outro motivo para ele estar esmurrando a minha porta num domingo de manhã.

— Está tudo bem? — Fiquei horrorizada com o som da minha voz.

Cam se virou. Um sorriso torto apareceu, deixando seu rosto já extraordinário ainda mais sexy.

— Não, mas vai ficar em cerca de quinze minutos.

— O-o-o quê? — Abri passagem, ou fui forçada a dar passagem, e ele entrou no meu apartamento, carregando alguma coisa embrulhada em papel alumínio: uma cartela de ovos (*hein?*) e uma pequena frigideira. — Cam, o que você está fazendo? São oito da manhã.

— Obrigado por me informar. — Ele foi direto à minha cozinha. — Esta é uma coisa que eu nunca consegui dominar: ler as horas.

Franzi o rosto ao caminhar atrás dele.

— Por que você está aqui?

— Vim para fazer um café da manhã.

— Não pode fazer isso na sua cozinha? — perguntei, esfregando os olhos. Depois do trabalho de Astronomia e daquela ligação, ele era a última pessoa que eu queria ver àquela maldita hora da manhã.

— Minha cozinha não é tão legal quanto a sua. — Ele apoiou seus utensílios no balcão e olhou para mim. O cabelo dele estava úmido e mais cacheado que o normal. Como era possível ele estar tão maravilhoso, quando estava na cara que só tinha pulado da cama e tomado uma ducha? Não havia nenhuma marquinha de travesseiro em suas bochechas. E como é que ele ficava tão bem de moletom e camiseta velha? — E Ollie está desmaiado no chão da sala.

— No chão?

— Isso. De barriga para baixo, roncando e babando um pouco. Não está com uma atmosfera muito agradável.

— Bem, meu apartamento também não. — Ele precisava ir embora. Não tinha nada que estar ali.

Cam curvou-se sobre o balcão, com os braços um pouco flexionados.

— Ah, acho que está errada... — Ele olhou para mim, desde meus cabelos desgrenhados até as pontas curvadas dos meus dedos dos pés. Era quase como se estivesse me tocando, fazendo com que eu perdesse o fôlego. — Sua cozinha, neste exato segundo, está muito apetitosa.

Senti as bochechas corarem na mesma hora.

— Eu não vou sair com você, Cam.

— Eu não chamei você agora, chamei? — Um lado de seus lábios curvou-se para cima. — Mas uma hora vai.

Olhei bem para ele e disse:

— Você é maluco.

— Sou determinado.

— Está mais para irritante.

— A maioria diria incrível.

Revirei os olhos.

— Só na sua cabeça.

— Em muitas cabeças, quer dizer — ele retorquiou, virando-se novamente para meu fogão. — Também trouxe um pão de banana com amêndoas assado no meu próprio forno.

Balançando a cabeça, contemplei as costas dele.

— Sou alérgica a banana.

Cam virou-se, olhando incrédulo para mim, com as sobrancelhas levantadas.

— Você está de sacanagem?

— Não. Não estou. Sou alérgica a banana.

— Cara, sinto pena por você. Você não faz ideia do que está perdendo. As bananas tornam o mundo um lugar melhor.

— Não tem como eu saber.

Ele virou a cabeça de lado.

— Tem alergia a mais alguma coisa?

— Além de penicilina e caras que invadem meu apartamento?
Não.

— Meu Deus do céu — respondeu ele, começando a abrir meus armários. — Quantos caras mais fracos e menos confiantes você já aniquilou com essa sua língua ferina?

— Aparentemente, não o bastante — murmurei. Levei a mão para ajustar meu bracelete e me dei conta de que não estava com ele. Senti um aperto no coração. — Eu já volto.

Murmurando consigo mesmo, Cam acenou com a cabeça. Fui correndo ao quarto, peguei o bracelete na mesa de cabeceira e o coloquei rapidamente. Um arrepio de alívio percorreu meu corpo. Quase saindo do quarto, olhei para baixo e xinguei novamente.

Sem sutiã.

O fino tecido da minha camiseta estava justo no peito, fazendo meus mamilos apontarem para a frente, quase dando oi.

— Ai, Jesus.

Arrancando a camiseta, peguei um top de ginástica no meu guarda-roupas.

— Ei! Você está se escondendo aí? — gritou Cam. — Porque eu vou até você e a arrasto até aqui.

Com o top preso na cabeça e os seios balançando livremente, fiquei pálida. Puxei-o com tudo, amassando meu seio direito. Ai!

— Não se atreva a vir até aqui!

— Então, vai logo. Meus ovos não esperam por ninguém.

— Que coisa horrorosa — murmurei, vestindo novamente a camiseta. Chegando ao corredor, notei também que não tinha escovado os dentes. Cam e seus ovos teriam que esperar mais um pouco.

Quando voltei à cozinha, vi que ele tinha colocado vários ovos para cozinhar na água e havia um ovo bem redondo e amarelo na frigideira que ele trouxera. Ele encontrara na minha geladeira o queijo ralado e estava jogando um pouco por cima dos ovos.

Vê-lo ali na minha cozinha, perto do fogão, estava me dando nos nervos. Minha barriga começou a dar nó enquanto ele facilmente encontrava os pratos e talheres. Cruzei os braços, andando de um lado para o outro.

— Cam, por que você veio até aqui?

— Eu já lhe disse. — Ele fez os ovos deslizarem em cima de um prato e, em seguida, os trouxe até a minha mesa presa à parede. — Você quer torrada? Espere. Você tem pão? Se não, posso ir...

— Não. Não preciso de torrada. — Cam tinha tomado conta da minha cozinha de vez! — Você não tem mais ninguém para incomodar?

— Tem um monte de gente a quem eu poderia *dar a graça* da minha presença, mas escolhi você.

Essa parecia ser a manhã mais bizarra da minha vida. Eu o observei por mais um tempo. Depois de desistir de expulsá-lo do meu apartamento, sentei-me na cadeira alta, encolhendo as pernas perto do peito. Então peguei um garfo.

— Obrigada.

— Prefiro acreditar que você está sendo sincera.

— Estou!

— Não sei por que, mas duvido disso — disse ele, com um sorrisinho.

Fiquei me sentindo uma perfeita megera.

— Gostei que você fez os ovos. Só estou surpresa em vê-lo aqui... às oito da manhã.

— Bom, para ser sincero, eu planejava impressioná-la com meu pão de banana e amêndoas, mas não deu. Então, só o que me restou foram meus deliciosos ovos.

Dei uma garfada daquela maravilha cheia de queijo.

— Está muito bom, mas você não me impressionou.

— Ah, estou impressionando, sim. — Ele abriu a geladeira e pegou uma garrafa de suco de laranja. Após servir dois copos, colocou um deles na minha frente. — O segredo é o efeito surpresa. Você só não se deu conta ainda.

Desistindo daquela conversa que não iria a lugar algum, preferi mudar de assunto.

— Você não vai comer?

— Vou, sim. Eu gosto de ovos cozidos. — Cam apontou para o fogão ao sentar-se na cadeira à minha frente. Pousou o queixo nas mãos e eu me concentrei no meu prato. O filho da mãe era fofo e gato demais. — Então, Avery Morgansten, sou todo seu.

Quase engasguei com um pedaço de ovo.

— Eu não quero você.

— Que pena — respondeu ele, sorrindo. — Conte-me sobre você.

Ah, mas que diabos! Aquela porcaria de conhecer um ao outro não ia acontecer.

— Você faz isso sempre? Entra no apartamento de uma garota qualquer e faz ovos para ela?

— Bom, você não é uma garota qualquer, então, tecnicamente, não. — Ele se levantou e verificou os ovos na água fervente. — Mas talvez eu seja conhecido por surpreender as garotas sortudas de vez em quando.

— É mesmo? Quero dizer, é uma coisa que você faz toda hora?

Cam olhou para mim por cima do ombro.

— Com os amigos, sim, e somos amigos, não somos, Avery?

Fiquei perplexa. Éramos amigos? Eu acho que sim, mas mesmo assim... Isso era normal? Ou Cam era só confiante demais? Ele fazia esse tipo de coisa porque sabia que podia, que ninguém o mandaria embora de verdade. A maioria das pessoas, provavelmente, não iria querer que ele fosse embora. E eu poderia colocá-lo porta afora, se realmente quisesse, essa era a verdade. Cam devia ser o tipo de cara que estava acostumado a conseguir o que quisesse.

Assim como Blaine.

Aquele pensamento fez meu estômago se contorcer, então apoiei meu garfo na mesa.

— Sim, nós somos amigos.

— Finalmente! — ele gritou, fazendo com que eu desse um pulo.
— Finalmente você admitiu que somos amigos. Só demorou uma semana.

— Só nos conhecemos há uma semana.

— Ainda assim, demorou uma semana. — Ele cutucou os ovos na água.

Empurrei o restante dos ovos pelo meu prato.

— Como assim? Normalmente, em cerca de uma hora, as pessoas já se declaram suas amigas inseparáveis?

— Não. — Ele tirou os ovos da água, apoiando-os em uma tigela. Ao voltar para a mesa, sentou-se novamente. Seus olhos se encontraram com os meus, e foi difícil sustentar o olhar. Aqueles olhos pareciam mesmo um par de safiras, nítidas e cristalinas. O tipo de olhos nos quais você facilmente se perde. — Geralmente, demora por volta de cinco minutos para que passemos para o status de melhores amigos.

Acabei sorrindo conforme balancei a cabeça.

— Então, imagino que eu seja a esquisita.

— Quem sabe... — Seus cílios baixaram quando ele começou a descascar os ovos cozidos.

Tomei um gole do suco e prossegui:

— Então isso deve estar diferente para você.

— Como?

— Aposto que existe uma porção de garotas na sua cola. Várias delas, provavelmente, se matariam para estar no meu lugar, e aqui estou eu, alérgica ao seu pão.

Ele olhou para mim.

— Por quê? Por causa da minha perfeição quase divina?

Soltei uma gargalhada espontânea.

— Eu não iria tão longe.

Cam riu discretamente e deu de ombros.

— Não sei. Não penso muito nisso.

— Não pensa nisso nem um pouquinho?

— Não. — Ele enfiou um maldito ovo inteiro na boca. Tirando isso, sabia se portar de forma impecável à mesa. Mastigava com a boca fechada, limpava as mãos com o guardanapo e não falava de boca cheia. — Só penso no assunto quando interessa.

Nossos olhares se cruzaram e fiquei toda ruborizada. Corri os dedos na armação dos meus óculos.

— Então, você é um ex-jogador?

Ele fez uma pausa, quase colocando outro ovo na boca.

— O que a faz pensar isso?

— Ouvi dizer que você era um jogador e tanto no Ensino Médio.

— É mesmo? De quem você ouviu isso?

— Não interessa.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu.

— Educada desse jeito, não deve ter muitos amigos, não é?

Fiquei sem jeito, porque aquele foi um comentário certo.

— Não. — Eu me ouvi dizer. — Eu não era muito popular no Ensino Médio.

Cam apoiou o ovo no prato e se recostou na cadeira.

— Merda. Desculpe. Foi uma coisa muito idiota isso que eu disse.

Fiz que não com a mão, mas doeu mesmo.

Ele me observou através dos cílios grossos.

— Mas é difícil de acreditar nisso. Você consegue ser legal e engraçada, quando não está me insultando, e é bem bonita. Na verdade, você é um espetáculo.

— Ah... obrigada. — Eu me contorci, arrumando os óculos.

— Estou falando sério. Você disse que seus pais eram rígidos. Eles não deixavam que você saísse no Ensino Médio? — Quando concordei, ele comeu o ovo que estava no prato. — Ainda não consigo imaginar que você não fosse popular no colégio. Você tem a tríade perfeita: inteligente, divertida e gata.

— Mas não era, está bem? — Arrumei os óculos de novo e fiquei ocupada com um fio solto na minha bermuda. — Eu era exatamente o oposto de popular.

Cam começou a tirar a casca de outro ovo. Fiquei imaginando quantos ele comeria.

— Sinto muito, Avery. Isso... isso é um saco. O colégio é uma coisa importante.

— Sim, é mesmo. — Nervosa, passei a língua nos lábios. — Você tinha muitos amigos?

Ele meneou a cabeça, concordando.

— Ainda conversa com eles?

— Alguns deles. Eu e Ollie cursamos juntos o Ensino Médio, mas ele passou os dois primeiros anos na Universidade de West Virginia, só depois se transferiu para cá; e eu vejo alguns outros aqui no campus e na minha cidade.

Passando os braços em volta das pernas, para controlar minha inquietação, apoiei o queixo nos joelhos.

— Você tem irmãos?

— Uma irmã — respondeu, pegando o último ovo (o quarto). Um sorriso espontâneo surgiu em seu rosto. — Ela é mais nova que eu. Acabou de fazer dezoito anos. Ela se forma este ano.

— Vocês são próximos? — Eu não conseguia imaginar como era ter um irmão como Cam.

— Sim, somos bem próximos. — Um olhar sombrio veio e se foi rapidamente, o que me fez questionar se eles eram assim tão próximos. — Ela é muito importante para mim. E você? Algum irmão mais velho com o qual deva me preocupar por ter feito esta visita e do qual tomarei uma surra por estar aqui?

— Não. Sou filha única. Tenho um primo mais velho, mas duvido que ele faria algo do tipo.

— Ah, que bom. — Devorando aquele ovo, ele se encostou na cadeira e deu uma batidinha na barriga. — De onde você é?

Apertei os lábios, tentando decidir se eu deveria ou não mentir.

— Tudo bem. — Ele colocou um braço no encosto da cadeira metálica. — Obviamente, você já sabe de onde eu sou, já que soube das minhas atividades extracurriculares no Ensino Médio, então vou apenas confirmar. Sou da região de Fort Hill. Já ouviu falar? Bem, a maioria das pessoas não tem ideia de onde seja. Fica perto de Morgantown. Por que eu não fui para a Universidade de West Virginia? Todo mundo quer saber isso. — Deu de ombros. — Só queria fugir de tudo aquilo, mas ficar mais ou menos perto da família. E, sim, eu era... bem ocupado no colégio.

— E agora não é mais? — perguntei, sem esperar bem uma resposta, porque não era da minha conta, mas veja o lado bom: se ele continuasse falando, eu não precisaria dizer nada.

E eu estava... interessada em saber mais sobre ele, porque Cam era fascinante, de certa maneira. Ele era como todos aqueles caras lindos e populares do colégio, mas não era um idiota. Só por isso já mereceria um estudo científico. Além do mais, aquilo era melhor do que ficar sentada pensando em telefonemas e e-mails que me atormentariam.

— Depende de quem pergunta. — Ele então riu. — Pois é, não sei. Quando eu era calouro, naqueles primeiros meses, rodeado de todas aquelas garotas mais velhas? Provavelmente, eu me concentrava mais nelas do que nas minhas aulas.

Sorri, pois consegui imaginar bem aquela cena.

— E agora não?

Ele balançou a cabeça.

— Então, de onde você é?

Muito bem. Obviamente, o que tinha mudado seu antigo status de jogador era algo sobre o que ele não queria falar. Visões de uma gravidez indesejável passaram pela minha cabeça.

— Eu sou do Texas.

— Texas? — Ele se curvou à frente. — Sério? Você não tem sotaque.

— Não nasci no Texas. Minha família veio de Ohio, mas nos mudamos para o Texas quando eu tinha onze anos e nunca peguei o sotaque de lá.

— Do Texas para West Virginia? É uma bela de uma diferença.

Desdobrando as pernas, fiquei de pé para recolher meu prato e a tigela dele.

— Bem, eu morava na parte do Texas longe da civilização, mas, tirando isso, aqui é mais ou menos a mesma coisa.

— Eu deveria lavar a louça. — Ele começou a se levantar. — Eu que fiz essa bagunça.

— Não. — Afastei-me com a tigela dele na mão. — Você cozinhou, eu lavo.

Ele cedeu, abrindo o pão embrulhado. O cheiro era maravilhoso.

— O que fez você escolher aqui?

Lavei os pratos e sua pequena frigideira antes de responder àquela pérola.

— Eu só queria fugir de tudo, como você.

— Mas deve ter sido difícil.

— Não. — Peguei a panela onde ele fervera os ovos. — Foi incrivelmente fácil tomar essa decisão.

Ele ficou pensativo enquanto partia o pão ao meio.

— Você é um enigma, Avery Morgansten.

Apoiei-me sobre o balcão, com os olhos arregalados ao vê-lo comer *metade* daquele pão.

— Na verdade, não. Você é que é.

— Como assim?

Apontei para ele.

— Você acabou de comer quatro ovos cozidos, está comendo metade de um pão e, ainda assim, tem o abdômen esculpido, igual daqueles caras da televisão.

Cam ficou animadíssimo ao ouvir aquilo.

— Quer dizer que andou dando uma olhada em mim, não é? Entre um insulto e outro? Estou me sentindo o gostoso.

— Cala a boca — eu disse rindo.

— Estou em fase de crescimento.

Ergui as sobrancelhas e Cam riu. Depois de comer metade do pão, ele falou um pouco sobre seus pais. Voltei para a mesa e me sentei, verdadeiramente interessada. O pai dele tinha um escritório de advocacia e a mãe era médica. Isso significava que Cam vinha de uma família bem de vida, não do tipo com que meus pais conviveriam, mas que tinha grana suficiente para pagar o aluguel dele. Estava na cara que ele era próximo dos pais, e eu o invejava por isso. Na minha infância e adolescência, tudo o que queria era que meus pais quisessem estar comigo, mas, em função dos eventos beneficentes, voos de jato e todos aqueles jantares, eles nunca estavam em casa. E, depois de tudo o que aconteceu, nas poucas vezes em que estavam, nenhum dos dois conseguia sequer olhar para mim.

— Então, vai voltar para o Texas nas férias de outono ou no Dia de Ação de Graças? — perguntou ele.

— Provavelmente não — respondi, entortando o nariz.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Tem outros planos?

Dei de ombros.

Cam parou de tocar naquele assunto. Já era quase meio-dia quando ele foi embora. Ao parar na porta, virou-se para mim, com a pequena frigideira em uma mão e o pão de banana na outra.

— Então, Avery...

Encostei o quadril no encosto do sofá.

— Então, Cam...

— O que vai fazer terça à noite?

— Não sei. — Olhei para baixo. — Por quê?

— O que acha de sair comigo?

— Cam — suspirei.

Ele encostou no batente da porta.

— Isso não foi um não.

— Não.

— Bem, isso foi um não.

— Sim, foi. — Eu me levantei do sofá e segurei a porta. —
Obrigada pelos ovos.

Cam se desencostou, com seu sorriso de costume.

— Que tal quarta à noite?

— Adeus, Cam. — Fechei a porta, sorrindo. Ele era completamente insuportável, mas, como na outra noite, estar perto dele tinha um efeito milagroso. Talvez fosse aquele duelo verbal, mas, qualquer que fosse o motivo, eu tendia a agir... normalmente. Como costumava ser.

Depois de tomar um banho, andei pelo apartamento e fui falar com Jacob ou Brittany para saber o que eles fariam. Por fim, joguei o celular no sofá e peguei o computador. Não poderia evitar meu e-mail para sempre.

Na pasta de lixo eletrônico havia alguns e-mails suspeitos. Dois com o meu nome como o assunto. Depois do último e-mail, aprendi a lição e cliquei em deletar com um certo alívio.

Porém, era estranho ficar recebendo e-mails agora. Quando eu estava no colégio, era uma coisa. Estava rodeada de gente, mas agora, depois que todos fomos para a faculdade? Alguma coisa não estava certa naquilo tudo. Tipo, será que eles não tinham nada melhor para fazer? Duvidei que pudesse ser Blaine, porque, por mais louco que fosse, ele mantinha distância de mim. E a ligação? Eu me recusei a mudar o telefone. Na época em que a coisa estava feia mesmo, quando eu recebia três ou quatro ligações por dia, fiz uma série de modificações nos números de telefone, mas as pessoas descobriram tudo outra vez.

Balançando a cabeça, cliquei no ícone da caixa da entrada e encontrei outro e-mail do meu primo. Sério? Fiquei tentada a não abrir porcaria nenhuma, mas acabei clicando.

“Avery,

Preciso falar com você o quanto antes. Ligue para mim a hora que for. É muito importante. Me liga.

David.”

Meu dedo deslizou pelo mouse pad.

Deletar.

CAPÍTULO 8

Nas semanas seguintes, e conforme o verão cedeu um pouco, entrei em uma espécie de rotina esquisita. De segunda a sexta, eu me levantava e ia para a aula. A cada dia que passava, comecei a querer que chegasse a aula de Astronomia. Nem tanto pelo fato de que eu nunca sabia o que o professor Drage diria ou o que ele vestiria. Alguns dias antes, estava desfilando com um jeans todo desgastado e uma camiseta *tie dye*. Acho que me concentrei mais naquilo do que em qualquer outra coisa. Mas, professor Calça Maluca à parte, era um certo companheiro de classe que tornava aqueles cinquenta minutos os mais divertidos da semana.

Em meio a comentários paralelos de Cam durante a palestra de Drage e seu conhecimento surpreendentemente apurado do sistema solar, ter fugido da aula de Astronomia no primeiro dia acabou sendo muito bom no longo prazo. Sendo Cam meu parceiro e quem se sentava ao meu lado, jamais eu repetiria aquela matéria.

Três vezes por semana, eu almoçava com Jacob e Brittany, e cheguei até a ir a um dos jogos de futebol com eles. Ainda não frequentava festas, coisa que nenhum dos dois entendia direito, mas eles não me abandonavam. Duas vezes por semana, iam ao meu apartamento. Não chegávamos a estudar muito, mas eu não reclamava. Gostava quando eles me visitavam. Está bem, gostar não é um verbo suficientemente forte. Eles eram maravilhosos, e fazia um tempão desde a época em que eu tivera amigos como eles, que não pareciam ligar quando eu agia como uma surtada, coisa que acontecia de vez em quando.

Pelo menos duas vezes por semana, eu recusava o pedido de Cam.

Duas. Vezes. Por. Semana.

Chegava ao ponto de eu meio que tentar prever como seria a abordagem dele na próxima conversa. O cara não desistia, mas parecia mais uma piada interna entre nós do que qualquer outra coisa. Pelo menos na minha opinião.

Também comecei a ansiar pelos domingos.

Toda manhã, desde aquela primeira, Cam aparecia na minha porta, em horários inacreditáveis, com ovos e alguma coisa que ele tivesse assado. No segundo domingo, foram muffins de mirtilo. No terceiro domingo, um bolo de abóbora — de saquinho, ele admitiu. No quarto e no quinto domingos, bolo de morango e depois *brownies*.

Brownies pela manhã eram o que havia de melhor.

As coisas estavam indo muito... bem, exceto pelos e-mails e telefonemas. Pelo menos uma vez por semana, eu recebia uma chamada de um NÚMERO DESCONHECIDO. Deletava as mensagens e os e-mails sem sequer abri-los. Havia, ao menos, quinze e-mails não lidos do meu primo. Um dia desses eu os leria, mas não conseguia me convencer a fazer aquilo, nem a ligar para os meus pais.

Eles não me ligavam, então eu também não fazia questão.

No início de outubro, eu estava muito feliz, coisa que não sentia há muito tempo. O aroma do outono, algo de que sentia falta quando morava no Texas, estava no ar, podia usar mangas longas sem parecer uma maluca, e sempre que estudávamos para as provas do meio do ano durante o almoço, comíamos M&M's e Confetes.

— Alguém pode me dizer, por favor, onde fica a Croácia neste mapa? — gemia Jacob. — Tipo, tem alguma música que eu possa decorar para me fazer lembrar disso de alguma forma?

— Hungria, Eslovênia, Bósnia — eu disse, apontando para o mapa em branco da Europa. — Aí, depois, vem a Sérvia.

Jacob olhou surpreso para mim.

— Maldita CDF.

Joguei um confete vermelho na boca.

— Foi mal.

— Consegue imaginar uma música com esses nomes? — Brit molhou sua batata frita na maionese.

— Isso é tão nojento — murmurou Jacob.

Ela deu de ombros.

— Mas é uma delícia.

— Na verdade, vou dar uma de *nerd* com você, então, prepare-se.
— Peguei um M&M's e o segurei na frente de Jacob. Os olhos dele se arregalaram como os de um cachorrinho prestes a ganhar uma recompensa. — Todos os países próximos da Croácia terminam com a letra A. Todos têm o mesmo som no fim. Imagine alguma coisa do tipo.

Jacob fixou os olhos em mim e disse:

— Não ajudou em nada.

Suspirei de cansaço.

— Você quer uma música?

— Sim. — Ele subiu na nossa mesa, no meio do restaurante, e gritou: — Sim! Eu quero uma música!

— Nossa.

Ele levantou as mãos, quando vários alunos se viraram nos assentos.

— O quê? Que foi? — Ele se virou de novo para mim. — Foi um pouco exagerado?

— Foi — respondi. — Sem dúvida alguma.

Brit apoiou a testa em seu livro de estudos.

— Fala sério — ela gemeu. — Não acredito que ele está nos fazendo decorar o mapa da Europa para a prova de meio do ano. Achei que essa merda tinha ficado para trás, lá no Ensino Médio.

— Crie uma música para mim, *nerd* — mandou Jacob.

— Ai, meu Deus, você é ridículo. — Balançando a cabeça, pus as mãos na mesa. — Muito bem. Aqui vamos nós. Hungria para cima à esquerda, para cima à esquerda; Sérvia para baixo à esquerda, para baixo à esquerda; Bósnia lá embaixo, lá embaixo. Eslovênia lá em cima, lá em cima. E onde fica a Croácia?

— Onde? Onde? — cantou Jacob.

— Do lado do Mar Adriático, do lado da Itália!

Jacob endireitou as costas e falou:

— De novo! De novo!

Cantei a música inteira mais duas vezes, enquanto Brit continuava sem acreditar no que estávamos fazendo. Enquanto isso, Jacob pegou sua caneta começou a rascunhar os nomes dos países no mapa; meu rosto estava da cor de um tomate, mas eu ria como uma hiena.

E ele acertou tudo no mapa, menos quando colocou a França onde deveria estar o Reino Unido, mas acho que ele só estava me testando naquela, porque não era possível.

Arremessei um M&M's na boca de Jacob, só que bateu em seu lábio inferior. Mais uma tentativa e acertei o M&M's em sua boca. Ele engoliu e se inclinou para a frente, trazendo o rosto perto de mim.

— Adivinha só?

— O quê? — Encostei-me na cadeira.

Ele piscou duas vezes.

— Aí vem o seu namorado.

Olhando por cima do ombro, avistei Cam entrando no restaurante não com uma garota, mas com uma garota de cada lado, sendo que as duas o contemplavam como se ele fosse o último gostoso do campus. Revirei os olhos para Jacob.

— Ele não é meu namorado.

— Garota, aquilo, sim, é concorrência. — Jacob cruzou os braços sobre a mesa. — Aquelas são Sally e Susan: vice-presidentes da beta, delta, boogie e da sigma-chi-latte.

As sobrancelhas de Brit baixaram.

— Isso não é de fraternidade.

— Tanto faz.

— Não é concorrência, porque não existe nada entre nós.

Lenta e confiante, olhei por cima do ombro. O trio tinha parado perto dos sofás. Cam estava prestando atenção em alguma coisa que as garotas lhe diziam. Uma delas, a loira, estava com a mão no peito dele, fazendo pequenos círculos. Não acreditei no que vi. Ela estava fazendo um exame de mama nele? Virei-me para Jacob.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Elas que fiquem com ele — eu disse, jogando três confetes na boca.

— Eu não entendo vocês dois — disse Brit, fechando o livro. Os estudos tinham acabado. — Vocês se veem praticamente todos os dias, certo?

Confirmei com a cabeça.

— Todos os domingos ele faz café da manhã para você, certo? — acrescentou ela.

Jacob mostrou o dedo do meio para mim.

— Eu te odeio por isso.

— Sim, ele faz, mas não é nada de mais. — Ainda bem que nunca lhes contei sobre ele me chamando para sair, porque eles nunca mais parariam de falar disso. — Olha, nós somos amigos. Só isso.

— Você é gay? — perguntou Jacob, apontando o dedo para mim.

— O quê?

— Olha, eu sou a última pessoa que vai julgar sua preferência sexual. Digo, pode confiar. — Ele apontou para si mesmo com os polegares. — Então, você é gay?

— Não. Não sou gay.

— Também não sou, mas viraria gay por você — Brit sorriu.

— Obrigada — eu ri. — Também viraria gay por você.

— Que lindo — ironizou Jacob. — Não é esse o ponto. Aquele lindo espécime masculino está fazendo de tudo por você... Ah, meu Deus, ele largou as duas poderosas e está vindo para cá.

Formou-se um nó no meu estômago e rezei a Deus, Shiva e Zeus para que Jacob não dissesse nada que me fizesse querer matá-lo mais tarde.

— Caramba — disse Jacob, balançando a cabeça. — Ele faz uma calça jeans parecer que foi moldada especialmente para o seu... Oi, Cameron! Tudo bem?

Fechei os olhos.

— Oi, Jacob. Brittany. — Cam sentou-se ao meu lado e cutucou meu braço. — Avery.

— Oi — murmurei, plenamente consciente de que Jacob e Brittany não tiravam os olhos de nós dois. Fechei meu caderno e o coloquei na bolsa. — O que está fazendo aqui?

— Ah, você sabe, vim atrás de caos e travessuras — respondeu ele.

— Isso me lembra tanto Harry Potter — suspirou Brit. — Preciso ler outra vez.

Todos se viraram para ela.

Suas bochechas brilhavam quando ela puxou seus cabelos louros para trás.

— Que foi? Não tenho vergonha de assumir que coisas aleatórias me lembram de Harry Potter.

— Aquele cara ali me lembra o Snape — disse Cam, apontando o queixo para a mesa atrás de nós. — Portanto, eu entendo.

O cara com o cabelo comprido preto meio que parecia mesmo Snape.

— E aí, o que vocês estão fazendo? — Cam mudou de posição e sua perna encostou na minha. Engoli seco. — Brincando com M&M's e Confetes?

— Exatamente! Isso, e estamos estudando para a prova de meio de ano de História que teremos na semana que vem. Temos que localizar todos os países da Europa — explicou Jacob.

— Ai. — Cam me bateu com a perna.

Bati de volta na perna dele.

— Mas Avery, a maravilhosa Avery... — Jacob olhou para mim, com o sorriso se expandindo, ao passo que eu queria matá-lo com o olhar. — Ela estava nos ajudando com os estudos.

— Estava mesmo — disse Brit.

Cam me fitou longamente e eu fiz que não era comigo.

Pousando o queixo sobre as mãos, Jacob sorriu para Cam.

— Antes de começarmos a estudar, eu estava contando a Avery que ela deveria usar mais vezes a cor verde. Faz com que ela fique sexy com esse cabelo dela.

Minha boca se abriu de espanto. Ele não havia dito coisa nenhuma sobre aquele cardigã estúpido que eu estava usando.

— Você gosta dela usando verde, Cam? — perguntou Brit.

Ai, meu Deus.

Cam se virou para mim, com aqueles olhos tão azuis quanto as águas da costa do Texas.

— Fica ótimo, mas ela é linda todos os dias.

Senti um calor subindo à minha cabeça ao expirar lentamente.

— Linda? — repetiu Brit.

— Linda — repetiu Cam, diminuindo de novo a pouca distância que eu tinha conseguido impor entre nós. Cutucou meu joelho outra vez. — Então, vocês aprenderam alguma coisa em seus estudos?

Soltei a respiração.

— Acho que sim.

— Por sua causa. — Jacob olhou para Brit e meu estômago foi lá no pé. — Avery compôs uma música para me ajudar a lembrar onde fica cada país.

Ah, não.

— Cante para ele sua música. — Brit me deu uma cotovelada tão forte que fui empurrada para cima de Cam e ricochetei de volta.

Um interesse brilhou nos olhos de Cam.

— Que música?

— Não vou cantar aquela música nunca mais.

Jacob voltou-se para Cam.

— É a música da Croácia.

Olhei para ele querendo matá-lo.

Cam riu.

— A música da Croácia? Como é que é?

— Não — eu disse novamente. — Não vou cantá-la de novo. Não tenho talento nenhum para isso.

— E que talentos você tem? — perguntou Cam, e, quando olhei para ele, meio que fiquei absorta encarando a mandíbula dele, a maneira como seu cabelo cobria as têmporas. Mas que diabos? Cam estava olhando para mim também, com as sobrancelhas levantadas. — Avery?

— Conte para nós — insistiu Jacob.

— Talentos são divertidos — disse Brit, acenando com a cabeça.

— Podem ser. — Cam baixou o olhar e eu inspirei suavemente. Ele se inclinou sobre mim, deixando não mais que cinco centímetros entre nossas bocas. Deu para ouvir Jacob perdendo o fôlego. — Diga-me quais são seus talentos, meu anjo.

— Meu anjo — murmurou Jacob com um suave suspiro.

— Dança — acabei falando. — Eu dançava. *Costumava* dançar.

O rosto de Cam se encheu de curiosidade.

— Que tipo de dança?

— Sei lá. — Peguei o saquinho de Confetes e despejei o restante na minha mão. — Balé, jazz, sapateado, contemporânea... esse tipo de coisa.

— Não brinca! — exclamou Jacob. — Fiz sapateado quando tinha uns seis anos, por cerca de um mês, mas então decidi que queria ser bombeiro ou coisa parecida. Aquela merda era difícil.

Brit sorriu meio de lado.

— Tentei dançar e descobri que não tinha coordenação ou graciosidade, só sabia rebolar a bunda. Você era boa nisso?

Dei de ombros, um tanto constrangida.

— Tive aulas por cerca de dez anos, participei de algumas competições e muitos recitais.

— Então você era boa! Aposto que você fazia todas aquelas técnicas e piruetas malucas.

Eu costumava fazer uma porção de movimentos, e até um tempo atrás era incrivelmente flexível, mas era boa mesmo naquelas piruetas — a *fouette tour*, possivelmente, a série de giros mais difícil no balé.

Cam ficou calado por alguns instantes, algo que me causou estranheza.

— Minha irmã começou a dançar aos cinco anos. Ainda dança. Acho que ela mataria alguém se a fizessem parar.

Enfiando o resto do Confete na boca, balancei a cabeça.

— Dançar pode ser viciante, se você gostar para valer.

— Ou se for boa — interveio Brit.

Cam me empurrou com o ombro.

— Por que você parou?

Eu amava dançar — amava todo o universo da dança. Os treinos, os ensaios e, principalmente, o frenesi que dava minutos antes de subir no palco. Nada era igual àquele momento, quando você esperava nas coxias seu nome ser chamado; a primeira respiração que dava ao assumir o centro do palco sob as luzes brilhantes. O instante de silêncio em que você fechava os olhos e esperava a música começar, sabendo que todos estavam olhando para você.

Dando de ombros, estiquei a mão para pegar o restante dos M&M's.

— Acho que me enjoei daquilo — disse finalmente. Que mentira absurda. Eu não tinha me enjoado de dançar. Era a coisa de que mais sentia falta, mas não suportava que as pessoas ficassem olhando para mim. — Sua irmã participa de competições?

Ele assentiu.

— Ela já viajou para todos os cantos e passou o verão na Joffrey School of Ballet, com uma bolsa de estudos.

— Puta merda. — Arregalei os olhos. — Ela deve ser muito boa.

Cam sorriu orgulhoso.

— Ela é mesmo.

A inveja crescia como um câncer, profundo e invasivo. Aquela poderia ter sido eu, dançando em um dos centros de treinamento mais reconhecidos no mundo. Deveria ser eu lá, mas não era, e precisava lidar com aquilo.

A conversa meio que não foi para lugar nenhum depois disso, pelo menos para mim. Cam bateu papo com Brit e Jacob enquanto eu estava perdida nos meus pensamentos, até dar a hora de ir para a aula. Combinei outra hora para estudar e me despedi de todos.

Cam me acompanhou até o lado de fora, onde brilhava a luz do sol, mas a brisa fresca e contínua nos alertou que o frio estava se aproximando. Ele não disse nada enquanto íamos para o Knutti Hall. Às vezes, fazia isso; eu nunca sabia, nem imaginava, o que ele podia estar pensando naqueles momentos de silêncio.

Foi naquela hora, quando atravessamos a rua congestionada e ele acenou para um grupo parado na frente do Byrd Center, que percebi como ele estava diferente de quando o vi com aquelas garotas mais cedo. Aquilo me incomodou, e eu nem sabia o motivo.

— Você está bem? — perguntou ele, quando paramos perto dos bancos na frente do Knutti Hall.

Sorri discretamente para ele.

— Sim, estou bem. E você?

Ele sorriu com a boca fechada e acenou.

— Ainda estamos combinados para amanhã à noite?

— Amanhã à noite? Ah! O trabalho de Astronomia. — Como parte das avaliações de meio de ano, Drage tinha mandado que fôssemos em duplas ao Observatório. Tínhamos que entregar nossas imagens na quarta-feira seguinte. — Sim, está combinado.

— Ótimo. — Cam se afastou. — Vejo você lá.

Comecei a me virar, mas parei quando uma coisa me ocorreu.

— Cam?

— Fala.

— O que você estava fazendo naquele restaurante? Geralmente, você não tem aula, tipo, agora mesmo?

Seus lábios se curvaram para cima, e lá estava de novo aquela maldita covinha. Quando ele sorria daquele jeito, parecia que um balão se enchia dentro do meu peito.

— Sim, geralmente, tenho aula a esta hora — disse ele, com aquelas duas safiras reluzindo ao sol —, mas eu queria vê-la.

Fiquei sem palavras ao vê-lo dar a volta e atravessar a rua, indo na direção oposta do meu prédio. Fiquei ali parada antes de me virar. Não tive como evitar o sorriso que separou meus lábios e não quis sair de mim.

CAPÍTULO 9

— **T**em certeza que sabe usar essa coisa? — perguntei, olhando para o telescópio.

Cam olhou para mim por cima do ombro.

— Como assim? Você não sabe?

— Não.

— Você não estava prestando atenção à aula quando Drage falou sobre isso e sobre as câmeras de imagem?

Cruzei os braços.

— Você estava desenhando o elenco de *Duck Dynasty* quando ele falou sobre o assunto.

Ele riu, voltando-se novamente para o telescópio e começando os ajustes nas maçanetas, botões e outras coisas de que eu não me lembrava.

— Eu estava ouvindo.

— Sei. — Eu me aproximei dele para usá-lo como proteção contra o vento frio que batia no teto do Byrd Center. — Na verdade, você é um excelente artista.

— Eu sei.

Revirei os olhos, mas ele era mesmo. Os esboços eram absurdamente vívidos, até as barbas dos caras.

Cam curvou-se para a frente, movendo uma alavanca.

— Já usei telescópio uma ou duas vezes na vida.

— Não caio nessa.

— Tudo bem. Eu usei quando fiz essa matéria antes — corrigiu-se, sorrindo para mim e se endireitando. Tombando a cabeça para trás, ele olhou para o céu escuro. — Cara, não sei se vamos conseguir ver alguma coisa até essas nuvens se espalharem.

Acompanhando seu olhar, fiz uma careta. Nuvens espessas e carregadas escureciam a maior parte do céu noturno. Havia certa umidade no ar, um cheiro de chuva.

— Bom, então é melhor você se apressar.

— Mandona — ele murmurou.

Eu sorri.

— Venha até aqui e lhe mostro como usar isso. — Cam deu um passo para trás, e, com um suspiro, assumi o lugar dele. — Você vai prestar atenção?

— Não muito — admiti.

— Pelo menos, você é sincera. — Cam inclinou-se e me envolveu, pondo os dedos no telescópio. O braço dele se esfregou no meu, mas não me importei. Ele estava bloqueando bem o vento. — Esta é uma câmera Philips ToUcam Pro II — explicou ele, apontando para uma coisa prateada que lembrava uma webcam. — Ela se conecta ao telescópio. Com essa configuração, você deve conseguir captar uma imagem clara de Saturno. Aperte isto aqui e vai tirar a fotografia.

— Tudo bem. — Puxei o cabelo para trás. — Acho que a tarefa não é tirar uma foto de Saturno.

— Hmmm... — Ele fez uma pausa. — Ei.

— Ei o quê?

— Saia comigo.

— Cala a boca. — Sorrindo, curvei-me à frente, aproximando o olho do telescópio. E tudo o que vi foi escuridão. A Astronomia me

odiava. — Não vejo nada.

— É porque eu não tirei o protetor da lente — riu Cam.

Dei-lhe uma cotovelada na barriga, o que foi quase a mesma coisa que acertar uma parede.

— Idiota.

Ainda rindo, ele foi tirar o protetor. Cam poderia ter dado a volta, porque eu estava bem na passagem, mas não foi isso o que fez. Toda a frente do corpo dele se encostou nas minhas costas, e eu não me mexi, fechando os olhos.

— Que foi? — perguntou ele.

— Teria sido mais fácil você dar a volta pelo lado para fazer isso — ressalttei.

— Verdade. — Ele baixou a cabeça, aproximando os lábios do meu ouvido. — Mas não seria divertido, seria?

Senti um arrepio nos ombros, mas respondi:

— Vá se divertir sozinho.

— Bom, isso não foi divertido — disse ele. — Tente de novo.

Respirando fundo, aproximei o olho de novo e, caramba, consegui ver. O planeta estava um pouco turvo, mas o tom levemente marrom era visível, assim como os anéis.

— Nossa!

— Está vendo agora?

Afastei-me do telescópio.

— Sim, é muito legal. Nunca cheguei a ver um planeta na vida real. Digo, não tive a oportunidade de fazer isso. É bem legal.

— Também acho. — Ele olhou para os meus cabelos, afastando algumas mechas do meu rosto. — Para onde devemos olhar agora?

— Sagitário e, depois, o asterismo Bule de Chá e seu rastro, ou seja lá o que for...

Uma gota de chuva grande e pesada pingou na minha testa. Pulei para trás, trombando levemente em Cam.

— Que merda.

Outra gota de chuva acertou meu nariz e eu dei um gritinho. Meus olhos se encontraram com os de Cam. Ele xingou e, em seguida, segurou minha mão. Começamos a correr pelo telhado, nossos sapatos escorregavam na superfície molhada. Quase tínhamos conseguido chegar à porta, quando o céu desabou e junto veio uma tempestade, ensopando-nos em questão de segundos.

Ele soltou uma gargalhada enquanto eu gritava.

— Ah, meu Deus — berrei. — Que frio horrível.

Parando repentinamente, ele se virou e me puxou para si. Meus olhos se arregalaram ao me sentir súbita e inesperadamente colada ao seu peito rígido. Levantei a cabeça e nos olhamos nos olhos. A chuva não parava de cair sobre nós, mas eu não conseguia sentir nada naquele instante.

Ele sorriu.

Aquele foi o único aviso.

Envolvendo minha cintura com o braço, ele se abaixou e me tirou do chão, apoiando-me sobre seu ombro. Comecei a gritar de novo, mas o som da minha voz foi encoberto pela gargalhada dele.

— Você estava correndo muito devagar — ele gritou em meio à chuva.

Agarrei na parte de trás do moletom dele.

— Ponha-me no chão, seu filho da...

— Segure-se! — Rindo, ele disparou em direção à porta, com o braço preso aos meus quadris, mantendo-me no lugar.

Algumas vezes ele escorregou nas poças que tinham se formado, e meu coração acelerava. Eu podia facilmente ver meu crânio se espatifando. Sentia cada passo que ele dava, deixando escapar pequenos gemidos em meio às contínuas ameaças que fazia contra sua integridade corporal.

Ele as ignorava ou apenas ria.

Cam parou numa derrapada e empurrou a porta para abri-la. Abaixando-se, entrou numa parte seca e um pouco mais quente, logo acima da escada. Ainda rindo até não poder mais, ele segurou meus quadris. Eu estava preparada para sair batendo nele assim que me soltasse, mas, quando ele me pôs no chão, meu corpo deslizou contra o dele, pouco a pouco. Devia ser por conta da nossa roupa molhada, porque a fricção fez com que o ar saísse de uma vez dos meus pulmões.

As mãos dele ainda estavam nos meus quadris, o toque dele ardia através do jeans. E ele olhou para mim; a cor dos olhos escureceu até um azul profundo e intenso, que era ardente e devastador ao mesmo tempo. Seus lábios perfeitamente esculpidos estavam separados e o hálito era levemente mentolado.

Eu estava toda encostada a ele. Havia uma sensação de explosão em várias partes do corpo; nas minhas entranhas, os músculos estavam contraídos, as pontas dos meus seios, enrijecidas, e minhas coxas formigavam. Minhas mãos estavam apoiadas no peito dele, porém eu não sabia exatamente como aquilo tinha acontecido. Não me lembrava de as ter colocado ali, mas lá estavam elas, e eu sentia o coração dele pulsar forte, uma batida constante sincronizada com a minha.

Uma de suas mãos deslizou pelas minhas costelas, deixando por onde passava rastros de excitação que eu desconhecia. Perdi o fôlego quando ele tocou os dedos no meu rosto, colocando as mechas molhadas do meu cabelo atrás da orelha.

— Você está ensopada — disse ele, com a voz mais grave que o normal.

Com a boca seca, respondi:

— Você também.

A mão dele ficou ali, com os dedos no meu rosto. Ele fez pequenos círculos aleatórios na minha pele.

— Acho que vamos ter que tentar isso outra noite.

— É verdade — suspirei, lutando contra o impulso de fechar os olhos e aproveitar o toque dele.

— Talvez devêssemos ter verificado o clima primeiro — disse Cam, e tive que sorrir.

Então ele se mexeu de maneira quase imperceptível. Um pequeno movimento que, de alguma forma, nos aproximou ainda mais, quadril com quadril. Senti um arrepio percorrer minha coluna. A consciência do meu corpo, do corpo *dele*, tudo aquilo era muito poderoso. Eu reagia a ele de forma instintiva, de um jeito a que não estava nada acostumada.

Meu corpo sabia o que fazer, o que *queria*, apesar de meu cérebro enviar diversos sinais de alerta, como se a Segurança Nacional estivesse em Código Vermelho.

Afastei-me dele, rompendo contato. Inspirava e expirava em pequenas explosões conforme fui recuando, encostando na parede atrás de mim. Ensopada, com as roupas geladas, e mesmo assim eu estava quente. Fervendo. Minha voz pareceu esquisita quando comecei a falar.

— Acho que... que nós deveríamos ir para casa.

Cam recuou, apoiando a cabeça na parede oposta, com as pernas levemente afastadas. Tudo nele parecia tenso, retesado.

— Sim, também acho.

Nenhum de nós se moveu por um minuto. Depois, seguimos em silêncio até a caminhonete. O que quer que tivesse acontecido entre nós ocorreu em profundo silêncio, e, quando chegamos ao nosso prédio, senti crescer dentro de mim uma ansiedade tremenda,

apagando os poucos momentos perto da escada, quando eu não era nada além de sensações, em vez de pensamentos.

Com os músculos tensos, desci da caminhonete e corri para baixo do toldo do nosso prédio. Cam estava ao meu lado, sacudindo o cabelo para tirar o excesso de chuva. Contornei o primeiro lance de escadas, passando os dedos em volta das chaves. Eu precisava dizer alguma coisa. Precisava fazer com que tudo aquilo deixasse de existir, porque eu não queria que houvesse tensão em nossa amizade, ou que ela mudasse de algum jeito.

Aquilo me afetou um bocado e senti meu estômago se contorcer todo.

Eu não queria perder Cam.

No último mês e meio, ele tinha se tornado parte fundamental da minha vida, penetrando meu cotidiano de forma que, se as coisas fossem mudar...

Mas eu não sabia o que dizer, porque não sabia o que tinha acontecido na escadaria. Meu coração começou a bater muito rápido quando ele subiu o primeiro degrau e, em seguida, parou de frente para mim.

— Saia comigo — pediu ele, passando a mão pelo cabelo molhado, tirando-o do rosto.

— Não — sussurrei.

Então a covinha apareceu em sua bochecha e eu expirei o ar que estava segurando. Ele voltou a subir a escada.

— Sempre tem o amanhã.

Eu o segui.

— Amanhã não vai mudar nada.

— Veremos.

— Não há nada para ver. Você está perdendo o tempo.

— Quando se trata de você, nunca é perda de tempo — ele replicou.

Como estava de costas para mim, não viu meu sorriso. Eu relaxei. Eu me esquentei. As coisas tinham voltado ao normal e, com Cam, tudo ficaria bem.

CAPÍTULO

Vinte e cinco e-mails do meu primo, desde o fim de agosto até o dia 14 de outubro.

Aquilo era absolutamente ridículo.

Esperei até passarem as provas de meio de ano para me sujeitar às babaquices que, com certeza, viriam à tona depois de abrir as mensagens. Parte de mim queria apenas deletá-las. De que servia ler aqueles e-mails? Dias diferentes, as mesmas merdas.

Mas eu me recostei na cadeira, exalando ruidosa e insolentemente.

Disse a mim mesma que os leria na segunda-feira. Não li. Disse que leria na terça. Necas, não li também. Já era quarta-feira, seis da manhã, e lá estava eu olhando para minha caixa de entrada havia trinta minutos.

David tinha a idade de Blaine quando tudo aconteceu. Ele era três anos mais velho que eu — dezessete. Blaine e ele eram amigos, mas David não estava na festa. Depois de tudo acontecer — a verdade, a questão entre os pais, as subsequentes mentiras e a merda sem fim que se tornou minha vida —, David soube do acordo, mas preferiu acreditar no que todos diziam.

Que eu tinha um caso grave de arrependimento de compra.

Mas David terminou a amizade com Blaine, porque, para o meu primo, quer eu estivesse ou não contando a verdade desde o início, não importava. A coisa toda simplesmente foi *nojenta* para David. Não o fez ser nem um pouquinho compreensivo comigo nos últimos cinco anos.

Rolando até o primeiro e-mail não lido, vi que datava do fim de agosto. Balancei a cabeça e cliquei para abri-lo. Igual ao que li antes. Eu precisava ligar para ele ou para os meus pais. Imediatamente. Revirei os olhos. Não podia ser tão importante, porque, se fosse, um deles já teria pego o telefone para me ligar.

Porém, aquela era minha família. Todos achavam que não deveriam pegar telefone algum. Eram ocupados demais para isso, importantes demais. Até meu primo, que aparentemente tinha tempo pra cacete para me mandar e-mails.

Deletei aquele.

Fui para o próximo.

A mesma coisa, mas havia algumas frases a mais. Alguma coisa a ver com uma garota dos tempos do colégio. Molly Simmons. Ela era um ano mais nova que eu e, é claro, não era minha amiga. Nem me lembrava de como ela era. David precisava conversar comigo sobre ela. Ele estava o que, namorando a menina e prestes a se casar com ela? Se assim fosse, fiquei surpresa que ele se desse ao trabalho de me contar.

Aquele era um casamento ao qual eu, provavelmente, não compareceria.

Deletei aquele e-mail e estava pronta para passar para o próximo, quando meu celular fez algum som. Apoiando os pés no chão, eu o peguei. Era uma mensagem de Brittany, querendo saber se eu a encontraria para tomar um café antes da aula de Astronomia. Mandeí uma resposta rápida dizendo que sim.

Fechando o notebook, fiquei de pé, decidindo que um café com Brit era um milhão de vezes melhor que ficar revirando uma pilha de e-mails chatos.

* * *

No almoço, Jacob estava agindo como uma lebre depois de fumar crack, porque não tínhamos aulas na quinta e na sexta devido ao

feriado do outono. Brit e ele estavam empolgados pela perspectiva de ir para casa. Fiquei feliz por eles, mas também um pouco desapontada. Fins de semana de quatro dias eram tudo o que um aluno de faculdade desejava, mas, para mim, aquilo significava quatro dias sem fazer absolutamente nada além de trombar com as paredes do meu apartamento e reforçar mais a ideia de que era uma *nerd*, lendo antecipadamente as matérias das minhas aulas.

Mas o bom humor deles era contagiante, e me vi rindo enquanto Jacob tentava convencer um cara na outra mesa de que, se um zumbi mordesse um vampiro, ele se tornaria um zumbi-vampiro, enquanto o outro cara estava convencido de que ele se tornaria um vampiro-zumbi.

Brit parecia querer que um zumbi invadisse o restaurante e mordesse todo mundo.

— Então, o que você vai fazer no feriado? — ela perguntou.

— Vou ficar por aqui — respondi, acrescentando minha desculpa já famosa. — Não compensa viajar para tão longe só por quatro dias.

— É verdade. — Ela pegou um guardanapo enrolado e o jogou nas costas de Jacob, mas ele estava muito compenetrado com sua fantasia zumbis/vampiros. — Saio hoje depois da minha última aula. — Em seguida, apoiou a cabeça no meu ombro. — Vou sentir sua falta.

— Eu também.

— Você vai ficar desolada sem mim.

— Eu sei.

Ela se levantou com os olhos brilhando de entusiasmo.

— Sabe que, se quiser, pode ir comigo para a minha casa.

— Ah, Brit... — Eu queria abraçar aquela garota ou chorar. A proposta tinha um valor enorme para mim. — Obrigada, mas é o tempo que você tem com a sua família e tal.

— Bem, pense no assunto. Se mudar de ideia até as três da tarde, manda uma mensagem e eu pego você na mesma hora. — Ela deu um gole em seu refrigerante. — O que Cam vai fazer? Ele vai para casa?

Boa pergunta. Antes que eu pudesse responder, Jacob girou tão rápido que pareceu que alguém havia gritado seu nome.

— O que tem o marido dos meus sonhos?

Brit riu.

— Eu estava perguntando para Avery se ele vai para casa no feriado.

— E ele vai? — perguntou Jacob.

Puxando o cabelo para trás, dei de ombros.

— Sei lá.

Jacob franziu as sobrancelhas.

— Como assim, “sei lá”?

— Eu simplesmente não sei. Ele não tocou no assunto.

Os dois trocaram olhares e Brit disse:

— Estou um pouco surpresa por ele não ter comentado nada com você sobre isso.

A confusão tomou conta de mim.

— Por que você ficou surpresa?

Jacob olhou para mim como se eu fosse uma trouxa.

— Vocês dois são grudados até o último fio de cabelo...

— Não, não somos. — Franzi a testa. Éramos? — Não.

— Muito bem, preciso desenhar quanto tempo vocês dois ficam juntos? — Jacob arregalou os olhos. — Acho que não seria um absurdo se a esta altura você soubesse sobre os planos dele, ou até mesmo o tamanho do pau dele.

— Ai, meu Deus! — Escondi o rosto nas mãos.

Brit deu uma risadinha.

— Você está fazendo Avery ficar vermelha.

E estava mesmo.

Jacob riu dissimuladamente.

— Acho que vocês estão namorando em segredo.

— O quê? — Levantando a cabeça, olhei bem para ele. — Não estou namorando em segredo. Pode acreditar, ele até me chamou...

— Parei de repente. — Não estamos tendo nada.

— Opa, opa, *opa*. — Jacob praticamente se jogou em cima de mim. — Ele chamou você para quê?

— Nada. — Encostei-me na cadeira, cruzando os braços. — Ele não me chamou para nada.

Jacob olhou para Brit.

— É impressão minha ou ela não é lá muito boa em mentir?

— Nada boa — comentou Brit, virando-se na minha direção. — Para que ele te chamou?

— Nada!

— Lorota! — Ela me deu um soco no braço. — Você está mentindo!

— Ai! Eu...

Jacob balançou a cabeça, parecendo prestes a cair no chão.

— Nós somos seus amigos. E está na lei da amizade que você conte para nós coisas que você não quer contar para nós.

Meu queixo caiu.

— O quê? Isso não faz o menor sentido.

— Está na lei. — Brittany concordou solenemente.

— Para que ele chamou você? — insistiu Jacob. — Para comer mais dos *cookies* dele? Para ser a *fofinha* dele? Ou chamou você para ir à igreja com ele? Ou chamou você para esquentar a cama dele toda manhã, tarde e noite? Ele...?

— Meu Santo Deus! — Não tinha como escapar daquilo. Eu conhecia Jacob. Ele não pararia até que o restaurante inteiro achasse que eu fosse me casar e ter um filho. — Está bem. Eu falo, contanto que prometa que não vai surtar ou gritar.

Jacob fez uma careta.

— Ah, eu não sei.

— Ele promete! — Brit olhou para ele incisiva. — Ou vou enchê-lo de porrada.

— Eu prometo. — Ele balançou a cabeça.

Expirei ruidosamente.

— Ok. Não é nada de mais. É bom dizer isso com antecedência. Todos entenderam? Ótimo. Muito bem, então, Cam tem me chamado para sair...

— O quê? — Jacob deu um grito agudo, fazendo muitas cabeças se virarem.

Meus ombros afundaram de desânimo.

— Você prometeu!

— Desculpe. — Ele pôs a mão no coração. — É que... nossa... fiquei empolgado.

— Deu para notar — eu disse ironicamente.

As mãos de Brit estavam coladas em seu peito.

— Ele tem chamado você para sair, tipo, já aconteceu várias vezes?

Concordei.

— Isso. Mas eu disse não em todas as vezes.

— Você disse não? — gritou ele, então levantei e dei um tapa em seu braço. Ele sorriu para mim. — Desculpe. Desculpe. Não me bata. As garotas me dão medo quando querem me bater.

Sentando novamente, olhei para ele.

— Sim. Eu disse que não.

— Por quê?

— E ele continua chamando? — perguntou Brit ao mesmo tempo.

— Sim, ele continua chamando, mas é uma espécie de... piada recorrente entre nós. Não é de verdade.

Brit puxou o próprio cabelo, como se estivesse estressada ou algo do tipo.

— Como sabe que ele não está falando sério?

— Qual é? — Levantei as mãos. — Ele não está falando sério.

— Por quê? — Jacob estava aparentemente chocado. — Você é uma garota inteligente e engraçada. Você não gosta de farrear, mas é gostosa, e isso meio que compensa qualquer coisa.

— Nossa, valeu.

— O que estou tentando dizer é: como você sabe que ele não está falando a verdade?

Balancei a cabeça.

— Não é verdade.

— Voltando para a pergunta que não quer calar — disse Brit. — Por que você disse não a ele?

— Por que diria sim? — Poderia um buraco surgir e me sugar? Por favor? — Nós mal nos conhecemos.

— Puta merda! Vocês dois já estão parecendo almas gêmeas a esta altura. E para que acha que serve um encontro? — Jacob revirou os olhos. — A ideia é justamente conhecer a outra pessoa. E você já o conhece, portanto essa desculpa é muito esfarrapada.

Era uma desculpa esfarrapada, mas era a melhor que eu tinha.

— Como você acha que realmente conhece uma pessoa?

Brit bateu as mãos nas bochechas e balançou a cabeça.

— Ele não é um *serial killer*.

— Falando em *serial killers*, todos achavam que Ted Bundy era um homem charmoso e boa pinta. E vejam só o que aconteceu. Psicopata de marca maior.

Jacob olhou para mim, com a boca levemente frouxa.

— Ele não é Ted Bundy.

— Eu não compreendo — sussurrou Brit. — É como dizer que a Terra é plana. Cam é tipo o solteirão mais cobiçado neste campus; possivelmente nesta cidade e neste estado.

Não falei nada.

— Estou chocada, sem palavras. — Brit balançou a cabeça. — Completamente sem palavras. Alguém tire uma foto desta cena.

— *A-ha!* — O sorriso de Jacob fez crescer minha ansiedade. — Aí vem Cam. Que coincidência!

Baixei o rosto na mesa e gemi quando Brit começou a rir. Embaixo da mesa, Jacob chutou minha perna e, dois segundos depois, *senti* a presença de Cam antes que ele dissesse uma só palavra. Também senti seu cheiro. Será que era esquisito eu reconhecê-lo só pelo cheiro? Aquilo parecia estranho. Era estranho.

— Hã... o que está fazendo, Avery?

Tentei imaginar todo tipo de desculpa que pudesse inventar, porque eu sabia — ah, como sabia — que Jacob não ficaria calado.

— Cochilando.

— Cochilando?

— É.

Cam cutucou a parte de trás do meu casaco.

— Por que será que não consigo acreditar nisso?

Encolhi os ombros, constrangida.

Ele se sentou ao meu lado, com a mão na minha lombar. Minhas roupas devem ter ficado mais finas, porque senti a mão dele na minha pele.

— Você está doente?

— Oh, como ele se preocupa com você! — exclamou Jacob. — Avery, como você é má.

Cam endureceu, baixando o tom de voz de um jeito que eu nunca ouvira.

— Como é que é?

Levantei a cabeça, com os olhos fixos em Jacob.

— Não estou doente.

— Está bem. — Cam olhou em volta, e Brit caiu na gargalhada. — O que está acontecendo?

Antes que eles pudessem responder, eu me antecipei.

— Você não deveria estar na aula?

Ele franziu a testa.

— Todos foram dispensados mais cedo. Não mude de assunto.

Abri a boca, mas o maldito do Jacob começou antes de mim.

— Avery acabou de nos informar que você a tem chamado para sair e que ela o rejeita todas as vezes, e estávamos tentando explicar que ela está completamente maluca.

— Olha só. — O olhar duro amaciou imediatamente, e eu quis me enfiar debaixo da mesa. — Estou gostando desta conversa.

Saco.

— Então é verdade? — perguntou Jacob, pousando os cotovelos sobre a mesa. — Você a tem chamado para sair?

Cam olhou para mim de soslaio.

— Tenho mesmo, quase todos os dias desde o fim de agosto.

Do meu outro lado, Brit deu um grito, como se fosse um daqueles brinquedos de apertar.

— Desde agosto?

Ele confirmou com a cabeça.

Brit arregalou os olhos para mim.

— E você não nos disse nada?

— Agora fiquei ofendido — comentou Cam.

Cutuquei-o com o cotovelo.

— Não está coisa nenhuma. E isso não é da conta de ninguém.

— Mas nós somos seus amigos — disse Jacob, tão sentido que comecei a me sentir mal. Ele se virou para Cam. — Nós somos totalmente a favor de que ela saia com você.

Ok. Eu já não me sentia mal por ele.

— Gostei dos seus amigos, Avery. — Cam sorriu em resposta ao meu olhar torto.

— Ah, achamos que ela deveria ir — disse Jacob. — Tipo, ela deveria ir agora mesmo.

— Também dissemos a ela que você não é nenhum *serial killer* — interveio Brit.

Cam acenou com a cabeça.

— Essa é uma excelente observação. “Ei, pelo menos ele não é um *serial killer*.” Acho que vou acrescentar isso ao meu perfil do Facebook.

Não tive como não rir dessa.

Jacob estava visivelmente animado.

— E ela o comparou a Ted Bundy.

— Eu te odeio — murmurei, tirando o cabelo do rosto. — Eu não o comparei a Ted Bundy. Só disse que nunca se sabe quem é quem. Todos achavam que Ted Bundy fosse um cara legal.

Cam olhou para mim, gostando do rumo da conversa.

— Nossa. Isso só melhora a cada instante.

— Como é? — perguntei, lutando para não rir.

Ele suspirou, virando-se novamente para os meus amigos.

— Ela fica me rejeitando. Isso corta meu coraçãozinho.

— Ele não está falando sério — suspirei.

— Ele parece bem sério — disse Brit, com um olhar de pena para Cam.

Ele já a convencera, caramba.

Cam falou com a voz mais lamuriosa de todos os tempos, e eu revirei os olhos.

— E agora ela acha que eu sou o próximo Ted Bundy.

— Eu não acho que você seja o próximo Ted Bundy.

— Além disso, ela não tem a cor de cabelo que Ted Bundy curtia — disse Brit. Nós todos olhamos para ela. — Que foi? Ted Bundy gostava de garotas com cabelo castanho, repartido ao meio. O cabelo de Avery é bem ruivo.

— Eu sou a única pessoa que acha inquietante você saber disso tudo? — perguntou Jacob.

Brit contraiu os lábios.

— Fiz aulas de Psicologia. Eu conheço essas coisas.

— Sei — murmurei.

— Que seja, isso não tem nada a ver comigo e meu vasto conhecimento a respeito de *serial killers*. Posso impressioná-los mais tarde com isso. O foco agora é você, Avery. — Ela sorriu quando olhei feio para ela. — Esse belo e jovem cavalheiro, que não é um *serial killer*, está chamando você para sair. Você é solteira. Você é jovem. Você deveria aceitar.

— Ah, meu Deus. — Esfreguei as mãos no rosto. — Já não está na hora de todo mundo ir para casa?

O risinho baixo de Cam penetrou minha pele.

— Saia comigo, Avery.

Chocada, virei-me para ele. Não podia crer que ele tinha, de fato, me chamado para sair na frente deles, depois de tudo aquilo.

— Não.

— Viram só? — Cam sorriu para os meus amigos. — Fica me rejeitando.

Jacob balançou a cabeça.

— Você é uma idiota, Avery.

— Tanto faz — rosnei, pegando minha bolsa. — Eu vou para a aula.

— Nós te amamos — disse Jacob, sorrindo.

— Tá bom.

Brit riu também.

— Amamos, sim. Só questionamos suas decisões.

Balançando a cabeça, fiquei de pé.

— Tenham cuidado ao volante quando estiverem indo para casa.

— Nós sempre tomamos cuidado. — Ela deu um pulo e me abraçou. — Lembre-se do que eu disse sobre ir para a minha casa. Se mudar de ideia, mande mensagem antes das três.

— Está bem. — Abracei-a de volta e dei um rápido aceno para Jacob. É claro, Cam já estava de pé, esperando por mim. Olhei de lado para ele. — Vai me seguir?

— Como um bom *serial killer* — respondeu.

Eu me afastei dele, conforme cruzamos o restaurante até a saída.

— Você sabe que não era sério, certo? E desculpe por ter falado com eles sobre aquilo. Eles não paravam de me encher a paciência falando de você, aí, quando me dei conta...

— Está tudo bem — ele me cortou, colocando o braço sobre os meus ombros ao pararmos diante de uma fileira de árvores entre os dois prédios. — Eu não ligo.

Olhando para ele, fiquei indignada.

— Você não liga?

Ele balançou a cabeça, e fiquei meio que sem chão. Que pessoa no mundo iria querer que soubessem que ela vinha chamando um outro alguém para sair, e esse alguém recusava o pedido repetidamente? Eu não iria querer que ninguém soubesse. E por que Cam não desistia de me chamar para sair? Era como se eu fosse a única opção para ele. Com aqueles cabelos negros ondulados, olhos azuis profundos, rosto e corpo cobiçáveis, Cam era, sem dúvida, maravilhoso. Duvido que tivesse uma única garota no campus que não achasse isso. Mas ele era muito mais que um cara gostoso de tirar o fôlego. Cam era charmoso, bacana, carinhoso e engraçado. Ele era o tipo de cara que você iria querer levar para casa e exibir — o tipo de cara que nunca ficava solteiro por muito tempo e pelo qual só lhe restava se apaixonar loucamente.

Cam tinha várias opções, então, por que não as explorar? Talvez estivesse explorando. Ao contrário do que Jacob e Brit achavam, eu não ficava com ele dia e noite. Ele saía muito com aquela tal de Steph, e eu sempre o via andando com outras garotas pelo campus. A parte de me chamar para sair não deveria ser séria.

Não podia ser, não depois de quase dois meses de insistência.

Um nó desconfortável se formou no meu estômago. E se ele estivesse saindo com outras garotas? Ficando com elas? Digo, tinha todo o direito de fazer isso, e eu não dava a mínima. Nem um pouquinho.

— Ih... — disse ele.

— O quê?

Baixou o braço, mas segurou uma mecha do meu cabelo, tirando-a do meu rosto e passando-a por trás da minha orelha.

— Você está pensando.

Tentei ignorar como minha bochecha formigou quando os dedos dele me tocaram. Talvez eu estivesse desenvolvendo alguma doença neurológica.

— Estou.

— Sobre quê?

— Nada de mais. — Sorri ao parar de pensar nele com outras garotas. Não podia me deixar levar por aquela ideia. — Vai para casa este fim de semana?

— Vou. — Ele se aproximou, bloqueando o sol nos meus olhos. Quando começou a falar, segurou meu cabelo, separando-os em duas longas marias-chiquinhas de cada lado do meu rosto. — Saio amanhã bem cedo. Só estarei de volta no domingo à noite. Então, nada de ovos esta semana.

— Uh... — Falei com genuína decepção. Os ovos aos domingos tinham se tornado a marca registrada dos fins de semana.

— Não chore muito. — Um leve sorriso apareceu quando ele começou a espetar meu rosto com as pontas do meu cabelo. — Você vai aceitar a proposta de Brit e ir para a casa dela?

Balancei a cabeça.

— Vou ficar por aqui mesmo e ler um pouco.

— *Nerd.*

— Idiota.

O sorriso dele cresceu, e ele soltou meu cabelo sobre os ombros.

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

Cam deu um passo para trás, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Você deveria sair comigo esta noite, já que não estarei aqui no fim de semana.

Eu ri.

— Eu não vou sair com você.

— Então, vamos nos encontrar.

Meu sorriso começou a se desfazer.

— E como isso é diferente de sair com você?

— E qual é a diferença entre você se encontrar comigo hoje à noite e nós nos encontrarmos todos os domingos?

Pois é, ele tinha uma ponta de razão. Meu coração acelerou ao observá-lo.

— O que você pensou em fazer?

Ele deu de ombros.

— Pedir comida por telefone e ver um filme.

Mudei o peso de um pé para o outro, desconfiada.

— Isso me parece um encontro.

— Não é um encontro comigo, meu anjo. — Ele riu. — Eu a levaria para sair, tipo, em público. Isso são só dois amigos assistindo a um filme e comendo juntos.

Apertando os lábios, desviei o olhar. De alguma forma, eu sabia que não era disso que se tratava, mas, novamente, não sabia nada sobre homens ou ter amigos homens. Não pensei duas vezes quando Brit e Jacob vieram falar comigo. Por que eu deveria tratar Cam de forma diferente?

Porque ele era diferente para mim.

Nada daquilo importava, porque eu queria me encontrar com ele. Cam era divertido. Então eu suspirei e, finalmente, disse:

— Tudo bem, vai. Passa lá em casa.

Cam arqueou uma sobrancelha.

— Nossa. Acalme-se antes que tenha um ataque de tanta animação.

— Eu estou animada. — Dei-lhe um cutucão no ombro. — Que horas?

— Que tal às sete?

Lá no fundo do estômago, senti brotarem milhares de nós.

— Para mim está ótimo. Vejo você lá.

Ao pisar na calçada, ele me parou.

— Avery?

— Sim? — respondi, virando-me para ele.

Ele sorriu de lado.

— Vejo você hoje à noite.

Parecia que eu estava numa montanha-russa. Aquela seria uma tarde *bem* longa.

CAPÍTULO

Os nós que brotaram começaram a se multiplicar em escala industrial. Parti da sensação de querer vomitar para a de querer sair correndo pelo meu apartamento como uma lunática.

Estava exagerando, eu sei.

De acordo com Cam, aquele não seria um encontro. Apenas dois amigos fazendo uma refeição. Nada de mais, nada que merecesse muita atenção. Também não era a primeira vez que nós nos encontrávamos. Seria só a primeira vez que ele *pediu* antes de vir.

Tomei um banho — o segundo do dia.

Limpei o apartamento e troquei três vezes de roupa, o que foi uma idiotice, porque acabei escolhendo uma calça de ginástica e uma camisa de manga comprida. Então gastei um tempo absurdo tentando domar meu cabelo de forma a cair ondulado pelo meio das costas. Passei um pouco de maquiagem, limpei o rosto e passei tudo de novo.

Na hora em que ouvi uma batida na porta, quis jogar a cabeça contra a parede.

Cam estava do mesmo jeito de sempre ao entrar no meu apartamento — presunçosa e absolutamente divino. Usava um jeans desgastado e uma camiseta de uma banda de rock antiga, além de seu típico boné de beisebol. Em uma mão estava uma pilha de DVDs e na outra um saco de onde exalava cheiro de comida chinesa.

Meu estômago roncou.

— Nossa! O que tem aí?

— Nossos sonhos realizados.

Sorri, fazendo um gesto de agarrar.

— Camarão salteado?

— Isso aí! — Ele me entregou o saco de papel e corri para a cozinha como uma criança esfomeada. — Também trouxe alguns filmes. Não tinha ideia do que você estaria a fim de ver.

Tirando pratos do armário, olhei para ele por cima do meu ombro. Cam tirou o boné e passou a mão no cabelo. Seus cachos escuros estavam lindamente bagunçados. Ele me viu olhando e seus lábios formaram um sorriso. Disfarcei, ficando vermelha.

— Então, o que trouxe?

— Vejamos... Temos uma boa seleção aqui. No gênero terror, trouxe os dois últimos *Resident Evil*.

— Dois filmes? — Apoiei os pratos no balcão.

Ele riu e disse:

— Você não vai se ver livre de mim tão facilmente.

— Que saco. O que mais você trouxe?

— No departamento de comédias, tenho os últimos filmes de Vince Vaughn e Will Ferrel. Quanto aos de ação, tenho um James Bond e outro em que um monte de coisa sai explodindo pelos ares. E trouxe também *Diário de uma Paixão*.

Virei-me de supetão, quase deixando cair os talheres.

— *Diário de uma Paixão*? Você tem o DVD de *Diário de uma Paixão*?

Cam olhou chocado para mim.

— Qual é o problema?

— Ah, não tem nenhum problema. É que meio que... sei lá... um filme de menina.

— Tenho confiança suficiente na minha masculinidade e na minha sexualidade para dizer que Ryan Gosling está simplesmente um *sonho* nesse filme.

Meu queixo foi ao chão.

A expressão de seriedade sumiu de seu rosto e ele começou a gargalhar.

— Estou brincando. Eu não tenho *Diário de uma Paixão*. Nunca assisti. Não trouxe nenhum filme de romance.

Revirei os olhos.

— Besta.

Cam riu de novo.

— Também nunca vi *Diário de uma Paixão*. Não sou muito fã de filmes românticos — admiti, abrindo as caixas com comida.

— Sério? Achava que todas as garotas já tinham visto esse filme a ponto de decorar cada fala.

— Não.

— Interessante.

— Não muito. — Peguei uma colher. — Quanto você quer?

— Pegue o quanto quiser e eu me viro com o que sobrar. — Ele caminhou por trás de mim e eu enrijei. Os pelos da minha nuca ficaram eriçados. Mudei de posição, ficando meio de lado. Ele inclinou a cabeça de lado. — Você está tão inquieta.

— Não estou inquieta.

— É maneira de dizer.

Servi um punhado de arroz frito e camarão no meu prato.

— É uma maneira de dizer bem boba.

Cam parecia querer dizer outra coisa, mas mudou de ideia.

— Que filme vai querer ver?

— Vamos de *Resident Evil*.

— Uma garota que combina comigo. — Ele pegou dois DVDs e foi para a sala. Meu olhar o acompanhou. — Vamos de zumbis.

Suspirando, balancei a cabeça. Despejei a maior parte do refogado no prato dele e levei nossa comida para a sala, apoiando os pratos na mesa de centro. Cam estava próximo da televisão, mexendo no aparelho de DVD. Acendi a luminária para clarear um pouco a sala escura.

— O que quer para beber?

— Você tem leite?

— Você quer leite com comida chinesa?

Ele consentiu.

— Preciso da minha dose de cálcio.

Meu estômago se contorceu, mas fui buscar para ele um copo de leite e, para mim, uma lata de Pepsi.

— É meio nojento, sabia? — Sentei-me no sofá, enfiando as pernas embaixo de mim. — Combinação estranha.

Ele se sentou ao meu lado com o controle remoto na mão.

— Você já experimentou?

— Não.

— Então, como sabe que é nojento?

Dei de ombros e peguei meu prato.

— Presumo que seja.

Ele me olhou longamente e disse:

— Até o fim do ano vou convencê-la a experimentar leite com comida chinesa.

Sem me preocupar em responder àquilo, encostei no sofá e me concentrei na comida. Cam pôs o filme e se acomodou no sofá, com

a coxa tocando meu joelho. Haviam passado dez minutos quando ele falou:

— Pergunta?

— Manda.

— Então, estamos num apocalipse zumbi, certo? Os zumbis surgem de todas as partes, correndo raivosos nos prédios e nas ruas. Você já quase morreu três vezes a esta altura e sofreu *duas* vezes a mutação pelo vírus T, o que parece ser algo bem doloroso. Você encontraria tempo em sua rotina diária obviamente agitada para arrumar o cabelo e colocar maquiagem?

Soltei uma gargalhada com aquela pergunta absurda.

— Não, de jeito nenhum. Não sei nem se me preocuparia em escovar o cabelo. E outra coisa. Já notou como todo mundo tem dentes tão brancos que chegam a cegar o outro? A sociedade já entrou em colapso há seis anos. Ninguém vai ao dentista. Amarelem os dentes desses caras!

Cam terminou seu prato.

— Ou como a mulher troca a cor do cabelo de filme para filme.

— Sim, porque, num apocalipse zumbi, as pessoas têm muito tempo para pintar o cabelo.

Ele riu e continuou:

— Ainda assim adoro esses filmes.

— Eu também — admiti. — É basicamente a mesma coisa em todos os filmes, mas sei lá. Tem alguma coisa de viciante nessa coisa de Alice matando esse monte de zumbis. E espero que, quando houver esse surto de zumbis, eu fique como ela, dando uns chutes nas caras desses bichos.

Rindo, ele recolheu os pratos então vazios e os levou para a cozinha. Voltou com outro copo de leite e mais uma lata de refrigerante para mim.

— Obrigada — eu disse.

Ele se sentou de novo e o sofá afundou um pouquinho, fazendo-me escorregar para perto dele.

— Eu vivo para servi-la.

Eu sorri.

Durante a maior parte do primeiro filme, continuamos a denegrir todos os momentos ridículos, rindo dos nossos próprios comentários idiotas. Bem quando Alice estava prestes a dar uma de boazona para cima de Rain, meu telefone tocou. Pensando que fosse Brittany ou Jacob, já entediados em casa, eu me curvei para atender. Uma sensação de inquietude subiu pela minha coluna quando vi NÚMERO DESCONHECIDO na tela. Rapidamente, mandei a ligação para a caixa postal.

— Não vai atender? — perguntou Cam, levantando as sobrancelhas.

Balancei a cabeça, desligando discretamente o telefone e colocando-o de volta na mesa de centro, com a tela para baixo.

— Acho falta de educação atender o telefone quando se está com visitas.

— Eu não ligo.

Sentando-me novamente, comecei a roer a unha do meu dedão, concentrada na TV. Não estava exatamente prestando atenção ao que passava, só me dando conta de que o filme havia acabado quando Cam levantou para colocar o outro. Disse a mim mesma para não pensar no telefonema ou na mensagem que, eu sabia, estaria esperando por mim. Depois da primeira ligação, vinha deletando todas as mensagens sem ouvi-las. Mais uma vez, considerei ir à loja de telefones e trocar meu número, mas, para mim, parecia que eu estava deixando o filho da mãe ganhar. Eu ainda não tinha ideia de quem pudesse ser. Não podia ser Blaine, mas que é que eu sabia? Quem quer que fosse, eu o tratava como um *troll* de internet. Melhor ignorar.

Os dedos de Cam, de repente, envolveram meu punho, fazendo-me erguer a cabeça de repente. Ele estava me observando em vez do filme.

— Que foi? — perguntei, baixando o olhar para sua mão. Ela dava a volta completa em torno do meu punho.

— Você está mordendo a unha há dez minutos.

Tudo isso? Bem, era meio que nojento.

Ele baixou meu braço até minha coxa, mas não me soltou.

— O que houve?

— Nada. Estou assistindo ao filme.

— Acho que você não está vendo filme nenhum. — Nossos olhos se encontraram e meu coração acelerou. — O que está acontecendo?

Puxei o braço e ele me largou.

— Nada está acontecendo. Assista ao filme.

— Sei, sei — murmurou ele, mas deixou o assunto de lado.

Os comentários diminuíram no segundo filme e minhas pálpebras começaram a cair. Toda vez que eu piscava, parecia que meus olhos demoravam mais para reabrir. Cam mudou de posição e eu deslizei mais ainda no sofá, mais para perto dele. A lateral do meu corpo se encontrou com a dele, e achei que deveria me afastar, mas ele estava quente, eu me sentia confortável e preguiçosa demais para fazer aquele esforço. Além do mais, ele não pareceu dar muita importância. Se fosse o caso, ele não teria se afastado ou me empurrado?

Devo ter perdido a consciência durante o filme, porque, quando abri os olhos, parecia que a televisão havia mudado de posição. Lentamente fui percebendo que eu tinha mudado de posição e — *ah, Santa Mãe de Deus* —, como fui parar ali?

Embolado ao meu lado, havia um cobertor, que estava na parte de trás do sofá, estendido sobre mim, e minha cabeça estava pousada no colo de Cam.

Na coxa dele, para ser exata.

Fiquei sem fôlego, meu coração deu um salto no peito e meus olhos se arregalaram. Havia um peso leve no meu quadril, a sensação e a forma de uma mão — a mão de Cam. Ele estava dormindo? Ai, meu Deus, eu não tinha ideia de como aquilo havia acontecido. Será que eu tinha feito isso enquanto dormia e agora o pobre Cam estava preso ali porque eu havia dormido em cima dele?

Pois bem. Eu tinha duas opções àquela altura. Poderia sair rolando do sofá e fazer uma fuga maluca em direção ao meu quarto ou poderia agir como uma adulta de verdade e ver se ele estava acordado.

Para minha surpresa, pendi ao lado do agir como uma adulta e, lentamente, virei de barriga para cima. Aquele movimento foi péssimo, porque a mão sobre o meu quadril subiu e ficou pousada na parte mais baixa do meu abdômen.

Ai, Senhor...

A mão dele estava abaixo do meu umbigo, estendendo-se mais ao Sul, os dedos alcançando a cintura da minha calça de ginástica. Estava perto, bem perto de alguns territórios inexplorados. Uma bola de gelo se formou no meu peito, mas lá embaixo, bem lá embaixo, algo completamente diferente estava acontecendo. Eu sentia pontadas na barriga que se espalhavam para baixo em ondas de arrepios. Como era possível sentir frio e calor ao mesmo tempo?

O polegar dele se mexeu, então mordi o lábio. Tinha que ser um acidente ou algum movimento aleatório durante o sono. Então, o polegar se mexeu de novo, mas desta vez em um círculo lento e displicente naquela mesma região. Ai, merda. Minha pulsação acelerou e aquele calor aumentou. O polegar não parou de se mover, pelo menos por mais meio minuto, até eu não suportar mais. Partes do meu corpo ansiavam por aquele toque de um jeito que me

era desconhecido, até injusto, e aquilo não deveria estar acontecendo.

Mas estava, ah, como estava.

Inspirei profundamente, mas de nada adiantou para relaxar meus músculos ou aliviar a tensão que só crescia dentro de mim. E eu sabia que, se eu olhasse para baixo, veria meus mamilos rijos através do fino tecido da camiseta. A cada respiração, eu podia senti-los roçando o sutiã. Queria desesperadamente ser aquela garota que saberia como lidar com a situação; o tipo de garota que eu sabia que Cam, provavelmente, queria, e com a qual ele estava acostumado.

Porém, eu não era assim.

Virei a cabeça para trás e olhei para Cam.

A cabeça dele estava virada para o outro lado, apoiada contra a almofada. Uma leve sombra apareceu em sua mandíbula forte. Havia um sorriso suave no rosto. Filho da puta.

— Cam.

Um olho se abriu.

— Avery?

— Você não estava dormindo.

— Você estava. — Ele levantou a cabeça, virando-a para um lado e para o outro, estalando o pescoço. — E eu estava dormindo.

E a mão dele continuava sobre minha barriga, incrivelmente pesada. Parte de mim queria mandá-lo tirar as patas de cima de mim, mas não foi o que saiu pela minha boca.

— Desculpe ter dormido em cima de você.

— Eu não liguei.

Umedecendo os lábios ansiosamente, eu não fazia ideia do que dizer numa situação daquelas, então comecei com:

— Que horas são?

Seu olhar focou a minha boca e meu corpo todo ficou tenso de um jeito que não era nada ruim.

— Já passa da meia-noite — respondeu ele.

Meu coração estava pulando.

— Você nem olhou para o relógio.

— Eu simplesmente sei essas coisas.

— Sério?

Ele semicerrou os olhos.

— Sim.

— É um talento incrível. — Minha mão se curvou formando um punho, ao lado da coxa. — Que horas você vai sair amanhã cedo?

— Vai sentir a minha falta?

Fiz uma careta.

— Não foi por isso que perguntei. Só estava curiosa.

— Disse aos meus pais que estaria em casa por volta da hora do almoço. — Com a outra mão, ele tirou algumas mechas do meu rosto, e essa mesma mão ficou pousada em meu cabelo. — Então eu tenho que sair, mais ou menos, entre oito e nove.

— É bem cedo.

— É, sim. — Sua mão acariciou minha cabeça, e meus olhos se fecharam novamente, relaxando, apesar de tudo. — Mas a estrada é tranquila.

— E você não vai voltar até domingo à noite?

— Exato — murmurou ele, e senti seu peito mover-se respirando fundo. — Tem certeza que não vai sentir minha falta?

Meus lábios formaram um sorrisinho.

— Vai ser uma espécie de folga para mim.

Ele riu.

— Isso foi muito maldoso.

— Foi?

— Mas sei que você está mentindo.

— Sabe?

— Sei. — A mão dele se moveu, e senti a ponta dos dedos acariciar meu rosto. Meus olhos se abriram. Ele estava sorrindo para mim. Mas não um sorriso grande, que mostrava sua covinha.
— Você vai sentir minha falta, mas não vai ter coragem de admitir.

Eu não disse nada, porque estava tentando não pensar nos próximos quatro dias. Então, senti seus dedos trilhando a curva das minhas maçãs do rosto e preferi não pensar em mais nada. Eles continuaram pela minha mandíbula, e um dos dedos seguiu até o queixo. O ar saiu lentamente dos meus pulmões, quando ele acariciou perto do meu lábio inferior.

Ele inclinou a cabeça para o lado e disse:

— Eu vou sentir sua falta.

— Sério? — Meus lábios se abriram.

— Sério.

Fechei os olhos para lutar contra um súbito ímpeto de chorar. Eu não fazia ideia de por que aquelas palavras me afetaram tanto, mas aconteceu, e, por um tempo curtíssimo, cheguei a admitir para mim mesma que não queria que ele fosse embora. Aquilo tornou o ímpeto ainda mais intenso.

Vários minutos se passaram e o único som presente era o zunido da televisão. Ele continuou acompanhando a linha do meu lábio, nunca chegando a tocá-lo, mas se aproximando a cada instante. Fiquei me perguntando se ele tocaria meu lábio e se eu queria isso.

Acho que eu meio que queria.

— Você fala dormindo — disse ele.

Meus olhos se abriram de uma vez. Que se dane o toque no lábio.

— Falo?

Ele confirmou com a cabeça.

Meu Deus. Senti um frio na barriga.

— Você está me sacaneando? Porque, juro por Deus, se estiver me sacaneando, vou causar muita dor em você.

— Não estou sacaneando você, meu anjo.

Assim que me sentei, as mãos de Cam saíram de cima de mim. Virei-me no sofá para ficar de frente para ele. Minha pulsação estava acelerada, mas agora por outro motivo totalmente diferente.

— O que eu disse?

— Nada exatamente.

— Sério?

Inclinando-se para a frente, ele esfregou o rosto com as mãos.

— Você só estava murmurando algumas coisas. Não consegui entender direito o que estava dizendo. — Ele levantou a cabeça. — Foi uma gracinha.

Meu coração se acalmou conforme o medo foi cedendo no meu peito. Só Deus sabia o que eu poderia dizer enquanto dormia. Olhando para o relógio, vi que já passava das três da manhã.

— Caramba, seu talento especial de adivinhar a hora não funciona direito.

Cam deu de ombros, deslizando para a frente.

— Acho que é melhor eu ir para casa.

Abri a boca e fechei logo em seguida. O que eu ia fazer? Pedir que ele ficasse? Tipo, fazer uma festa do pijama no meu sofá? Muito sutil. Duvido que ele estivesse interessado em uma festa para adolescentes de treze anos no meu sofá.

— Tenha cuidado na estrada — eu disse finalmente.

Ele se levantou e fiquei olhando para o lugar onde ele estivera.

— Pode deixar. — Então ele se curvou, movendo-se mais rápido do que eu podia acompanhar. Encostou os lábios na minha testa. — Boa noite, Avery.

Fechei os olhos e cerrei as mãos em punhos.

— Boa noite, Cam. — Ele chegou à porta antes que eu pudesse me levantar, então, apoiei-me no encosto do sofá. — Cam?

Ele parou.

— Fala.

Inspirei com dificuldade e forcei as palavras a saírem.

— Eu me diverti muito esta noite.

Cam olhou para mim por um instante e, então, sorriu. A covinha apareceu em sua bochecha esquerda, e meus lábios responderam da mesma forma.

— Eu sei.

CAPÍTULO

Jogando meu livro de História na beirada da cama, caí de costas e cobri os olhos com as mãos. Ainda era quinta-feira à tarde e eu já estava querendo subir pelas paredes.

Quem sabe fazer uma limpeza na casa.

Bocejo.

Meu celular apitou na mesa de cabeceira, então rolei para pegá-lo. Com um pouco de medo da tela, olhei para ela com um olho fechado, como se aquilo fosse tornar as coisas menos ruins caso fosse o idiota de sempre.

Não era.

Sentando-me, abri a mensagem de Cam. Três palavras e eu já estava sorrindo como uma boba. *Saudades de mim?*

Respondi com um: *Não.*

A resposta veio quase imediatamente. *Se fosse o Pinocchio, seu nariz estaria gigante.*

Cruzando as pernas, encostei-me na cabeceira. *Pinocchio? Parece que sua leitura andou melhorando.— Magoei. Muito.*

— *Achei q n tivesse sentimentos.*

— *Menti. Tenho muitos sentimentos p vc.* — Antes que eu pudesse responder, outra mensagem apareceu. — *Quando minto, outra coisa cresce em mim.*

Gargalhei alto.

— *Obrigada por compartilhar.*

— *De nada. Só p informar.*

— *Pode guardar isso p vc.* — Mordendo o lábio, escrevi: — *Chegou bem em casa?*

Enquanto eu olhava para o celular, alguns minutos se passaram.

— *Sim. Sendo mimado pela família. Vc poderia aprender c eles.*

— *Acho q já tem mta atenção.*

— *Sou carente.*

— *E eu n sei disso?*

Mais alguns minutos.

— *O q vc tá fazendo?*

Deitada de costas, cruzei os pés, com as pernas esticadas.

— *Lendo.*

— *Nerd.*

— *Idiota.*

— *Aposto q sentiu minha falta.*

Meu sorriso, vergonhosamente, atingiu proporções épicas.

— *Aposto q tem coisa melhor p fazer agora.*

— *Não.* — Alguns segundos depois: — *Quem é???* — Franzi a testa e levantei. Logo em seguida: — *Foi mal. Minha irmã roubou o cel.*

Relaxeí.

— *Parece uma irmã bem legal.*

— *É mesmo. Às vezes. Ela é mais carente q eu. Tenho q ir.*

Mandei outra mensagem, por fim:

— *Até depois.*

O resto da tarde foi um tédio, então, lá pelas nove, cheguei a pensar na hipótese de tomar um Cimegripe só para conseguir dormir. Da sala de estar, ouvi meu celular apitar outra vez. Largando

a escova de dentes na pia, corri como uma maluca até a sala e, em seguida, diminuí a velocidade quando alcancei o telefone.

— *Saia comigo.*

Rindo, esqueci que estava com pasta de dentes na boca e acabei babando uma gosma branca e espumenta, que caiu no meu queixo e na camiseta. “Meu Deus, como sou pateta.”

Eu me limpei e, depois, respondi para Cam.

— *Chamar por msg não muda nada.*

— *Achei q pudesse tentar. O q tá fazendo? Tô vencendo meu pai no pôquer.*

Imaginando-o com sua família, sorri.

— *Me preparando p dormir.*

— *Queria estar aí.*

Meus olhos se arregalaram. O que, como é que é?

— *Pera... Vc tá pelada?*

— *Não!!!* — Mande em seguida: — *Tarado.*

— *Caramba. Pelo menos tenho minha imaginação.*

— *É só o q vai ter.*

— *Veremos.*

— *Não veremos, não.*

— *Prefiro ignorar essa parte. Ok. Tenho q ir. Meu pai tá ganhando.*

— *Boa noite, Cam.*

— *Boa noite, Avery.*

Fiquei fuçando no telefone por uma quantidade absurda de tempo depois daquilo, e então fui para o quarto. Eu havia criado o costume de colocar o telefone no modo silencioso durante a noite, porque era

uma incógnita quando receberia mensagens do NÚMERO DESCONHECIDO. Mas, naquela noite, deixei ligado.

Só por precaução.

* * *

Domingo de manhã, eu me senti estranha sem Cam, sua obsessão por ovos cozidos, aquela maldita frigideira e todos aqueles assados maravilhosos. Acordei bem cedo, como se algum relógio biológico esperasse encontrá-lo batendo em minha porta. É claro, não aconteceu, e ele não havia mandado nenhuma mensagem durante o dia inteiro no sábado. Imaginei que pudesse ter saído com a família e os amigos que ainda moravam lá.

Procurei não sentir a falta de Cam, porque ele era apenas um amigo, e, embora Brit e Jacob também fossem, não sentia por eles aquela saudade, *saudade*. Não era do mesmo jeito. Ou talvez fosse.

Peguei uma caixa de cereal e fiz uma careta de nojo. Bem que podia ter alguns muffins de mirtilo. Comi meu cereal, resmungando de todos os jeitos possíveis. Logo após terminar a tigela, meu telefone tocou.

Corri até a sala e tomei um baque quando vi o nome no identificador de chamada.

Mãe.

Put a merda.

O telefone continuou tocando enquanto eu decidia comigo mesma se atendia ou jogava o aparelho pela janela. Mas tinha que atender. Meus pais *nunca* ligavam. Portanto, aquilo deveria ser importante. Contraí o rosto ao atender o telefone.

— Alô?

— Avery.

Ah, eis a voz — a voz fria, educada, controlada e completamente impessoal da sra. Morgansten. Eu me controlei para não esbravejar

a porção de palavrões que queimariam os ouvidos perfeitos dela.

— Oi, mãe.

Houve um grande lapso de silêncio. Minhas sobrancelhas se levantaram quando cogitei que ela poderia ter discado errado para mim. Finalmente, ela falou:

— Como está a vida em West Virginia?

Ela pronunciou “West Virginia” como se fosse algum tipo de doença venérea. Fiquei indignada com aquilo. Às vezes, meus pais se esqueciam de suas origens.

— Está ótima. Você acordou cedo.

— É domingo. Theo insistiu que seu pai fosse a um *brunch* hoje cedo no Clube. Do contrário, eu não estaria de pé a essa hora.

Theo? Desabei sentada no sofá, com o queixo lá no pé. Pelo amor de todas as criaturas deste mundo, Theo era o pai de *Blaine*. Meus pais... como eles eram uns... filhos da puta.

— Avery, você está aí? — A voz dela ficou impaciente.

— Sim. Estou aqui. — Peguei um travesseiro e o coloquei no colo.
— Vocês vão a um *brunch* com o sr. Fitzgerald?

— Sim.

E foi tudo o que ela disse. Sim. Como se não fosse nada de mais. Os Fitzgeralds subornaram os Morganstens e eu fui taxada de vagabunda mentirosa, mas estava tudo bem naquele mundinho deles, pois todos ainda poderiam tomar um *brunch* juntos no clube.

— Como está a faculdade? — perguntou ela, parecendo entediada. Provavelmente estava pesquisando na internet algo sobre uma nova plástica. — Avery?

Pelo amor de Deus!

— A faculdade está perfeita. West Virginia é perfeita. Tudo está perfeito.

— Não fale dessa maneira comigo, mocinha. Depois de tudo que você nos fez passar...

— Tudo que eu fiz *vocês* passarem? — Eu estava vivendo num universo alternativo.

— E ainda está nos fazendo passar — continuou ela, como se eu não tivesse dito nada. — Você está do outro lado do país, frequentando uma faculdadezinha em *West Virginia*, em vez de...

— Não há nada de errado com essa faculdade, mãe, ou com West Virginia. Você nasceu em Ohio. Não tem nada de diferente...

— Isso é algo que eu procuro não lembrar. — A bufada dela foi épica. — O que me faz lembrar do motivo desta ligação.

Graças ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

— Você precisa vir para casa.

— O quê? — Apertei o travesseiro no peito.

Ela suspirou.

— Você precisa parar de brincadeira e voltar para casa, Avery. Você deixou sua opinião bem clara quando tomou uma atitude tão infantil como essa.

— Infantil? Mãe, eu odiava estar aí...

— E quem você culpa por isso, Avery? — Sua voz perdeu um pouco da frieza.

Fiquei boquiaberta. Aquela não era a primeira vez que ela dizia algo do tipo. Nem perto disso. Mas ainda assim foi como tomar um soco no peito. Olhei pela janela, balançando a cabeça lentamente.

— Nós só queremos o melhor para você — começou ela novamente, recuperando a fria indiferença com uma frase feita de pura falsidade. — Foi tudo o que sempre desejamos, e o melhor para você é que volte para casa.

Comecei a rir, mas o riso ficou preso na garganta. Voltar para casa era para o meu bem? Aquela mulher estava louca. Só de falar

com ela eu sentia que estava enlouquecendo.

— Aconteceram algumas coisas por aqui — acrescentou ela, pigarreando. — Seria melhor que voltasse para casa.

Quantas vezes fiz o que eles queriam? Mais do que posso contar. Porém, daquela vez, eu não podia ceder. Ir para casa seria o equivalente a enfiar minha cabeça em uma churrasqueira e, depois, perguntar por que estava doendo. Respirei profundamente e abri os olhos.

— Não.

— Como é? — A voz da minha mãe ficou esganiçada.

— Eu disse que não. Não vou voltar para casa.

— Avery Samantha Morgan...

— Tenho que ir. Bom falar com você, mãe. Adeus.

Então, desliguei o telefone antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. Coloquei o celular na mesa de centro e esperei.

Passaram um minuto, dois minutos, cinco minutos. Exalando um suspiro de alívio, joguei meu corpo no sofá. Virei a cabeça de um lado para o outro, totalmente chocada com aquela conversa. Minha mãe estava pirada. Fechei os olhos e esfreguei as têmporas. Que maneira de se começar um domingo de manhã.

Uma súbita batida na porta me assustou.

Levantei num pulo e corri em torno do sofá, tentando imaginar quem poderia ser. Estava muito cedo para qualquer um dos meus amigos ter voltado. Mas que diabos, ainda não era nem nove horas, o que significava que, provavelmente, estava cedo demais para um *serial killer* fazer uma visita à minha casa.

Fiquei na ponta dos pés e espiei pelo olho mágico.

— Não é possível. — Meu coração deu pulos e cambalhotas conforme abri a porta. — Cam?

Ele se virou com um sorriso torto nos lábios. Em sua mão estava uma sacola de mercado.

— Então, acordei lá pelas quatro da manhã e fiquei com vontade de comer alguns ovos. E ovo com você é muito melhor do que ovo com a minha irmã ou com meu pai. Além de que minha mãe tinha feito bolo de abóbora. E eu sei o quanto você gosta de bolo de abóbora.

Sem palavras, dei um passo para o lado e o vi levar a sacola para a cozinha. Minha garganta queimava, meu lábio inferior tremia de um jeito muito esquisito. Um nó em algum lugar bem fundo no meu peito se desfez. Meu cérebro desligou. Nem fechei a porta da frente ou senti o ar frio batendo nos meus tornozelos. Percorri a distância entre a porta e a cozinha. Cam se virou bem a tempo, pois eu me joguei na direção dele.

Ele me pegou e deu um passo para trás, envolvendo minha cintura com os braços. Enterrei a cabeça no peito dele, com os olhos fechados e o coração a mil.

— Eu senti sua falta.

CAPÍTULO

Encolhida com meu moletom, eu tremia ao sentir o vento frio uivando entre Whitehall e Knutti, agitando as folhas marrons e amarelas acima de nós. Muitas eram levadas por esse mesmo vento e espiralavam até o chão, juntando-se ao denso carpete de folhas.

Brit aspirou uma longa tragada de seu cigarro e soprou lentamente a fumaça.

— Então, na próxima vez que eu atender a uma chamada de Jimmie para dar “umazinha” e eu, de fato, for até o apartamento dele, o que você fará?

Manquei de um lado ao outro.

— Soco você bem na periquita?

— Exatamente! — Ela tragou uma última vez e, em seguida, apagou o cigarro. — Deus, por que nós, garotas, somos tão idiotas?

Parei ao lado dela, abraçando meu próprio corpo.

— Boa pergunta.

— Digo, eu sei que ele não está nem um pouco a fim de um relacionamento, que só o que ele quer é sexo, e ele geralmente está um pouco bêbado, e ainda assim vou até ele. Fala sério?!

— Você quer estar num relacionamento?

Os lábios se contraíram quando ela puxou o gorro de lã sobre as orelhas.

— Sabe, eu acho que não.

Franzi a testa.

— Então, por que está tão irritada por ele não querer uma relação séria?

— Porque ele deveria querer estar numa relação comigo! Eu sou muito foda.

Lutando para não sorrir, olhei bem para ela.

— Você é mesmo muito foda.

Brit sorriu. Eu havia cruzado com Jimmie algumas vezes no campus, ao lado de Brit. Ele parecia um cara bem legal, mas eu achava, de coração, que ela podia arranjar alguém bem melhor do que um cara que só ligava para ela quando estava bêbado. Então eu disse isso.

— E é por isso que nós somos amigas — respondeu, prendendo seu braço ao meu. — Cara, onde foi parar o outono? Parece que o inverno veio do nada e deu um tapa na nossa cara.

— É mesmo. — Fiquei tremendo ao pararmos no cruzamento. — Sinto pena pelas crianças que sairão amanhã a noite de porta em porta por causa do Halloween. Elas vão congelar.

— Que se danem as crianças — disse ela, fazendo-me rir. — Eu vou me fantasiar de anjinha: uma anjinha safada.

— Claro que vai.

— E isso significa que eu, basicamente, vou estar de lingerie. É bem provável que meus mamilos vão congelar e cair duros. Falando nisso, não pense que não notei como você tem evitado essa história toda de festa.

Não tenho ideia de como ela saiu de mamilos congelados para aquilo.

Na frente da secretaria da faculdade, ela me fuzilou com o olhar.

— Você tem que ir com a gente. Todo mundo vai estar lá.

Desviando o olhar, observei um policial do campus abrindo a fechadura do carro para algum azarado.

— Sei lá. Não sou muito ligada em festas de Halloween.

— Você não é muito ligada em nenhuma festa. Vamos lá, você tem que vir. Preciso de você por lá. Jimmie vai estar lá e vou precisar de você para me socar na periquita.

Aquilo me fez rir.

— Tenho certeza que Jacob fará isso por você, com prazer.

— Não é a mesma coisa! Ele não entende e me dá os piores conselhos. Provavelmente, ele vai me dizer para dar uns “pegas” com o Jimmie — protestou ela, e fui obrigada a supor que era verdade. — Você precisa vir. Por favor. Por favorzinho.

Minha decisão de nem sequer pensar em ir àquela festa tinha começado a ir para o espaço. Jacob tinha falado sobre ela a semana inteira. Na noite anterior, como eu e Cam estávamos terminando nosso trabalho de Astronomia, e entre um pedido e outro para que eu saísse com ele, ele chegou a citar a festa que seu amigo Jase daria. Jase era um ano mais novo que Cam e bem influente em uma das fraternidades, eu só não sabia em qual delas. Já vira Cam andando com ele algumas vezes, mas nunca chegamos a conversar. Não que isso fosse importante, porque, só de pensar em ir àquela festa, podia sentir uma úlcera se formando no meu estômago.

— Tenho que entrar aqui e olhar aquela maldita agenda para o próximo semestre — disse ela. Brit estava tendo dificuldade para se inscrever nas aulas; em compensação, tive a maior sorte e consegui todas as que queria. — Você vai me quebrar esse galho?

— Talvez.

Brit me deu um abraço rápido.

— Obrigada por me acompanhar até aqui.

— Sem problema. — Eu já terminara todas as tarefas do dia, então, não tinha muito o que fazer.

Ela começou a ir embora a passos largos, mas deu meia-volta e disse:

— Pense sobre a festa. Por favor? Você precisa ir, não só por mim, vai ser divertido. Você vai poder se soltar um pouco. Está bem?

Respirei fundo.

— Vou pensar no assunto.

— Tipo, pensar mesmo? — Quando concordei, ela disse: — Promete?

— Prometo.

Brit entrou no prédio e eu, provavelmente, teria que ir direto para a farmácia para comprar pastilhas antiácidas. Eu ia precisar de algumas.

* * *

Havia momentos na vida em que eu sabia que as coisas que me passavam pela cabeça eram erradas. Saber disso não facilitava nada. Ir a uma festa de Halloween não deveria ter causado aquele efeito em mim: eu tinha sentado na minha poltrona, com um pacote de pastilhas antiácidas do lado e um pote de sorvete de creme com marshmallow nas mãos.

Um pote de sorvete *pela metade*.

Tive a nítida sensação de que estava prestes a me tornar a mulher dos gatos da vizinhança. Só me faltavam os gatos.

Pouco depois de sair do campus, recebi uma mensagem de Cam sobre a festa. Ele queria que eu fosse. Brit queria que eu fosse. Jacob queria que eu fosse. Eu queria ir, mas...

Gemendo, pus a tampa no pote de sorvete e fiquei de pé. Eu tinha dezenove anos de idade. Morava sozinha. Mandeí minha mãe para aquele lugar, abracei Cam e disse que tinha sentido a falta dele. Ir àquela festa não deveria ser um problema tão grande. Já estava na

hora de fazer algo assim. Se eu não fizesse naquele instante, quando é que faria?

Provavelmente, nunca.

Guardei o sorvete na geladeira e fui direto para o limpador em spray embaixo da pia. Espirrando o produto sobre a superfície de tudo na cozinha, comecei a limpeza com uma fúria perversa.

Eu podia fazer isso.

Meu coração pulou no peito e parecia que meu estômago estava todo contraído.

Não, eu não podia.

Esfregando o balcão ao lado do fogão, a luz refletiu o bracelete prateado, chamando minha atenção. Parei, incapaz de desviar o olhar de algo que havia se tornado uma marca na minha vida cotidiana. Apoiando o limpador e deixando cair o pedaço de pano, levei a mão até o bracelete e o tirei. Virando o braço, forcei-me a olhar para a cicatriz. Tinha vergonha dela, fazia de tudo para escondê-la, mas para quê? Para ficar trancada no apartamento, ser antissocial e me tornar uma grande perdedora? Certas coisas, muito provavelmente, jamais seriam as mesmas para mim, mas ir a uma merda de uma festa? Será que eu tinha ficado tão abalada pelo que havia acontecido que, mesmo cinco anos depois, não poderia ir a uma festa?

Coloquei o bracelete de volta e me encostei no balcão.

Eu tinha que fazer aquilo. Precisava fazer aquilo. Pelo menos, precisava tentar. Meu coração começou a bater em pânico, conforme me afastei do balcão e caminhei para a sala. Peguei o telefone da minha bolsa e, antes de pensar no que estava fazendo, abri a mensagem que tinha recebido de Cam e respondi *Ok*.

Alguns segundos depois, recebi outra mensagem. *Chegando*.

“Chegando”? O que diabos...?

Ouvi uma batida na porta.

Revirando os olhos, joguei o telefone no sofá e fui para a porta.

— Você não precisava passar aqui. — Cam já foi entrando, girando o boné para trás. — Bem, sinta-se à vontade.

Ele parou perto da cozinha e franziu o rosto.

— Por que seu apartamento está cheirando a produto de limpeza?

— Eu estava fazendo faxina. — Uma de suas sobrancelhas subiu. — Na cozinha inteira — eu disse, encabulada. — Sabe, você poderia ter economizado a viagem e apenas respondido a mensagem.

Olhando para mim por um bom tempo, ele se sentou no sofá.

— Eu precisava me exercitar.

Ele não precisava de exercício nenhum.

Deu um tapinha no lugar ao lado dele.

— Sente-se aqui comigo. — Eu o encarei. — Vamos.

Resmungando comigo mesma, passei por cima de suas pernas e me sentei.

— Muito bem, sentei.

Os cílios dele baixaram e senti seu olhar na minha boca. Um calor se espalhou pelas minhas bochechas e seu sorriso aumentou um pouquinho.

— Você me mandou uma mensagem com a palavra *Ok*. Eu fiz duas perguntas durante o dia. Então fiquei curioso com qual das duas você, finalmente, concordou.

Encolhi as pernas e abracei os joelhos.

— Você me perguntou sobre a festa de Halloween de amanhã à noite.

— Perguntei, sim. — Ele estendeu a mão e puxou meu braço, até eu soltar os joelhos. — Mas eu também fiz outra pergunta.

Meus olhos se estreitaram.

Então ele segurou a barra da minha calça e puxou minhas pernas para o chão.

— Também chamei você para sair.

— Você já sabe a resposta para isso.

Cam fez uma cara desconfiada.

Meus lábios tremeram.

— Eu disse que sim, vou para a festa.

— Escolha inteligente. Será legal e você vai se divertir. — Ele se recostou no sofá, após ficar satisfeito com a forma como me sentei.

— Quando quer que eu venha buscá-la?

Balancei a cabeça.

— Eu vou sozinha de carro.

— Por quê? Moramos no mesmo prédio e vamos para o mesmo lugar.

— Obrigada, mas eu vou dirigindo.

Ele me analisou por alguns instantes.

— Se não quiser ir comigo, pelo menos vá de carona com Brittany.

Em algum ponto, concordei com aquilo, mas não planejava cumprir o que disse. Ir sozinha de carro significava que eu poderia deixar a festa quando quisesse. Eu precisava daquela liberdade.

— Ei — disse Cam.

Virando a cabeça para ele, levantei as sobrancelhas.

— Oi.

— Saia comigo.

— Cale a boca, Cam — respondi, com um sorriso.

* * *

Eu estava tão nervosa que o telefone parecia escorregadio na minha mão, e o cinto de segurança parecia estar muito apertado no peito. Estava sentada no estacionamento, trinta minutos atrasada para a festa de Halloween na casa de Jase. Queria dizer a mim mesma que me atrasara só para fazer charme, mas isso não era verdade.

Estava a dois passos de um ataque de pânico.

— Então, você não trouxe fantasia? — disse Brit, cuja voz se misturava a alguma música e risadas abafadas. — Não tem problema. Várias pessoas também não vieram fantasiadas.

Bem, lá se ia uma das minhas desculpas. Depois de falar com Cam na noite anterior, tinha considerado brevemente a ideia de dar um pulo até uma loja de fantasias, mas aquilo seria demais.

— Você já está chegando? — perguntou Brit. — Porque estou sozinha... ei!

Um segundo depois, a voz de Jacob apareceu no telefone.

— Oi, garota, onde você está?

Fechei os olhos.

— Estou quase saindo.

— É bom mesmo, porque Brit já está me irritando de tanto perguntar por você. Então venha logo.

— Estou indo. Não demoro a chegar.

Depois de desligar, joguei o telefone no banco do passageiro e coloquei as mãos no volante. *Eu consigo*. Ficava repetindo aquilo para mim mesma, enquanto olhava para o meu apartamento. Havia esquecido uma luz acesa, o que dali parecia um farol, gerando certa pressão para que eu voltasse para a segurança do tédio.

Eu estava sendo uma idiota, tinha plena consciência disso, mas isso não mudava o fato de que meu coração estava aceleradíssimo

no peito e que eu estava enjoada. O que estava sentindo não era normal para ninguém mais, e essa era a questão. Eu não queria que *isso* fosse normal para mim.

— Merda.

Precisava ser corajosa.

Engatei a ré e fui saindo da vaga. Meus braços tremiam quando cheguei ao fim da estrada e virei à esquerda na Rota 45. A casa de Jase não era muito longe de University Heights. A apenas alguns quilômetros, perto de um bairro em que diversas fraternidades maiores se estabeleceram.

A caminho da casa dele, concentrei-me em listar o máximo possível de constelações. Andrômeda, Antlia, Apus, Aquário, Áquila, Ara, Áries, Auriga — quem inventou esses nomes? Sério mesmo. Eu estava na letra D quando avistei a fila de carros que vinha da garagem de uma grande casa de três andares. Havia carros por toda parte, estacionados nas calçadas, no jardim e na rua. Tive que fazer a volta para estacionar do outro lado da rua, a uma quadra da casa.

O ar da noite estava fresco e as ruas, livres de crianças. O horário das “travessuras e gostosuras” tinha acabado uma hora antes e havia restos de doces por todo canto.

Luzes brilhavam pelas janelas, lançando um clarão na varanda. Havia algumas pessoas do lado de fora, encostadas na balaustrada. Enfiando as mãos nos bolsos do meu moletom, evitei passar pela garagem, onde estava rolando uma brincadeira de mau gosto em que jogavam cerveja uns nos outros, e entrei pela porta da frente.

Put a merda...

A casa estava lotada. Havia gente por toda parte abarrotando a sala de TV, em grupos pelo sofá, no chão e no corredor. O ritmo da música batia junto com meu coração, conforme observava a multidão, buscando uma anjinha sexy. Havia uma porção de

anjinhas — anjinhas safadas de vermelho, anjinhas sexys de branco e, imagino, anjinhas muito más de preto.

Hmm.

Passei por uma garota vestida de Dorothy, do Mágico de Oz, se Dorothy tivesse sido uma *stripper*. Ela sorriu para mim e eu sorri de volta. Foi estranho. Passei também por um grupo que jogava cartas numa mesa, e lá estava Ollie, o companheiro de quarto de Cam. Estava entretido demais com o jogo para notar minha presença. Esgueirei-me na ponta dos pés para respirar melhor, pois o interior da casa estava levemente sufocante com toda aquela gente.

Ouvi um grito agudo perto de mim e me virei rapidamente, sobrando só alguns segundos para me preparar antes de ser atacada por uma anjinha de branco.

— Você veio! — gritou Brit ao me esmagar. — Puta merda! Não achei que você viesse. Pensei que fosse dar o cano.

— Estou aqui.

Ela me apertou de novo e pegou na minha mão.

— Venha. Jacob está lá fora na garagem. Cam também.

Meu coração já acelerado parecia pulsar ainda mais enquanto ela me guiava, passando pela mesa de carteados. Alguns caras olharam para cima, ignorando a mim e ao meu jeans, concentrando-se no vestido branco minúsculo que a Brit estava usando. Seus olhos reluziram, cheios de interesse. Um dos caras se inclinou na cadeira, baixando as sobancelhas ao vê-la. Eu não podia culpá-lo. Ela estava um espetáculo.

— Passando! Bip. Bip — anunciou Brit, abrindo caminho com uma mão.

O ar estava fácil de respirar na garagem, a luz não estava tão forte, e, embora houvesse mais gente por lá, os músculos da minha nuca relaxaram. Brit me levou até um cara que estava com um chapéu-coco preto e um blazer roxo.

— Jakezinho, olha só quem eu encontrei! — berrou Brit.

O blazer roxo virou, e um sorriso espontâneo brotou no meu rosto quando vi os grandes óculos de armação preta.

— Bruno Mars? — perguntei.

— Isso! Viu, Brit. Algumas pessoas entenderam a minha fantasia!
— Jacob olhou para ela com desdém antes de se virar para mim, franzindo a testa. — De que você está fantasiada?

Dei de ombros.

— Aluna de faculdade preguiçosa?

Jacob riu, enquanto Brit foi buscar mais cerveja.

— O que tem aí debaixo desse moletom tenebroso?

— O que há de errado com o meu moletom?

Ele me deu um olhar *blasé*.

— Não haveria nada de errado, se tivesse acabado de sair da cama e estivesse a caminho da faculdade, mas você está numa festa. — Ele se aproximou do zíper do meu moletom e o puxou para baixo. — Tire isso agora ou eu vou tirar.

— Ele está falando sério. — Brit voltou com dois copos plásticos vermelhos nas mãos. — Uma vez, ele tirou minha camiseta só porque queria experimentá-la e eu fiquei ali, numa sala cheia de garotas, apenas com meu sutiã.

Enfiei as chaves no bolso da calça e tirei o moletom, apoiando-o no encosto de uma cadeira de praia que estava logo ao lado.

— Pronto. Feliz?

Jacob observou minha blusa preta e justa de gola rulê, contraindo os lábios.

— Hmm... — Ele levantou a barra da blusa, expondo, assim, a parte baixa da minha barriga. Então enfiou as mãos nos meus cabelos, criando ondas em todas as direções. — Melhor. Você tem

um corpinho maravilhoso. Tenha orgulho dele. Agora você está fantasiada como uma aluna de faculdade preguiçosa e muito sexy.

Tomei a cerveja que Brit havia colocado na minha mão.

— Terminou de me arrumar como se eu fosse a sua Barbie?

— Vadia, se você fosse minha Barbie, estaria quase nua.

— Que bom que eu não sou — respondi, rindo.

Ele colocou um braço sobre meu ombro.

— Estou feliz que esteja aqui. De verdade.

— Eu também.

Quando disse isso, eu me sentia feliz *mesmo*. Estava ali. Tinha conseguido. Era uma conquista e tanto. Até tomei mais um gole de cerveja. Que coisa incrível. Eu, uma festeira de marca maior.

Dizendo a mim mesma que não estava procurando ninguém em particular, olhei em volta na garagem. Não demorei a encontrar Cam. Por ele ser bem mais alto que a maioria dos caras, não foi difícil localizá-lo. E ver que vestia uma roupa que em nada diferia do que normalmente usava trouxe um sorriso ao meu semblante.

Cam estava de braços cruzados, perto da mesa onde ficavam as cervejas. Seus bíceps esticavam as mangas da camiseta. Não entendia qual era a desses rapazes que se vestiam daquele jeito, como se estivesse um forno lá fora, quando obviamente não estava.

Ao lado dele estava Jase, que era tão alto quanto Cam e igualmente impressionante, com aquele o cabelo castanho pouco mais longo que o de Cam. Ele também estava vestido como se estivesse calor e tinha uma tatuagem preta que surgia por debaixo da manga.

Brit seguiu meu olhar e suspirou:

— Não sei qual dos dois é mais gato.

Cam, para mim, ganhava de longe.

— Nem eu.

— Eu pegaria os dois — comentou Jacob.

— Ao mesmo tempo? — perguntou Brit, com um tom de curiosidade.

Jacob sorriu.

— Com certeza, meu bem.

— Um sanduíche de Cam e Jase — disse Brit, estremecendo. — Queria que tivesse isso no cardápio do nosso restaurante.

— Acho que eles seriam pratos mais caros — repliquei, rindo.

— Verdade — ela murmurou, e suspirou logo em seguida: — Eu preciso transar.

Jase cutucou Cam com o cotovelo e disse alguma coisa. Um instante depois, Cam olhou na nossa direção. Um grande sorriso surgiu em seu rosto divino. Ele apoiou o copo na beirada da mesa de pingue-pongue.

— E aí vem um deles — disse Jacob, olhando para mim com maldade. — Estamos prestes a ver um sanduíche de Cam e Avery.

— Cala a boca — eu disse, ruborizando.

As pessoas abriam caminho para Cam. Era como se ele fosse um Moisés gostoso, abrindo um mar de universitários bêbados. Dei um passo para trás, ficando nervosa de repente.

Cam nem hesitou. Havia uma tranquilidade confiante em tudo o que ele fazia. Seus braços estavam em volta da minha cintura em menos de um segundo, levantando meus pés do chão com um abraço apertado. Brit sabiamente tirou o copo da minha mão, antes que Cam me girasse. Agarrei nos ombros dele enquanto via as paredes da garagem girarem junto.

— Puta merda, não acredito que você está mesmo aqui.

Parecia que ninguém realmente tinha acreditado que eu viria. Eu me senti acolhida e empolgada por ter tomado aquela decisão.

— Eu disse que viria.

Ele me apoiou no chão, mas não me soltou.

— Quando chegou?

— Sei lá. Agora há pouco — respondi, dando de ombros.

— Por que não veio dar oi? — A covinha estava lá, e eu me vi encarando-a.

— Você estava ocupado e eu não quis incomodar — admiti, notando que havia algumas pessoas olhando para nós.

Cam baixou a cabeça e seus lábios roçaram minha orelha quando ele falou, enviando uma explosão de arrepios pela minha coluna.

— Você *nunca* é um incômodo para mim.

Meu coração deu um salto no peito, como se eu tivesse sido colocada no topo de uma montanha-russa. Virei levemente a cabeça, e nossos olhares se encontraram. Uma chuva de pensamentos veio à mente, e, quando as mãos de Cam seguraram meus braços, eu me senti descendo aquela montanha-russa. Por um instante, os sons da festa pareceram ter sumido. As pupilas de seus olhos eram muito grandes, um incrível contraste com aquele azul brilhante.

— Ei, Cam! — gritou Jase. — Sua vez.

O momento se despedaçou, e soltei a respiração que não tinha notado que prendera. Os cantos de seus lábios subiram.

— Não vá muito longe.

Balancei a cabeça.

— Ok.

Cam voltou para o lado de Jase e pegou uma bola de pingue-pongue.

— Nossa — exalou Brit, devolvendo meu copo. — Aquilo foi...

— Muito intenso — concluiu Jacob. — Achei que vocês dois iam arrancar as roupas um do outro e começar a fazer bebês bem aqui nesse chão sujo e coberto de cerveja. Eu teria que começar a cobrar entradas para o que estava prestes a acontecer.

Olhei para ele séria e disse:

— Acho que você exagerou só um pouquinho nessa sua fala.

— Não tanto, se tivesse visto o que vimos — disse Brit, abanando o próprio rosto. — Por mais quanto tempo você vai continuar enrolando esse cara?

Franzi os lábios, ainda séria.

— Não estou enrolando ninguém.

Brit ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. Por sorte, a conversa seguiu adiante quando Jimmie apareceu e começou a brincar com as asas da fantasia dela. Nosso trio se transformou num quarteto, e, antes que eu pudesse perceber, havíamos criado nossa própria festa particular. Eu estava totalmente deslocada, mas continuava atenta à conversa. Notei, ao dar um gole na cerveja, que eu havia sido rotulada como a garota calada da festa, mas isso era melhor do que o rótulo que acabara recebendo na última festa.

O grupo tinha aumentado do lado de fora, a música estava um pouco mais alta e as pessoas começaram a dançar. De alguma forma, em meio àquela barulheira, uma risada alta e rouca chamou minha atenção.

Na entrada da garagem, estavam duas garotas que pareciam ter saído de um desfile da Victoria's Secrets. Uma estava vestida como diabinha, que era basicamente uma camisola vermelha, um rabo em forma de seta e chifres. Havia seios por toda parte. A outra era uma versão extremamente sexy da Chapeuzinho Vermelho. Muitas coisas aconteceram imediatamente após a entrada triunfal daquelas garotas.

Vários rapazes literalmente pararam o que estavam fazendo para olhar, tipo, no meio de suas conversas. O queixo de Jimmie foi ao

chão. Até Jacob não tirava os olhos delas, como se estivesse prestes a mudar sua preferência sexual. Meu estômago se contorceu quando vi a fantasia da Chapeuzinho Vermelho e procurei nem pensar que eu tinha usado uma fantasia igual àquela na tal festa de Halloween anos antes. Além do mais, aquele não parecia ser o melhor momento para ficar lutando contra o passado.

A Chapeuzinho Vermelho também era conhecida como Stephanie Keith, ou seja, Steph.

A garota era linda de um jeito que fazia qualquer outra se sentir malvestida e a mais feia do universo. A barra do vestido brilhante ficava logo abaixo do bumbum, e as pernas dela eram estonteantes. A fantasia era complementada por lábios vermelhos, maquiagem esfumaçada nos olhos e duas marias-chiquinhas.

Ela era gostosa.

E foi direto até Cam.

Steph lançou os braços em volta dele, o que fez seu vestido subir, revelando a calcinha de renda preta, onde estava escrito ME BATA nas nádegas. Cam não se livrou dela, ao contrário, virou-se de frente e deu seu famoso sorriso torto. Ela pegou a bola de pingue-pongue das mãos dele, conversando e rindo, enquanto sua amiga se jogava nos braços de Jase.

Algo ruim aconteceu lá no fundo do meu estômago, como se eu tivesse comido uma erva daninha. Por que Cam não saía de perto dela em vez de segui-la ao redor da mesa?

Que pergunta idiota.

Que cara iria querer sair de perto de Steph?

Alguém trombou do meu lado, um pedido de desculpas foi murmurado, mas eu estava concentrada em Steph. Ela segurava a bola perto do peito, sorrindo maliciosamente, enquanto Cam a seguia.

Brit tomou o copo de mim e segurou minha mão.

— Vamos dançar.

Cravei os pés onde estava, piscando para ela.

— Eu não danço.

— Não. Nós vamos dançar. — Ela lançou um olhar por cima do ombro. Cam, de alguma maneira, havia pegado a bola de Steph. — Porque, se não dançarmos, você vai ficar parada aí olhando para eles como a namorada irritada.

Merda. Ela tinha razão. Deixei que me arrastasse até um grupo de garotas que dançavam, por conveniência, perto da mesa de pingue-pongue. Brit me segurou pela mão e começou a rebolar em volta de mim, cantando junto com a música. Levou alguns instantes para que eu superasse o medo de outra coisa que não fazia há anos, e eu meio que queria terminar minha cerveja.

Fechando os olhos, eu me deixei levar pela música e pela batida contagiante. Assim que isso aconteceu, meus quadris estavam remexendo e eu, sorrindo. Depois de abrir os olhos, continuei de mãos dadas com Brit enquanto dançávamos juntas. O grupo à nossa volta aumentou e, por cima do ombro de Brit, eu vi Cam.

Ele não estava prestando atenção a Steph.

Estava olhando para nós — para *mim*.

Brit era um gênio.

Ela olhou para trás e, depois, voltou-se para mim, mordendo o lábio.

— Eles que se danem.

Tombei a cabeça para trás e ri.

— Que se danem.

— Essa é a minha garota.

Jimmie se juntou a nós, vindo por trás de Brit e colocando as mãos na cintura dela. Levantei as sobrancelhas, e ela deu de ombros, o que era nosso código para suspender por enquanto o

soco na periquita. Meu cabelo estava grudado nas têmporas e minha blusa tinha subido mais. Jacob se juntou a nós e, basicamente, dançava ao nosso redor agitando as mãos no ar. Eu estava tão entretida rindo dele que, quando mãos tocaram meus quadris, dei um pulo de vinte centímetros do chão.

Os olhos de Brit arregalaram.

Olhei por cima do ombro e vi um rosto relativamente desconhecido. As bochechas do cara estavam vermelhas, com os olhos levemente vidrados, quando ele parou de pular.

— Oi — ele balbuciou, sorrindo.

— Oi. — Virei as costas para ele, fazendo uma careta para Brit e dando um passo para a frente. Nisso, o Cara Bêbado me segurou com mais força.

— Aonde você vai? — disse ele. — Nós estamos dançando.

Virei-me de lado e o cara me seguiu, continuando atrás de mim. Meu estômago se contraiu e uma sensação estranha e arrepiante subiu pelas minhas costas, eriçando os pelos da nuca. Transportada para anos atrás, congelei por um segundo. Brit, Jacob, a festa — tudo — desapareceu. Eu o senti me puxar contra ele, com as mãos na pele da minha barriga. Sem qualquer aviso, a realidade pareceu ser transmutada.

Eu não estava mais ali.

Eu estava *lá*, com as mãos *dele* sob minha saia, e não conseguia respirar nem enxergar; o tecido rústico do sofá contra o meu rosto.

— Amorzinho — cochichou o cara em meu ouvido. — Dance comigo.

— *Amorzinho — dissera Blaine, com a respiração ofegante em meu ouvido. — Você não pode dizer que não quer isso.*

A garagem se transformou num porão e voltou a ser garagem de novo. Tentei me afastar, com o coração pulsando tão rápido que parecia que eu ia vomitar.

— Me deixe em paz.

— Vamos lá, é só uma dança. — A mão dele na minha barriga, por baixo da minha blusa. — Você...

— Me deixe em paz. — Minha respiração ficou presa na garganta enquanto eu lutava. — Me deixe em paz!

Ouvi um grito de surpresa e um berro esganiçado. De repente, fui libertada das mãos do cara bêbado. Cambaleei para trás, dando um encontrão em alguém. Com o coração acelerado, tirei o cabelo do rosto e levantei a cabeça.

Meu Deus.

Cam tinha prensado o cara na parede.

CAPÍTULO

Uma pequena multidão se formou em volta de Cam e do cara. Alguns observando com real interesse, outros só zombando da luta.

Cam estava segurando o cara com apenas uma mão no peito dele. Ele colou o rosto no do rapaz, e a outra mão estava pronta para dar um soco.

— Que merda é essa, cara? Você tem algum problema de audição?

— Foi mal — babou o cara, com as mãos levantadas de lado. — Nós só estávamos dançando. Não tinha outra intenção.

— Cam. — Minha voz saiu espremida, rouca, conforme fui me aproximando.

Brit estava do meu lado e segurou meu braço.

— Não se intrometa, Avery.

Como eu podia não me intrometer? Meu estômago ficou revirado e a pouca cerveja que eu havia bebido subiu à garganta.

Cam empurrou o cara contra a parede de novo e, então, Jase apareceu de repente, passando um braço em volta da cintura de Cam, puxando-o para trás. O cara desmoronou pela parede, com os olhos fechados.

— Você precisa se acalmar, porra — disse Jase.

Cam se desvencilhou do amigo, com o olhar fixo no outro cara.

— Porra, me solta, Jase.

— Nem fodendo. — Jase entrou no meio deles, colocando as mãos no peito de Cam. — Você não precisa disso, lembra? Entrar

numa briga é a última coisa de que você precisa agora. Então trate de se acalmar.

Alguma coisa que Jase disse pareceu afetar Cam. Ele olhou mais uma vez para o cara na parede e afastou bruscamente as mãos de Jase. Cam se virou, embrenhando as mãos pelos cabelos. Em seguida, olhou para mim e Brit em meio às pessoas que estavam ali. Começou a vir até mim, mas Jase disse alguma coisa que o impediu. Do nada, Ollie apareceu e colocou uma garrafa de cerveja na mão de Cam. Os dois amigos o levaram para dentro da casa. Parti na direção deles, mas Brit logo me prensou num canto, com as asas balançando, e me olhou séria.

— Que diabos aconteceu?

— Eu não sei. — Meu peito subia e descia rapidamente. — O cara não me soltava e Cam surgiu do nada. Eu preciso...

— Não. — Ela me impediu, bloqueando a passagem. — Você precisa deixá-lo se acalmar. Ele está com os amigos dele, deixe estar.

Esfregando as mãos nos quadris, demorei para processar o que Brit havia dito. Havia uma grande chance de eu vomitar bem ali. Olhei em volta, torcendo para que meu coração desacelerasse. Algumas pessoas estavam nos observando. Outras tinham perdido interesse na hora em que ficara óbvio que não haveria mais briga. Steph estava próxima da mesa de pingue-pongue e apertou os lábios quando nossos olhares se encontraram. Voltei a ouvir a música que batia no mesmo ritmo do meu coração. O suor brotava da minha testa.

— Ei, Avery, você está bem? — perguntou Brit.

Forcei um aceno, mas eu não estava bem. A garagem estava girando outra vez — todas as fantasias e sons amplificadas. Senti uma grande pressão no peito. O cheiro de cerveja, perfume e suor impregnavam o ar. Respirei fundo, mas não pareceu o suficiente.

— Preciso de ar fresco — avisei Brit, desprendendo-me dela.

— Eu vou com você.

— Não. Não, eu estou bem. Fique aqui. — Eu não queria arruinar a noite dela. — Eu estou bem. Sério mesmo. Só preciso de um pouco de ar fresco.

Brit cedeu depois que insisti mais um pouco, e saí daquela garagem, sentindo como se centenas de olhos estivessem me acompanhando, mesmo sabendo que, provavelmente, ninguém mais soubesse que eu existia.

Um vento fresco afastou o cabelo suado da minha nuca, mas nem cheguei a sentir direito. Não parei. Continuei caminhando, com as mãos abrindo e fechando ao lado do corpo. Antes que eu pudesse perceber, estava ao lado do meu carro. Procurei as chaves no bolso e me sentei atrás do volante.

Apertei o rosto com as mãos trêmulas. Meu Deus, eu ainda sentia as mãos dele — não do cara bêbado, mas de Blaine. Podia ouvi-lo sussurrar no meu ouvido, senti-lo atrás de mim, a pressão... Colando a cabeça no encosto, fechei os olhos com força.

— Não. Não vou fazer isso.

As palavras pareceram ecoar dentro do carro e foram jogadas na minha cara, porque eu *estava* fazendo aquilo. Estava fazendo exatamente o que não deveria fazer.

Eu não podia voltar lá, nem pelos meus amigos, nem pelo meu moleto.

Enfiando a chave na ignição, tirei o carro da vaga. Não faço ideia de como cheguei em casa. Não lembrava de nenhuma parte do trajeto, apenas que estava parada no meio do meu apartamento, tentando recuperar o fôlego.

Fui até o corredor e deslizei pela parede, aproximando os joelhos do peito. Eu me encolhi, enfiando as mãos no cabelo. Contraí os olhos, mas não consegui impedir as lágrimas, que escorreram pelo meu rosto.

Eu não tinha dúvida de que tinha feito merda — tinha exagerado. O cara da festa tinha sido repulsivamente grudento, mas eu tinha exagerado. Deixei o passado distorcer o que realmente estava acontecendo. Entrei em pânico e Cam quase se envolveu numa briga por conta disso.

Apertei a testa contra os joelhos, puxando o cabelo para trás. Não aguentava mais aquilo. Tentei lutar, mas acabei transformando um momento agradável num vexame épico. Qual era o meu problema?

Havia várias respostas possíveis — os problemas eram muitos. Nenhuma novidade nisso, mas aquilo era... Quis tanto que aquela noite fosse legal, que aquela noite fosse o empurrãozinho que faltava na direção certa, não importando aonde me levasse. Um choro subiu na minha garganta e travei a mandíbula até os dentes molares doerem. Em vez disso, eu estava ali, de volta aonde tudo havia começado.

* * *

O latejar na minha cabeça tinha aumentado tanto que comecei a sentir o apartamento inteiro reverberando no mesmo ritmo. Contraíndo o rosto, abri os olhos e percebi que estava no mesmo lugar onde sentara, no corredor, e meu corpo inteiro estava dolorido. Eu havia adormecido, por uma ou duas horas.

E as batidas não estavam apenas na minha cabeça — também estavam na minha porta.

Levantei, correndo até a porta no meio da penumbra. Minha mente estava tão longe que nem olhei para ver quem era.

Cam entrou na minha casa e, antes mesmo que eu processasse o que estava acontecendo, me vi aninhada em seu peito. Aqueles braços fortes me envolveram e ele levantou uma mão, acomodando minha cabeça. Inspirei profundamente, aspirando o cheiro de seu perfume misturado com álcool.

— Jesus Cristo — disse ele, enrolando a mão no meu cabelo. — Por que você não atendeu a merda do seu telefone?

— Eu acho que deixei o celular no carro. — Minha voz estava abafada contra seu peito.

Ele xingou novamente ao se afastar. Suas mãos vieram ao meu rosto, segurando-me de um jeito que não me remetia a memórias ruins.

— Liguei umas duzentas vezes para você, assim como Jacob e Brittany.

— Desculpe. — Pisquei lentamente. — Eu não...

— Você andou chorando. — Os olhos dele se fixaram em mim até restar apenas um fio azul de cada lado. — Você andou chorando, cacete.

— Não, não chorei. — A mentira saiu forçada demais.

— Você já se olhou no espelho? — perguntou ele. Quando balancei a cabeça, ele baixou as mãos e fechou a porta, pegando minha mão. Vi um músculo contrair em sua mandíbula, e, quando voltou a falar, sua voz estava firme. — Venha aqui.

Deixei-o me arrastar até o banheiro do corredor. Quando ele acendeu a luz, fiz uma careta e vi meu reflexo no espelho.

— Meu Deus...

Meus olhos estavam inchados e vermelhos, mas foi a maquiagem negra escorrida que confirmou o fato de que minha primeira tentativa de ir a uma festa em cinco anos tinha ido por água abaixo. Meu olhar encontrou o de Cam pelo espelho e um sentimento de vergonha absurdo tomou conta de mim. Coloquei a cabeça entre as mãos e murmurei:

— Que ótimo. Perfeito.

— Não está tão ruim, meu anjo. — A voz dele abrandou e suas mãos tocaram meus braços. Ele gentilmente me puxou pelas mãos. — Sente-se aqui.

Sentei-me no assento fechado da privada. Olhando por entre meus dedos, forcei o cérebro a pensar na situação.

— O que você está fazendo aqui?

— O que estou fazendo aqui? — Ele molhou uma toalha na pia e se ajoelhou na minha frente. — Essa pergunta é séria?

— Acho que não.

— Olhe para mim. — Quando não o fiz, ele repetiu. — Caramba, Avery, olhe para mim.

Nossa. Senti subir uma raiva dentro de mim. Meu queixo se levantou.

— Feliz?

O músculo em sua mandíbula voltara a contrair.

— Por que eu viria até aqui? Você saiu de uma festa sem dizer nada a ninguém.

— Eu falei...

— Você falou para a Brittany que ia tomar um ar fresco. Isso foi há três horas, Avery. Eles acharam que você estava comigo, mas só quando me viram mais tarde é que perceberam que não estava mais lá. Depois do que aconteceu com aquele babaca, você os deixou assustados.

Minha raiva foi completamente substituída por culpa.

— Não foi minha intenção. Só esqueci meu telefone no carro.

Ele não disse mais nada ao limpar meus olhos com a toalha, tirando a maquiagem borrada.

— Você não precisava ter ido embora.

— Eu exagerei. — Meus cílios baixaram ao expirar. — O cara... ele não chegou a fazer nada de mais. Ele só me surpreendeu e eu exagerei. Acabei com a festa.

— Você não acabou com a festa. E aquele filho da puta não deveria ter ficado agarrando você. Merda. Eu ouvi você dizer “me deixe em paz” e tenho certeza que ele também ouviu. Talvez eu não devesse ter reagido... da forma que reagi, mas que se dane. Ele estava agarrando você e eu não gostei.

É, eu disse ao cara para me deixar em paz, mas ele estava bêbado e perdido. Tudo o que ele queria era dançar comigo. Eu sabia identificar quando um cara se tornava uma ameaça. Ele não tinha chegado a esse estágio. Nem sei se chegaria, mas aquilo trouxe memórias que me levaram ao limite.

— Você não precisava ter vindo até aqui — disse por fim, de repente, sentindo-me muito cansada. — Você deveria estar se divertindo na festa.

Cam ficou tanto tempo em silêncio que tive que olhar para ele. A expressão em seu rosto era um misto de vontade de me estrangular com algo muito, muito diferente. Senti uma pressão no estômago, bem parecida com aquela que sentira na festa antes de tudo ir para os ares.

— Nós somos amigos, certo? — ele disse com uma voz baixa e grave.

— Certo.

— Isso é o que os amigos fazem. Eles cuidam uns dos outros. Brittany e Jacob estariam aqui, mas eu disse para eles ficarem lá.

Talvez eu estivesse interpretando aquele momento da forma errada.

— Eu preciso pegar meu telefone e ligar...

— Vou mandar uma mensagem para Brittany. Peguei o número dela. — Ele ficou de pé sem tirar os olhos de mim. — O fato de você achar que ninguém viria para tomar conta de você é... nem sei dizer o que é.

Fiquei sem palavras e comecei a desviar o olhar, mas sua mão se aproximou do meu rosto. Ele moveu o polegar, acariciando minha pele. Nossos olhos se encontraram e desejei ter algo sagaz para dizer, algo que apagasse aquela noite. Bem, tudo, menos a parte em que ele olhou para mim na festa. Daquela parte eu meio que gostei.

Está bem. Gostei muito daquela parte, mas tanto faz.

— Por que você estava chorando? — ele perguntou. — Espere. Aquele filho da puta machucou você? Porque eu vou...

— Não! Nada disso — eu disse rapidamente. Tive a sensação de que ele iria atrás do cara e lhe daria uma surra se achasse que ele havia me machucado.

— Então, por quê? — Seu polegar se moveu novamente e eu correspondi àquele gesto, um instinto há muito esquecido. Apoiei a cabeça na mão dele. — Fale comigo.

Falar era muito fácil para a maioria das pessoas, mas elas tinham coisas sobre as quais, de fato, queriam conversar.

— Não sei. Eu acho que fui infantil.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Tem certeza que é só isso?

— Tenho — sussurrei.

Novamente, ele ficou um bom tempo em silêncio. Desta vez, seus olhos me analisaram lentamente.

— Você está bem?

Confirmei, meneando a cabeça.

Sua mão desceu um pouco e o polegar roçou meu lábio. Inspirei com dificuldade, ficando consciente do quanto estávamos próximos. Notei que era estranho. Queria saber o que dizer para fazer aquela noite desaparecer, mas não era de palavras que eu precisava.

Um toque, um único olhar tinha o mesmo poder.

Eu não estava pensando em nada além dele naquele momento. Havia uma liberdade que eu nunca experimentara.

Seu olhar estava focado nos meus lábios, e, assim que me dei conta disso, meu coração acelerou, fazendo o sangue correr mais rápido. Não havia muito espaço entre nós. Tudo o que ele tinha que fazer era se aproximar uns cinco centímetros e pronto.

Então seu olhar subiu.

Cam encurtou a pequena distância entre nós antes que eu pudesse me afastar. Meu coração pulou no peito só de pensar que ele poderia me beijar, que eu estava, literalmente, a segundos do meu primeiro beijo, e eu não tinha a menor ideia do que fazer. Minha boca estava com um gosto esquisito depois de tanto chorar, além de que eu estava sentada na privada, o que, certamente, não era o cenário mais romântico.

Mas ele não me beijou. Encostou a testa na minha e expirou com dificuldade, exalando um cheiro de menta.

— Você me leva à loucura às vezes.

Eu me levava à loucura.

— Desculpe.

Cam se afastou um pouco, analisando minhas feições.

— Não fuja desse jeito de novo, está bem? Fiquei morrendo de preocupação quando não a encontrei e ninguém sabia onde você estava.

Quase pedi desculpas novamente, mas desculpas eram como desejos. Havia uma porção deles na minha vida, porém nenhum tinha muita importância. Então, fiz uma coisa que jamais pensei que faria, nem mesmo *antes*.

Eu me inclinei para a frente e encostei os lábios em sua bochecha. Seus olhos se arregalaram e eu me afastei. Sob seu olhar intenso, fiquei me perguntando se tinha feito algo de errado.

Cam começou a se aproximar e, em seguida, parou. Seus olhos eram tão grandes e verdadeiramente belos, únicos na maneira como os matizes pareciam mais profundos e escuros.

— Avery?

Engoli a seco.

— Cam?

Ele não me deu um sorriso torto nem mostrou a covinha.

— Saia comigo.

Senti um aperto no coração e fui remetida àquela vez em que ele tinha voltado ao campus mais cedo após o feriado e viera direto para a minha casa. Alguma coisa se rompera em mim naquele dia e se rompia em mim nessa hora, como um muro de... ressalvas. A festa não tinha sido boa, mas Cam... ele era diferente. Sempre fora diferente.

E ele estava ali. Tinha que haver algum motivo. Com certeza, havia um motivo.

Meu cérebro me dizia que era uma má ideia, e eu disse a ele para calar a boca, porque raramente me dizia algo de útil. Respirei fundo, mesmo sem precisar.

— Sim.

* * *

Jacob sentou-se à frente de onde eu e Brittany estávamos, na pequena cafeteria da cidade, exibindo o par de óculos escuros e o chapéu-coco de sua fantasia de Halloween. Nós três matamos a aula de História. Tinha sido ideia dele, e, para falar a verdade, eu estava ligada demais para assistir a uma aula. Além do mais, a única aula à qual havia faltado em todo o semestre fora aquela de Astronomia do primeiro dia. Faltar só a mais uma, mesmo sendo relacionada ao meu curso, não seria um crime tão grave.

Ele gemeu ao tomar seu café com leite.

— Quem me deixou beber tanto quanto bebi ontem à noite tem que levar um tapa na cara.

Olhei para Brit ao pegar meu bolinho de gotas de chocolate. Ela olhou para mim meio envergonhada.

— Você me deixou “aproveitar a vida” com Jimmie, então, não estou nem aí.

— E como foi? — perguntou ele, baixando os óculos e olhando para ela com os olhos vermelhos da noite anterior. — Você parecia estar andando meio torta até o carro.

Brit fez cara feia para ele.

— Você está dando crédito de mais a Jimmie. Fui embora com você, e, quando Jimmie me mandou uma mensagem mais tarde, porque, óbvio, por qual motivo não mandaria? Eu não respondi. Fui uma garota comportada.

— Ótimo, porque, se o cara não a faz andar torta depois do sexo, então ele não é lá grande coisa. — Jacob focou o olhar em mim. — Mas você, senhorita. Ainda estou de olho em você.

— E eu também — Brit se juntou a ele, dando um tapa em meu braço quando estendi a mão para pegar meu chocolate quente. — Você deu um susto e tanto em mim ontem à noite. Achei que tivesse sido sequestrada.

— Eu sinto muito mesmo por aquilo. Fui para casa e esqueci o telefone no carro. — Quando achei que ela não fosse me bater de novo, envolvi a caneca nos dedos. — Eu me sinto mal mesmo. Não queria que nenhum de vocês tivesse se preocupado tanto.

— Bom, mas nos preocupamos... — Ele sorriu. — Quando percebemos que você estava sumida. Mas levou uma hora ou mais.

Brit fez uma careta ao concordar balançando a cabeça.

— É verdade. Portanto, se tivesse sido sequestrada, bem, teria sido uma merda.

Eu ri, quase engasgando com o chocolate.

— Nossa. Acho que eu deveria me sentir menos culpada agora.

— É, nós somos uns amigos de merda. — Jacob recostou-se, levantando a ponta do chapéu. — Mas nós nos redimimos quando envolvemos Cam nessa história.

Meu coração acelerou de novo.

— Achamos mesmo que você estava com ele — disse Brit, roubando um pedaço do meu bolinho. — Foi por isso que demoramos tanto, mas aí o vimos saindo de um dos quartos com Jase e Ollie.

— Ele ficou muito preocupado quando perguntamos se a tinha visto. — Jacob coçou a sobancelha. — Em seguida, ele saiu com Ollie à procura do seu carro.

Brit balançou a cabeça, ainda de olho no meu bolinho.

— Foi meio romântico, principalmente porque você não estava morta em lugar nenhum.

Eu ri ao empurrar o bolinho para ela.

— Então ele foi embora, como um cavaleiro de armadura, deixando a festa para trás e uma Chapeuzinho Vermelho vadia bem infeliz. — Brit atacou aquele bolinho feliz da vida. — Sério, Avery, eu sei que você insiste em não querer dar um passo à frente, mas você precisa sair com ele.

— E eu vou — respondi baixinho, pegando meu chocolate quente.

— Porque ele não vai continuar chamando para sempre — ela continuou, sem se dar conta. — Ele vai seguir em frente e você vai acabar sentada no seu apartamento, chorando as pitangas e...

— Brit, cala a boca por um segundo. — Jacob inclinou-se para a frente e tirou os óculos. — Espere. Você acabou de dizer que vai sair com ele?

— Vou. — Naquele momento, meu coração deu um salto. Só de falar no assunto, eu já era tomada por um nervosismo absurdo. — Ele me chamou de novo e eu disse sim.

Brit tirou meu bolinho da boca, com os olhos arregalados.

— Como é que é? Quando isso aconteceu?

— Noite passada.

— Quando ele saiu para ver como você estava? — perguntou Jacob.

Confirmei com a cabeça.

— Puta merda — sussurrou Brit. — Você vai sair com Cam.

— Um encontro — complementei. — Mas não é nada de mais.

É claro que era importante para mim. Aquele seria meu primeiro encontro — era muito importante. Nunca que eu contaria esse pequeno detalhe para eles. Já era constrangedor o bastante que Cam soubesse esse meu segredo.

— Eu estaria batendo palminhas como uma foca, se não estivesse com uma ressaca tão forte, só para que saiba. Por dentro, estou dando cambalhotas de alegria por você, com pompons e tudo. — Jacob riu da cara que fiz. — É tudo uma questão de tempo. Ele só vinha chamando você há...

Dei de ombros.

— Não muito tempo.

Brit ficou chocada com o que eu disse, deixando um pedaço do bolinho cair na mesa, o que me fez rir.

— Ele vinha chamando você para sair desde o fim de agosto. Hoje é dia primeiro de novembro, Avery, caso tenha perdido a noção do tempo. A maioria dos caras nem se lembra do nome da garota depois desse tempo todo.

Arregalei os olhos.

— É verdade — concordou Jacob. — Esqueço seu nome uma vez por semana, mais ou menos.

Não tive como não rir daquela.

— Então, quando vocês vão sair? — perguntou ela, desfazendo e refazendo seu rabo de cavalo. — O que vocês vão fazer?

Eu tinha certeza de que meu coração estava dando aquelas cambalhotas que Jacob alegara estar fazendo por dentro.

— Só vamos sair no fim de semana que vem. Ele tem um trabalho para fazer este fim de semana e já tinha planos com Ollie. Alguma coisa sobre aqueles programas de artes marciais que passam no *pay-per-view*. — Cam havia me convidado, mas parecia ser mais uma noite dos rapazes. — Acho que vamos a um restaurante em Hagerstown no domingo que vem.

Os olhos de Brit brilharam.

— Ah, meu Deus, garota, temos bastante tempo para preparar você.

— Eu preciso de uma semana para me preparar?

Ela afirmou com a cabeça vigorosamente.

— Você precisa arrumar o cabelo, fazer as unhas e, depois, você precisa se depilar, sabe, lá embaixo...

— Tudo bem, quando vocês duas começam a falar sobre depilar lugares inomináveis, é a minha deixa para dar o fora daqui.

Jacob pegou a mochila e se levantou. Parando na minha frente, ele me deu um beijo no rosto.

— Sério, já era hora.

Meu rosto ficou quente e murmurei:

— Obrigada. — Não sei bem por que disse aquilo, pois parecia ser um momento estranho para agradecer.

Depois que Jacob saiu pela porta, Brit pegou o copo dela.

— Papo sério?

— Está bem. — Imaginei que estava prestes a receber uma aula detalhada sobre depilação e me preparei.

Brit veio na minha direção e, quando falou, sua voz estava irreconhecivelmente baixa.

— Noite passada, lá na festa, quando aquele cara tentou dançar com você...

O-oh. Meu estômago foi direto para o pé.

— Sim?

— O que aconteceu entre vocês dois? — Ela umedeceu os lábios.

— Eu o vi agarrando você.

Desviei o olhar, engolindo a seco para controlar o enjoo.

— Foi só o que ele fez. Ele só me surpreendeu e eu exagerei na minha reação. Eu me sinto totalmente idiota.

Brit sugou o lábio por entre os dentes enquanto me analisava.

— Não que um cara agarrar você seja legal, porque não é, e, embora isso aconteça o tempo todo nas festas, é realmente muito irritante. — Ela fez uma pausa. — Por que você reagiu daquele jeito?

Fiquei desconfortável na cadeira, deslizando as mãos sobre as coxas.

— Como eu disse, só fiquei surpresa. Ele me pegou desprevenida.

— Pegou você desprevenida... — ela repetiu, inspirando profundamente em seguida. — Tudo bem. Vou ser bem sincera com você. É isso o que amigas fazem, certo?

Senti uma inquietação crescendo dentro de mim.

— Certo.

Mais uma pausa.

— Eu vi seu rosto, Avery. Você ficou completamente descontrolada. Não foi só uma questão de ser pega desprevenida ou porque você não vai a festas. E não estou tentando bancar a

ignorante ao dizer isso, então, por favor, por Deus, não veja dessa forma, mas aquela não foi uma reação natural.

Não foi uma reação natural. E eu não sabia disso? Olhei para ela e, de repente, quis contar a verdade — contar tudo. A necessidade era inexplicável e me afetou bastante. A vontade veio até a ponta da minha língua. Anos de silêncio ficaram suspensos no ar entre nós. Brit esperava com um olhar fixo e, antes mesmo de eu abrir a boca, pude ver essa ânsia em seus olhos e na tensão dos lábios. Ela não era idiota. Suspeitava de alguma coisa, talvez até do pior. Empatia. Talvez até pena estivesse brilhando nos olhos dela.

— Alguma... coisa aconteceu com você, Avery? — ela perguntou lentamente.

A necessidade de contar a ela, de contar a *alguém* murchou como se um balão tivesse sido alfinetado. Desviei o olhar para a janela e além, para as ruas cheias de trânsito lá fora. Balancei a cabeça e disse:

— Não. Nada aconteceu comigo.

CAPÍTULO

Brit não tocou no assunto de novo depois daquela manhã na cafeteria, e, como Jacob prometera, no dia seguinte, ele ficou excessivamente empolgado — pulando, batendo palmas, fazendo dancinhas — por conta do encontro que eu teria com Cam. Quem visse poderia até pensar que era Jacob quem sairia com ele.

Tentei não pensar demais no encontro, por mais impossível que isso fosse. Ainda mais difícil era não pensar no assunto todas as vezes que Cam estava por perto. Nada e tudo, de certa forma, haviam mudado entre nós. Quando ele se sentava ao meu lado na aula, quase toda a minha atenção ficava voltada para ele. Toda vez que ele se movia e sua perna ou seu braço encostava em mim, uma sensação de formigamento se espalhava por todo o meu corpo e permanecia por mais uma hora. Não tinha certeza se ele percebia; minha esperança era de que não.

Durante toda a semana seguinte, uma frente fria se estabeleceu sobre a região. As árvores estavam sem folhas e o vento vindo do Rio Potomac as chacoalhava como se fossem ossos secos e ocos, e fazia um bom tempo desde a última vez que tinha enfrentado esse tipo de frio. Não importava o quanto eu me agasalhasse, parecia que estava no Alasca toda vez que entrava na sala de aula.

Na sexta-feira que antecedeu a “grande noite”, Cam estava com um humor meio estranho; estava até fazendo anotações na aula.

— Veja você — murmurei, enquanto o professor Drage passava os slides da Via Láctea no projetor. — Está prestando atenção.

Cam olhou enviesado para mim.

— Eu sempre presto atenção.

— Sei, sei.

Ele girou a caneta por entre os dedos, sem tirar os olhos de Drage.

— Você tomaria pau na matéria se não fosse por mim.

Um sorriso brotou em meus lábios.

— Eu conseguiria me concentrar mais, se não fosse por você.

— É mesmo? — Ele se inclinou para mim, encostando o ombro no meu. Observando a frente da sala por um instante, ele, então, se virou. Quando falou, seus lábios roçaram minha têmpora, gerando um calor na minha pele. — Por que você acha que eu a distraio tanto, meu anjo?

— Não do jeito que você pensa — respondi, o que era mentira.

— Repita isso até acreditar.

— Algum dia, seu ego vai fazer com que sua cabeça imploda.

— Duvido que esse dia chegue — respondeu ele. Em seguida, com a ponta seca da caneta, traçou uma linha no dorso da minha mão direita, até a beirada do moletom. — Isso distrai?

Completamente sem palavras, meus dedos congelaram em volta da minha caneta.

— Distrai? — A caneta voltou descendo pela minha mão, por entre os ossos. — Você gravou quantas estrelas formam o cinturão de Órion? Não? — A caneta estava se movimentando de novo, e quem diria que uma caneta pudesse ser tão... tão sensual. — Há três estrelas que formam o cinturão, meu anjo.

Mordi meu lábio.

Um ruído grave e suave emanou do peito dele.

— Isso é que me distrai — murmurou ele —, sempre que faz isso.

Meus olhos se arregalaram quando expirei o ar dos pulmões.

Ele riu disfarçadamente, e um arrepio delicado correu minha espinha.

— Quer saber?

— O quê? — sussurrei.

Cam se aproximou, fingindo que se espreguiçava. Fiquei tensa, sem saber o que ele estava tramando. Seu braço veio por trás de mim e, em seguida, os lábios vieram quentes e firmes na minha pele, logo abaixo da orelha. Senti um choque irradiando pelo meu corpo, inquietante e algo mais — excitante.

Seus lábios se curvaram em mim e eu me arrepiei.

— Mal posso esperar por amanhã à noite.

Inspirando com dificuldade, fechei os olhos. Cam riu novamente e se recostou em sua cadeira, sempre olhando para a frente, rabiscando qualquer coisa em seu caderno. Eu não aguentava mais aquela aula. Nada penetrava o nevoeiro que havia em minha mente, pois eu estava incrivelmente concentrada em pensamentos sobre ele.

* * *

Brit e eu passamos a tarde fazendo as unhas. Fazia tanto tempo que eu não fazia mão e pé que até esquecera quão entediada ficava durante o procedimento, e como dava vontade de tocar tudo na minha frente depois de estar com o esmalte fresco nas unhas.

— Você está nervosa? — perguntou Brit, exibindo suas unhas dos pés pintadas de rosa-choque.

Resistindo ao forte impulso de puxar minhas mãos e enfiá-las nos cabelos, concordei com a cabeça:

— Sim, estou nervosa. Isso faz de mim uma boba? Porque se fizer, sou a rainha das bobas.

Ela riu de mim.

— Acho que não. Estar nervosa quer dizer que está empolgada. Mas que diabos, eu estou empolgada! Estou sentindo seu nervosismo por você. Você vai ter que me ligar logo que chegar em casa. — Ela então me olhou dissimuladamente. — A menos que a noite hoje seja longa...

Meu queixo caiu.

Outra rodada de risadas tomou conta dela, conforme voltou a se encostar na cadeira.

— Tudo bem. Duvido que isso aconteça, mas você precisa me ligar logo em seguida. Preciso saber se ele beija bem.

— Como sabe que vamos nos beijar?

— É sério isso? — disse ela, boquiaberta comigo. — Claro que ele vai beijá-la.

Meu estômago voltou a ir para o pé.

— Talvez não.

— Ah, não, ele vai beijar você. Provavelmente, vai querer fazer muitas outras coisas, mas ele vai beijar você. Eu sei disso. — Brit soltou um gritinho que trouxe um sorriso nervoso ao meu rosto. — Aposto que ele deve beijar muito bem.

Se eu tivesse que avaliar sua habilidade no beijo pelo que já conhecia dele, tinha que dizer que, certamente, ele beijava bem, especialmente pelo fato de que quase me fizera gemer só por passar uma caneta na minha mão. Pareciam preliminares... com uma caneta.

Eu ri comigo mesma.

Depois da manicure, Brit me fez prometer mais uma vez que eu ligaria para ela assim que pudesse, após o meu encontro, e voltei ao meu apartamento. Com cuidado para não borrar o esmalte roxo, tomei o banho mais longo da minha vida e, em seguida, revirei meu armário inteiro. Toda vez que eu olhava para o relógio e via que as

sete horas se aproximavam, sentia o coração palpitando contra as costelas, como se ele fosse sair do peito.

Meu armário inteiro estava jogado metade sobre a cama, metade no chão. Parecia meio estúpido estar tão indecisa quanto ao que vestir, mas eu, sinceramente, não tinha a menor ideia. Finalmente, depois de quase desistir e ligar para Brit para lhe pedir conselhos, decidi por uma calça jeans *skinny* enfiada por dentro de botas pretas e uma blusinha verde-escura, que era elegante e insinuante.

Demorei o mesmo tanto para fazer minha maquiagem e arrumar o cabelo, tanto quanto naquele dia em que ele veio para ver filmes. Achei engraçado, enquanto passava a base, como estava preocupada com a minha aparência, já que ele sempre me via parecendo um trapo aos domingos, quando vinha fazer seus ovos.

Ai, meu Deus, o dia seguinte seria domingo, o que era óbvio, porque os domingos sempre vinham depois dos sábados, mas aquele seria diferente. Seria o primeiro depois de nosso encontro. Será que ainda comeríamos ovos juntos? E se o encontro acabasse virando até a manhã do dia seguinte? Eu não era tão ingênua. Cam podia facilmente estar achando que aquele encontro poderia dar em algo mais.

No espelho, meus olhos estavam artificialmente largos e o rímel estava perigosamente próximo dos globos oculares.

O encontro, com certeza, não terminaria no meu quarto, porque parecia que uma loja de roupas havia vomitado ali dentro.

Tudo bem. Eu estava sendo idiota. Amanhã não seria diferente do hoje. Hoje não se tornaria uma noite interminável de sexo por várias razões. E não tinha nenhum motivo para que eu agisse como se não tivesse ideia de que os domingos vinham depois dos sábados.

Depois dessa pequena conversa com os meus botões, saí do banheiro. O nervosismo que percorria minhas veias não era uma sensação ruim. Era bem... diferente, como um tipo bom de ansiedade. Eu estava, literalmente, a dois segundos de rebolar bem no meio da minha sala quando Cam chegou.

Ele entrou no meu apartamento, olhando com admiração para mim, desde as botas pretas até meu último fio de cabelo. Impressionante como um olhar podia valer como um toque, e eu o senti de um jeito que colocou meu nervosismo de mais cedo no chinelo.

Cam pigarreou e disse:

— Você está... muito, muito linda.

— Obrigada, você também — respondi, ruborizando.

E essa era a verdade. Cam estava absolutamente maravilhoso com um jeans escuro e uma malha preta com decote em V, que se estendia por seus ombros largos; o cabelo preto caía um pouco sobre a testa e ele exibia um sorriso leve e lindo no rosto. Àquela altura, estava meio que me perguntando o que eu estava fazendo ali, prestes a sair com ele.

— Você está pronta? Pegou um casaco?

Saindo daquele estado de admiração, acenei com a cabeça e corri até o quarto, quase beijando o chão quando meu salto enroscou em um suéter. Peguei um casaco e o vesti enquanto o acompanhava. Vi um quê de curtição no olhar dele ao pegar minha bolsa do encosto do sofá. Sentindo uma vergonha sobrenatural, eu o agradei.

— Pronta — eu disse, ofegante.

— Ainda não. — Cam se aproximou e começou a fechar os grandes botões do meu casaco. — Está um gelo lá fora.

Fiquei ali parada, absolutamente travada e fascinada por aquele simples gesto. Ele começou por baixo e foi subindo lentamente, o que fez minha pulsação acelerar. Prendi o ar quando ele chegou perto do meu peito. Suas mãos roçaram levemente na frente do meu casaco e eu congelei. Camadas de roupas pareciam ter desaparecido quando senti um calor inesperado na ponta dos meus seios.

— Perfeito — murmurou ele. Através dos cílios, seus olhos eram de um cobalto fervente e estonteante. — Agora estamos prontos.

Não fiz nada além de encará-lo por um instante, forçando, em seguida, minhas pernas a caminhar, apesar de estarem bambas. Assim que pisamos no corredor, a porta do apartamento de Cam se abriu.

Ollie apareceu, com um celular numa mão e Raphael de patinhas para fora na outra.

— Sorriam! — ele gritou, tirando uma foto com seu telefone. — Parece que meus dois filhos estão indo para o baile de formatura.

Cam e eu ficamos sem reação.

Ollie estava radiante.

— Vou colocar essa no meu livro de fotos. Divirtam-se! — Ele voltou para o apartamento, fechando a porta.

— Então...

Cam soltou uma gargalhada.

— Meu Deus, por essa eu não esperava.

— Ele não faz isso normalmente?

— Não. — Ele gargalhou de novo, colocando a mão na minha lombar. — Vamos sair logo daqui antes que ele tente ir conosco.

Sorri para ele.

— Com Raphael?

— Raphael seria bem-vindo. Só Ollie que não. — Cam sorriu ao chegarmos às escadas. — A última coisa que eu iria querer é ter você distraída nesse encontro.

Distraída? Eu já estava.

CAPÍTULO

Só quando a cesta de pães chegou com as nossas bebidas, e foi colocada sobre a mesa brilhante entre nós, que consegui controlar melhor minha respiração. O nervosismo havia retornado no caminho até o restaurante, embora Cam parecesse não ter notado e estivesse completamente tranquilo.

Passei um bom tempo analisando o cardápio, pois estava lutando contra o impulso de começar a roer minhas lindas unhas.

Cam me cutucou sob a mesa com o pé e olhei para cima.

— Que foi?

Ele apontou para a minha esquerda e vi o garçom parado com um sorriso.

— Ah, sim, vou querer o... — Escolhi a primeira coisa em que meus olhos conseguiram focar. — Frango ao molho Marsala.

O garçom anotou o pedido e, então, Cam pediu um filé malpassado com salada e uma batata assada. Quando o garçom se afastou, Cam atacou os pãezinhos.

— Quer um pouco?

— É claro. — Torci para não engasgar. Observei-o partir um pedaço ao meio e passar manteiga nele. — Obrigada.

Ele ergueu a testa, mas não disse nada ao me ver morder o pão, pedacinho por pedacinho. Forcei meu cérebro a pensar em algum assunto, algo para dizer. Nem precisava ser interessante. Eu só precisava falar. Por algum motivo, a conversa que ele tivera com Ollie ressurgiu na minha mente e comecei por ela.

— Você pratica algum esporte?

Cam piscou, meio que pego de surpresa.

Fiquei sem jeito.

— Desculpe. Foi uma pergunta aleatória.

— Tudo bem. — Ele mastigava lentamente o pão. — Eu costumava praticar.

Aliviada por ele ter cooperado, relaxei um pouco.

— Que esporte?

Ele partiu outra fatia de pão.

— Eu jogava futebol.

— Sério? — Por que todos os jogadores de futebol eram maravilhosos? Seria algum tipo de lei universal do futebol? — Que posição?

Mesmo tendo noção de que Cam, provavelmente, imaginava que eu não sabia patavinas sobre futebol, ele prosseguiu.

— Eu era atacante, que é uma posição no meio de campo.

— Ah, sim! — Concordei como se soubesse o que aquilo significava.

Cam sorriu, mostrando sua covinha.

— Isso significa que eu fazia um monte de gols.

— Então você era bom?

— Razoável. Tinha que ser rápido, então, precisava correr muito.

Era basicamente só o que eu sabia sobre futebol — uma correria danada.

— Você jogou no Ensino Médio?

— No Ensino Médio, na liga amadora e no meu primeiro ano de faculdade.

Ousei dar outra mordida no pão. Até ali estava ótimo.

— E por que você parou?

Cam abriu a boca, mas fechou em seguida. Olhando por cima do meu ombro, ele ficou em silêncio por um bom tempo antes de dar de ombros.

— Era só uma coisa que eu não queria mais fazer.

Eu era a rainha das respostas evasivas, portanto, reconhecia uma quando a ouvia. Queria muito descobrir mais coisas sobre ele, mas tinha dado a mesma resposta tosca quando ele havia me perguntado sobre eu ter parado de dançar. Não estava muito em posição de ficar insistindo.

Seu olhar brilhante fixou-se em mim, e, mesmo sob a luz tênue, senti que meu rosto tinha ficado um rosa-escuro. Caramba, eu precisava parar de ruborizar.

Cam riu, e senti vontade de jogar meu pão na cara dele.

— Avery...

— Cam?

Ele se curvou sobre a mesa e a pequena vela entre nós ficou lançando sombras em seu rosto.

— Você não precisa ficar tão nervosa.

— Não estou.

Uma sobancelha dele subiu e eu confessei.

— Tudo bem. Estou, sim. Me desculpe.

— Por que está se desculpando? Não precisa. Este é o seu primeiro encontro.

— Obrigada por me lembrar — murmurei.

Seus lábios tremeram como se ele quisesse sorrir.

— Não é uma coisa ruim. É normal ficar nervosa.

— Mas você não está.

— É porque eu sou demais.

Revirei os olhos, fazendo-o dar uma risada com um som profundo e alentador.

— Mas não precisa não ficar. Eu quero estar aqui com você, Avery. Não precisa se preocupar em me impressionar ou coisa parecida. Você já fez isso.

— É que... — Balancei a cabeça, ignorando o nó em minha garganta ao olhar para ele. — Você é tão... sei lá. É que você sabe o que dizer para...

— Para?

Passei a mão para trás no meu cabelo e, depois, a apoiei no colo. Eu estava tremendo.

— Você sabe dizer as coisas certas.

— É porque eu...

— Demais — completei sua frase. — Já sei disso.

Cam reclinou-se para trás.

— Eu não ia dizer isso, mas fico feliz que você esteja começando a perceber.

— Então, o que você ia dizer?

— Que eu disse aquilo porque é a verdade, quero estar aqui com você.

— Por que eu? — Soltei essa pérola, fechando os olhos brevemente logo em seguida. — Tudo bem. Não precisa responder.

A comida chegou bem na hora — graças a Deus — e a conversa mudou de rumo... por cerca de dois minutos.

— Eu vou responder àquela pergunta — disse Cam, olhando para mim por entre os cílios.

Eu queria me esconder naquele frango.

— Não precisa.

— Não, eu acho que preciso.

Espremendo meu talher, inspirei profundamente.

— Eu sei que foi uma pergunta idiota, mas você é lindo, Cam. Você é legal e engraçado. Você é inteligente. Recusei seu pedido por dois meses. Você poderia ter saído com qualquer uma, mas está aqui comigo.

— Sim, estou.

— Com a garota que nunca foi a um encontro na vida — acrescentei, olhando para ele sem expressão. — Isso não me parece real.

— Está bem. — Ele cortou um pedaço do filé. — Estou aqui com você porque quero estar. Porque gosto de você. Espere, deixe-me terminar. Eu já lhe disse. Você é diferente, de um jeito bom, então, pode parar com esse olhar.

Eu estava séria, mas ele sorriu.

— E devo admitir: algumas das vezes que a chamei para sair, eu sabia que você diria não. E, talvez, embora eu não estivesse sempre falando sério ao chamá-la, sempre quis que você dissesse que sim. Compreendeu?

Bem, não exatamente, mas concordei meneando a cabeça.

— Além disso, gosto de estar ao seu lado. — Ele colocou um pedaço do filé na boca. — A propósito, acho que sou um partidão para o seu primeiro encontro.

— Meu Deus — eu ri. — Não acredito que você disse que é um partidão.

Ele deu de ombros e afirmou:

— Mas eu sou. Agora, coma o seu frango antes que eu o faça.

Sorrindo, comecei a remexer minha comida, cortando primeiro a parte recheada. Exceto por ter feito uma pergunta idiota, meu

primeiro encontro estava indo bem. Cam começou a introduzir outros assuntos e eu não fiquei muda. Porém, diversas vezes, nossos olhares se encontraram e eu me esqueci completamente sobre o que estávamos falando. Mas estava me divertindo — estava aproveitando aquele momento entre mim e Cam. E a melhor parte era que eu não estava pensando em nada além do presente. Apenas estava... *ali*, e aquele era um bom lugar para se estar.

Quase no fim do jantar, Cam perguntou:

— Então, o que vai fazer no feriado de Ação de Graças? Vai para sua casa no Texas?

— Não — respondi, meio sem graça.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Você não vai para casa?

Terminando meu frango, balancei a cabeça.

— Vou ficar por aqui. Você vai para casa?

— Eu vou para casa, não sei exatamente quando. — Ele pegou seu copo. — Está falando sério que não vai para casa? É mais de uma semana, são nove dias. Tem bastante tempo.

— Meus pais... estão viajando, por isso eu vou ficar aqui. — Aquela não era uma mentira tão grande. Nessa época do ano, entre o Dia de Ação de Graças e o Natal, meus pais faziam cruzeiros ou iam esquiar. — Seus pais fazem um grande jantar de Ação de Graças?

— Sim — ele murmurou, baixando o olhar para seu prato vazio.

A conversa meio que se perdeu um pouco naquele momento, e, quando a conta chegou, Cam não pareceu querer voltar a ela. A noite estava muito fria, então nossas respirações formavam pequenas nuvens brancas e esfumaçadas. Um vento forte bateu, levantando meu cabelo e jogando-o no meu rosto. Senti um arrepio e me encolhi dentro do casaco.

— Está com frio?

— Não é exatamente o Texas — admiti.

Cam riu e se aproximou, passando o braço sobre meus ombros. Seu corpo quente imediatamente me aqueceu, e tive que me esforçar para não ficar tensa e cair dura no chão.

— Melhorou? — perguntou.

Só o que consegui fazer foi acenar com a cabeça.

Já protegida do vento forte, coloquei meu cinto de segurança. Cam entrou e deu a partida na caminhonete, e então juntou as mãos e as esfregou. Ele olhou para mim e disse:

— Foi bom o jantar?

— Foi, sim. E obrigada pela comida. Quer dizer, pelo jantar. Obrigada. — Fiquei confusa com as palavras, fechando os olhos. — Obrigada.

— De nada. — Ele se divertiu comigo. — Obrigado por, finalmente, ter me deixado levar você para sair.

Ele ligou o rádio depois disso, não tão alto a ponto de não podermos conversar, mas eu estava ocupada demais em me concentrar em coisas importantes. Em algum lugar entre Hagerstown e Heights University, tomei uma decisão extremamente importante.

Se o Cam me beijasse, eu não surtaria.

Não. Não. Não.

Eu agiria como uma garota de dezenove anos, com um mínimo de experiência, e não surtaria. Mas, ainda assim, ele poderia não me beijar. Era possível que ele tivesse percebido, em algum momento de nosso encontro, que eu não valia um beijo, e voltasse correndo para seu apartamento para ficar com Ollie e Raphael. E, se assim fosse, estaria tudo bem. Para mim, *não* seria problema.

Porém, quando entramos no nosso prédio e chegamos ao quinto andar, percebi que eu não queria que a noite terminasse já.

Paramos na frente da minha porta e eu me virei para ele, enrolando os dedos na alça da bolsa.

Seus lábios se levantaram de um só lado.

— Então...

— Você gostaria de entrar? Para tomar alguma coisa? Tenho café ou chocolate quente. — Chocolate quente? Sério? Eu tinha doze anos? Que merda. — Não tenho cerveja ou algo mais...

— Chocolate quente seria ótimo — ele me cortou. — Só se você tiver também aqueles pequenos marshmallows.

Meus lábios abriram um sorriso, e nem me importei se era grande ou bobo demais.

— Tenho, sim.

— Então, faça as honras, meu anjo.

Com o coração acelerado, abri a porta e acendi a luz ao lado do sofá. Tirando o casaco, fui direto para a cozinha. Cam sentou-se no sofá enquanto eu preparava nosso chocolate quente. Enquanto a água esquentava, tirei os sapatos. Em seguida, levei nossas duas canecas.

— Obrigado. — Ele pegou uma delas. — Tenho uma pergunta para você.

— Pode falar. — Sentei-me de frente para ele, colocando os pés embaixo de mim.

Ele deu um gole.

— Então, baseada em sua primeira experiência num encontro, você iria a um segundo?

Uma sensação agradável tomou conta do meu peito.

— Tipo, um segundo em geral?

— Em geral.

Encolhi os ombros e tomei um pouco do meu chocolate.

— Bem, esse foi um ótimo primeiro encontro. Se o segundo for tão bom quanto esse, então, acho que eu iria.

— Hmm. Com qualquer um ou...?

Meus cílios baixaram.

— Não com qualquer um.

— Então, teria que ser com alguém em particular?

A sensação agradável se espalhou pelo meu corpo.

— Acho que teria que ser.

— Interessante — ele murmurou, tomando outro gole. Quando olhou para mim, seus olhos estavam cintilando. Cristo. Eu estava ferrada. Olhos cintilando para mim. — E esse alguém em particular vai ter que esperar mais dois meses se quiser chamá-la para sair de novo?

Não consegui evitar o sorriso, então dei outro gole.

— Depende.

— De quê?

— Do meu humor.

Cam riu.

— Prepare-se.

— Está bem.

— Vou chamá-la para sair de novo. Não para um jantar, porque eu gosto de variar. É para ir ao cinema.

Fingi pensar a respeito, mas já sabia que diria sim. Poderia ser uma atitude boba ou sem sentido, mas eu queria sair de novo com ele.

— Cinema?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mas é um cinema *drive-in*, um dos últimos da região.

— Ao ar livre?

— Sim. — O sorriso dele cresceu. — Não se preocupe. Eu vou mantê-la aquecida.

Eu não sabia se ria ou se dizia que essa última frase dele tinha sido adoravelmente brega.

— Tudo bem.

As sobrancelhas dele se levantaram.

— Topa o cinema?

Mordendo o lábio, concordei.

— Sério que não vou ter que insistir mais dois meses?

Fiz que não com a cabeça.

Cam desviou o olhar, rindo baixo.

— Ok. Que tal quarta-feira?

— Quarta que vem?

— Não.

Apoiei meu chocolate quente na mesa de centro.

— Na quarta-feira seguinte?

— Isso.

Contei os dias nos dedos e acabei por franzir a testa.

— Espere um pouco. É a quarta-feira antes da Ação de Graças.

— Exato.

Olhei para ele.

— Cam, você não vai para casa?

— Vou.

— Quando? Depois do filme, no meio da noite ou na manhã de Ação de Graças?

Ele balançou a cabeça.

— Então, esse *drive-in* fica nos arredores da minha cidade natal. A uns quinze quilômetros de lá.

Eu me recostei no sofá, confusa.

— Não entendi.

Cam terminou seu chocolate quente e se virou para mim. Ele se aproximou um pouco, restando poucos centímetros entre nós.

— Se você quiser ir a esse encontro, vai ter que ir comigo para minha casa.

— O quê? — Soltei um ruído agudo, endireitando as costas. — Ir para a sua casa?

Ele apertou os lábios e meneou a cabeça.

— Está falando sério?

— Mais sério que tudo. Venha para a minha casa. Será divertido.

— Ir para a sua casa, a casa dos seus pais? Para o Dia de Ação de Graças? — Quando ele concordou outra vez, dei-lhe um tapa no braço. — Não seja bobo, Cam.

— Não estou sendo bobo. Estou falando sério. Meus pais não vão se importar. — Ele fez uma pausa, torcendo o nariz. — Na verdade, eles vão ficar contentes em ver alguém além de mim. E minha mãe gosta de fazer muita comida. Quanto mais bocas, melhor.

Não havia palavras para aquilo.

— Podemos ir quando quiser, mas, é claro, antes da tarde de quarta. Você não vai terminar seu chocolate quente? — Quando balancei a cabeça, ele pegou minha caneca. — E podemos voltar quando quiser também.

Eu o observei tomar o resto do meu chocolate.

— Não posso ir com você.

— Por que não? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Por milhares de razões, Cam. Seus pais vão achar que...

— Eles não vão achar nada.

Olhei para ele de esquelha, o que o fez suspirar.

— Tudo bem. Veja por esse lado. É melhor do que você ficar aqui na sua casa, sozinha, a semana inteira. O que você vai fazer? Ficar sentada e ler? E sentir minha falta, porque você vai sentir a minha falta. Aí eu vou passar a maior parte do tempo mandando mensagens para você, me sentindo mal por você estar em casa, sozinha, sem nem poder comer um McDonald's, porque até isso fecha no Dia de Ação de Graças.

— Não quero que sinta pena de mim. Não é nada de mais. Eu fico bem sozinha.

— Não quero que fique aqui sozinha e você está exagerando as coisas. Eu sou um *amigo* chamando uma *amiga* para me acompanhar no Dia de Ação de Graças.

— Você é um *amigo* que acabou de levar a *amiga* para sair!

— Ah. — Ele apoiou a caneca na mesa. — Isso é verdade.

Balançando a cabeça, peguei uma almofada, abraçando-a.

— Não posso fazer isso. Visitar familiares no feriado? Isso está indo muito...

— Rápido? — ele concluiu.

— Sim. Muito rápido.

— Bem, então, acho que é uma coisa boa não estarmos ficando ainda, porque, sim, seria muito rápido se esse fosse o caso.

— Mas que... o quê?

Cam tirou a almofada de mim e a jogou ao meu lado.

— Eu e você somos dois amigos que foram a um encontro. Talvez dois, se vier comigo. Não estamos namorando. Somos apenas dois

amigos que saíram juntos. Então iremos para a minha casa como amigos.

Minha cabeça estava girando.

— Isso não faz sentido.

— Faz todo sentido. Nós nem nos beijamos, Avery. Somos apenas amigos.

Fiquei boquiaberta.

Ele deu de ombros.

— Venha para a minha casa, Avery. Prometo que não vai ser constrangedor. Meus pais ficarão felizes em ver você. Você vai se divertir e será melhor do que ficar por aqui. E não vou criar nenhuma expectativa quanto a nada, está bem?

A palavra *não* se formou na minha língua, mas por algum motivo não saiu pela boca. Meus pensamentos estavam a mil por hora, vagamente considerando a ideia de dizer que ele era maluco. Ir para a casa dele? Aquilo era... muito melhor que passar o Ação de Graças aqui sozinha. Já era ruim o suficiente quando eu morava na casa dos meus pais e eles viajavam sem mim, mas, pelo menos, a empregada fazia um peru para eu jantar. A sra. Gibson. Ela tinha preparado o peru assado nos últimos três anos. E o McDonald's fechava mesmo? Cara, que saco. Mas ir para a casa de Cam era insano. Suas justificativas não faziam nenhum sentido. Era o oposto de fazer sentido. Era imprudente e contrário a tudo o que eu já tinha feito.

Contrário a tudo que eu já tinha feito.

Ergui o olhar, encontrando o dele. Seus olhos... que incrível tom de azul. Eu estava mesmo considerando aquilo? Meu coração começou a saltar do peito. Engoli em seco.

— Seus pais não vão mesmo achar ruim?

Pude ver um brilho no olhar dele.

— Eu já levei amigos para casa outras vezes.

— Garotas?

Ele balançou a cabeça.

Bem, isso... isso era interessante.

— E seus pais vão mesmo achar que somos só amigos?

— Por que eu ia mentir para eles se estivéssemos namorando?
Se eu disser que somos amigos, é isso que eles vão pensar.

Todas as partes racionais em mim estavam gritando não.

— Tudo bem. Eu vou com você. — Assim que as palavras saíram, não podia mais voltar atrás. — Essa é uma ideia maluca.

— É uma ideia perfeita. — Um sorriso lento começou a surgir em seus lábios. — Vamos nos abraçar.

— O quê?

— Abraçar. — Aquele brilho nos olhos aumentou um pouco. — Uma vez que se abraça, não se pode mais voltar atrás.

— Ah, meu Deus, está falando sério?

— Muito sério.

Revirando os olhos, gemi ao me ajoelhar e esticar os braços para a frente.

— Muito bem, vamos nos abraçar para selar nosso acordo, antes que eu mude...

Minhas palavras foram interrompidas por um grito, quando os braços de Cam envolveram minha cintura e me puxaram na direção dele. Acabei sentada ao lado dele, praticamente em cima dele, com minha perna esquerda enroscada entre seus joelhos.

Cam me abraçou. Não era muito apertado, não era do tipo que aconteceria se estivéssemos de pé, mas o fato de estarmos tão próximos teve um efeito poderoso sobre mim.

— O acordo está selado, meu anjo. Ação de Graças na casa dos Hamiltons.

Falei alguma coisa em concordância e, ao me afastar um pouco, nossos rostos ficaram perfeitamente alinhados. De repente, compreendi o brilho nos olhos dele.

— Você...

Ele riu e senti um frio na barriga, com os músculos contraídos.

— Sutil, não achou? Consegui trazer você até aqui. Apesar de que teria aceitado sua palavra.

Lutei para não sorrir.

— Você não poderia estar mais equivocado.

— Estou equivocado de todas as maneiras certas. E tenho que admitir. — Ele retomou a pequena distância que eu havia imposto entre nós. Seus lábios roçaram meu rosto, o que tornou difícil me concentrar. — Eu menti mais cedo.

— Sobre o quê?

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas.

— Quando disse que você estava ótima. Eu não fui completamente sincero.

Por aquilo eu não esperava. Virei levemente a cabeça, um pouco chocada. Nossas bocas estavam a *centímetros* de distância e me lembrei da certeza de Brit de que ele me beijaria naquela noite. Então forcei-me a falar.

— Você não acha que eu estava ótima?

— Não — disse ele, com uma expressão séria, conforme uma mão subiu pelas minhas costas, parando pouco abaixo dos cabelos. Cam baixou a cabeça, encostando a testa na minha. — Você está simplesmente linda.

— Obrigada — respondi, perdendo o fôlego.

Ele não disse nada, apenas mexeu a cabeça. Seus lábios roçaram a curva da minha bochecha e eu endureci ao toque. Meu coração estava pulando de entusiasmo, associado a um tipo de

diferente de emoção. Medo? Seria isso o que senti na garganta? Aquela sensação surgira do nada, bruta e intensa. A mistura das duas emoções, a necessidade de ficar onde estava e a vontade de me atirar para cima dele, estava me consumindo por dentro.

Os lábios de Cam resvalaram meu rosto e, depois, o nariz roçou no meu. Sua respiração era quente nos meus lábios e tinha cheiro de chocolate. Será que teriam o mesmo gosto? A curiosidade cresceu em mim, então pus as mãos em seus bíceps.

— Avery?

Meus olhos se fecharam.

— O quê?

— Você nunca foi beijada, certo?

Meu coração palpitou.

— Não.

— Só para que fique claro — ele disse. — Isto não é um beijo.

Abri a boca e seus lábios tocaram os meus. Um doce passear de seus lábios pelos meus, impressionantemente terno e suave, mas curto demais.

— Você me beijou — eu disse, cravando os dedos em seu suéter.

— Isso não foi um beijo — insistiu ele, com os lábios nos meus. Arrepios subiam e desciam pela minha espinha. — Lembra? Se tivéssemos nos beijado, então ir para casa comigo poderia significar algo mais sério.

— Ah, está bem.

— Isto também não é um beijo.

A pressão de nossos lábios pela segunda vez me consumiu, me despertou. Só conseguia pensar em sua boca, ela era tudo em que eu queria pensar. Um incrível calor desceu pelo meu pescoço, espalhando-se por meu peito, chegando, em seguida, entre as minhas coxas. Ele me beijou suavemente, acompanhando o

contorno dos meus lábios com os dele. Algo bem dentro de mim crescia, abria-se e ansiava. Eu me segurei ao pescoço dele quando ele se mexeu, ficando, de repente, deitada de costas.

Cam veio por cima de mim, os músculos fortes de seus braços estavam flexionados sob minhas mãos. Sua boca ainda estava na minha. Nenhuma outra parte de nossos corpos se tocava, e eu não tinha certeza se deveria estar aliviada ou decepcionada por aquilo. Mas seus lábios... seus lábios moviam-se junto dos meus. Comecei a retribuir o beijo, mais lenta e desajeitada, considerando que tinha menos prática que ele. Fiquei preocupada em estar fazendo aquilo errado, porém um som profundo veio dele, quase um rosnado, e eu soube, instintivamente, que era um sinal de satisfação. Um tremor vibrou pelo meu corpo. A ânsia estava se espalhando, intensificando, e era amedrontadora à sua própria maneira.

O beijo ficou mais profundo, coagindo meus lábios a se abrirem para os dele. Perdi o chão ao sentir sua língua deslizar e lambe a minha. Fiquei extasiada com aquela sensação, e sua língua penetrou profundamente. Eu me entreguei ao beijo, meus dedos se cravavam em sua pele e meu pescoço se curvou. Ele tinha gosto de chocolate e homem, e eu havia mergulhado em outro plano, entregue à luxúria no fundo do meu estômago, seguida por uma explosão de pânico. Porém, este pânico foi acalmado quando sua língua lambeu o céu da minha boca. Quando ele levantou a cabeça de novo, prendeu meu lábio inferior entre os dentes, e um gemido de prazer escapou de mim. Nós dois estávamos ofegantes.

— Ainda não é um beijo? — perguntei.

Cam sentou-se e me puxou para sentar também. Seus olhos estavam intensamente azuis, ardentes e sensuais. Senti o rosto todo ruborizado. Meu peito subia e descia rapidamente. Minhas mãos ainda estavam agarradas aos braços dele. Ele traçou a linha do meu lábio inferior com o dedo e, em seguida, se curvou de novo.

— Não, isso não foi nenhum beijo. — Seus lábios roçaram nos meus da maneira mais tentadora e inebriante. — Foi um boa-noite.

CAPÍTULO

Por um bom tempo depois de Cam ter ido embora, fiquei acordada na cama. Essa noite de insônia era diferente de todas as outras. Nem se comparava a elas. Meu corpo inteiro parecia estranho a mim, sensível e quente até demais. Tirei o edredom de cima de mim e deixei apenas o fino lençol, que, ainda assim, esquentava minha pele. Virei-me de lado, mordendo os lábios ao juntar com força minhas coxas.

Eu odiava Cam.

Não de verdade.

Mas o odiava por seu “boa-noite”, e por ele ter ido embora, e por eu estar tão à flor da pele que, toda vez que mudava de posição, minha pele ultrasensível pedia mais.

Mais.

Eu não odiava Cam.

Virando-me de barriga para cima, empurrei o lençol para baixo. O ar fresco cobriu meus braços e peito. Por baixo da camiseta de algodão, a ponta dos meus seios estava rija e eu sentia pequenas pontadas, a ponto de não só me irritar como quase invadir o território da dor.

Abracei os joelhos e um gemido escapou por entre meus lábios, conforme sentia uma pulsação entre as coxas, subindo até os seios. Esticando as pernas, embolei o lençol embaixo de mim e procurei esvaziar os pensamentos, mas não conseguia deixar de pensar no beijo de Cam, no toque de seus lábios nos meus, como sua língua ficara úmida e quente dentro da minha boca. Ainda podia sentir o gosto do chocolate e o tato de seus músculos sob minhas mãos.

Fiquei sem fôlego só de lembrar o toque suave do dorso de suas mãos roçando em meus seios, provocando.

O que eu sentia era completamente novo para mim. Como se o beijo de Cam tivesse mudado tudo em meu corpo, mas eu não era idiota. Não era ingênua ou tão inexperiente a ponto de não notar que estava excitada. Que meu corpo havia acordado, como uma Bela Adormecida saindo do sono profundo, e exigia muito mais.

Minha mão vagou até meu estômago e me assustei. Minha pulsação estava acelerada, subira à garganta, meu coração palpitava. Entre as coxas, o latejar se intensificava. Meus olhos se abriram e focaram no teto escuro. Prendi a respiração ao deslizar a mão para baixo. Parecia uma experiência fora do corpo, como se eu não tivesse controle sobre o que estava fazendo.

Fechei os olhos ao enfiar a mão por dentro do elástico frouxo do meu short de dormir. Os músculos na barriga estavam tensos, a respiração acelerada. A ponta dos meus dedos tocou as terminações nervosas lá embaixo, e um jorro de pura eletricidade correu pelas minhas veias. Mordi o lábio para segurar o grito que se formou na minha garganta. O coração agora saltava, meus dedos deslizavam por entre as partes úmidas que se juntavam lá embaixo.

Parte de mim não acreditava no que estava fazendo.

Não acreditava que tinha demorado *tanto* para fazer aquilo.

Mas eu já tinha passado do ponto de voltar atrás. Na minha mente, surgiu a imagem de Cam. Os olhos azuis flamejantes e sua boca na minha, fazendo-a abrir, divinamente paciente, porém determinado. Meus dedos estavam desajeitados, pois eu realmente não tinha ideia do que estava fazendo, mas parecia estar funcionando. Continuei me tocando, e era muito bom, mas tudo aquilo parecia aumentar o fogo, intensificar aquele ardor. Senti o inchaço e tive certeza que eu ia gritar até não poder mais, se aquela ânsia aumentasse mais um pouco.

Mordi o lábio inferior. Meu dedo deslizou para trás e para a frente antes de eu inspirar profundamente e me penetrar. Um suspiro

escapou de mim por causa da tensão. Ok. Aquilo era bom. Enfieí um pouco mais fundo, e a pressão da palma da mão contra minha saliência me fez sentir outro choque. Meus quadris se moviam e o fervor se espalhava dentro de mim. O instinto parecia ter tomado conta. Meus quadris realizavam um pequeno círculo e a tensão ficava cada vez mais profunda. O barulho que saiu pela minha garganta teria me deixado constrangida, se alguém tivesse ouvido, mas naquele momento, na escuridão do meu quarto, só fez com que eu me sentisse mais excitada.

Meus quadris se apertaram contra minha mão e senti como se um nó se fechasse dentro de mim. Pude senti-lo crescendo e sabia que viria a qualquer instante. De repente, imaginei Cam fazendo aquilo — com *sua* mão, *seus* dedos, e pronto. Um gemido irrompeu de dentro de mim quando o nó se desfez, espalhando-se pelo meu corpo e pelos meus pensamentos.

Conforme o coração voltava ao normal e os tremores acalmavam, eu me joguei de costas nos travesseiros, braços e pernas tremendo. Puta merda, então era assim a sensação? Virei-me de lado, meus lábios formando um sorriso fraco. O travesseiro abafou uma risada vinda da garganta.

No entanto, de alguma forma, mesmo aquela paz lânguida e prazerosa tendo invadido meu corpo, trazendo um sono agradável, eu sabia que, o que quer que tivesse sentido, ainda era só uma amostra. Que com o cara com quem eu quisesse estar — *com Cam* —, tudo aquilo teria sido amplificado e eu queria isso.

Queria sentir isso com Cam.

* * *

Brit e Jacob ficaram tão surpresos quanto eu por ter concordado em ir com Cam para a casa dele no feriado de Ação de Graças. Tive receio de que eles fossem me dar um sermão sobre como aquilo era completamente insano, mas não foi o que aconteceu. Os dois agiram como se não fosse nada de mais. Talvez loucura seja

contagiosa? Além disso, eles estavam mais interessados nos outros detalhes do encontro.

— Então, ele beija bem? — perguntou Jacob.

Olhei em volta na sala, rezando para que ninguém estivesse prestando atenção. O professor não havia chegado ainda e a maioria parecia estar com sono.

Brit deu uma risada.

— Conte para ele o que você me contou ontem.

Minhas bochechas queimaram só de pensar no que eu havia contado para Brit ao telefone, quando ela me fizera a mesma pergunta.

— Então, ele beijou você? — Os olhos escuros de Jacob estavam arregalados, mas, felizmente, ele manteve a voz baixa.

Agarrada ao meu caderno, ignorei a forma como Brit balançava em sua cadeira.

— Sim.

— Conte a ele — sussurrou ela.

Jacob acenou com a cabeça.

— Me diga.

Fechei os olhos.

— Ele beija bem. Muito bem, por sinal.

— Não foi o que você disse.

Jacob franziu os lábios.

— Diga logo ou vou começar a gritar que você beijou...

— Está bem — sussurrei, sentindo o corpo todo esquentar. O primeiro beijo fora terno e suave. Até mesmo o segundo fora uma exploração controlada, mas, quando, me recostei e ele veio por cima de mim? A ânsia estava de volta só de pensar no assunto, e,

bem, isso era estranho, pois eu estava no meio da aula de História.
— Ele me beijou como se quisesse... me comer inteira.

Brit riu com uma barra de chocolate na boca.

A boca de Jacob ameaçou falar por vários segundos, até que disse:

— Aposto que ele queria mesmo. — Suas sobrancelhas estavam erguidas quando ele baixou o queixo. — Tipo, ele realmente queria comer...

— Já entendi o que você está dizendo. Obrigada. Voltando ao que importa — eu disse, apoiando o caderno sobre a mesa. — Você não acha que ir para casa com ele é maluquice?

Brit balançou a cabeça.

— As pessoas vão à casa das outras o tempo todo. Você conhece Rachel Adkins, certo? Ela está em sua aula de Arte. Ela vai para a casa de Jared em vez de pegar um voo para a Califórnia.

— Mas os dois não estão namorando? — perguntou Jacob.

Meus ombros desabaram.

— Não mais — respondeu Brit, tirando outro doce Twizzler da bolsa. Ela o apontou para mim. — Eles se separaram, mas ela ainda vai para a casa dele.

Isso ainda não me fazia sentir melhor a respeito do assunto. Durante a aula, eu alternava entre prestar atenção à lição sobre a Idade Média e me perguntar se realmente iria na semana seguinte com Cam, tudo isso enquanto mordiscava o Twizzler que havia apanhado da bolsa de Brit.

A verdade era que ir para casa com Cam não era exatamente o problema. Sim, era tudo uma grande loucura, mas boa parte de mim estava até ansiando por aquele dia. Eu queria saber mais sobre o Cam — ver sua família e como ele interagia com ela. Queria saber por que tinha parado de jogar futebol e o que fazia toda sexta à noite.

E eu queria... queria Cam.

Nessa coisa de nunca ter querido um cara antes, também jamais pensara ser capaz de querer um. O que senti quando ele me beijou foi o que deveria sentir. Houve um pouco de pânico, ainda havia, na verdade, mas a curiosidade superava o medo. Assim como o calor desconcertante que eu sentia sempre que Cam se aproximava.

Não restava dúvida na minha cabeça de que eu queria beijar Cam outra vez. Queria experimentar com ele o que experimentei depois de ele ter ido embora. Beijá-lo não era o problema. Ir para a casa dele não era o problema.

Eu só não sabia o quanto daquilo eu era capaz de aguentar. Até onde aquela sensação — o que quer que fosse — resistiria, até o calor ser superado por meus antigos medos.

* * *

Durante toda a semana seguinte, eu me convenci e desconvenci a ir para a casa de Cam um milhão de vezes. Até o momento de arrumar as malas para o fim de semana, vacilei em diversos momentos. Só me dei conta de verdade de que estava fazendo aquilo na quarta-feira pela manhã, dentro da caminhonete dele.

— Tem certeza de que seus pais não vão ligar?

Cam fez que sim com a cabeça. Eu só tinha feito essa pergunta umas duzentas vezes.

Comecei a roer a unha do polegar.

— E você ligou para eles para perguntar, certo?

Ele me olhou de soslaio e respondeu:

— Não.

Fiquei de boca aberta.

— Cam!

Tombando a cabeça para trás, ele deu uma gargalhada.

— Estou brincando. Relaxe, Avery. Eu falei com eles no dia seguinte em que você disse que iria. Eles sabem que você vai e estão animados para conhecê-la.

Olhando para ele, voltei a roer a unha.

— Isso não foi engraçado.

Ele riu novamente.

— Foi, sim.

— Idiota.

— *Nerd*.

Olhei pela janela do passageiro.

— Filho da mãe.

— Oh — Cam assobiou. — Agora vai começar a troca de gentilezas. Continue assim e vou dar meia-volta.

Sorri para ele ao chegarmos à estrada 170.

— Parece uma boa ideia.

— Você ficaria devastada e em lágrimas. — Houve uma pausa. Ele estendeu a mão para mim, tirando meu dedo da boca. — Pare com isso.

— Desculpe. — Olhei para ele. — É um mau hábito.

— É mesmo. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e meu coração acelerou. Pousamos as mãos juntas sobre minha coxa, e não soube o que pensar sobre aquilo. — Minha irmã só deverá chegar amanhã de manhã. Ela fará um show em Pittsburg esta noite.

— Que tipo de show? — Meu olhar saiu de nossas mãos para a janela e de volta para nossas mãos. — O balé é o preferido dela?

— Acho que é uma mistura disso com dança contemporânea.

A contemporânea usava muito do balé e fazia sentido que ela usasse uma mistura dos dois. Cam soltou minha mão, o que foi bom, porque eu tinha certeza de que eu estava começando a suar, e isso era nojento. A viagem de duas horas passou rápido demais. Pareceram minutos desde que saímos da interestadual e entramos numa pequena e montanhosa cidade que parecia ter sido construída na encosta de uma colina.

Impressionante, era como se estivéssemos no meio de um país de alpinistas. Em todas as fachadas de loja havia uma bandeira da Universidade de West Virginia, assim como nas varandas das casas pequenas. Continuamos seguindo pela cidade e pegamos estradas para o interior que deviam ter sido asfaltadas recentemente.

Não conseguia lembrar qual tinha sido a última vez que ficara nervosa a esse ponto. Meu estômago roncou quando ele diminuiu a velocidade e virou à direita, no que parecia ser uma rua particular cheia de carvalhos altos. Minha boca ficou completamente seca assim que ele fez a curva e pude avistar uma mansão majestosa.

O tamanho da casa não foi o que mais me chamou a atenção. Era realmente imensa — estilo colonial, pilares brancos na frente e três andares —, mas o fato é que me lembrava muito a casa dos meus pais. Fria e perfeita por fora e, muito provavelmente, igual por dentro.

Cam seguiu o caminho de acesso à garagem por trás da casa e consegui ver melhor o gramado muito bem aparado e a linda paisagem rústica. Engoli em seco, mas minha garganta não estava funcionando direito. Ele estacionou ao lado de uma garagem separada que, provavelmente, tinha o tamanho de uma pequena casa. Além da garagem, pude ver uma piscina coberta.

Ele desligou o motor e me encarou, com um leve sorriso no rosto.

— Está pronta?

Eu queria gritar não e sumir dali, correr direto para a floresta mais próxima, mas seria um pequeno exagero. Portanto, concordei com um aceno e abri a porta, sentindo a temperatura que estava, pelo

menos, cinco graus mais fria. Fiz menção de pegar minha mala, mas Cam a apanhou junto com a dele, que era muito menor.

— Pode deixar — comentei.

Ele sorriu ao olhar para a mala que colocou no ombro.

— Eu carrego. Além do mais, acho que a estampa de flores rosas e azuis fica ótima em mim.

Apesar dos meus nervos à flor da pele, eu ri.

— Combina mesmo com você.

— Foi o que pensei.

Ele esperou para que eu o acompanhasse, então começamos a subir uma rampa de ardósia que levava a um pátio coberto nos fundos da casa. Ele parou diante da porta de vidro, ao lado de uma espreguiçadeira de vime.

— Você parece estar prestes a ter um ataque do coração.

— Tão ruim assim? — perguntei, encolhendo-me.

— Quase. — Cam se aproximou e sua mão se moveu rápido. Colocando meu cabelo atrás da orelha, ele baixou um pouco a cabeça. Havia uma expressão em seu rosto que acentuava a cor dos olhos, deixando-os bem escuros. Meu estômago reagiu se contorcendo. — Você não tem por que ficar nervosa, está bem? Eu prometo.

Minha bochecha formigou onde seus dedos tocaram e, por causa da distância, pensei em nosso beijo que não fora um beijo. Ele não tinha feito nada parecido desde a noite de nosso primeiro encontro, mas, naquele momento, achei que ele quisesse.

— Está bem — sussurrei.

Ele me observou por um longo instante e, em seguida, balançou a cabeça. Baixando a mão, ele se virou para a porta e a abriu. Uma lufada de ar quente que cheirava a maçã e pimenta veio até nós, um

aroma inebriante e acolhedor. Cam foi entrando e eu o segui, com os olhos bem abertos ao entrar na sala do piso inferior.

Era uma espécie de sala de jogos. Uma grande mesa de sinuca no meio, um bar lotado à direita e, na parte de trás, perto da escada, estava uma grande TV com várias poltronas aparentemente confortáveis na frente. Meus pais tinham algo do tipo, mas a mesa de sinuca jamais havia sido usada, minha mãe só bebia do bar quando achava que ninguém estava prestando atenção e a TV do andar de baixo nunca fora ligada.

Mas tudo parecia... ter vida por aqui.

As bolas não estavam organizadas no meio, mas espalhadas pela mesa toda, como se alguém tivesse parado no meio de um jogo. Uma garrafa de uísque estava apoiada em cima do bar, ao lado de um copo, e as poltronas estavam desgastadas, obviamente móveis antigos que tinham sido levados lá para baixo. Ao contrário dos meus pais, que precisavam ter coisas novas em todos os cômodos da casa.

— Este é o cantinho do homem — disse Cam, caminhando até a escada. — O papai passa um tempão aqui. Ali está a mesa em que ele me detonou no pôquer.

Olhei para a esquerda e havia apenas uma mesa mediana de carteados ali. Um sorrisinho brotou no meu rosto.

— Gostei deste lugar.

— Eu também gosto — ele replicou. — Meus pais devem estar lá em cima...

Concordando, saí do centro da sala e o fui andando logo atrás dele. Chegamos a uma sala de estar, que, assim como o andar de baixo, tinha um clima bem aconchegante. Um grande sofá em L ocupava a maior parte da sala, disposto bem na frente de outra televisão imensa. Revistas espalhavam-se pela mesa de centro e havia vasos de plantas em vez de estátuas e quadros esquisitos em quase todos os cantos.

— Sala de estar — comentou Cam, passando por um arco. — E esta é a segunda sala de estar, ou uma sala em que ninguém fica. Talvez seja uma sala de *sentar*? Quem sabe? E esta é a sala de jantar formal, que nunca usamos, mas temos...

— Nós usamos, sim, a sala de jantar! — disse uma voz de mulher.
— Talvez uma ou duas vezes por ano, quando temos companhia.

— Para mostrar os “pratos bons” — comentou Cam, friamente.

Minhas pernas pararam de responder ao som da voz da mãe de Cam. Fiquei sem reação numa das pontas da mesa, com o coração na boca, quando ela entrou pela porta.

A mãe de Cam era tão alta e impressionante quanto ele, com cabelos bem pretos amarrados atrás em um rabo de cavalo frouxo. Os olhos dela eram castanhos e sem maquiagem. Pequenos pés de galinha apareceram no canto dos olhos, quando um sorriso largo brotou em seu rosto ao ver o filho. Ela usava uma calça jeans e um moletom largo.

Cruzou a sala, envolvendo-o num forte abraço.

— Nem sei onde estão os “pratos bons”, Cameron.

Ele riu.

— Onde quer que estejam, devem estar se escondendo dos pratos de papel.

Rindo discretamente, ela se afastou.

— Que bom que você veio. Seu pai está começando a me irritar com aquela conversa de querer ir caçar. — O olhar dela se desviou por sobre os ombros de Cam, dando um sorriso de boas-vindas. — E essa deve ser Avery?

— Não, pelo amor de Deus — disse Cam. — Essa é Candy, mãe.

Os olhos da mãe se arregalaram e o rosto ficou um tanto corado.

— É, eu não...

— Eu sou Avery — eu disse, olhando brava para Cam. — A senhora acertou.

Ela se virou e deu um tapa no braço de Cam. Com força.

— Cameron! Meu Deus, eu achei... — Ela bateu nele de novo e ele riu. — Você é terrível. — Balançando a cabeça, ela se virou para mim outra vez. — Você deve ser uma jovem muito paciente para ter sobrevivido a uma viagem até aqui com esse idiota.

Pensando não ter ouvido direito, pisquei os olhos e, então, dei uma gargalhada quando Cam fez uma cara feia.

— Não foi tão ruim assim.

— Olha só. — A mãe de Cam olhou para ele. — E ela é bem-educada. Está tudo bem. Eu sei que meu filho é um... pentelho. A propósito, você pode me chamar de Dani. Todo mundo me chama assim.

Então ela me abraçou.

E foi um abraço de verdade — um abraço com carinho e afeição. Não sabia dizer quando tinha sido a última vez que minha mãe havia me abraçado. Senti um nó na garganta, mas o reprimi antes que fizesse papel de boba.

— Obrigada por me deixar vir — eu disse, contente que minha voz não falhara.

— Imagine. Adoramos receber visitas. Venha, vamos conhecer o cara que pensa ser minha alma gêmea. — A mãe dele passou um braço sobre meus ombros e apertou. — E já peço desculpas por antecipação se ele começar a falar sobre os animais que ele planeja caçar neste fim de semana.

Conforme ela me levou ao vestíbulo, olhei para onde Cam aguardava. Nossos olhares se encontraram e senti uma palpitação no peito. Ele abriu um sorriso, mostrando a covinha na bochecha esquerda.

Cam deu uma piscadela.

E meu sorriso cresceu.

CAPÍTULO

Cam puxara aqueles olhos azuis do pai, e seu senso de humor... e a habilidade de interligar as lógicas mais tortuosas do mundo, motivo pelo qual, provavelmente, Richard Hamilton havia se tornado um advogado tão bem-sucedido. Em poucas horas, ele quase me convenceu a experimentar carne seca de veado pela primeira vez.

Quase.

Se não fosse por Cam, continuamente, sussurrar “Bambi” no meu ouvido a cada poucos minutos, eu teria sucumbido. Mas eu não poderia comer Bambi, não importava quão suculento o sr. Hamilton o fizesse parecer.

Ficamos na grande cozinha, à beira da mesa arranhada de carvalho que comportava quatro ou cinco pessoas, tomando o café que a mãe de Cam havia feito. Minhas costelas estavam doloridas de tanto rir com Cam e seu pai. Os dois eram idênticos. Cabelo ondulado e desarrumado, olhos azuis brilhantes cheios de travessura e o raro talento para distorcer cada palavra.

— Olhe, pai, sério mesmo, você está passando vergonha.

O pai dele olhou para mim, levantando as sobrancelhas assim como Cam fazia.

— Eu pareço envergonhado, Avery?

Apertando os lábios, fiz que não com a cabeça.

Cam olhou para mim de um jeito que dizia que eu não estava ajudando muito.

— Você está aqui tentando convencer Avery, minha mãe, a mim e o menino Jesus que o Pé Grande existe porque os chimpanzés

existem?

— Sim! — gritou o Hamilton mais velho. — Chama-se evolução, filho. Eles não ensinam mais nada na faculdade?

Cam revirou os olhos.

— Não, pai, eles não ensinam sobre o Pé Grande na faculdade.

— Na verdade — eu disse, pigarreando —, tem toda uma teoria sobre o elo perdido, quando se trata de primatas.

— Gostei dessa garota. — O sr. Hamilton piscou para mim.

— Você não está ajudando — grunhiu Cam.

— Só estou dizendo que, se estivesse no meio da floresta e ouvisse as coisas que ouvi — continuou o pai dele —, você acreditaria no Pé Grande e no chupa-cabra.

— Chupa-cabra? — O queixo de Cam foi ao chão. — Ah, qual é, pai?

A sra. Hamilton balançou a cabeça carinhosamente.

— Esses são os meus garotos. Tenho tanto orgulho.

Sorri ao tomar um gole do saboroso café.

— Juntos, eles realmente são especiais.

— Especiais? — Ela bufou, afastando-se da mesa, pegando a caneca vazia de café do marido. — Essa é uma maneira sutil de dizer que eles são doidos de pedra.

— Ei! — A cabeça do sr. Hamilton se mexeu com os olhos inquietos. — Escute aqui, mulher.

— Você vai poder escutar o som do meu pé na sua bunda, se me chamar de mulher de novo. — A sra. Hamilton encheu novamente a caneca e pegou o açúcar. — E vai poder levar esse caso para o tribunal.

Cam suspirou e baixou a cabeça.

Abafei minha risada com a mão.

A família dele era... maravilhosa. Eles eram carinhosos e amigáveis. Completamente diferentes dos meus pais. Duvido que minha mãe soubesse como usar a cafeteira ou se rebaixasse a servir alguém, até mesmo meu pai.

A sra. Hamilton colocou a caneca na frente do marido.

— Vocês dois não vão ao *drive-in* esta noite?

— Vamos — respondeu Cam, pondo-se de pé. Pegou nossas malas. — Precisamos sair logo para conseguirmos um bom lugar.

— Não se esqueça de pegar uns cobertores bem grossos — disse ela, sentando-se novamente à mesa. — Tem baixado bastante a temperatura à noite.

Fiquei relutante em deixar sua família, apesar de a conversa estar bem esquisita. Levantei-me, agradecendo pelo café.

— Sem problemas, querida. — A sra. Hamilton voltou-se para o filho. — Preparei o quarto amarelo para ela, Cameron. Seja um cavalheiro e mostre a ela onde fica.

Cam fez uma expressão estranha, mas voltou ao normal quando pisamos no vestíbulo. Eu o segui até o andar de cima.

— Gostei dos seus pais. Eles são muito legais.

— Eles são bem legais. — Ele se apoiou no corrimão de madeira.
— Seu pai está convencido de que o Pé Grande existe?

— Não — respondi, rindo.

— E quanto ao chupa-cabra?

Rindo novamente, fiz que não com a cabeça.

— Com certeza, não.

Ele seguiu pelo corredor no segundo andar.

— O quarto dos meus pais fica no andar de cima e o da minha irmã fica no começo do corredor. — Cam parou na frente de uma

porta e a empurrou com o quadril. — Este é o quarto amarelo, porque é amarelo.

O quarto era amarelo, mas de um belo tom floral, não do tipo que lembra um ônibus escolar. Cam colocou minha mala na cama, enquanto fui até a janela para ver um jardim lateral lá embaixo. Virei-me e senti um aroma de baunilha.

— É muito bonito. Espero que não tenha sido um incômodo para sua mãe.

— Não foi, não. — Ele esticou os braços para cima, estalando a coluna. — Acha que consegue ficar pronta em meia hora?

Sentei-me na beirada da cama.

— Sim.

Cam voltou para a porta, com os braços ainda levantados. Deu um tapinha no topo do batente.

— Adivinha só?

— O quê?

Um sorriso irônico apareceu.

— Meu quarto fica do outro lado do corredor.

Minha barriga se contorceu.

— Sei.

O sorrisinho cresceu, ficando meio maldoso.

— Só achei que ficaria feliz em saber disso.

— Empolgadíssima — murmurei.

Ele riu ao sair do quarto, fechando a porta. Sentei-me por um segundo e me joguei de costas na cama. Cam estava do outro lado do corredor, o que não era diferente de onde morávamos, certo? Errado. Naquela noite e na seguinte ele estaria mais próximo do que nunca.

* * *

Cerca de uma hora e meia depois, estava eu ao lado da caminhonete dele enquanto ele punha duas longas almofadas para revestir a caçamba da caminhonete. Estacionou o carro de ré para que pudéssemos nos acomodar na parte de trás, tendo assim mais espaço. Não éramos os únicos a desafiar as baixas temperaturas daquela noite. Muitas outras caminhonetes estavam estacionadas perto de nós, fazendo a mesma coisa com almofadas e cobertores. Uma tinha até um colchão de ar.

Cam se aproximou do estribo e ofereceu as mãos.

— Pronta?

Apoiei as mãos nele e ele me ergueu. O súbito desequilíbrio fez com que ele cambaleasse para trás, e as mãos dele foram parar nos meus quadris, para que ele tivesse algum apoio. Imediatamente, senti um calor subindo no estômago, então olhei para cima.

Os grossos cílios de Cam escondiam os olhos, e senti suas mãos flexionando um pouco. Os lábios dele estavam entreabertos, e meu corpo ficou tenso com a expectativa. Sob o céu estrelado, parecia haver ali a atmosfera perfeita para um beijo. Eu, praticamente, podia sentir seus lábios nos meus.

Ele afastou as mãos e se virou para as duas mochilas próximas ao monte de cobertores e travesseiros. Fiquei decepcionada quando ele se ajoelhou. Por que não me beijara?

Mas que diabos, por que não me beijara desde nosso encontro?

— Tome — disse ele, erguendo-se. — Trouxe uma coisa para ajudá-la a se esquentar.

Cam me entregou um de seus bonés de beisebol, e, ao levantar as mãos, senti o cheiro de seu xampu. Fiquei parada enquanto ele o colocava na minha cabeça, deixando-o se demorar ao colocar meu cabelo por trás da orelha.

— Obrigada — respondi.

Cam sorriu ao pegar a outra mochila e se encostou nas outras almofadas. Cuidadosamente, fui para perto dele e me sentei ao seu lado. Ele apanhou o balde de frango frito e as bebidas que compramos no caminho.

O filme começou — um das antigas, que parecia ser uma espécie de costume anual, porque todos começaram a gritar e assobiar logo que a primeira cena apareceu naquela tela imensa.

— *Esqueceram de Mim?* — perguntei, olhando para Cam.

Ele riu discretamente.

— É como uma tradição do Dia de Ação de Graças nesta região.

Sorri para ele.

— Não vejo esse filme há muito tempo.

Assim que Kevin McCallister apareceu na tela, fazendo caras e bocas para sua família, mergulhamos nas asinhas de frango, deixando um rastro de guardanapos amassados para trás. Quando a mãe de Kevin gritou seu nome no avião, minha barriga já estava cheia e eu tinha certeza de que Cam já havia comido um frango inteiro.

O cobertor em volta dos meus ombros me manteve protegida do frio, mas, de vez em quando, eu sentia um arrepio, principalmente quando o vento intensificava.

— Por que não vem até aqui? — disse Cam, e eu me virei para ele com as sobancelhas levantadas. — Você parece estar com frio.

Eu me aproximei um pouco, mas, pelo visto, não tinha sido o bastante. Ele tirou o cobertor de cima de mim e se inclinou para trás. Levantando-me, ele me colocou entre suas pernas afastadas.

Meus olhos praticamente saltaram das órbitas.

Cam jogou o cobertor sobre mim, enfiando as pontas em torno do meu pescoço. Fiquei sentada com a coluna ereta por vários minutos, olhando diretamente para a tela, mas sem prestar atenção. Então, seus braços vieram por baixo do cobertor e ao redor da

minha cintura. Ele me puxou para trás para que eu ficasse colada ao seu tronco.

Com os músculos tensos, forcei-me a respirar lenta e profundamente. Porém, justo na hora em que consegui normalizar um pouco a respiração, suas mãos deslizaram para minha barriga.

— Está mais quente agora? — perguntou ele, com a respiração agitando levemente o cabelo perto da minha orelha.

Com a garganta fechada, acenei com a cabeça.

Uma mão subiu, parando logo abaixo dos meus seios, e a outra ficou em volta da cintura da minha calça jeans. Parecia que sua mão estava pegando fogo. Imediatamente, senti a pele fervendo nesses lugares.

— Que bom — ele murmurou. — Prometi que a manteria aquecida.

Sem dúvida, ele estava me mantendo aquecida.

— É verdade.

Sob meus seios, seu polegar começou a se mexer, traçando pequenos círculos aleatórios. Então, alguns segundos depois, a mão de baixo começou a subir e descer, em um movimento lento e contínuo, que fez minha respiração começar a acelerar.

Toda vez que seus dedos passavam sobre a aba que cobria o zíper, movia um pouco minha calça, pressionando a costura da calça na minha pele. Eu não tinha ideia se ele sabia o que estava fazendo. Conhecendo Cam, eu diria que sim. Em questão de minutos, eu estava pulsando lá embaixo.

Deixei minha cabeça cair para trás, contra seu peito, e meus olhos fecharam-se naturalmente. A sensação intensa que ele estava criando era extasiante.

— Avery?

— Sim?

Houve uma pausa.

— Você está prestando atenção??

— A-hã. — Eu me movi, agitada.

Cam riu, o que me fez perceber que ele estava plenamente consciente do que estava me causando.

— Ótimo. Não iria querer que perdesse nada.

Eu não estava perdendo nadinha.

* * *

Mais uma noite de sono inquieto me acometeu. Virei-me de um lado para o outro por horas depois de voltarmos do *drive-in*, meu corpo passou pela mesma coisa que na noite após nosso encontro. Já eram quase duas da manhã quando cedi ao impulso, deslizando a mão por dentro da calça. Parecia um pouco sujo fazer aquilo na casa dos outros, na cama deles, com Cam a uma porta do meu quarto. Não demorei para me aliviar, e não sabia o que isso dizia sobre mim.

Dormi por algumas horas antes de acordar um pouco antes das seis. Não havia a menor chance de voltar a dormir, então, tomei banho e mudei de roupa antes de reunir coragem para sair do quarto. Parei na frente da porta de Cam, como uma pateta. Fiquei me perguntando o que ele faria se eu o acordasse? Voltaria para a cama e...

Interrompi os pensamentos antes de terminar aquela frase estúpida. Se eu tentasse mesmo fazer aquilo, provavelmente, acabaria me machucando no processo de tentar ser sedutora.

Afastando-me da porta dele, desci as escadas na esperança de não acordar ninguém. Parecia que cada passo fazia um estrondo na casa inteira. Assim que cheguei ao vestíbulo, senti o cheiro do café e notei que alguém deveria estar acordado.

Parei no fim da escada, esfregando uma mão na outra enquanto decidia se subia novamente ou se mostrava que estava presente. Lembrei-me de todas aquelas vezes em que acordei no meio da noite, geralmente depois de um pesadelo, desci as escadas e peguei minha mãe tomando umas às escondidas.

Ela não ficava lá muito feliz quando isso ocorria.

Sinceramente, eu não deveria estar perambulando pela casa dos outros. Era como se estivesse quebrando algum tipo de regra dos convidados. Comecei a me virar para subir as escadas, quando a sra. Hamilton colocou a cabeça para fora da porta da cozinha.

Ah, merda.

Um sorriso convidativo apareceu em seu rosto.

— Eu a acordei? Costumo acordar bem cedo, ainda mais no Dia de Ação de graças. — Abanou um pano de prato. — Estou preparando o recheio.

— A senhora não me acordou. — Eu me aproximei, um tanto fascinada pelo fato de ela estar acordada àquela hora fazendo recheio. — Precisa de alguma ajuda?

— Uma ajuda na cozinha é sempre bem-vinda — respondeu, vindo na minha direção. — E acabei de fazer um café fresquinho.

O aroma do café era bom demais para resistir. Eu a segui e arregalei os olhos com tanta comida espalhada pela ilha no meio da cozinha. Havia um peru no meio de uma travessa, esperando para receber recheio em sua cavidade.

— Açúcar e chantilly, certo? — perguntou ela.

Sorri um pouco.

— A senhora lembrou.

— Acho que a chave para o começo de uma boa relação é se lembrar de como os outros gostam de seu café.

— Cam não gosta muito de café. — Assim que essas palavras deixaram minha boca, ruborizei.

A sra. Hamilton fingiu não notar meu rosto vermelho.

— Não, ele não é muito fã de café. Leite, por outro lado...

— Ele toma leite até com comida chinesa — eu disse, sentindo um arrepio. — É tão nojento.

Ela riu ao me entregar o café.

— Ele puxou isso do pai. Teresa é do mesmo jeito. Falando nela, você a conhecerá nas próximas horas.

Senti nós no estômago. Conhecer a irmã dele estava me deixando ansiosa.

— Você já fez recheio alguma vez? — perguntou ela, aproximando-se da ilha.

— Não. — Dei a volta e fui para o lado dela, olhando os pães, cebolas, leite e ovos.

— Minha filha normalmente me ajuda pela manhã — disse ela, colocando o pano de prato no balcão. — Não é nada difícil, portanto você é mais que bem-vinda para me ajudar ou me fazer companhia.

— Eu posso ajudar. O que posso fazer?

O sorriso da sra. Hamilton se expandiu.

— Se pudesse começar com o pão, seria perfeito. Tudo o que precisa fazer é parti-los nesta tigela. — Ela apontou para uma grande e azul. — Quando tiver terminado com ele, vamos ao próximo passo.

— Está bem. — Fiz um rabo de cavalo e arregacei as mangas, então lavei as mãos rapidamente.

— É um lindo bracelete — comentou ela, ao começar a picar a cebola em pequenos pedaços.

— Obrigada. — Parti o pão, provavelmente com mais força do que o necessário. — Cam me disse que sua irmã estava num recital de dança, certo?

— Em Pittsburg — respondeu ela, cheia de orgulho na voz. — Era um recital só para convidados. Richard e eu teríamos ido, mas queríamos estar em casa para receber Cameron. Teresa compreendeu. Raramente perdemos uma de suas apresentações.

Terminei com o pão.

— O que vem em seguida?

— Cebola, manteiga, leite e condimentos. Tem que misturar tudo com as mãos.

Esperei que ela despejasse os ingredientes, e, ao fazê-lo, me disse o quanto achava que deveria usar. Depois, afundei as mãos naquela mistura gosmenta. Meu sorriso se tornou uma risada.

— Isso é meio estranho.

— É mesmo. Pelo menos, você não está comendo essa coisa.

— Crua?

— Pois é, Cameron e Teresa sempre tentavam comer o recheio cru.

Fiz uma careta enquanto amassava tudo, para que o leite e a manteiga se espalhassem pelo pão. Após limpar as mãos, passei ao segundo pão.

— Eu costumava dançar — admiti.

— Cameron comentou mesmo.

Minhas mãos pararam de amassar a mistura. Ele contara isso aos pais? Não sabia direito o que fazer com aquela informação.

— Eu teria percebido, mesmo que ele não tivesse dito nada — ela comentou, despejando parte da cebola na minha tigela. Sorriu e continuou: — Você ainda se move como uma dançarina. Eu

dançava, e, observando Teresa todos esses anos, você acaba conseguindo reconhecer isso nos outros.

— É bom ouvir isso. Digo, não sabia que ainda me movia desse jeito.

— É verdade.

Voltei àquele “amassa-amassa” e decidi que aquela era minha parte favorita. Eu era esquisita.

— Você nunca recheou peru com a sua mãe? — perguntou a mãe de Cam.

Foi uma pergunta inocente, mas causou em mim uma profunda dor no peito. Eu e minha mãe nunca fomos muito próximas antes do incidente, mas, depois, nossa relação passou a ser inexistente.

— Acho que minha mãe não sabe cozinhar — respondi, finalmente.

— Você acha?

Balancei a cabeça.

— Meus pais não são muito de preparar jantares.

Houve uma pausa.

— Cameron disse que eles viajam muito nos feriados, não é?

— É sim, e eles meio que gostam de fazer as coisas deles, sabe, sem filha por perto. — Forcei uma risada, dando de ombros. — Digo, não ligo muito. Não sei esquiarmos nem para salvar minha vida e ficar presa num navio no meio do oceano não é uma coisa que eu curta muito.

A sra. Hamilton ficou em silêncio ao adicionarmos o último dos ingredientes, e enfiei os dedos na mistura, gostando do jeito como ela deslizava por entre eles.

— Então, o que você faz, geralmente, quando vai para casa? — perguntou ela.

Dei de ombros.

— Não fico sozinha o tempo todo. Eles têm uma empregada que, normalmente, faz o jantar para mim antes de ir para casa. É muito legal da parte dela, porque ela é dispensada nos feriados.

— E quanto ao Natal?

— A mesma coisa — admiti, surpreendendo-me. Olhei para cima e a vi me observando. — Não tem problema. Minha família não é muito próxima, então, é melhor assim. — Só depois de falar, percebi que não tinha sido a melhor coisa a ser dita. — Bom, deixa para lá, terminei. Qual é o próximo passo?

— Isso vai dentro do peru. — Ela sorriu, mas parecia um pouco distante. — Quer fazer as honras?

— Claro.

Esperei que ela virasse a ave, então concluí a tarefa um tanto nojenta de enfiar tudo aquilo pelas partes íntimas do peru.

Quando terminei, fui até a pia, enquanto ela embrulhava o peru em papel-alumínio e o colocava numa assadeira.

— Obrigada pela ajuda, Avery.

— De nada. Fico feliz por ter ajudado — respondi, porque realmente estava. — Foi divertido.

A sra. Hamilton sorriu para mim, embora seus olhos estivessem tristes.

— Bem, querida, você é sempre bem-vinda para passar os feriados aqui. Nunca é demais um par de mãos extra quando o assunto é fazer comida.

Murmurei um “obrigada” e terminei de lavar as mãos. Quando me virei, pus os olhos em Cam, que estava de pé do lado de fora da cozinha. Eu não fazia ideia de há quanto tempo ele estava ali parado ou quanto da conversa tinha ouvido, mas a expressão suave em seu rosto sonolento me disse que ele ouvira o bastante.

CAPÍTULO

Qualquer pessoa com boa visão perceberia que Teresa e Cam eram parentes, e eles se gostavam mesmo. Juntos, ficavam doidos, sempre pegando no pé um do outro e causando problemas aonde quer que fossem.

Teresa era uma versão feminina de Cam — alta, incrivelmente bonita, com cabelos bem pretos e olhos azuis brilhantes. Tinha o corpo de uma bailarina disciplinada e quase transbordava de tanta energia.

Para o meu alívio, Teresa era um doce de pessoa. Morri de medo de que não gostasse de mim por qualquer motivo, mas ela me deu um grande abraço.

A família Hamilton era um bando de abraçadores.

Fiquei batendo papo com eles no andar de baixo, até Teresa e eu subirmos para ajudar a mãe dela a trazer os acompanhamentos para o jantar, o que me pareceu um momento bem adequado para sumir dali, porque Cam e o pai começaram a conversar sobre caça e aquilo me deixava de cabelo em pé.

Ver mãe e filha trabalhando e rindo juntas teve um efeito esquisito sobre mim. Elas eram quase como criaturas desconhecidas para mim; o tipo de família que se via em seriados de televisão. Eu tinha inveja daquela relação, mas ao mesmo tempo meio que aceitava que nunca teria aquilo com a minha própria mãe.

Enquanto preparávamos o jantar, Teresa não desgrudava do celular, mandando mensagens para alguém constantemente, o que continuou quando sentamos à mesa.

— Por que não para de mandar mensagens? — Cam exigiu saber, ao servir uma segunda colher de purê de batatas em seu prato.

Teresa sorriu de lado.

— Não é da sua conta.

— Eu sou seu irmão, é da minha conta.

Epa. Olhei para eles e vi os olhos de Cam fixos na irmã caçula, enquanto ela continuava escrevendo no celular.

— Mãe, você deveria dizer à *sua* filha que é falta de respeito ficar no celular enquanto janta.

A sra. Hamilton levantou uma sobrancelha.

— Não está machucando ninguém.

Cam me cutucou com o joelho por baixo da mesa, coisa que vinha fazendo a cada cinco minutos desde que nos sentamos.

— Está me cortando a alma.

Revirei os olhos, cutucando-o também.

— Que triste — comentou sua irmã, apoiando o celular no colo. — Então, Avery, como você veio parar em West Virginia?

— Eu queria ir a algum lugar diferente — respondi, dando uma garfada no purê de batatas. — Minha família é de Ohio, então achei que West Virginia pudesse ser um bom lugar para ir.

— Para ser sincera, eu teria escolhido Nova York, ou Flórida, ou Virgínia, ou Maryland, ou... — O telefone dela apitou, chamando sua atenção, como uma pessoa com déficit de atenção e um objeto brilhante. Ela pegou o celular e um sorriso, de repente, surgiu em seus lábios.

Cam cutucou meu joelho e seus olhos se estreitaram ainda mais. Fez menção de pegar mais peru, mas, subitamente, mudou de direção, tomando o celular das mãos da irmã.

— Ei! — ela gritou. — Devolva aqui!

Cam se esticou sobre mim, evitando os braços agitados da irmã. Ele fechou a cara e disse:

— Quem é Murphy?

O sr. Hamilton balançou a cabeça.

— Não é da sua conta! Meu Deus! — Teresa irritou-se. — Devolva meu telefone.

— Eu devolvo quando me disse quem é esse Murphy. Um namorado?

As bochechas dela coraram, e percebi que Cam era um pouco do tipo superprotetor. Ele manteve o telefone afastado até ela se sentar novamente, cruzando os braços.

— Mãe!

— Cam, devolva o telefone à sua irmã. — Enquanto Cam ainda o segurava, a mãe sorriu. — Nós conhecemos Murphy. Ele é um garoto muito legal.

Cam não parecia convencido, então fiquei me perguntando se havia mais por trás daquela história. Olhei para Teresa e seus olhos estavam começando a brilhar. Voltei imediatamente a atenção para o meu prato.

— Ele é bem legal e eu gosto dele — disse ela com a voz baixa.

Cam torceu o nariz.

— Isso me lembra...

— Ele não é Jeremy — interveio o sr. Hamilton, ficando sério e carrancudo. — Devolva o celular dela.

Ele parecia que pretendia ficar com aquele telefone pelo resto da vida, e, onde não havia qualquer tipo de tensão desde que eu havia chegado, agora tinha muita. Coloquei a mão por baixo da mesa e apertei sua coxa, assustando-o e fazendo com que afrouxasse o aperto no celular. Tomei-o rapidamente de sua mão.

— Ei! — Ele olhou fixamente para mim. — Isso não foi justo.

Sorri ao esticar a mão por trás dele, devolvendo o telefone para sua irmã.

— Desculpe.

— Obrigada — disse Teresa, e tive a certeza de que tinha feito uma amiga para o resto da vida com aquele gesto.

O olhar de Cam dizia que eu receberia o troco mais tarde, antes de ele se virar para a irmã.

— Quero conhecer esse Murphy.

Teresa suspirou longamente.

— Está bem. Avise quando quiser.

Fiquei chocada, pois não esperava que ela fosse tão condescendente com a exigência dele. Olhei para os dois, e, embora Cam parecesse relaxar, havia uma tensão em sua mandíbula que eu nunca tinha visto. A conversa foi retomada, mas parecia existir alguma coisa no ar.

Ou poderia ser apenas minha paranoia.

Depois da refeição, eu e Cam ficamos sozinhos na sala de jantar, empilhando os pratos.

— Está tudo bem com a sua irmã? — perguntei.

Cam riu, mas não olhou para mim.

— Está tudo tranquilo. Vamos brincar — disse ele, segurando minhas mãos e me puxando para a escada que levava para o andar de baixo. — Aposto que consegue me vencer na sinuca.

— Não tenho tanta certeza. — Mas o deixei me levar.

— Eu sou horrível na sinuca.

Eu ri.

— E quanto aos pratos...

Cam parou abruptamente, fazendo com que eu trombasse em seu peito. As mãos dele pousaram em meus quadris e ele encostou a testa na minha.

— Esqueça os pratos. Venha brincar comigo, meu anjo.

Caramba. Ele me chamou de meu anjo de novo.

* * *

Eu tinha acabado de vestir o pijama e colocar as pernas debaixo das cobertas, quando ouvi um toque baixo na porta do quarto. Levantei-me com a ajuda dos cotovelos. Meu coração deu um salto assim que Cam entreabriu a porta.

— Oi — disse ele, com um leve sorriso no rosto.

— Oi. — A palavra saiu como um suspiro meio rouco.

Aquele sorriso torto dele aumentou um pouco.

— Queria dar boa-noite.

Uma palpitação se apoderou do meu peito e do meu estômago. Minha mão agarrou a barra do edredom.

— Você já me deu boa-noite.

— Dei. — Ele entrou no quarto e olhei para ele dos pés à cabeça. Cam fazia uma camiseta cinza e uma calça de pijama ficarem maravilhosas. — Mas não dei. Não do jeito que eu queria.

Ah, minha Santa Mãe de Deus...

Cam silenciosamente fechou a porta atrás dele. O clique da maçaneta fez meu coração acelerar, já que eu estava na cama com nada mais que uma camiseta fina de manga longa e um short de algodão. E só.

Prendi o fôlego ao observá-lo se aproximar da cama. Ele se sentou ao meu lado, com o quadril encostado na minha perna. Mesmo com a luz tênue do quarto, seus olhos brilhavam como joias ao se moverem do meu rosto para meu peito. Sob aquele olhar

intenso, meus mamilos, imediatamente, se enrijeceram contra a camiseta.

Seu olhar voltou para meu rosto e respirei lentamente. O frio na barriga era maior que nunca.

— Estou muito feliz por você ter decidido vir até aqui — disse ele, com a voz rouca.

Estremeci.

— Também estou.

— Mesmo? — Cam colocou a mão do outro lado do meu quadril.
— Você acabou de admitir isso?

— Sim, mais ou menos.

Ele se inclinou de forma a ficar com o tronco sobre o meu.

— Queria estar com o meu telefone para gravar este momento.

Não conseguia desviar o olhar de sua boca. Fiquei sem saber como dar uma resposta sagaz. Umedeci meus lábios e os dele se separaram. Respirei rapidamente e forcei meus olhos a cruzarem com os dele.

— Eu... me diverti muito.

— Eu também. — Seu olhar suavizou só um pouco, mas ainda havia um quê de desejo. — Então, o que acha que vai fazer nas férias de inverno?

Sabendo que ele tinha ouvido minha conversa com sua mãe, não menti.

— Eu não sei. Pensei em ir para Washington D.C. em um dos dias. Queria ir ao Museu Smithsonian e ao National Mall. Nunca estive lá.

— Hmm, seria divertido. Eu poderia ser seu guia turístico.

Um sorrisinho brotou em meus lábios.

— Isso... isso seria divertido, sim.

— Seria — concordou ele, com a voz quente em meu rosto. — Escolha uma data.

— Agora?

— Agora.

— Dia 2 de janeiro — eu disse imediatamente, corando. — Você estará disponível?

— Estarei disponível sempre que você quiser.

Aquilo me deu um prazer indescritível e meu sorriso se alargou.

— Adivinhe só, Avery?

— O quê? — Fiquei me perguntando se ele podia ver por cima da camiseta como meu coração estava acelerado.

— Lembra que acabou de dizer que estava se divertindo? — Cam baixou a cabeça a ponto de nossas bocas ficarem a poucos centímetros uma da outra. — Está prestes a melhorar.

— É mesmo?

Ele mexeu a cabeça e seu nariz roçou no meu.

— É sim.

— Você não vai me beijar de novo?

Seus lábios se levantaram dos lados.

— É exatamente o que vou fazer.

Um calor se espalhou pelas minhas veias enquanto meu corpo ficava tenso de uma maneira deliciosa e muito bem-vinda. Meus olhos fecharam ao sentir os lábios dele tocando os meus uma vez, depois outra, como se estivesse se familiarizando com o contato. O toque extremamente sutil deixava os nervos à flor da pele.

Cam transferiu o peso para o braço esquerdo e, com a outra mão, tocou meu rosto. Ele me beijou em um canto dos lábios e depois no outro, antes de deslizar a mão até minha nuca. Seus lábios desbravaram minha mandíbula, traçando um caminho ardente até a

orelha. Um arrepio serpenteou por minha pele, arrancando dele uma rouca e profunda risada. Os lábios de Cam pressionaram os pontos erógenos debaixo da minha orelha, e um gemido escapou pela minha garganta.

— Boa noite, Avery.

Então ele me beijou — beijou-me como naquela noite, antes de terminar nosso encontro. Beijou-me como se fosse um homem desesperado por oxigênio, e eu fosse o único ar que ele precisasse respirar. A mão no meu pescoço me deteve ali, apoiada nos cotovelos, enquanto sua boca me devorava. E essa era a única palavra que eu poderia usar para descrever precisamente como ele me beijou.

Cam me devorou.

Meus lábios se abriram, sem necessidade de persuasão, e sua língua deslizou para dentro da minha boca, provocando a minha ao mesmo tempo que a mão dele segurava meu pescoço com mais intensidade. Ele tinha gosto de pasta de dente e fazia meus sentidos irem às alturas. Um som vibrou em seu peito quando ele se afastou, tirando a mão debaixo de mim.

Assim que minha cabeça tocou o travesseiro, um medo repentino tirou o ar dos meus pulmões. Aonde isso ia parar? Pensei na irmã dele no fim do corredor e em seus pais dormindo no andar acima, mas ele me beijou novamente, um doce e terno beijo, acariciando meu rosto. O medo foi embora, os pensamentos se esvaíram.

Cam veio por cima de mim e eu quis sentir seu peso *sobre* mim, os corpos juntos. Uma vez que aquela necessidade tomou conta de mim, emoções conflitantes também cresceram no meu peito. Seria demais? Ou não era o bastante? Ele tomou meu lábio entre os dentes e um gemido escapuliu de mim.

Preferi achar que não era o bastante.

Num ato de suprema bravura influenciado pelo meu desejo, estiquei os braços e deslizei as mãos sob a barra de sua camiseta.

Cam se contraiu ao sentir meus dedos roçando a pele desnuda. Ficou parado por um momento e então se afastou. Quase perguntei por que ele estava me deixando, se eu tinha chegado até aquele ponto. O que diabos passava pela cabeça dele?

Cam colocou as próprias mãos por baixo da camiseta e a puxou por cima da cabeça.

Ah.

Ah.

Minha respiração ficou ofegante ao contemplá-lo. O corpo de Cam era divino. Pele suave e rija, cobrindo músculos duros como uma rocha. Queria perguntar a ele sobre a tatuagem e se ela simbolizava alguma coisa, mas não tive forças para falar nada.

Ele abaixou o edredom e meu coração deu um salto. Imediatamente, lembrei-me do que tinha feito naquela cama. Nossos olhares se encontraram e não consegui me mover ou respirar. Cam ficou sobre mim, com os braços me aprisionando, cercando-me de um jeito que me fazia sentir pequena... e segura. Minhas mãos desceram à sua barriga para poder sentir sua pele. Os músculos do abdômen estavam contraídos.

Cam encostou a testa na minha.

— Você não imagina o que faz comigo.

Eu não imaginava mesmo, mas, conforme ele se debruçou sobre mim, comecei a ter uma boa ideia. Pude senti-lo encostado à minha barriga, através das roupas, duro e grosso. Achei que aquilo pudesse me tirar da névoa de meu desejo inebriante, mas não. Senti um calor queimando entre as coxas, a pulsação corria intensa pelo meu corpo. Eu me mexi por baixo dele, trazendo-o mais para perto de onde o queria.

— Porra — ele rosnou, com o corpo inteiro tremendo.

Ele sugou meus lábios em um beijo fogo, acomodando-se entre as minhas pernas, abafando o gemido de prazer que tinha vibrado

em minha garganta. Seu quadril deslizou por sobre o meu, e minhas terminações nervosas, de repente, começaram a pegar fogo. O fino tecido do meu pijama não representava nada entre a pele quente do peito dele junto ao meu. Seu quadril movimentou-se novamente para a frente, fazendo meus dedos dos pés se curvarem, conforme agarrei seu tronco. O beijo dele ficou mais profundo, mais apaixonado, então sua mão desceu do meu rosto para o pescoço. Roçou meus seios, próxima das áreas mais sensíveis, antes de seguir a curva da barriga até o fervor do meu quadril. Ele agarrou minha coxa, levantando minha perna e colocando-a em volta do seu quadril. Acomodou-se mais profundamente, pressionando meu sexo de um jeito que me excitava, mas ao mesmo tempo despertava um conflito interno. Quando seu quadril veio com força novamente, gemi em seus lábios.

— Gostei desse som — disse ele, movendo os quadris. Gemi de novo, chegando a ruborizar. — Correção. Eu amo esse som.

Sensações atravessavam minha pele, gerando uma ânsia em meu âmago. Foi como naquela noite em minha cama, mas muito mais forte, mais intenso e muito, muito real. Sua mão estava se mexendo novamente, percorrendo minhas costelas, unindo-se à minha mão. Os dedos dele se entrelaçaram nos meus por um segundo e, em seguida, se separaram e subiram por dentro das minhas mangas, enquanto sua língua dançava com a minha.

De repente, ele parou em cima de mim e ergueu a cabeça. Forcei meus olhos a se abrirem e respirei profundamente. Seu olhar; eu não compreendia.

— Cam?

Sem dizer nada, ele levantou meu braço e o virou. Senti uma pressão no peito. Não. Não. Parecia estar tudo em câmera lenta. Seus dedos se moveram, o polegar deslizou sobre a extensão da profunda cicatriz que cruzava minha veia.

Ele viu.

Eu segui seu olhar.

Não acreditei no que estava acontecendo, sufocando todos os sentimentos maravilhosos que tinham sido ativados dentro de mim. Seu polegar moveu-se novamente, como se tentasse remover a cicatriz, mas, quando ela continuou lá, ele olhou para mim. Não tinha como enganá-lo. Ele sabia — sabia o que era a cicatriz.

— Avery...? — ele sussurrou, com a testa franzida e o rosto sério.
— Ah, Avery, o que é isso?

Uma sensação de horror me devastou, como uma onda gigantesca. A expressão angustiada presente em seu lindo rosto me afetou profundamente, como garras afiadas, e acabou comigo. Seu olhar foi... aquilo me destruiu de uma maneira que não se comparava com nada, a não ser com a fatídica noite de Halloween.

A cicatriz — nunca quis que ninguém a visse, que ninguém testemunhasse como eu havia sido fraca. Era uma humilhação sem tamanho.

Puxando o braço, eu me arrastei por baixo dele, saindo. Meu corpo variava entre quente e frio enquanto baixava a manga sobre meu pulso descoberto.

— Avery... — Cam estendeu o braço na minha direção.

— Por favor — eu disse, sentando-me na beirada da cama. — Por favor, vá embora.

Ele recolheu a mão.

— Avery, converse comigo.

Balancei a cabeça, com os lábios tremendo.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula.

— Avery...

— Vá embora! — Dei um pulo, levantando-me da cama, cambaleando para trás. — Apenas saia daqui.

Cam ficou paralisado por um segundo, como se quisesse falar, mas então saiu da cama. Ele se dirigiu à porta, enquanto um

profundo arrepio começou a percorrer meu corpo. Com a mão na maçaneta, ele parou.

— Avery, nós podemos conversar...

— Saia. — Minha voz falhou. — Por favor.

Seus ombros ficaram tensos, mas ele fez o que pedi. Cam saiu do meu quarto, fechando silenciosamente a porta.

CAPÍTULO

Não fui para a aula de Astronomia na segunda nem na terça. Eu não conseguiria encarar Cam. Não depois de ver sua expressão quando percebeu de onde provinha a cicatriz no meu punho. Não depois de ter que fingir que tudo estava bem na frente dos pais dele antes de partirmos. Embora só os tivesse conhecido por um curto período, eu os achava maravilhosos e odiava o fato de que estava indo embora, sabendo que era mínima a probabilidade de vê-los novamente. Não depois da viagem tensa e angustiante para casa, na sexta-feira de manhã, ou quando Cam me acompanhou até meu apartamento e tentou conversar comigo.

E, com certeza, não depois de ele tentar aparecer no domingo de manhã com ovos e eu não ter atendido a porta.

Passei a maior parte do fim de semana na cama, meus olhos doíam tanto por causa do choro incessante que pensei que não acabaria nunca. Evitei o telefone. Brit escreveu para mim. Jacob escreveu para mim.

Cam escreveu para mim.

Cam também tentou me visitar no domingo à noite, na segunda à noite e na terça à noite. Toda vez que ele aparecia, era como tomar um soco no estômago.

Eu não conseguia olhá-lo nos olhos, porque a expressão dele tinha causado em mim o mesmo mal que a da minha mãe.

Haviam passado cinco meses desde a festa de Halloween quando decidi que não aguentava mais aquilo. A avalanche de e-mails, mensagens de texto, ligações e mensagens de Facebook tinha sido ruim, mas na escola, na vida real? Nos corredores, nos banheiros,

na cafeteria e nas salas de aula, as pessoas não apenas sussurravam sobre o que ouviram que tinha acontecido quando Blaine e eu fomos para o quarto dele. Elas falavam abertamente a respeito do assunto, na minha frente. Chamavam-me de todas as combinações possíveis de puta e mentirosa. Os professores não impediram isso, nem os funcionários.

Portanto, eu e aquele porta-retrato, que costumava conter uma foto minha com minha melhor amiga — a mesma garota que tinha me chamado de vadia naquele dia, no meio do corredor lotado da escola —, havíamos nos tornado bem próximos.

Meus pais mal olhavam para mim antes de eu cortar meus punhos, mas depois? No quarto de hospital, minha mãe perdeu a cabeça. Pela primeira na vida, ela perdeu a cabeça.

Invadiu o quarto e meu pai veio logo atrás. O olhar desconcertado dela ia do meu rosto à bandagem em meu pulso.

Um pânico desesperador tomou conta de seus traços perfeitos, e achei que, finalmente, ela me tomaria nos braços e me diria que tudo ficaria bem, que superaríamos isso juntas.

Aquele olhar de comiseração deu lugar a sentimentos de decepção, pena e raiva.

— *Como ousa envergonhar dessa forma sua família e a si mesma, Avery? O que vou dizer às pessoas quando descobrirem o que você fez?* — disse minha mãe com a voz trêmula, lutando para não gritar no quarto de hospital; porém, ela perdeu o controle. As próximas palavras saíram com um grito agudo. — *Depois de tudo aquilo, você vai e faz isso? Você já não nos fez passar por coisas demais? Qual é o seu problema, Avery? Por Deus, o que há de errado com você?*

As enfermeiras arrastaram minha mãe para fora do quarto.

Estranhamente, o que eu lembrava daquela noite era o seu breve olhar de pânico e como eu havia acreditado equivocadamente que pudesse ser um olhar de preocupação comigo.

O mesmo olhar desconcertado tomou conta do rosto de Cam, e tive vontade de sumir, pois sabia que aquele olhar acabaria se transformando em outra coisa: em decepção, pena e raiva.

E eu não suportaria ver isso acontecer com Cam.

Faria o que fosse preciso para evitar isso, mesmo que significasse me afastar drasticamente dele. Em algum momento, entre a noite de terça e a manhã de quarta, decidi o que fazer quanto à situação que vivia naquele momento.

Isso... essa coisa com Cam já estava fadada ao fracasso desde o início. Poderiam um cara e uma garota que sentiam atração um pelo outro, realmente, se tornar amigos? Eu achava que não. As coisas ficariam muito complicadas. Ou eles cederiam àqueles sentimentos, ou se afastariam ao máximo um do outro. Nós tentamos ceder aos sentimentos por um segundo bem quente. Beijamo-nos algumas vezes. E foi isso. Na realidade, não teria dado certo.

Eu não tinha certeza se poderia ter dado continuidade àquilo. Bem, principalmente agora, achava que não. Cam, em algum momento, teria seguido em frente e eu ficaria com o coração absolutamente obliterado. Não partido, mas completamente destruído, porque Cam... ele era do tipo pelo qual as pessoas se apaixonam completamente. E eu não podia deixar isso acontecer.

Talvez você já tenha deixado, sussurrou uma voz diabólica, terrível e safada.

Portanto, na manhã de quarta-feira, fui ao meu conselheiro na faculdade e inventei uma desculpa qualquer sobre estar muito atarefada com os trabalhos e estar ficando defasada. O último dia para desistência de uma aula tinha sido no fim de outubro, então, para sair da Astronomia, eu teria que ficar com uma matéria incompleta.

Uma matéria incompleta detonaria meu histórico escolar, mas a verdade é que eu estava indo tão bem nas outras aulas que não atrapalharia a pontuação geral.

Eu precisava tomar uma decisão.

Encarar Cam e lidar com a inevitável decepção amorosa ou assumir a defasagem no meu desempenho acadêmico.

Preferi a defasagem acadêmica.

E, assim que saí do escritório do conselheiro, soube que o que havia feito não fora muito uma tomada de decisão. Eu estava fugindo. Afinal, não era nisso que eu era boa? Fugir?

* * *

Brit e Jacob tentaram fazer uma intervenção no fim de semana seguinte. Os dois apareceram no meu apartamento, e, se eu não os tivesse deixado entrar, fiquei convencida de que derrubariam a porta, ou pior, envolveriam Cam.

Sentei-me na poltrona do canto, olhando para eles.

— Gente, sério...?

Brit cruzou os braços e levantou o queixo obstinadamente.

— Nós somos seus amigos, e obviamente você está passando por algum tipo de crise, então estamos aqui e você não vai se safar dessa tão fácil.

— Não estou tendo ou passando por uma crise. — Meu Deus, será que Cam havia contado alguma coisa para eles? Meu estômago se embrulhou, mas disse a mim mesma que ele não faria nada do tipo. Pelo menos, eu não achava que faria.

— Sério? — disse Jacob, voltando da cozinha. — Desde que você voltou do feriado de Ação de Graças, tem andado igual a um zumbi, e não do tipo legal e comedor de cérebros. Você parece que chorou até os olhos saltarem, tem evitado Cam e todas as conversas sobre ele, e, além disso, não há nada de bom para comer na sua cozinha.

Levantei a sobrancelha com a última afirmação dele.

— Eu não tenho evitado Cam.

— Balela — respondeu Brit. — Conversei ontem com Cam. Ele disse que você não fala com ele, não atende as ligações, não atende a porta quando é ele e não tem ido à aula de Astronomia.

Uma dor profunda se apoderou do meu peito. Quase perguntei se ela tinha iniciado a conversa com ele, mas isso não tinha muita importância. Quanto menos pensasse nele, melhor. Não falar o nome dele ajudava.

Ter meus dois amigos me interrogando a respeito dele não melhorava nada.

— Vocês dois brigaram? — Jacob deu um pulo do sofá.

Brigamos? Não exatamente. Fiz que não com a cabeça.

— Não é nada, gente. Nós não brigamos. Só não estou muito a fim de falar com ele.

Ela me olhou com desprezo.

— Avery, isso também é lorota.

Levantei as mãos, sem saber o que dizer.

— Por que não tem ido à aula de Astronomia? — perguntou ela.

— Desisti da matéria.

Ela ficou sem palavras.

— Você largou a matéria? Avery, o último dia para desistir foi... meu Deus, você vai deixar uma matéria incompleta?

— Não é nada de mais.

Brit olhou fixamente para mim, assim como Jacob.

— Você perdeu a porra do juízo, Avery?

Fiquei desconcertada.

— Não.

Respirando fundo, Brit olhou de mim para Jacob.

— Jacob, você pode voltar sozinho para o dormitório?

A testa dele se franziu.

— Hã, posso, não é uma caminhada tão longa assim, mas...

— Ótimo — disse ela, com um gritinho. Curvando-se à frente, deu um beijo no rosto dele. — Vejo você depois.

Jacob ficou sentado por um momento, então balançou a cabeça e me abraçou rapidamente antes de partir.

— Por que você o expulsou daqui? — perguntei.

— Porque nós duas precisamos conversar.

Ah, meu Deus.

Ela se inclinou e juntou os joelhos.

— O que aconteceu entre vocês dois?

Esforcei-me para inventar uma boa desculpa para o porquê de estar evitando Cam.

— Só não acho que insistir num relacionamento com ele seja a coisa certa.

— Tudo bem. Você tem o direito de decidir isso, mas nem amizade? A ponto de não poder ficar na mesma aula que ele?

— Não podemos ser amigos — eu disse, depois de alguns instantes, já cansada daquela conversa. — É só isso, está bem? Não quero mesmo falar sobre o assunto. Não quero ser grosseira, mas não há nada a dizer. Eu não quero vê-lo. Ponto final.

Eu não quero vê-lo. A questão é que aquilo era apenas parcialmente verdadeiro. Estava envergonhada demais para vê-lo, mas sentia a falta dele. Só fazia uma semana, mas sentia a falta daqueles comentários sarcásticos, de seu temperamento e charme, e... interrompi os pensamentos, balançando a cabeça.

Brit tirou o cabelo da testa.

— Tudo bem, mas eu quero lhe fazer uma pergunta e quero uma porra de uma resposta sincera, beleza?

Meus olhos se arregalaram.

— Beleza.

— Ele tentou alguma coisa?

— O quê? — gritei.

Ela olhou bem nos meus olhos.

— Ele machucou você de alguma forma?

— Meu Deus, não! — Fiquei de pé com as mãos nos quadris. — Cam não fez nada. Eu juro. Ele não fez nada de errado. Sou eu. Está bem? Por favor, não pense isso dele.

Brit acenou lentamente com a cabeça.

— Não achei que ele faria, mas eu tinha que perguntar. Tinha que saber.

Ela ficou ainda mais um tempo, mudando o rumo da conversa para o último encontro dela com Jimmie, e, por um curto período, cheguei até a esquecer Cam e toda aquela confusão.

Quando ela foi embora, parou na porta e se virou de frente para mim.

— Caso esteja pensando nisso, quando falei com Cam, ele estava muito preocupado com você. Ele estava chateado. O que quer que tenha ocorrido entre vocês dois, espero que consigam superar, porque...

— Porque o quê?

Ela apertou os lábios, expirando pelo nariz.

— Porque eu acho que o cara realmente gosta de você, Avery. E acho que você realmente gosta dele. Seria uma porra de um desperdício se vocês não se entendessem ou resolvessem qualquer merda que tenha acontecido.

* * *

Com o semestre chegando ao fim, mergulhei de cabeça nas provas finais. Com a lacuna em Astronomia, precisava tirar nota máxima em todas as provas para me sentir menos mal, depois de ter tomado uma decisão tão maluca. Mais de uma vez na última semana, quis me socar por ter desistido da matéria. Naqueles raríssimos momentos de racionalidade, eu me xingava de todos os modos possíveis. Fora uma decisão muito, muito estúpida, principalmente por ser em virtude de um garoto, mas agora não podia fazer mais nada. Eu havia faltado às últimas duas semanas de aula e não teria como compensar aquelas faltas.

Quando terminei minha última prova do semestre — Música —, fui direto para a estação de trem, onde meu carro estava estacionado. Encarando o vento forte que parecia vir direto nos meus olhos, peguei o celular da bolsa. Havia algumas mensagens não lidas que Cam mandara na última semana, uma do NÚMERO DESCONHECIDO que, aparentemente, havia se cansado de me chamar de puta pela caixa postal, então decidira falar por escrito. Assim como eu evitava os e-mails do meu primo, fazia o mesmo com as mensagens de Cam.

Porém, não as deletava. Não sei bem por quê. Apenas não conseguia.

Havia uma chamada perdida de Brit. Ela queria se encontrar comigo antes de ir para a casa dos pais para as férias de inverno. Nem ela nem Jacob ressuscitaram o assunto de Cam novamente, mas sempre que nos encontrávamos ficava algo suspenso no ar. Depois de deixar o campus, fui fazer compras para aguentar a impreterível viagem. Caminhei por entre os corredores, sem achar nada muito interessante, mas joguei algumas coisas no carrinho.

Na saída, deparei-me com Ollie indo para a pizzeria no fim do pequeno shopping. Estávamos a cerca de um quilômetro do nosso prédio, portanto não era nenhuma surpresa vê-lo ali, mas parei no meio do estacionamento com o coração pulando. Ele não olhou na minha direção, provavelmente nem chegou a me ver, mas eu o vi e pensei naquela tartaruga idiota.

Senti um nó na garganta e inspirei com dificuldade. Lágrimas brotaram nos meus olhos ao me dirigir para o porta-malas do meu carro. Descarreguei as compras, concentrando-me naquela tarefa mundana até sentir a confusão de emoções ceder.

O inevitável aconteceu quando cheguei com as sacolas.

Ouvi a porta de Cam abrindo, e sabia que não poderia ser Ollie. Meu coração palpitou, então procurei abrir a porta e entrar com as compras logo, antes que ele me visse, só que aquilo não foi possível. Descartando a ideia idiota de deixar as compras no corredor, eu me curvei à frente, pegando o máximo de sacolas que podia.

— Avery.

Fechando os olhos com força, congelei, três sacolas de compras penduradas na ponta dos meus dedos doloridos. Minha garganta se fechou ao *senti-lo* se aproximar. Era como se meu corpo reconhecesse a presença dele em um nível subconsciente.

— Deixe-me ajudá-la.

A voz grave dele penetrou meu peito, arrancando um arrepio de mim. Abri os olhos, mas mantive o olhar grudado no que podia ver do meu apartamento.

— Já consegui.

— Não parece — ele respondeu. — Seus dedos estão ficando roxos.

E estavam mesmo.

— Está tudo bem. — Fui entrando no meu apartamento, mas Cam moveu-se rapidamente. Passou por mim e só o que vi foi seu tronco. Graças a Deus que ele estava usando um moletom. Sua mão apareceu no meu campo de visão, já tirando as sacolas dos meus dedos, roçando minha mão no processo. Recuei, fazendo uma das sacolas cair no chão.

— Merda.

Baixei o tronco, pegando o condicionador antes que rolasse as escadas. Cam ajoelhou-se, pegando o resto das coisas esparramadas. Nas mãos dele estavam meu xampu, a pasta de dente e os absorventes. Que legal. Xingando por dentro, forcei meu olhar para cima.

A mandíbula de Cam estava contraída, e tive que desviar o olhar, porque vê-lo ali não era nada bom.

— Se você rir, eu lhe dou um soco na barriga — eu disse, pegando o restante das compras.

— Eu jamais ousaria rir de você. — Um quê de sarcasmo preencheu sua voz.

Ele entrou comigo no meu apartamento, passando por mim e colocando as sacolas sobre o balcão. Fiz o mesmo, o coração pulando ao vê-lo na minha cozinha.

— Você não precisava me ajudar, mas obrigada — eu disse, com as mãos tremendo ao tirar o leite de uma das sacolas. Ele estava parado na cozinha, na frente da porta. — Eu preciso mesmo...

— Você acha mesmo que vai se livrar de mim tão fácil, agora que estou aqui dentro? — perguntou.

Guardei o leite na geladeira e fui pegar os itens de congelador.

— Bem que eu gostaria.

— Rá. Que engraçado. Precisamos conversar.

Empilhando os pratos prontos congelados, coloquei-os no freezer.

— Não precisamos, não.

— Precisamos, sim.

— Não, não precisamos. E estou ocupada. Como pode ver, tenho compras para guardar e...

— Tudo bem, eu posso ajudar. — Cam veio na minha direção, perto do balcão. — E nós podemos conversar enquanto eu a ajudo.

— Não preciso da sua ajuda.

— É, eu acho que precisa.

Dei meia-volta, deixando a porta do freezer aberta. O ar gelado bateu na minha nuca, mas mal senti, de tanto pânico e raiva por ter que encará-lo.

— O que isso quer dizer?

— Não quer dizer o que você está achando, Avery. Caramba. — Ele enfiou uma mão entre os cabelos. — A única coisa que eu quero é conversar. É só isso que venho tentando fazer.

— Obviamente eu não quero falar com você. — Fui até o balcão e puxei o pacote de hambúrguer. Jogando-o no freezer, bati a porta. Várias coisas chacoalharam lá dentro e em cima da geladeira. — E você ainda está aqui.

Cam respirou fundo, já que seu maxilar estava começando a tremer.

— Olha só, entendo que você não esteja contente comigo, mas precisa me dizer o que eu fiz para irritá-la tanto a ponto de não querer falar comigo, ou mesmo...

— Você não fez nada, Cam! Eu só não quero falar com você. — Virando-me de costas para ele, saí da cozinha, direto para a porta da frente. — Está bem?

— Não, não está nada bem. — Ele me seguiu até a sala, mas parou atrás do sofá. — Não é assim que as pessoas agem, Avery. Elas não simplesmente ignoram e desistem das outras, ou se escondem delas. Se houver...

— Você quer saber como as pessoas não agem? — Atormentada pela verdade nas palavras dele, perdi o controle. — Elas não ligam e perturbam o tempo todo as pessoas que, obviamente, não querem vê-las! O que acha disso?

— Perturbar você? É isso o que tenho feito? — Cam deu uma risada, mas com tom irônico. — Você está de sacanagem comigo?

Estar preocupado com você é perturbar você?

Abri a boca, mas aquele nó na garganta tinha voltado, quase me estrangulando.

— Eu não deveria ter dito isso. Você não está me perturbando. Eu só... — Perdi a fala, passando as mãos pelo cabelo. — Eu não sei.

Os lábios dele ficaram contraídos ao olhar para mim e, em seguida, ele balançou a cabeça.

— Isso tem a ver com o que eu vi, não tem? — Apontou para o meu braço e fiquei tensa. — Avery, você pode...

— Não. Não tem a ver com isso. Não tem nada a ver com nada. Eu só não quero fazer isso.

— Fazer o quê?

— Isso! — Fechei brevemente os olhos, respirando fundo e com dificuldade. — Eu não quero fazer *isso*.

— Meu Deus, mulher, eu só estou querendo conversar com você!

As palavras dele tocaram meu coração, mas balancei a cabeça e olhei para ele.

— Não há nada para conversar, Cam.

— Avery, por favor... — Cam mordeu o lábio inferior, chamando minha atenção como se eu estivesse esfomeada e ele balançasse um cheeseburger na minha frente. — Tudo bem, quer saber? Não vou ficar aqui ouvindo merda de desaforo nenhum. Foda-se.

Eu me encolhi ao dar um passo para o lado. Mereci tudo aquilo, mas doeu... como um corte profundo.

Ele passou tempestuosamente por mim, chegando à porta.

— Olha, eu vou para casa nas férias de inverno. Vou e volto várias vezes, então, se precisar de alguma coisa... — Ele riu de novo com o mesmo tom sarcástico de antes, enfiando os dedos entre os cabelos. — Esqueci, você não precisa de nada.

Senti uma dor no peito ao observá-lo abrindo a porta. Cam estava no corredor quando se virou uma última vez.

— Você vai ficar por aqui sozinha pelas férias inteiras, não vai? Até mesmo o Natal?

Em silêncio, cruzei os braços.

Ele desviou o olhar, cerrando os dentes.

— Que seja. Bom Natal, Avery.

Cam caminhou até seu apartamento, e achei que ouviria o som da porta batendo. Ouvi-la fechando calmamente foi ainda pior. Fechei minha porta com os olhos já embaçados. Isso era o que tinha que acontecer. Eu continuava repetindo isso a mim mesma ao me afastar da porta. Brit estava errada. Não tinha nada a ser consertado ou resolvido. Era melhor assim. Tinha que ser.

No entanto, meu coração dizia o contrário.

CAPÍTULO

Duas coisas aconteceram no Natal. Meu pai me mandou uma mensagem desejando “Feliz Natal”. Sério? Não escreveu mais nada. Muito pessoal. Amo você também, pai.

E nevou naquela noite.

Eu nunca tinha visto nevar no Natal.

Dando espaço a um mínimo de empolgação, vesti minha jaqueta, calcei um par de botas grossas e saí. Mesmo sabendo que ninguém estava no apartamento, nem mesmo Ollie, olhei para a porta deles ao chegar à escada. Fiquei me perguntando quem estaria tomando conta de Raphael.

Um sentimento pesado se instalou no meu peito ao descer os degraus e sair do prédio. Luzes multicoloridas enfeitavam as janelas de alguns apartamentos. Em outras, árvores de Natal iluminadas brilhavam. Eu não tinha feito nenhuma decoração. Nada daquilo fazia sentido, mas havia comprado um presente de Natal para mim mesma.

Uma bolsa carteiro nova — de couro envelhecido. Uma bolsa nova para um novo semestre.

Eu não sabia para onde estava indo, mas me vi no pequeno trecho de grama do outro lado do último prédio. Flocos brancos e fofos já cobriam o chão e caíam em grande quantidade.

Enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta, tombei a cabeça para trás e fechei os olhos. Pequenos flocos caíram no meu rosto e nos meus lábios. Cada pedacinho era gelado e úmido. Fiquei tempo o bastante para que, se alguém me visse pela janela, achasse que eu tinha ficado maluca, mas eu não dava a mínima.

Cam não tinha entrado em contato comigo desde o dia das compras.

Não que eu esperasse o contrário, mas surgia um aperto no meu coração toda vez que olhava o celular e não via notícias dele. Que coisa de maluco! Eu disse que não queria falar com ele, então ele parou. Será que era isso o que eu queria?

Um tipo diferente de umidade cobriu minhas bochechas, misturando-se com a neve, então suspirei. Abrindo os olhos, observei a neve cair por mais alguns segundos e voltei para dentro.

Assim que parei na frente da minha porta, olhei para o apartamento de Cam e suspirei:

— Feliz Natal.

* * *

No dia seguinte ao Ano-Novo, cansei do meu confinamento solitário e fiz o que queria. Mesmo diante de um dia frio e tempestuoso, abri o mapa do Google, peguei o carro e fui até a capital do país visitar os museus.

Fiquei orgulhosa de mim mesma quando encontrei uma vaga para estacionar. Eu não era a melhor das motoristas na cidade grande, mas crescer perto de Houston meio que havia me preparado para a insanidade dessas estradas.

Os museus estavam em grande parte lotados de famílias, e eu não sabia direito se aquilo era normal para um dia pós-feriado. Passei a maior parte do tempo na área do Smithsonian chamada de “Vida Eterna do Antigo Egito”. Era realmente incrível ver os artefatos de milhares de anos atrás.

E a múmia era legal pra caramba também.

A *nerd* historiadora que habitava em mim estava muito empolgada ao percorrer aqueles largos corredores, embora estivesse sozinha e a cada dez minutos, mesmo dizendo a mim mesma para parar,

pensasse em como Cam parecia ter querido fazer isso comigo. Claro que fora pouco antes de ter me beijado, portanto ele teria concordado com qualquer coisa na ocasião.

Eu nem podia me enganar achando que ele ainda estava na casa dos pais, porque, quando saí naquela manhã, vi sua caminhonete prateada na vaga do estacionamento. Cam estava na casa dele.

Parei na frente de uma vitrine com cerâmicas. Pensar nele me beijando não ajudava em nada. Só piorava a situação. Virei-me e dei de cara com um casal de adolescentes que estava mais interessado na sensação das bocas do que nas maravilhas históricas expostas diante deles.

Uma pancada atingiu meu coração.

Ok, talvez ter ido até lá não tivesse sido a mais inteligente das ideias, mas eu não podia ficar em casa.

Não no dia do meu aniversário.

O grande 2.0.

Ainda não tinha recebido notícias dos meus pais, mas imaginei que fossem mandar alguma mensagem. Contudo, até a hora em que saí de Washington, um pouco antes das quatro da tarde, não havia recebido nada.

Sim, aquilo doía como uma queimadura de água-viva.

Parei numa padaria perto de casa e comprei um daqueles bolos com sorvete. Eu não era muito fã de sorvete, mas o que quer que tivesse aquelas coisinhas crocantes no meio era absolutamente divino.

Com minha pequena fatia de bolo, eu me encolhi no sofá e assisti à metade da primeira temporada de *Supernatural* antes de desmaiar vergonhosamente cedo.

Acordei entre quatro e cinco da manhã, sentindo como se uma neblina tivesse invadido meu cérebro. Forçando-me a sentar, contrái

o rosto ao sentir uma dor pulsante nas têmporas. Achando que seria por ter adormecido no sofá em uma má posição, eu me levantei.

— Nossa... — Pus a mão na testa, vendo a sala toda girar. Minha pele estava quente. Será que estava suando?

Comecei a ir para o quarto para me trocar, mas só consegui chegar até a metade do caminho, indo direto para o banheiro.

— Meu Deus. — Senti uma ânsia de vômito.

Câimbras tomaram meu estômago e caí de joelhos, levantando a tampa do vaso. O bolo de sorvete e tudo o que havia comido durante o dia subiram à garganta num piscar de olhos. Foi impressionante, e não parou por horas. Assim que pareceu dar uma acalmada, encostei na banheira, pousando o rosto na superfície fria. Deu uma melhorada, mas a sensação de bem-estar não durou muito. Minha barriga se contraiu e quase não cheguei ao vaso a tempo.

Era oficial.

Deus resolvera me dar uma lição moral, castigando-me com uma gripe daquelas. Como contraí aquilo? E isso importava? Claro que não. Nada tinha importância quando me deitei no piso de cerâmica, com o rosto amassado e, muito provavelmente, o padrão do chão impresso na pele. Perdi completamente a noção de quanto tempo passei ali, mas sabia que precisava de um remédio, alguma coisa do mercado ou da farmácia. Sim, aquela era uma boa ideia. Canja de galinha. Paracetamol. Naldecon...

Ficando de pé, ainda cambaleante, eu me arrastei até a sala. As paredes estavam esquisitas, peludas e um pouco tortas, como se estivessem acenando para mim. Depois de uma pequena aventura, encontrei minha bolsa, as chaves e me dirigi à porta da frente. Assim que a destranquei, tive a mesma sensação horrível no estômago.

Deixei cair a bolsa e as chaves no chão e saí correndo. As paredes pareciam dançar. Nada bom. Dei alguns passos, mas

minhas pernas fizeram uma coisa estranhíssima: simplesmente pararam de funcionar. Nada. Eu as arrastei pelo chão, mas não as sentia. Engatinhando na direção da cozinha, porque tive um mínimo de noção para não querer fazer aquilo sobre o carpete, cheguei à pia. Eu me ergui com dificuldade e me curvei sobre a bancada; meu estômago se contraiu tanto que lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Cara, isso era uma merda.

Finalmente, quando a tempestade pareceu ter passado, eu me agachei e encostei no gabinete da pia. Ok. Sair de casa estava fora de questão. A solução era ir para a cama. Não tenho certeza se me deitei ou se meio que caí, mas estava outra vez no chão frio. Pelo menos tinha mais espaço na cozinha.

Uma dor profunda se instaurou nos meus músculos e ossos. A cabeça pulsava tanto que doía só de abrir os olhos ou me concentrar em qualquer outra coisa senão na dor. Parecia que alguém havia enfiado uma escova de lã pela minha garganta. Meu cérebro parecia perdido num lamaçal. Nada fazia muito sentido para mim. Ouvi o telefone apitando de algum lugar, então, pouco tempo depois, ele tocou, tocou... e tocou. Fiquei pensando que pudessem ser meus pais. Talvez tivessem se lembrado que meu aniversário fora no dia anterior.

Acho que devo ter caído no sono, porque ouvi um som bem distante de batidas. Então pensei ter escutado a porta da minha sala se abrindo. Cheguei ao ponto de não me importar se fosse um assassino. Eu agradeceria a qualquer um que acabasse com meu sofrimento.

— Avery? — Houve uma pausa e então um: — Meu Deus!

O assassino sabia meu nome e era do tipo religioso? Que adorável.

Mãos frias tocaram minha testa.

— Avery, meu Deus, você está bem?

O assassino tinha uma voz parecida com a de Brit, portanto, é claro, não era um assassino. Abri os olhos com dificuldade. O rosto dela ficou embaçado por um segundo. Em seguida, vi uma expressão de preocupação e seu rosto se movendo.

— Gripe — murmurei. — Estou com gripe...

— Por isso que parece que teve uma festa de vômito por aqui.

— Que nojo. — Eu me encolhi.

— Sim, que nojo, tudo isso está um nojo.

Ouvi alguma coisa caindo no chão e as mãos frias sumiram. A porta da minha geladeira se abriu e um ar frio, lindo e maravilhoso, me envolveu. Eu estava no paraíso, no bendito paraíso.

A porta se fechou e Brit voltou, com água na mão.

— Você precisa tomar água. Vamos, ajude-me a ajudar você a sentar.

Gemendo e balbuciando, coloquei as mãos no chão, mas meus braços estavam fracos demais. Ela passou um braço em volta de mim e me encostou no gabinete. Uma garrafa de água apareceu diante de meus lábios secos.

— Não. — Tentei afastá-la, mas não tinha força para levantar os braços. — Você... pegar... gripe...

— Tomei a vacina contra a gripe, então, não. Tome esta água, Avery. Beba logo. — Ela a colocou na minha boca de novo, refrescando minha garganta. — Deve estar doendo, né? Se tomar esta água, vou à farmácia comprar alguma coisa para você, está bem? Acho que você está com febre. — A mão dela tocou minha testa. — Sim, você está com febre.

Acho que tomei a água e, logo depois, colei o rosto no chão. Tudo embaçou. Brit estava falando comigo e acho que respondi. Nenhuma ideia do que saiu pela minha boca. Em algum momento, ela me deixou no chão; depois a ouvi novamente, lá na sala, falando em voz baixa. A dor na cabeça era muito forte para abrir os olhos.

Braços deslizaram por baixo de mim e por um segundo flutuei. Em seguida, estava apoiada sobre algo quente e duro. Gemi, virando a cabeça na direção dessa superfície. Havia um cheiro acolhedor e familiar que me chamou a atenção, me encantou, até que, de repente, fui deitada sobre alguma coisa muito mais confortável e havia algo frio e úmido sobre minha testa.

Eu dormia e acordava de tempos em tempos, percebendo que não estava sozinha. Alguém se sentou na cama ao meu lado segurando um pano no meu rosto. Murmurei alguma coisa antes de adormecer novamente. Não sei bem quanto tempo isso durou, mas finalmente meus olhos se abriram e foi como se eu estivesse saindo de um coma. A luz que entrava pela janela era muito forte, e minha cabeça ainda latejava, mas de forma menos intensa.

Abri a boca, mas imediatamente comecei a tossir.

Passos vieram pelo corredor e, de repente, Brit estava na porta do meu quarto, com um copo de água numa mão e uma caneca na outra.

— Você está viva! Graças a Deus, eu estava começando a pensar que tinha matado você acidentalmente ao lhe enfiar remédio goela abaixo.

Olhei para ela ainda sem forças.

— Eu tomei remédio?

— Tomou. — Ela veio até mim e se sentou na cama. — Já tomou remédio duas vezes e vai tomar mais um agora. Você precisa tomar toda esta água. Depois precisa tomar isto: mais remédio. Minha mãe, que é enfermeira, diga-se de passagem, disse que, já que sua febre cessou ontem à noite, você vai ficar bem. Bem, já deve estar melhor.

— Ontem à noite? — Cobrindo a boca com a mão, comecei a tossir de novo ao tomar a água. Precisávamos esperar que *isso* passasse. — Que... horas são?

Brit continuou sentada na beirada da cama, segurando a caneca de chá fumegante. Quase podia sentir o cheiro de limão.

— Horas? Querida, acho que “dia” seria a pergunta mais apropriada. Hoje é sábado.

Quase engasguei com a água.

— Eu fiquei... fora do ar... por um dia inteiro?

— Um dia e meio — disse ela, solidária. — Quando mandei a mensagem e liguei e você não respondeu, fiquei preocupada. Por isso vim para cá. Você estava mal demais. A mamãe disse que você provavelmente estava desidratada.

Refletindo sobre aquilo enquanto terminava a água, apoiei o copo na mesa de cabeceira e peguei a caneca de sua mão. Comecei a tossir novamente e, por um milagre, não cuspi tudo em mim mesma.

— Você... ficou aqui o tempo todo?

— Não o tempo todo. Eu tive ajuda.

— Obrigada. Sério mesmo, obrigada. Eu ainda estaria deitada... no chão, se não fosse... por você e Jacob.

Ela balançou a cabeça.

De repente, uma coisa muito importante me ocorreu. Olhei para baixo, para mim mesma, e estava usando uma camiseta de manga comprida. Meu sutiã ainda estava no lugar e usava uma calça de pijama. Ah, meu Deus, meu bracelete não estava lá. Levantei a cabeça rápido demais, fazendo a dor se espalhar pelo meu rosto. O bracelete estava na mesa de cabeceira.

— Você...?

— Sim e não — disse ela, mexendo no rabo de cavalo no topo da cabeça. — Ajudei você a vestir a calça.

— Então, quem...? — Uma sensação de enjoo me fez pensar que eu teria que sair correndo até o banheiro novamente. — Ah, meu Deus...

Brit se contraiu.

— Não me odeie, Avery, mas eu não sabia mais o que fazer. Não conseguia tirar você do chão. Para alguém tão pequena, você pesa uma tonelada, e eu tenho mais músculos que Jacob. Cam estava do outro lado do corredor e me pareceu a solução mais rápida.

Meu Deus, meu cérebro mal conseguiu assimilar essa pequena novidade. Se não foi Brit que tirou meu moletom ensopado de suor, então só pode ter sido Cam, o que significava que havia sido ele quem colocara o bracelete na cabeceira.

Fechei os olhos.

— Você está com vontade de vomitar de novo?

— Não — respondi com a voz rouca. — Então... então, Cam esteve aqui?

— Ele carregou você até a cama e ficou com você enquanto eu ia à farmácia — disse ela, cruzando as pernas. — Quando voltei, ele tinha trocado sua camiseta e jurou não ter olhado para seus “atributos”. Apesar de que eu estava olhando para os “atributos” dele. Ele ficou sem camisa o tempo todo. Embora todas as janelas da casa estivessem abertas para arejar todo o seu cheiro.

Todo o meu cheiro. Cam sentiu todo o meu cheiro.

— Ele foi o enfermeiro perfeito. Passou um pano úmido no seu rosto, mantendo você refrescada. — Brit suspirou com um som desejoso. — Ele até ficou com você enquanto eu limpava a sua bagunça.

— Obrigada — repeti, terminando meu chá. — E é sério, muito obrigada mesmo. Eu lhe devo essa.

— Deve mesmo. — Ela deu um sorriso de lado. — E também deve a Cam.

Caí de costas na cama, fechando os olhos.

— Aposto que você teve que implorar para ele vir.

— Não — respondeu, cutucando minha perna até eu olhar para ela. — Nem precisei pedir duas vezes. Ele largou o que estava fazendo e veio direto ajudá-la.

CAPÍTULO

O enjoo persistiu e se transformou em uma gripe nojenta e cheia de tosse que tratei obsessivamente com todos os remédios conhecidos pelo homem. No primeiro dia do semestre da primavera, ainda estava tossindo, mas me sentia bem o suficiente para ir à aula.

Antes de descer as escadas, criei coragem e fui até o apartamento de Cam, pois tinha que agradecê-lo cara a cara, não por mensagem de texto. Com o coração palpitando como se tivesse descido e subido as escadas correndo, bati em sua porta.

Passos fortes soaram do outro lado da porta, segundos antes de abrir, revelando Ollie em toda a sua glória maltrapilha. Um sorriso sonolento surgiu em seus lábios.

— Oi! Que bom vê-la andando por aí.

— Obrigada. — Senti meu rosto esquentando. — Cam está por aí?

— Espere, vou dar uma olhada. Só um segundo. — Ele deixou a porta entreaberta e desapareceu no apartamento. Alguns momentos depois (momentos que pareceram uma eternidade), voltou, um pouco menos amarrotado. — Na verdade, ele, é... já foi para a aula.

— Ah... — Eu sorri para esconder a decepção. — Bem, eu... vejo você por aí.

— Claro. — Ollie balançou a cabeça e passou a mão pelos cabelos compridos. — Avery, espero que esteja se sentindo melhor.

— Estou, sim. Obrigada.

Acenando levemente para ele, arrumei a alça da minha bolsa nova e, então, tirei as luvas, desci as escadas e fui para fora, numa manhã gelada e luminosa. Parei algumas vagas antes do meu carro, com o coração pulando.

Lá estava — a caminhonete de Cam.

Ele não tinha ido à aula. Estava no apartamento. A verdade era fria como o tempo lá fora. Ollie tinha falado com ele e Cam não quisera me ver.

* * *

Vi Cam pelo campus várias vezes nas semanas seguintes. Parecia que tínhamos uma agenda que nos colocava próximos um do outro, e, toda vez que o via, ele estava com Jase ou, como no dia anterior, com Steph.

Sempre que o via com ela, tinha uma sensação esquisita no estômago. Eu não tinha direito a sentir aquilo. Sabia disso, mas não me impedia de querer partir para cima de Steph e cortá-la em vários pedaços.

Porém, essa não era a pior parte de encontrar com ele. Na maioria das vezes, ele me via, e, se nossos olhares se cruzassem, ele *sempre* desviava. Era como se não tivéssemos sido amigos por quase cinco meses ou dividido qualquer momento de intimidade. Era como se nem sequer nos conhecêssemos.

Lembrou-me de como as coisas ficaram com meus amigos no Ensino Médio depois da festa de Halloween. Como se nosso tempo juntos tivesse sido apagado.

Na sexta-feira, ocorreu uma pequena abertura. Cam estava sozinho, atravessando a rua principal, indo para o Knutti, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos do moletom.

— Cam! — gritei o nome dele tão repentinamente que acabou causando um som patético misturado com tosse, que era resquício da minha gripe.

Ele parou, levantando o queixo. Mechas de cabelo escuro enrolavam-se por baixo de seu boné.

Lutei para subir o restante da ladeira, com o peito e as pernas ardendo. Sem fôlego, parei na frente dele.

— Desculpe — disse esbaforida, respirando várias vezes. — Preciso de um segundo.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Você está um caco.

— Pois é... Parece a Peste Negra e não quer ir embora.

Pigarreei, forçando meus olhos a se encontrarem com os dele. Por um instante, ao encarar aqueles olhos cristalinos, esqueci por que eu o havia chamado.

Algo surgiu em seu rosto e, então, ele desviou o olhar, contraindo o músculo da mandíbula.

— Preciso ir para a aula, então...

Cam apressado para ir à aula? O apocalipse estava chegando. Lutei contra o ímpeto de sair andando, porque estava na cara que ele não tinha nenhum interesse naquela conversa, mas cravei os pés ali. Eu devia isso a ele.

— Eu só queria agradecer por você ter ajudado Brit quando eu estava doente.

Seus lábios se contraíram conforme olhou para algo além de mim.

— Não foi nada.

— Foi para mim — eu disse baixinho, querendo que ele olhasse para mim. — Então, obrigada.

Cam acenou de maneira cortês e respirou profundamente. Ele olhou para mim e depois, para longe. Seus ombros ficaram tensos.

— De nada.

— Bem... — Não tive forças para falar, porque tudo que me vinha à mente não deveria ser dito. Tipo, desculpe por eu ser uma filha da mãe, e queria que você não tivesse visto minha cicatriz.

— Eu tenho que ir — ele disse finalmente, voltando-se para a entrada lateral do prédio, onde vários alunos fumavam. — Vejo você por aí.

— Sinto muito — falei sem pensar, com o coração saltando.

Cam se virou, com os olhos fixos em mim, e foi como se estivesse esperando por alguma coisa, mas apenas balançou a cabeça.

— Eu também.

Eu não o parei de novo.

Lágrimas queimaram na minha garganta e, de alguma forma, cheguei à aula de Inglês, que era no mesmo prédio dele. A manhã estava levemente nebulosa, e, quando encontrei com Jacob e Brit no refeitório para o almoço, mal consegui acompanhar a conversa deles, simplesmente comendo meu sanduíche. Mas acho que estavam acostumados com aquele meu jeito, porque nenhum dos dois falou nada.

Quando eu e Brit fomos para o Whitehall para a aula de Economia, contei a ela sobre minha conversa com Cam.

— Ele não queria nem olhar na minha cara.

— Eu não acho que seja o caso, Avery.

— Ah, é, sim. Ele estava com pressa para sair de perto de mim. Na verdade, ele disse que não podia se atrasar para a aula, e vamos combinar que Cam nunca liga para isso.

Brit puxou o gorro para cobrir as orelhas ao pararmos perto do pavilhão em frente ao prédio das Ciências Sociais.

— Posso ser sincera com você?

— Pode.

Ela juntou as mãos cobertas com luvas.

— Você sabe que eu amo você, certo? Então vou falar de uma vez. Você evitou Cam desde o Dia de Ação de Graças, e para mim, para ele e até para o menino Jesus, parecia que era isso o que você queria. Que ele se afastasse.

Abri a boca, mas o que podia dizer? Era isso o que eu queria.

— Então ele se afastou. Você não pode culpá-lo por isso. O cara só está correspondendo ao que você demonstrou, sabe? — Ela mordeu os lábios. — E, depois de ser ignorado por todo aquele tempo, ele não deve estar muito empolgado para falar com você.

— Eu sei — admiti. — É que...

— Você finalmente acordou para a vida e agora está preocupada que seja tarde demais?

Seria isso? Eu não tinha certeza, mas esperava que não, porque, pelo menos, dormindo para a vida, era menos deprimente.

— Dê-lhe algum tempo — disse ela, colocando um braço sobre meus ombros. — Se ele não mudar de ideia, foda-se ele.

— Foda-se ele — repeti, mas não era o que estava sentindo.

Brit me apertou assim mesmo.

— Essa é a minha garota.

* * *

Sexta à noite, olhei para meu dever de Economia, convencida de que aquela era uma língua completamente diferente, feita para confundir as pessoas. Permanecer concentrada estava difícil demais, por diversas razões. Muitas vezes eu me pegava olhando para a televisão, sem prestar atenção no que estava passando, com a mente indo em diferentes direções, a maioria delas levando a Cam.

Eu estava enjoada de mim mesma.

Meu telefone de repente tocou no fundo da bolsa. Quando o encontrei, gemi ao ver o nome de quem estava ligando. Meu primo. Fiquei um tanto surpresa por ele me ligar, depois das dezenas de e-mails que eu havia ignorado.

Mas o fato de ele estar ligando para mim deixou-me com a pulga atrás da orelha, por isso atendi.

— Alô? — eu disse, com uma voz sem expressão.

Houve um silêncio, e em seguida:

— Você atendeu o telefone?

— Por que não atenderia? — É, isso foi ridículo até para mim. — E aí, David?

— Leu algum dos meus e-mails? — A arrogância, que era normal em seu tom de voz, estava ausente. Chocante.

— Ah, eu li um ou dois, mas tenho estado ocupada com a faculdade e tudo mais. — Fiquei de pé e empurrei a bolsa para baixo da mesa. — E então...

O suspiro de David foi bastante audível.

— Você não sabe de nada? Seus pais tentaram entrar em contato com você?

Torci o nariz.

— É, não. Eles esqueceram meu *aniversário*.

— Sinto muito — respondeu ele, e quase pude ver sua expressão comiserada. — Achei que eles tivessem tentado falar com você sobre o que anda acontecendo por aqui. Meio que tem a ver com você.

Caminhando até a cozinha, franzi a testa ao pegar um refrigerante da geladeira.

— Como é que alguma coisa daí tem a ver comigo?

Houve uma pausa e a bomba das bombas foi jogada.

— Tem a ver com Blaine Fitzgerald. Ele foi preso.

A lata de refrigerante escapou dos meus dedos e caiu no chão, rolando para baixo da mesa. Fiquei ali imóvel, olhando para a geladeira.

— O quê?

— Ele foi preso, Avery. É por isso que tenho tentado falar com você. Achei... sei lá, achei que você gostaria de saber.

Minhas pernas ficaram fracas, então me virei e me apoiei sobre o balcão com uma mão. O cômodo girou como se eu estivesse doente de novo.

— Avery, você está aí?

— Estou. — Engoli em seco. — O que houve?

— Foi no começo do verão, mas o assunto foi mantido em sigilo até meados de agosto, quando ele foi preso. Houve uma festa e estavam lá algumas pessoas mais novas, pelo que eu soube — ele explicou, e eu fechei os olhos. — Foi uma garota que ia para a escola com você. Acho que era um ano mais nova que você: Molly Simmons.

Lembrei-me de ter visto o nome dela em um dos e-mails, imaginando algo totalmente diferente.

— O que... ele fez?

David não respondeu de imediato.

— Ele foi acusado por abuso sexual e várias outras agressões. Ele vai a julgamento em junho, mas foi liberado com fiança. Não está muito bom para o lado dele. Há muitas provas contrárias. O único motivo para eu estar sabendo disso é porque o pai dele procurou o meu para representá-lo na causa. Meu pai recusou e eu queria que você soubesse disso.

Eu não sabia o que dizer. Obrigada por não representar o canalha? Eu não sabia mesmo o que dizer. Fiquei atônita. Sempre me perguntei se Blaine teria feito o que fez comigo com outra

pessoa, e se meu silêncio o teria encorajado a fazer aquilo novamente. Tive a esperança de que não — rezei para que esse não fosse o caso.

— A garota que ele... estuprou contatou sua família.

Eu não sabia o que me chocava mais: o fato de a garota ter contatado minha família ou que David tivesse usado a palavra “estupro”.

— O quê? Por quê? Eu não disse nada. Eu mantive minha...

— Eu sei, Avery. Eu sei que você não disse nada, mas ela frequentou a mesma escola que você. Ela ouviu boatos sobre você e Blaine e, bem, ela juntou dois mais dois. Ela foi primeiro até seus pais e tenho certeza de que você já imagina como foi a coisa.

Eu precisava me sentar antes que caísse dura no chão.

— Quando eles se recusaram a sequer conversar com a garota, ela veio até mim. — David fez uma pausa. — Eu não contei nada a ela, Avery. Não cabia a mim, mas acho que ela está tentando entrar em contato com você. Não sei como ela conseguiu seus contatos.

— Não acho que ela tenha. — Eu me joguei no sofá. Porém, deletava quase todos os e-mails que não reconhecia. — A garota? Ela está... bem? Digo, ela parecia estar bem?

David pigarreou.

— Sinceramente? Não.

Esfregando minha sobrelanceira, expirei longamente.

— É claro que não. Que pergunta idiota.

— Acho que seria uma boa você dar uma olhada no seu e-mail. Ela parecia mesmo querer falar com você, e isso foi em agosto.

— Não posso contar nada a ela. Se eu o fizer e a coisa vier à tona, a família dele vai processar a mim e minha família na ordem de *milhões*. — Senti um gosto horrível na boca. — Faz parte do meu acordo de sigilo.

— Eu sei — respondeu David. — Mas, como eu disse, achei que você gostaria de saber o que está acontecendo.

Minha cabeça estava tão cheia que eu não conseguia pensar em nenhuma pergunta.

— E as acusações? Você acha que são fundamentadas? Que ele vai mesmo para a cadeia?

— Pelo que meu pai viu, as acusações são fortes. Ele vai para a prisão, Avery, por muitos anos, no mínimo.

Meus olhos se abriram. Senti um alívio imenso, como se uma tonelada de tijolos tivesse sido tirada de cima do meu peito. Jamais imaginei que algo assim pudesse acontecer. Blaine não ia para a cadeia pelo que fizera comigo, mas a justiça estava sendo feita. Finalmente. Só não gostava do fato de que aquilo tivera que acontecer com outra garota — uma garota que, provavelmente, enfrentara muita censura para revelar seu segredo, mas se mantivera firme no propósito. Um pouco do alívio se transformou em culpa e vergonha. E se eu tivesse dito não aos meus pais? E se eu tivesse batido o pé? Isso não teria acontecido com Molly. E só Deus sabia quantas outras garotas teriam sofrido o mesmo, e sobre as quais nunca teríamos notícia. Meu estômago roncou só de pensar nisso.

— De qualquer forma — David voltou a falar —, eu só queria que você soubesse.

— Obrigada — respondi, de coração. — Sinto muito por não ter respondido. Achei... bem, não importa o que eu achei.

— Eu sei o que você achou. Eu nunca lhe dei motivo para pensar nada diferente disso. — Ele fez uma pausa e meus olhos se arregalaram. — Olha, eu queria dizer que sinto muito.

— O quê?

— Todos esses anos, bem, eu nunca soube o que realmente tinha acontecido, mas deveria ter feito alguma coisa — ele disse. — Sinto muito. Sinto muito pelo que você teve que suportar.

A emoção subiu à garganta. Algo incrível tinha acontecido. Não só David havia sido removido da minha “lista negra” imaginária, aquelas duas palavras, duas simples palavras, representaram uma luz no meio da escuridão. Meus dedos tremeram em volta do telefone. Fechei os olhos com força, mas uma lágrima escapou.

— Obrigada — sussurrei com a voz rouca. — Obrigada.

CAPÍTULO

Eu ainda estava em estado de choque na maior parte do sábado, tanto que, quando encontrei com Jacob e Brit para estudar, nem me lembrava do que diabos tinha feito na companhia deles. Então, depois de jantar rápido um macarrão com queijo, percebi que tinha deixado a bolsa no carro, junto com meu telefone.

Muito distraída e um pouco preguiçosa, nem coloquei os sapatos ao abrir a porta e ir para o corredor, tomando um susto quando vi Ollie subindo as escadas com um engradado de cerveja nas mãos.

— Oi! — Ele sorriu. — O que está fazendo aqui fora... só de meia?

— É, eu estava indo até meu carro buscar a bolsa — respondi. — Está com sede?

Ollie riu.

— Embora eu sempre esteja com sede, isso não é para mim. Haverá uma luta hoje à noite e chamamos algumas pessoas.

— Parece divertido.

— É... — Ele olhou para a porta, trocando o engradado de mão. — Por que você não aparece?

Meu coração pulou.

— Ah, não sei... Talvez outra...

— Vamos lá, a luta principal nem começou ainda, então, você não perdeu nada.

Hesitei.

— Sei lá...

Ollie projetou o lábio inferior para fora, e foi tão ridículo que tive que rir.

— Cam vai ficar feliz em vê-la.

— Não tenho tanta...

— Já está combinado — ele me interrompeu. — Não pense. Apenas apareça. Só por um tempinho, ok? Talvez possamos levar Raphael para passear.

Eu ri outra vez, pensando em Ollie e na pobre tartaruga ao olhar para o apartamento deles. Por que eu não poderia ir lá? Seria uma coisa normal e Ollie morava lá. Ele podia me convidar. E, para ser sincera comigo mesma, eu queria ver Cam.

Eu... sentia a falta dele.

Respirando fundo, concordei.

— Tudo bem. Mas só um pouco.

— Ótimo! — Ollie deu o braço para mim e, antes que eu pudesse mudar de ideia, ele me levou pelo corredor.

— Espere! Estou sem sapatos.

— Para quê? — Ele deu um sorriso bobo no curto percurso. — Sapato é uma coisa supervalorizada.

Meu coração acelerou quando Ollie abriu a porta. Imediatamente, o som amplificado de risada e luta me deixou um pouco espantada. Todos estavam concentrados na televisão. Ollie soltou meu braço e colocou o engradado na geladeira. Pegou dois copos pequenos com tequila do balcão da cozinha. Que diabos eu estava fazendo ali?

— José lhe dá as boas-vindas. — Ele me ofereceu um dos copinhos.

Minha mão tremeu um pouco ao segurar a bebida. A voz na minha cabeça me dizia não, mas, caramba, eu estava cansada daquela voz. Era a mesma voz que tinha me dito para rejeitar Cam. A mesma voz que me dissera para dar ouvidos aos meus pais. A

mesma voz que me mandara deixar Blaine me levar para aquele quarto. Aquela voz só tinha me ferrado a vida inteira. Virei a dose goela abaixo e, na mesma hora, meus olhos lacrimejaram, sentindo o líquido queimar por dentro.

— Cacetada — murmurei, piscando rapidamente.

Ollie riu ao substituir o copinho por uma garrafa de cerveja, e, em seguida, pegou no meu braço e me puxou para a sala.

— Olhem quem eu encontrei! — gritou ele.

Várias cabeças se viraram e meus dedos apertaram o gargalo da garrafa. Não vi ninguém exceto ele, e, no momento em que pus meus olhos em Cam, percebi que tinha sido uma péssima ideia.

Pareciam meses desde a última vez em que o vira.

Cam estava sentado no sofá, com seu típico boné virado para trás, inclinado para a frente, gritando com os dois caras na TV que arrancavam o couro um do outro. O moletom de cor vinho estava com o zíper aberto, revelando uma camiseta branca por baixo. Ao lado dele no sofá estava Steph.

Tomei um belo gole da cerveja.

Como sempre, ela estava perfeita. O cabelo escuro brilhava, uma blusa preta justa de gola alta realçava os seios. Ela deve ter dito alguma coisa, porque Cam, finalmente, olhou na minha direção, e foi como tomar um soco no peito.

Seu rosto perfeito foi tomado de surpresa, então o olhar dele voltou-se para o que estava na minha mão. Suas sobrancelhas levantaram e nossos olhos se encontraram. Meu coração pulou do peito. Para mim, pareceu que todos haviam parado de falar e começado a olhar para nós, mas, na realidade, só alguns segundos se passaram e, provavelmente, ninguém sequer deu bola.

Um lado de seus lábios curvou-se para cima.

— Oi.

— Oi — respondi, sem saber o que dizer.

Ele continuou me observando por mais alguns momentos e, depois, voltou a olhar para a tela, com os ombros tensos. Ele não me queria ali. Estava escrito na testa dele, e, além do mais, Steph estava ao seu lado.

Comecei a ir para a porta, mas, de algum jeito, Ollie acabou atrás de mim e, sem que eu me desse conta, me colocou sentada numa poltrona reclinável vazia, de frente para a TV. Dois caras sem camisa e de sunga estavam se espancando.

Hmm.

Tensa, tomei a cerveja mais rápido do que deveria. A risada rouca de Steph veio direto ao meu estômago e começou a me arranhar por dentro. Nos minutos seguintes, ela praticamente sentou-se no colo de Cam, com uma mão envolvendo o bíceps dele. Ela se curvou para a frente e sussurrou no ouvido dele. Cam balançou a cabeça, e o beicinho mais perfeito do mundo se formou nos lábios dela. O que ela teria dito?

Alguém — Ollie, talvez? — me deu outra dose de tequila, que esquentou meu estômago e levou embora o mal-estar causado por Steph.

— Gostei das meias.

Olhando para cima, vi um dos amigos de Cam. Eu não sabia o nome dele nem reconheci o rosto, mas ele tinha um sorriso bonito. Estiquei as pernas e mexi os dedos dos pés dentro das meias cor de arco-íris.

— Obrigada.

Ele passou uma mão pelo cabelo castanho bem curtinho e parou na nuca.

— Então, você costuma assistir a lutas de UFC?

Olhei para a tela. Um cara estava caído de costas dentro de uma jaula.

— É a primeira vez que assisto.

— E não está parecendo que voltará a ver uma dessas.

Abrindo a boca, fiquei surpresa em ouvir uma risada sair por ela.

— É, acho que não vou criar o costume de assistir a lutas.

— Bem, é uma pena — disse o cara, com um leve sorriso. — Cam organiza um encontro desses todo mês, e, se você viesse, seria mais um motivo para eu querer vir.

Não respondi àquilo e virei o rosto para a TV, esfregando os joelhos com as mãos. A tequila e a cerveja deixaram meus músculos mais quentes e meus pensamentos confusos. O cara perguntou se eu queria outra bebida e percebi que estava com a garrafa vazia.

— Claro. — O sorriso que brotou no meu rosto foi largo e brilhante demais.

Voltando com uma gelada, ele se sentou no braço da poltrona, e, além dele, vi Cam olhar fixamente para nós.

— Aí está.

— Obrigada. — Tomei um gole, agora a ponto de conseguir ignorar facilmente o gosto ruim que a bebida deixava na boca. Meu olhar coincidiu com o de Cam por um segundo e eu me forcei a desviá-lo. Acabei olhando para o cara ao meu lado. — Desculpe. Eu não sei o seu nome.

O cara cutucou meu ombro.

— Acho que nós não fomos apresentados. Meu nome é Henry.

— Avery — eu disse.

Ele repetiu meu nome com um sorriso.

— Gostei. É diferente.

— Como as minhas meias?

Henry riu ao olhar para a tela.

— É, como as suas meias. Você está fazendo faculdade, Avery?

Confirmei com a cabeça.

— E você não?

— Não. Eu me formei há alguns anos. Eu conheço Cam de... bem, dessa coisa que a gente faz aqui. — Ele deu um gole da cerveja enquanto eu tentava entender o que aquilo queria dizer. Ele olhou para mim, com as sobrancelhas franzidas. — Você tem idade para estar bebendo?

Dei uma risada sem graça.

— Não.

— Não achei que tivesse mesmo. Você parece bem nova.

— Não sou tão nova. Acabei de fazer vinte.

— Graças a Deus que é maior de idade — disse ele, balançando a cabeça e arregalando os olhos. — Só não vou falar para ninguém que fui eu que deu a você essa cerveja.

Inclinando a cabeça para o lado, tentei adivinhar a idade dele.

— Quantos anos você tem?

Ele olhou para mim.

— Idade o bastante para me prevenir.

Antes que eu pudesse pedir que ele explicasse melhor aquela frase, Cam deu um grito.

— Ei, Henry, dá um pulo aqui um segundo.

Henry levantou-se do braço da poltrona e desviou de alguns caras para chegar a Cam. Steph sentou-se e cruzou os braços, enquanto Cam fez menção para Henry se sentar. Eu não tinha esperança de ouvir o que Cam estava falando para ele, mas Henry se afastou e foi até onde Jase estava, encostado num trecho da parede.

Mais que curiosa com o que estava acontecendo do outro lado, senti um forte ímpeto de dar uma investigada. Abri a boca, por que não? Mas Steph estava segurando o braço de Cam, o que me

distraiu. Ele sussurrava alguma coisa para ela. Ela puxou a mão dele e me olhou com o que poderia apenas ser descrito como um olhar de megera. Francamente, era uma obra de arte em forma de olhar, e senti um pouco de inveja de tamanha perfeição.

Olhei para Henry e ele olhou para mim. Deu uma piscada e eu sorri em resposta, sentindo-me um pouco tonta. Minha pele formigava no pescoço e eu me virei para onde Cam estava. Ele me encarava, e comecei a sorrir para ele também, porém, em seguida, ele olhou na direção de Henry.

Cam murmurou alguma coisa e Steph pôs-se de pé, caminhando até o banheiro do corredor, abrindo a porta com força. Então, Cam se levantou, vindo até mim, e minha tontura ficou ainda mais forte. Um sorriso grande e bobo surgiu no meu rosto. Fazia muito tempo que nós não conversávamos, e eu sentia a falta dele, sentia mesmo.

Cam era... ele era especial... para mim, e eu queria voltar no tempo, para o Dia de Ação de Graças, e não ter reagido daquela maneira. Queria não ter desistido da aula de Astronomia e queria não ter evitado a presença dele. Queria não ser aquela garota que fez coisas tão estúpidas quanto aquelas. Queria que Cam sorrisse para mim como costumava fazer.

Ele não estava sorrindo agora, com certeza.

— Vem comigo um segundo?

Eu iria para qualquer lugar com ele.

Eu me levantei com um pulo, e a sala pareceu se inclinar para o lado.

— Opa.

Sua mandíbula travou conforme ele segurou meu braço.

— Você consegue andar?

— Sim. Claro. — Dei um passo e trombei com Cam. Eu ri do olhar duvidoso dele. — Eu estou bem.

Cam olhou bravo para Ollie ao me levar para a cozinha iluminada, encostando-me contra o balcão. Ele ficou entre mim e a porta, com os braços cruzados.

— O que você está fazendo, Avery? — perguntou em voz baixa.

Ergui a garrafa.

— Bebendo. O que você está fazendo?

Seus olhos azuis gélidos se estreitaram.

— Não é disso que estou falando, e você sabe. O que está fazendo?

Caramba. Cadê você, postura? Tentei olhar para Cam com aquele mesmo olhar de Steph, contorcendo o rosto, mas tive certeza de que pareci estar tendo uma convulsão. Suspirei e desisti.

— Não estou fazendo nada, Cam.

— Ah, não? — Ele levantou as sobrancelhas. — Você está bêbada.

— Não estou!

Ele fez uma cara sem expressão.

— As famosas últimas palavras de um bêbado antes de cair de cara no chão.

— Isso não aconteceu... ainda.

Cam balançou a cabeça e, então, segurou meu braço, levando-me de volta para a sala. Achei que ele fosse me sentar ao lado dele ou coisa parecida, como se eu estivesse num intervalo, mas ele abriu a porta da frente e me levou para a escadaria fria.

— Hã... — Não foi o que imaginei.

— Você precisa ir para casa, Avery. — Ele soltou meu braço e apontou para o meu apartamento, como se eu não tivesse noção de onde morava.

Meu queixo caiu ao apertar a garrafa contra meu peito.

— Você está falando sério?

— Sim. Estou falando sério pra cacete. Você está bêbada e essa merda não vai acontecer na minha frente.

— Que merda? — Dei um passo para trás, perplexa. — Me desculpe. Ollie me convidou...

— É, e eu vou dar uma lição nele mais tarde. — Com a mandíbula tensa, ele passou a mão no cabelo. — Apenas vá para casa, Avery. Eu falo com você mais tarde.

Minha garganta pareceu pegar fogo. Milhares de pensamentos vieram à tona quando olhei para ele.

— Você está bravo comigo...

— Não estou bravo com você, Avery.

Claro que não era isso que parecia. Troquei o peso do corpo de um lado para o outro.

— Eu não quero ir para casa. Não tem ninguém lá e eu... — Perdi as palavras ao sentir o nó na garganta crescendo.

Cam respirou fundo, fechando os olhos.

— Eu passo lá mais tarde e vamos conversar, está bem? Mas vá para casa. Por favor, apenas vá para casa.

CAPÍTULO

Abri a boca, mas não tinha nada a dizer. Cam, literalmente, me expulsou de seu apartamento. Implorou para que eu voltasse para a minha casa. O ardor tomou conta dos meus pulmões e lágrimas quentes vieram aos meus olhos.

— Tudo bem — murmurei.

— Avery...

— Está tudo bem. — Virei-me de costas e cambaleei pelo corredor até minha porta. Ouvi a porta dele se abrindo e fechando, antes mesmo que eu pudesse abrir a minha. Apoiando a testa na porta, fechei os olhos com força, mas uma lágrima desceu, correndo por minha bochecha corada.

Cam tinha me expulsado e meu apartamento estava vazio. Eu estava vazia. Tudo estava vazio. Éramos apenas eu e minha garrafa de cerveja idiota.

Ok. Talvez eu estivesse um pouco bêbada.

Afastei-me da porta, sem saber direito aonde estava indo, mas não podia entrar no meu apartamento. Por obra divina, consegui descer os cinco lances de escada e pôr os pés na calçada sem quebrar o pescoço.

O frio do asfalto penetrou minhas meias grossas, adormecendo os pés conforme fui andando e tomando outro gole. Encontrei uma vaga vazia no estacionamento e caí de bunda no chão do meio-fio. Inclinando a cabeça para trás, olhei para o céu tomado de estrelas. Olha, lá estava a Corona Borealis.

Ainda não parecia uma porra de coroa.

Ou talvez não fosse a Corona Borealis. Como é que eu ia saber?

Ah, as estrelas... mas elas eram belas, tão distantes e muito embaçadas. Lágrimas vieram aos meus olhos, tomando conta da garganta. Meus braços caíram entre as pernas, a garrafa pendurada nos dedos.

Era oficial. Eu realmente era a Señorita Otária. E tinha ferrado tudo com Cam — “o que foi” e “o que poderia ser”. Porque poderia ter acontecido alguma coisa ali, mas eu fui uma idiota de merda. Pior de tudo, detonei nossa amizade, e ele era um amigo maravilhoso. No curto tempo em que o conheci, tinha se tornado o melhor amigo que eu já tivera. Sério mesmo.

Limpando a bochecha no ombro, tomei mais um gole. Um vento frio bateu em mim, levando meu cabelo para o rosto quando abaixei a cabeça. Porém, eu não estava com frio, o que, provavelmente, significava que estava completamente bêbada.

Como eu era fraca...

E por que estava sentada no meio-fio? Sinceramente, não sabia, mas era melhor do que ter entrado no apartamento e ficado sozinha. E sim, eu estava sozinha ali fora, mas não era assim que me sentia. Tinha certeza de que havia um esquilo na árvore em frente, então, isso contava como alguém, certo?

Eu ri e o vento pareceu carregar o som do riso, jogando-o nos galhos desfolhados, que balançaram como ossos secos.

Levantando a garrafa para dar outro gole, percebi que estava vazia.

— Ah, que maravilha...

Ainda assim, continuei sentada lá, contemplando o estacionamento, sem me concentrar em nada. Não sei quanto tempo passou, mas, quando olhei para cima, não conseguia ver estrela nenhuma por trás das nuvens escuras e carregadas, apenas sentia o rosto dormente. Fiquei me perguntando o que Molly estaria

fazendo naquele instante. Será que ela se sentia diferente de mim por ter feito a coisa certa? Melhor ou pior?

— Avery!

Tomei um susto quando ouvi meu nome, deixando a garrafa vazia cair no asfalto e rolar para baixo do carro de alguém. Oops.

Cam atravessou a rua e veio até mim, com o vento batendo em seus cabelos ondulados. O que aconteceu com o boné? Eu gostava do boné. A expressão em seu rosto me deixou perturbada.

— Mas que merda você está fazendo aqui?

— Eu... eu estou olhando para as estrelas.

— O quê? — Ele parou do meu lado e se ajoelhou. — Avery, está menos de zero graus aqui fora. Você vai ficar doente outra vez.

Dei de ombros e desviei o olhar.

— O que você está fazendo aqui fora?

— Eu estava procurando por você, sua bestinha.

Minha cabeça virou na direção dele e estreitei os olhos. Podia estar menos de zero graus do lado de fora, mas a bebida estava bem quente na minha barriga, esquentando também meu gênio.

— Como é? Você está aqui fora, então também é uma besta, sua besta.

Seus lábios tremeram, como se quisesse controlar o riso.

— Eu disse que iria até você para conversar. Primeiro fui olhar seu apartamento. Bati e você não atendeu. A porta estava destrancada, então entrei para verificar.

— Você entrou no meu apartamento? Quanta falta de educação!

Ele não deu a mínima para o que eu disse.

— Sei... aí, da sua janela, eu vi você sentada aqui fora.

Minha cabeça estava demorando mais do que o normal para processar tudo aquilo.

— A luta terminou?

Cam sentou-se ao meu lado, ombro a ombro.

— Não. A luta principal acabou de começar.

— Então você está perdendo.

Cam não respondeu imediatamente. Ele enfiou os dedos nos cabelos e voltou a falar:

— Meu Deus, Avery...

Eu me remexi, e a bebida fez meu estômago roncar.

Um músculo em sua mandíbula se contraiu quando olhou para os carros que antes eu estava observando.

— Ver você essa noite foi surpreendente pra caramba.

— Por causa da Steph? — falei sem pensar, culpando o álcool por aquilo.

— O quê? — Ele me olhou de soslaio. — Não. Jase foi quem a convidou.

— Parecia que ela estava lá por sua causa.

Ele encolheu um só ombro.

— Talvez estivesse, mas eu estou cagando para ela. — Então ele se virou para mim, com a cabeça inclinada para o lado e as mãos nos joelhos. — Avery, eu não fico com Steph desde que conheci você. Eu não fiquei com *ninguém* desde que conheci você.

Meu coração saltou no peito.

— Ok.

— Ok? — Ele chacoalhou um pouco a cabeça. — Viu, você não entende. Você nunca entende porra nenhuma. Você tem me evitado desde o feriado de Ação de Graças. Desistiu da maldita aula, eu sei

que foi por minha causa, e, toda vez que eu tentava conversar, você fugia de mim.

— Você não quis conversar comigo no dia em que eu agradeci por ter cuidado de mim — argumentei.

— Nossa, não sei por quê! Talvez porque você tivesse deixado bem claro que não queria nada comigo? Aí você, simplesmente, aparece do nada lá em casa hoje? E ainda fica *bêbada*? Você não entende.

Umedeci meus lábios frios e secos. Tudo o que ele havia dito era verdade.

— Desculpe. Eu estou bêbada, um pouco, e sinto muito, porque você está certo e... eu estou divagando.

Ele olhou para mim por um momento e, então, soltou uma risada curta.

— Tudo bem, está na cara que não é hora para esse tipo de conversa. Olha, eu não quis ser um completo idiota lá dentro, fazer você ir embora, mas...

— Está tudo bem. Estou acostumada às pessoas não me quererem em suas festas. — Eu me levantei. As estrelas pareceram girar um pouco com o movimento. — Não tem problema.

Cam ficou de pé, observando-me cuidadosamente.

— Não é que eu não quisesse você lá, Avery.

— É mesmo? — Eu ri sarcasticamente. — Você me pediu para ir embora.

— Eu...

— Correção. — Levantei a mão e meus dedos embaçaram um pouco. — Você me *mandou* ir embora.

— É verdade. Foi uma idiotice, mas foi a primeira vez que você entrou na minha casa, aí você vem, começa a beber e... — Ele

inspirou profundamente, expirando lentamente. — Henry estava dando em cima e você estava rindo...

— Não estou interessada nele!

— Não era o que parecia, Avery. Você está bêbada e eu não queria que fizesse alguma coisa da qual fosse se arrepender. Não sei que diabos passa pela sua cabeça na metade do tempo, e eu não tinha ideia do que você estava fazendo lá esta noite, mas eu *nunca* tinha visto você bebendo e não sabia o que ia fazer. Eu não queria que ninguém se aproveitasse de você.

— Não seria novidade — falei, imprudente. Então fechei rapidamente minha boca. Meu Deus, eu nunca mais ia beber. Jamais.

Ele levantou as mãos e interrompeu o que eu estava falando. Apenas olhou para mim, com uma expressão de terrível compreensão no rosto.

— Como é?

Cometi um grande erro — um erro terrível. Meus instintos foram ativados, e, é claro, a vontade de fugir venceu. Comecei a contorná-lo.

— Ah, não. — Cam estava bem na minha frente, com as mãos nos meus ombros. — O que você acabou de dizer?

O modo de controle de danos entrou em ação.

— Não sei o que eu disse, ok? Estou bêbada, Cam. Nossa... Quem sabe o que está saindo pela minha boca. Eu não sei. Eu nem sei o que estou fazendo aqui fora.

— Merda. — Os olhos dele estavam azul-escuros ao olharem para mim. — Avery... — Um ar condoído tomou seu rosto e os dedos apertaram meus ombros. — O que você não está me contando? O que você não me *contou*?

Minha garganta se fechou.

— Nada! Eu juro. Prometo a você. Só estou dizendo por dizer, ok? Então pare de olhar para mim como se tivesse algo de errado comigo.

— Não estou olhando assim, meu anjo. — Suas sobrancelhas baixaram enquanto me analisava.

Eu queria saber o que ele estava pensando, porque sabia que ele só podia estar mentindo. Tentei desesperadamente inventar alguma coisa para apagar o desliz que cometi. Poderia mentir e dizer a ele que tinha ficado muito bêbada apenas uma vez e acabara passando vergonha. Parecia convincente, mas, pelo visto, eu não tinha o menor controle sobre o que saía pela minha boca.

Então Cam fez uma coisa que confundiu totalmente meus pensamentos.

Ele me puxou para si e me deu um abraço forte. Eu travei por um ou dois segundos, então coloquei os braços em volta dele também. Fechei os olhos e apertei o rosto em seu peito.

Inspirei e senti seu cheiro, deixando-me levar por aquela sensação.

— Eu senti sua falta.

Suas mãos se moveram pelas minhas costas, entremeando os dedos nos meus cabelos.

— Também senti sua falta, meu anjo. — Ele se curvou para trás e me levantou alguns centímetros do chão, pousando-me em seguida. Deslizando as mãos para o meu rosto, ele riu. — Você está parecendo um cubinho de gelo.

— Mas eu me sinto quente. — E era verdade. Minha pele estava dormente, mas eu sentia o abraço dele, as mãos deslizando por mim. Ergui os cílios e nossos olhares se encontraram. — Seus olhos são realmente lindos, sabia disso?

— Acho que é a tequila falando — ele respondeu, sorrindo. — Vamos entrar, antes que você vire um picolé.

Cam deu um passo para trás e soltou meus ombros. Fiquei um pouco tonta ao ficar de pé, e, quando ele entrelaçou os dedos nos meus, o sorriso mais bobo do mundo iluminou meu rosto. Era como se ele não tivesse me pedido para sair do apartamento dele e eu não tivesse ficado ali do lado de fora, igual a uma idiota, por só Deus sabe quanto tempo.

Deviam ser a tequila e a cerveja falando, mas eu queria sair correndo como uma lunática.

Por sorte, não tentei nada disso, porque as escadas se mostraram extremamente traiçoeiras. Acho que a profundidade mudava a cada degrau que eu subia. De volta ao meu apartamento quentinho, Cam fechou a porta depois de entrarmos. Ele ainda segurava firme minha mão quando se virou na minha direção. Não disse nada, e uma ansiedade se apoderou de mim.

— Você está perdendo a luta — repeti.

— Estou mesmo. — Ele me arrastou até o sofá e me fez sentar ao lado dele. Só depois soltou minha mão. — Como você está se sentindo?

— Bem. — Corri as mãos úmidas pela minha calça jeans. — Seus amigos devem estar se perguntando onde você está.

Cam recostou-se na almofada, passando o braço pelo encosto do sofá.

— Eu não ligo.

— Não liga?

— Não.

Sentei-me de frente e olhei para ele por sobre o ombro. Ele parecia estar esperando alguma coisa. Incapaz de ficar sentada, levantei, mas quase dei de cara com a mesa de centro. Teria caído, se Cam não tivesse segurado meu braço.

— Acho que é melhor você se sentar, Avery.

— Eu estou bem. — Desvencilhando-me dele, cuidadosamente, contornei a mesinha, caso ela decidisse me atacar de novo. A energia do nervosismo era intensificada pelo álcool. Tirei o agasalho da minha pele, pois estava com muito calor. — Então... o que você quer fazer? Eu posso, é..., ligar a televisão ou colocar algum filme, mas eu não tenho DVDs. Acho que posso comprar um pelo...

— Avery, apenas fique sentada por um instante.

Em vez disso, peguei uma almofada caída e a coloquei de volta no sofá. Estava um pouco difícil conseguir me endireitar, mas cambaleei até a poltrona do canto da sala.

— Você não acha que está quente aqui dentro?

Seus olhos azuis ficaram entretidos.

— Quanto você andou bebendo?

— Hmm... — Eu tinha que pensar mesmo no assunto. — Não muito... talvez duas ou três doses de tequila eeee duas cervejas, eu acho.

— Nossa. — Cam curvou-se à frente, com os lábios formando um sorriso discreto. — Quando foi a última vez que ficou bêbada?

— Na noite do Halloween — deixei escapar.

Ele ficou confuso.

— Eu não vi você bêbada na noite do Halloween.

— Não no último Halloween. — Fiquei de pé, puxando minhas mangas para baixo e esfregando o bracelete com os dedos. — Foi... cinco anos atrás.

— Nossa, faz tempo mesmo. — Ele se inclinou para a frente e se levantou depois. — Você tem água aqui? Em garrafa?

— Na cozinha — respondi, umedecendo os lábios.

Ele desapareceu e reapareceu rapidamente, com uma garrafa na mão.

— Você deveria tomar isso.

Eu bebi, mas não estava com sede.

— Então você tinha o quê? Quatorze, quinze anos? — Ele se sentou na beirada do sofá.

— Quatorze — sussurrei, baixando o olhar para onde estavam suas mãos, entre os joelhos.

— Era bem nova para ficar bêbada.

O suor brotou na minha testa. Apoiando a garrafinha, peguei um prendedor de cabelo da mesa e fiz um coque meio desarrumado.

— Sei. Você não bebia com quatorze anos?

Um sorrisinho apareceu.

— Roubei uma ou duas cervejas aos quatorze, mas achei que seus pais fossem rígidos, não?

Fiz uma careta ao desabar na poltrona do canto.

— Não quero falar sobre eles, nem sobre bebida, nem sobre Halloween.

— Tudo bem.

Sentindo-me com calor, puxei meu suéter para cima. Ele ficou enroscado na minha cabeça por um segundo, então, finalmente, consegui me livrar da peça coceirenta. Tirando o cabelo do rosto, olhei para Cam. Era como se eu estivesse sem nada por baixo pela maneira como ele ficou me observando, mas era mais que isso.

Levantei mais uma vez, querendo ficar longe daquela conversa, porque Cam estava olhando para mim de novo, como se estivesse vendo mais do que eu mostrava. Lembrei como ele olhou para mim quando viu a cicatriz no meu punho e minutos antes, lá fora.

Era o mesmo olhar.

Como se as peças de um quebra-cabeças estivessem começando a entrar nos lugares. Por algum motivo, em meio aos meus

pensamentos confusos, pensei em Teresa e como ele ficara ao perceber que a irmã estava falando com um cara. Seu olhar protetor de irmão mais velho havia chegado a um nível completamente diferente. Será que ela...?

Balancei a cabeça e afastei aquelas ideias, porque me faziam pensar em como não tivera ninguém para cuidar de mim.

Mas não queria que ele me olhasse daquele jeito. Não precisava dele tomando conta de mim, preocupando-se com o que eu estava fazendo ou o que aconteceria. Eu precisava que ele...

Olhasse para mim como naquela noite em que me beijara pela primeira vez e, depois, novamente, na casa dos pais dele. Queria que ele me visse daquele jeito.

— O que você está fazendo?

Parei entre a cozinha e o corredor. Meus dedos seguravam a barra do meu top, e vi um tipo diferente de interesse em seu olhar, uma espécie de precaução. Meu coração estava acelerando e meus pensamentos colidiam entre si. Eu gostava de Cam — muito. Mesmo que isso fosse uma loucura fadada ao fracasso. Meu coração já estava dolorido. E eu sentia falta dele e ele de mim, e ele estava bem ali na minha frente, em vez de ficar com os amigos ou com Steph.

Parte de mim parou de pensar totalmente. A outra parte me dizia para fazer o esperado, o que alguém como Cam ia querer e precisar, pois não era por isso que ele estava ali? Porque nós não estávamos conversando e eu queria ser aquela garota de antes.

Tirei o top antes que meu cérebro voltasse a funcionar. Estranhamente, aquela parte não foi difícil. O ar frio envolveu minha pele corada, gerando pequenos arrepios. A parte difícil foi olhar para a frente quando ouvi Cam inspirar:

— *Avery.*

Meu coração batia muito rápido e minha pulsação vibrava em mim. O sangue subiu ao rosto, mas olhei para ele.

Ele estava de olho em mim; a preocupação nas linhas tensas de sua mandíbula fora obliterada pela forma como seu peito subia e descia, demonstrando que respirava tão rápido quanto eu.

Um pouco zozna, encostei-me à parede, deixando os braços caírem de lado. Cam estava parado a poucos passos de mim, eu não o vira dando a volta no sofá. Não estava apenas olhando para mim. Não, era muito, muito mais que isso. Eu me senti devorada por seu olhar, como havia me sentido quando ele me beijara, como se estivesse entregando cada detalhe do que via à sua memória. Senti um calor descendo pela minha garganta, cruzando o peito e percorrendo a renda nas bordas do meu sutiã preto. Seus lábios se abriram e eu mordi os meus. Quando ele trouxe o olhar para cima novamente, uma sensação intensa se formou na minha barriga. Um fervor subiu aos seus olhos cristalinos, escurecendo o tom brilhante.

Um quê de incerteza cresceu no meu peito, sob aquela deliciosa tensão, e senti a garganta seca. Não queria sentir aquilo. Só queria o calor e a falta de ar.

— Cam?

Ele balançou a cabeça, cerrando os punhos.

— Não.

— Não o quê? — perguntei.

Seus olhos se fecharam com força.

— Isso... não faça isso, meu anjo.

— Não é isso o que você quer? — Engoli em seco.

Os olhos de Cam se desviaram de mim.

— Não é isso que espero de você, Avery.

Minha confiança vacilou como uma árvore jovem em meio à tempestade e, em seguida, sumiu por completo. Respirei fundo com dificuldade e o ar ficou preso na minha garganta.

— Você não me quer.

Cam ficou na minha frente em menos de um segundo, tão rápido que nem o vi se mexer. As mãos dele envolveram minha cabeça e ele se abaixou, ficando com o rosto a centímetros do meu. Dava para sentir a tensão fluindo do corpo dele para o meu. O ar saiu dos meus pulmões conforme meu corpo foi enrijecendo.

— Porra, Avery. Você acha que eu não quero você? — A voz dele ficou baixa, quase um grunhido. — Não há nenhuma parte de você que eu *não* queira, você me entende? Eu quero estar em cima de você e *dentro* de você. Quero você encostada à parede, no sofá, na sua cama, na *minha* cama e em qualquer lugar que eu puder imaginar, e acredite em mim, eu tenho uma vasta imaginação quando se trata dessas coisas. Jamais pense que eu não quero você. Não se trata disso.

Meus olhos se arregalaram e a confusão nublou meus pensamentos ainda mais, o que, até então, parecia impossível.

Ele se curvou para a frente e tocou a testa na minha. O mero contato fez meu coração acelerar.

— Mas não desse jeito, nunca desse jeito. Você está bêbada, Avery, e, quando ficarmos juntos, porque nós *vamos* ficar juntos, você estará plenamente consciente de tudo o que eu fizer com você.

Demorei um pouco, mas o que ele disse no final me fez entender o sentido de tudo aquilo, penetrando a barreira da bebida e da confusão. Fechando os olhos, virei a cabeça de lado, sentindo o tato de sua pele deslizando na minha.

— Você é um cara do bem, Cam.

— Não sou, não. — Ele expirou longamente, a respiração estava quente no meu rosto. — Eu só sou assim com você.

CAPÍTULO

O que Cam esperava que acontecesse ocorreu pouco depois de eu tirar minha camiseta e lhe mostrar meu sutiã. Ele me fez sentar e enrolou uma colcha nos meus ombros para me cobrir. Estávamos assistindo a um filme horrível de ficção científica, quando toda a bebida de dentro de mim decidiu que não queria mais ficar na minha barriga.

Arrancando a colcha de cima de mim, tropecei nas pernas de Cam.

— Ah, Deus...

— Que foi? Você vai vomitar. — Cam logo ficou de pé.

Corri até o banheiro e bati a porta atrás de mim. Caindo de joelhos, levantei a tampa da privada e comecei a me contrair. Todos os músculos do meu corpo trabalharam num só sentido. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, enquanto o corpo estremecia. Parecia injusto ter de passar por isso depois daquela gripe.

Com toda a barulheira que eu estava fazendo, não tinha ouvido Cam entrar, mas ele estava lá, ajoelhado ao meu lado. Uma mão acariciava as minhas costas de forma contínua e carinhosa, enquanto a outra tirava o cabelo que escapava do coque e caía no rosto. Ele ficou ali, murmurando palavras ininteligíveis para mim, mas que faziam maravilhas, mesmo durante aquele acesso de vômito.

Quando acabou, ele me ajudou a encostar na banheira enquanto pegava e molhava uma pequena toalha. Ele se ajoelhou, esfregando o pano no meu rosto, como na noite da festa de Halloween e quando fiquei doente.

— Está se sentindo melhor? — perguntou.

— Mais ou menos — murmurei, fechando os olhos por causa da luminosidade. — Meu Deus, isso é tão constrangedor.

Ele riu.

— Não é nada, meu anjo.

— Foi por isso que você ficou, certo? — gemi, sentindo-me uma grande idiota. — Você sabia que eu ia vomitar e aqui estou eu, tirando a roupa.

— Shh — disse ele, arrumando meu cabelo para trás. — Por mais charmoso que tenha sido vê-la vomitar as tripas, não foi por isso que eu fiquei e você sabe.

Fechei os olhos de novo, sentindo tudo girar.

— Porque você me quer, mas não quando eu estou bêbada e vomitando para todos os lados.

Cam caiu na gargalhada.

— É, é bem por aí.

— Só para ter certeza de que estamos falando a mesma língua. — murmurei. Percebi que ainda estava só de jeans e sutiã, mas, sinceramente, não dei a mínima. Amanhã, com certeza, seria uma história completamente diferente.

— Não estamos.

Abri um olho para ele.

— Ah.

— Achei que fosse gostar disso. — Ele passou o pano frio e úmido no meu queixo.

— Você é muito... bom nisso.

— Muita prática. — Cam jogou a toalha de lado, pegou uma nova e repetiu o processo. — Já estive na sua situação várias vezes. —

Ele passou a toalha no meu pescoço, sobre as alças do sutiã e pelos braços. — Quer se preparar para ir para a cama?

Meu outro olho abriu de repente.

Ele balançou a cabeça e a covinha apareceu em sua bochecha esquerda.

— Tire sua mente da latrina.

— Ah.

— É, ah — disse ele, ficando de pé. De costas para mim, deu a volta na pia. Uma torneira foi ligada. Ele estava novamente de frente para mim, segurando uma escova de dente com pasta. — Achei que fosse querer tirar o gosto ruim da boca.

Meus dedos fizeram menção de segurar.

— Você é maravilhoso.

— Eu sei. — Ele me entregou a escova e um daqueles copinhos de papel que eu nunca usava. Quando terminei, ele se ajoelhou de novo e se sentou sobre os calcanhares. Abriu o zíper do moletom e o tirou. — Tenho tentado fazê-la reconhecer que sou maravilhoso desde a primeira vez que você me atropelou. Se eu soubesse que era só lhe dar uma escova de dente, teria feito isso há muito tempo. Me dei mal.

— Não. Eu que me dei... — Levantei um pouco, observando-o segurar a camiseta e puxá-la para cima. — Que me dei mal... o que você está fazendo?

— Não sei onde estão suas roupas.

— Sei. — Meu olhar baixou e achei que precisaria da toalhinha de novo.

— E imaginei que fosse querer trocar de roupa.

Com a luz, vi o detalhe da tatuagem do sol como nunca vira antes. Devia ter milhares de pontinhos dentro do sol, dando-lhe uma impressão incrivelmente realista.

— Sim...

— Então, a coisa mais fácil seria lhe emprestar minha camiseta.

Meus olhos desceram ainda mais, para o mamilo escuro; depois, mais para baixo, acompanhando cada detalhe de seus músculos abdominais.

— Entendi.

— Assim você ficaria mais confortável.

Havia uma penugem escura, embaixo de seu umbigo, que seguia para baixo da linha da calça. Parecia que alguém tinha colocado os dedos em cada lado dos quadris dele, deixando marcas na pele.

— Claro — murmurei. Como alguém desenvolve músculos ali? Que tipo de abdominal se faz para aquilo?

— Você não ouviu nada do que eu disse.

Arrastei meu olhar para cima.

— Na-não.

Lá estava a covinha de novo quando ele segurou meus quadris e me ajudou a levantar e sentar na beirada da banheira.

— Ainda não erga os braços, está bem?

Sentada imóvel, agarrei nas beiradas da banheira, para ele passar a camiseta por sobre minha cabeça.

— Mantenha os braços abaixados. — Ele soltou a camiseta e me envolveu nos braços. Um segundo depois, seu dedo ágil abriu meu sutiã.

— O que está fazendo? — Meu estômago foi lá no pé. Cara, depois do que tinha acontecido ali, essa não era a melhor das sensações.

Ele riu ao ver as alças deslizarem pelos meus braços, o que me deu um arrepio.

— Como eu disse antes, pare de pensar bobagem. Sua virtude está segura comigo.

— Minha virtude? — Eu não sabia se queria que estivesse segura com ele.

Ele olhou para mim.

— Por enquanto.

— Por enquanto? — sussurrei.

Cam fez que sim com a cabeça.

— Enfie os braços agora.

Fiz como Cam pediu e depois ele puxou minhas mangas para cima, antes de passar a mão por baixo do meu braço esquerdo, parando acima do bracelete.

— Não... — Entrei em pânico quando ele soltou o fecho do meu bracelete. Tentei puxar o braço, mas Cam olhou para mim, segurando-me com mais força.

— Eu já vi, Avery.

Senti uma pressão no peito.

— Por favor, não. É constrangedor, eu queria voltar no tempo para impedir que você visse, mas não posso.

Ele envolveu o bracelete e meu punho com as mãos; em seguida, olhou fixamente para mim e disse:

— Foi por causa disso, não foi? Por isso que você surtou comigo? E não quis conversar comigo? Desistiu da aula?

Um nó surgiu tão rapidamente na minha garganta que me impediu de falar.

— Ah, meu anjo — disse ele, com a voz e o olhar meigos. — Todos nós já fizemos coisas das quais não nos orgulhamos. Se você soubesse... — Ele hesitou. — A questão é, eu não sei por que você fez isso. Só espero que, qualquer que tenha sido o motivo, seja algo

com que você tenha feito as pazes. Não acho que você seja pior por causa disso. Jamais achei.

— Mas você parecia tão... — Minha voz estava rouca.

O bracelete saiu, mas sua mão ainda cobria meu punho, enquanto ele punha o bracelete na beirada da pia.

— Só fiquei surpreso e preocupado. Eu não sabia quando você tinha arranjado isso e também não vou perguntar. Não agora, beleza? Apenas saiba que você não precisa esconder isso de mim. Está bem?

Só o que pude fazer foi balançar a cabeça, porque sempre tentava escondê-la.

Cam baixou a cabeça, levantou meu punho e virou meu braço para cima. Ele tocou a cicatriz com os lábios, o que me deixou sem ar. Desviei o olhar, tentando controlar a emoção. Alguma coisa tinha quebrado dentro de mim, uma muralha que eu havia criado ao meu redor.

— Eu tinha acabado de fazer dezesseis anos — despejei aquelas palavras, com a voz quase inaudível, antes que perdesse a coragem. — Foi quando eu fiz isso. Não sei se realmente queria ou se queria que alguém... — Balancei a cabeça. — É uma coisa da qual me arrependo todos os dias.

— Dezesseis? — Seu tom de voz não tinha julgamento.

Eu confirmei com a cabeça.

— Eu jamais faria algo assim de novo. Eu juro. Não sou a mesma pessoa que era.

— Eu sei. — Após vários momentos, ele apoiou meu braço sobre a perna. — Agora está na hora de tirar suas calças.

A mudança drástica de assunto me fez rir.

— Legal.

Quando ele me ajudou a ficar de pé, a camiseta quase chegava aos joelhos e o sutiã estava jogado no chão entre nós como algo sem valor. Quando ele se aproximou dos botões da minha calça, dei-lhe um tapa na mão.

— Acho que consigo fazer isso.

— Tem certeza? — Uma sobrancelha ficou arqueada. — Porque estou aqui ao seu dispor, e tirar sua calça seria algo em que eu seria excepcionalmente maravilhoso.

— Tenho certeza que seria. Ponha de volta seu moletom.

Ele deu um passo para trás e se encostou na pia. Toda aquela pele masculina à mostra.

— Eu gosto quando você olha.

— Eu lembro — grunhi, virando-me de costas. Era como se meu bracelete ainda estivesse no lugar, mas eu me sentia mais nua sem ele do que se estivesse sem roupa nenhuma. Com uma pequena rebolada, consegui tirar a calça. Quando me virei de novo, ele ainda estava quase nu.

Cam pegou o moletom do chão e tomou minha mão.

— Você acha que vai ficar bem fora do banheiro?

— Espero que sim.

Voltamos para a sala, e achei que ele fosse embora em seguida, já que passava das duas da manhã, mas pegou umas aspirinas para mim, fez com que eu bebesse uma garrafa de água e, depois, sentou-se no meu sofá. Apertou um pouco meu braço e disse:

— Sente-se comigo.

Comecei a dar a volta em torno das pernas dele, mas ele me parou.

— Não. Sente-se comigo.

Sem a mínima ideia do que ele queria com aquilo, balancei a cabeça. Cam inclinou-se para trás e pegou no meu braço um pouco

mais forte. Deixei que me guiasse, e ele me levou até seu colo. Fiquei de lado, e ele, de frente, com as pernas esticadas em cima das almofadas ao nosso lado. Ele me cobriu com a colcha e me colocou onde queria, envolvendo minha cintura com os braços.

— Você deveria tentar dormir — disse ele, quase inaudível por causa do som da TV. — Será melhor para você.

Relaxeí meu corpo no dele, mais rápido que imaginei ser possível. Eu me aproximei e me aninhei nele, descansando a cabeça em seu peito.

— Você não vai embora?

— Não.

— Mesmo? — Fechei os olhos.

O queixo dele roçou o topo da minha cabeça e seus lábios tocaram minha testa. Um suspiro saiu pela minha boca.

— Não vou a lugar algum — disse ele. — Estarei bem aqui quando você acordar, meu anjo. Eu prometo.

* * *

Demorei alguns momentos para perceber que a luz ofuscante vinha do sol, que invadia a janela da minha sala, e que eu ainda estava no colo de Cam. Minha cabeça estava no ombro dele e pude sentir seu queixo nos meus cabelos. Seus braços estavam bem firmes à minha volta, como se pensasse que eu poderia acordar e sair correndo.

No peito, meu coração acelerou levemente.

Memórias da noite anterior estavam um pouco desconjuntadas, mas, quando começaram a fazer sentido, variei entre estar empolgada, envergonhada, chocada e empolgada de novo.

Cam ainda estava ali, e na noite anterior ele havia me dito que me queria, que ficaríamos juntos, mesmo depois de saber o que eu

tinha feito comigo mesma e depois de eu ter sido uma babaca com ele.

Mal podia acreditar. Talvez eu estivesse sonhando, porque não me sentia merecedora daquilo.

Colocando a mão sobre o peito dele, senti o batimento cardíaco constante e forte. Sua pele estava nua, quente e bem viva. Eu precisava ver seu rosto para acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade. Fiz alguns movimentos em seu colo.

Cam deu um gemido grave e profundo.

Com os olhos arregalados, fiquei imóvel. Minha Nossa, dava para sentir sua ereção em meu quadril. Os braços apertaram minha cintura e senti o coração dele acelerar junto com o meu.

— Desculpe — disse ele, com a voz rouca e grossa. — É de manhã e você está sentada em mim. É uma combinação infalível para levar qualquer homem à loucura.

Meu rosto começou a esquentar, mas o verdadeiro calor corria nas minhas veias, e fui lembrada de como era senti-lo junto dos meus quadris. Não era o melhor pensamento para se ter naquela situação. Ele relaxou um pouco o toque na minha cintura e desceu os braços. Através da camiseta fina — camiseta *dele* —, minha pele formigava.

Tudo bem. Talvez fosse o pensamento ideal para se ter naquela situação.

— Quer que eu saia de cima de você? — perguntei.

— De jeito nenhum. — A outra mão subiu pelas minhas costas, enrolando os dedos nas pontas do meu cabelo. — Nem pense nisso.

Meus lábios formaram um sorriso.

— Ok.

— Finalmente, acho que estamos de acordo em alguma coisa

Inclinei-me um pouco para trás, assim poderia vê-lo. Desgrenhado por ter acabado de acordar e com uma barba bem rala, ele estava absolutamente lindo.

— Ontem à noite aconteceu mesmo?

Um lado de seus lábios subiu e meu peito se encheu de alegria. Como senti falta daquele sorriso.

— Depende do que acha que aconteceu.

— Eu tirei minha camiseta para você?

Seu olhar ficou profundo.

— Sim. Momento adorável.

— E você me recusou?

A mão em meu quadril deslizou um pouco.

— Só porque nossa primeira vez juntos não pode ser enquanto estiver bêbada.

— Nossa primeira vez juntos?

— Isso aí.

Os músculos no meu estômago se contraíram.

— Você está bem confiante sobre haver uma primeira vez entre nós.

— Estou. — Ele se apoiou na almofada.

Eu precisava me concentrar.

— Nós conversamos, certo? — Meu olhar desceu para o meu punho. — Conteí a você quando fiz isso?

— Contou.

Olhei para ele de esquelha.

— E você não acha que sou uma louca desvairada?

— Bem...

Inclinando a cabeça para o lado, olhei séria para ele.

O sorriso de Cam cresceu enquanto a mão subiu pelas minhas costas, chegando à nuca.

— Quer saber o que eu acho?

— Depende.

Ele puxou minha cabeça para baixo, fazendo com que as bocas ficassem a centímetros uma da outra.

— Acho que precisamos conversar.

— Precisamos. — Concordei. Mesmo que isso me deixasse nervosa, é claro, a determinação substituiu minha apreensão.

Cam, de repente, segurou meus quadris e me levantou, colocando-me no sofá ao lado dele. Imediatamente, senti a falta do seu calor e fiquei confusa.

— Achei que precisávamos conversar — eu disse.

— Precisamos. Eu já volto.

Eu não tinha ideia do que ele pretendia fazer.

— Apenas fique aqui, está bem? — disse ele, andando até a porta. — Não saia do lugar. Não pense em nada. Apenas fique aí sentada que eu já volto.

Observei-o com curiosidade.

— Está bem.

Um sorriso torto apareceu.

— Estou falando sério, não pense em nada. Nem nos últimos minutos, nem na noite passada. Nem no mês passado. Ou no que está por vir. Apenas fique parada.

— Tudo bem — sussurrei. — Eu prometo.

Seus olhos se encontraram com os meus por um tempo, então ele saiu, e, é claro, pensei em tudo o que ele dissera naqueles cinco

minutos em que esteve fora. Quando ele voltou, quase tinha me convencido de que não voltaria.

Mas ele estava lá.

Girei o tronco, olhando por cima do encosto do sofá, e, assim que vi o que ele tinha nas mãos, abri um sorriso.

— Ovos! Você trouxe ovos.

— E minha frigideira. — Ele empurrou a porta com o quadril para fechá-la. — E escovei meus dentes.

— Você não colocou uma camiseta.

Ele me olhou de lado ao caminhar até a cozinha.

— Eu sei que você ficaria arrasada por não poder me ver sem camisa.

Quando ele desapareceu pela porta, deixei minha cabeça cair no encosto do sofá e soltei um gritinho bem infantil, que esperava ter abafado.

— Avery, o que você está fazendo aí?

Levantei a cabeça.

— Nada.

— Então trate de vir para cá.

Sorrindo, desci do sofá e comecei a ir para o meu quarto.

— E não ouse se trocar.

Parei, fazendo uma careta.

— Porque eu gosto muito de ver você usando minhas roupas — ele acrescentou.

— Bem, já que falou com jeitinho... — Dei meia-volta e fui para a cozinha. Parada na porta, eu o observei fazer uma coisa que já o vira fazendo dezenas de vezes.

Ele me olhou por cima do ombro.

— Que foi? Você sentiu tanta falta assim dos meus ovos?

Pisquei os olhos ainda embaçados.

— Não pensei que o teria novamente na minha cozinha fazendo ovos para mim.

Os músculos em seus ombros flexionaram-se, e não pude fazer nada além de admirar toda aquela sensualidade. A sinuosidade se acentuou em sua pele quando ele se curvou à frente, ajustando os controles do fogão.

— Você sentiu tanta falta assim de *mim*?

Pela primeira vez, não hesitei.

— Senti.

Cam se virou para mim.

— Eu senti sua falta.

Respirei fundo.

— Quero lhe pedir desculpas por como agi quando você... bem, quando você viu minha cicatriz. Eu nunca deixei ninguém a ver. — Mordi meu lábio inferior e dei um passo à frente. — Eu sei que não justifica, porque minha reação foi horrível, mas...

— Eu aceito suas desculpas com uma condição. — Ele cruzou os braços na frente do corpo.

— Qualquer coisa.

— Que você confie em mim.

Inclinei a cabeça de lado.

— Eu confio em você, Cam.

— Não confia, não. — Ele caminhou até a mesinha e puxou uma cadeira. — Sente-se aqui.

Sentando-me, puxei a barra da camiseta para baixo, enquanto ele voltou para o fogão, apoiando a pequena frigideira sobre o fogo.

— Se confiasse em mim, não teria reagido daquela forma — disse simplesmente, quebrando um ovo. — E isso não é porque estou julgando você nem porcaria nenhuma. Você tem que confiar que não vou dar uma de babaca e surtar com esse tipo de coisa. Precisa confiar que eu gosto demais de você.

Fiquei praticamente sem fôlego.

Ele se virou para mim, os olhos cristalinos como vidro, e continuou:

— Tem muita coisa que eu não sei sobre você e espero consertarmos isso. Não vou forçar nada, mas não pode me deixar de fora do seu mundo, está bem? Você precisa confiar em mim.

Havia muitas coisas que ele não sabia, mas eu não queria que nada interferisse. Nem agora, nem nunca.

— Eu confio em você. Eu vou confiar em você.

Cam olhou direto para mim.

— Então aceito suas desculpas.

Em seguida, ele se virou para o fogão de novo, mexendo os ovos. Depois veio o suco de laranja. Não dissemos nada até ele sentar com seus quatro ovos cozidos.

— Então, para onde vamos a partir daqui? — perguntou. — Diga o que você quer.

Parei com o garfo cheio e olhei para a frente, enquanto ele segurava um dos ovos.

— O que eu quero?

— De mim. — Deu uma mordida no ovo, mastigando lentamente. — O que você quer de mim?

Apoiando o garfo na mesa, encostei-me na cadeira e olhei bem para ele. De repente, percebi que ele me faria contar aquilo... e eu precisava contar. Pensei em Molly e no que ela teria que contar centenas de vezes. Isso era fácil em comparação.

— Você.

— Eu?

— Quero você. — Minhas bochechas estavam pegando fogo, mas continuei. — Obviamente, nunca namorei antes e nem sei se é isso que você quer. Talvez não seja...

— É, sim. — Ele terminou o ovo.

Meu peito ficou apertado.

— É?

Ele riu.

— Você parece surpresa, como se não acreditasse. — Pegou mais um ovo. — É realmente lindo. Por favor, continue.

— Por favor, continue...? — Balancei a cabeça, aturdida. — Quero ficar com você.

Cam terminou o segundo ovo.

— Essa é a segunda coisa com a qual estamos de acordo hoje.

— Você quer ficar comigo?

— Quero ficar com você desde a primeira vez que recusou meu convite. Apenas venho esperando que você mude de ideia. — Seus lábios se curvaram para cima. — Portanto, se vamos fazer isso, existem algumas regras a serem seguidas.

Ele vinha me esperando?

— Regras?

Cam acenou com a cabeça, enquanto descascava o terceiro ovo.

— Não tem muitas. Não me deixar de fora. Somos só você e eu e ninguém mais. — Ele fez uma pausa e meu coração acelerou. — E, finalmente, continue sexy desse jeito com a minha camiseta.

Soltei uma gargalhada.

— Acho que todas elas são possíveis.

— Ótimo.

Observei-o terminar os ovos e, por mais feliz que estivesse, fiquei bem nervosa.

— Nunca fiz nada disso, Cam. E não sou uma pessoa fácil de lidar o tempo todo. Eu sei disso. Não posso prometer que será fácil para você.

— Nada divertido na vida é fácil. — Ele esvaziou o copo de leite e ficou de pé, aproximando-se do meu lado. Pegou minha mão e me puxou para cima. Seus braços envolveram minha cintura enquanto inclinava a cabeça para a frente, e, quando ele falou, seus lábios roçaram minha bochecha. — Estou falando sério com você, Avery. Se você me quiser de verdade, você terá.

Fechando os olhos, coloquei as mãos no peito dele.

— Eu quero você de verdade.

— Bom saber — murmurou, inclinando a cabeça de lado e tocando os lábios nos meus. A ansiedade cresceu como uma bolha. — Porque, se não quisesse, isso tudo seria muito estranho.

Comecei a rir, mas, de repente, sua boca tocou a minha, silenciando-me. No início, o beijo foi suave. Uma terna exploração dos meus lábios, mas fazia muito tempo desde a última vez em que ele havia me beijado. E fazia tempo demais desde a última vez que me sentira daquele jeito. Eu queria mais.

Deslizando as mãos pelo peito dele, depois por suas bochechas levemente ásperas, enfiei os dedos por dentro de seu cabelo macio e bagunçado. Foi só disso que Cam precisou para aprofundar o beijo, abrindo mais minha boca e deslizando a língua para dentro. Suas mãos vieram para os meus quadris e, em seguida, subiram para minha cintura. Ele me puxou para si, fazendo o beijo partir de inocente e doce para extremamente sensual em questão de segundos.

Cam me levantou, arrancando de mim um suspiro de surpresa que, rapidamente, se perdeu nele. O instinto entrou em ação, então

envolvi sua cintura com as pernas. Em uma forte investida, ele veio para a frente e me colocou contra a parede, então senti seu peito quente no meu. Meu corpo amoleceu, umedeceu entre as coxas ao senti-lo lá perto, prova do quanto ele me queria. Cada célula do meu corpo se contraiu com o calor fluindo para dentro de mim.

Pela primeira vez, não houve nem uma ponta de pânico. Nada além de sensações maravilhosas que me faziam sentir viva, e, pela primeira vez, eu estava completamente no controle. Havia uma liberdade naquilo que eu nunca tinha vivido, por isso me entreguei àquele beijo. Ele fez aquele som incrivelmente sexy que vibrou em seu peito e, depois, no meu.

Parecia que duraria uma eternidade, mas ele levantou a boca e disse:

— Preciso ir embora.

— Você vai embora? — perguntei, ofegante e trêmula.

— Eu não sou santo, meu anjo — ele rosnou. — Se eu não for embora agora, vou ter que ficar aqui por algum tempo.

Um choque me percorreu da ponta dos seios até a barriga.

— E se eu não quiser que você vá embora?

— Que merda — disse ele, deslizando as mãos para as minhas coxas. — Você está dificultando para que eu continue sendo o cara bonzinho que fui ontem à noite.

— Não estou bêbada.

Ele encostou a testa na minha, rindo suavemente.

— É, dá para perceber, mas, embora a simples ideia de pegar você agora, contra a parede, já seja suficiente para me fazer perder o controle, quero que saiba que sou um cara sério. Você não é um “lance”. Não é uma amiga colorida. Você é muito mais para mim.

Fechei os olhos, ainda ofegando.

— Bem, isso foi... meio que perfeito.

— Eu sou meio que perfeito — completou ele, gentilmente desenlaçando minhas pernas. Cam me colocou no chão, e eu teria caído, se ele não tivesse me segurado. — Todos sabem disso. Você só demorou um pouco mais para entender.

Dei uma risada.

— O que você vai fazer?

— Tomar um banho frio.

— Sêrio?

— Sêrio.

Tive que rir de novo.

— Você vai voltar?

— Sempre. — Ele me beijou rapidamente.

— Ok. — Abri os olhos, sorrindo. — Eu espero por você.

CAPÍTULO

Minha vida mudou de muitas formas em um curto período de tempo, o que me trouxe até esse momento monumental, pelo menos para mim. Cam passou o domingo inteiro comigo e acordei esta manhã com uma mensagem de bom dia dele.

Antes mesmo que eu pudesse contar as novidades para Brit e Jacob sobre a mudança de status entre mim e Cam, eles viram em primeira mão, enquanto esperávamos do lado de fora Brit terminar o cigarro, antes de entrar no Whitehall, na segunda-feira.

Cam apareceu do nada, chegando por trás de mim e me abraçando pela cintura. Fiquei toda travada por um milésimo de segundo antes de me forçar a relaxar. Ele encostou os lábios na minha bochecha, e o arrepio não teve nada a ver com o vento frio.

— Oi.

O cigarro caiu da boca de Brit.

Jacob piscou uma vez, depois duas e depois mais uma.

— Mas que...?

Segurei os antebraços de Cam quando ele roçou os lábios na minha orelha, gerando um calor por onde passava.

— Acho que o sapato da Brittany vai pegar fogo.

Olhei para baixo e me soltei do abraço dele.

— Meu Deus, Brit, seu sapato!

Ela olhou para baixo e deu um grito. Chutando a guimba acesa para longe do sapato, deu um pulo para trás.

— Quase morri queimada. E teria sido culpa sua!

— Culpa minha?

— Sim. Porque você não me contou sobre isso. — Ela gesticulou vigorosamente na direção de Cam, que estava sorrindo. — Isso!

— Vocês dois estão, você sabe? — Jacob apontou para nós. — *Juntos? Juntos?*

Não tive tempo de responder. Cam me virou e me beijou, bem ali, entre os dois prédios. Não foi um selinho amigável. Quando nossas línguas se tocaram, minha bolsa deslizou do braço e caiu no chão congelado.

— Puta merda — murmurou Jacob. — Acho que eles vão fazer bebês.

Com o rosto em brasa, dei um passo para trás. Cam não estava nem um pouco constrangido ao me dar um beijo na testa. Por sobre seu ombro, vi Steph com uma amiga, chocada conosco. Acho que ela também não ficara sabendo da novidade.

— Tenho que conversar com o professor antes da aula começar, então tenho que ir andando — disse ele, afastando-se. — Vejo você depois da aula?

— Sim. — Meus lábios formigaram, junto com várias outras partes do meu corpo. — Te vejo depois.

Quando me virei de novo para os meus amigos, os dois estavam me olhando como se eu estivesse de seios de fora. Agachei e peguei minha bolsa.

— Ok, antes que os dois comecem a gritar comigo, simplesmente aconteceu. Foi ontem, nem tive tempo de falar nada.

Brit cruzou os braços.

— Você não teve um segundo para ligar ou, sei lá, mandar uma mensagem?

— Nós meios que ficamos juntos o dia inteiro ontem, fomos jantar e aí...

— Vocês dois transaram? — Jacob agarrou meus ombros e me chacoalhou. — Meu Deus, garota, detalhes! Eu preciso de detalhes! Qual é o tamanho do...?

— Nós não transamos. — Dei um tapa na mão dele. — Caramba, nós só passamos o dia juntos. Dê um tempo.

— Eu estaria dando para ele desde agosto — Jacob foi logo dizendo.

Olhei para ele com desprezo.

Os dois me interrogaram sobre tudo o que tinha acontecido no caminho para Whitehall e no começo da aula. Depois de me despedir deles para esperar Cam lá fora, eu tinha certeza que haviam superado minha falha como amiga.

Fiquei fora da marquise, encostada em um dos pilares. Devia estar com uma cara estranha por causa do sorriso estampado no meu rosto, mas não conseguia parar de sorrir desde a manhã anterior.

Meu sorriso diminuiu um pouco quando vi Cam saindo pela porta e Steph abraçada a ele de lado. A única coisa que me impediu de agir como uma tigresa e partir para cima dela foi o fato de que Cam não parecia muito animado.

Steph jogou o cabelo brilhante por cima de um ombro, quando eles se aproximaram de mim.

— Oi — disse ela, mais falsa impossível.

— Oi — respondi à altura, sustentando o olhar.

Cam pulou para o meu lado, entrelaçando os dedos nos meus.

— Sua aula terminou mais cedo?

Balancei a cabeça.

— Só alguns minutos.

Steph estava cuspiendo fogo ao nos ver de mãos dadas.

— Você vai à festa do Jase no domingo que vem, Cam?

Haveria uma festa? Por mais idiota que fosse, não me agradava a ideia de Cam indo a uma festa onde Steph estivesse. Errado. Errado. Mas um sentimento pérfido tomava conta de mim toda vez que pensava naqueles dois dando uns amassos no passado.

— Ainda não sei. — Cam apertou minha mão. — Depende se Avery quiser ir.

O queixo perfeito dela foi ao chão, e acho que amei Cam por isso.

— Se Avery quiser...? Que seja. — Ela saiu andando com a garota que eu vira com ela na festa de Halloween.

Olhei para Cam.

— Bem, ela não pareceu muito feliz com isso.

Ele deu de ombros.

Começamos a subir a ladeira, em direção ao Knutti.

— Então, vocês não eram nada além de amigos coloridos?

Cam me olhou de soslaio.

— A gente ficava de vez em quando, mas, como lhe disse nesse fim de semana, não fiquei com mais ninguém desde que conheci você.

— Eu sei. É que pareceu que ela queria mais.

— Você não ia querer?

— Caramba, precisamos tratar esse seu excesso de confiança.

Cam riu ao me puxar para o seu lado. Enfrentamos o vento que descia a colina.

— Pensei sobre outras coisas nas quais precisamos dar um trato.

— Tarado — murmurei, embora estivesse pensando exatamente na mesma coisa.

Ele encostou os lábios na minha têmpora.

— Esse sou eu, meu anjo.

* * *

Cam não foi à festa de Jase no sábado à noite. Nem comentou, e eu não sabia direito se deveria tocar no assunto. Eu me sentia um pouco culpada por ele não ter ido, porque não queria interferir nas amizades dele, mas ele não parecia muito incomodado pelo fato de estar perdendo um jogo épico de pingue-pongue com cerveja.

Saímos para jantar em uma cidade vizinha e, depois, voltamos para o meu apartamento. Se eu tivesse qualquer dúvida sobre a seriedade do nosso relacionamento, todas elas foram eliminadas naquela noite.

Cam trouxe Raphael para o meu apartamento.

Nada mais sério do que permitir que uma tartaruga rasteje pelo chão da sua cozinha.

— Ele precisa se exercitar — disse Cam, sentando na frente da geladeira com as pernas afastadas. — Se não, ele fica gordo e preguiçoso, quieto dentro do casco.

— Coitadinho do Raphael. — Eu o levantei e o virei na direção de Cam. — Deve ser um saco ficar dentro de um aquário.

— É um terrário — corrigiu Cam. — E ele tem um terrário de rochas. Comprei um novo para ele de aniversário.

— Você sabe quando é o aniversário dele?

— Sim. Vinte e seis de julho. — Ele fez uma pausa, olhando para mim. — Quando é o seu aniversário?

Cruzei os tornozelos.

— Você ainda tem tempo para pensar no assunto. Quando é o seu?

— Quinze de junho. Quando é o seu, Avery?

Agora as coisas iam ficar estranhas.

— Foi dia 2 de janeiro.

Cam curvou-se à frente com os olhos arregalados. Vários segundos depois, ele falou:

— Eu perdi seu aniversário.

— Não é nada de mais — respondi, fazendo sinal para ele deixar para lá. — Fui ao Museu Smithsonian e fiquei doente, então foi melhor você ter perdido.

A expressão dele ficou tensa.

— Ai, cara, por isso que você disse que queria ir lá no segundo dia do ano. Você estava sozinha? Merda. Estou me sentindo...

— Não. — Levantei a mão. — Você não precisa se sentir mal. Não fez nada de errado.

Cam me observou por alguns momentos, mudando a expressão e, finalmente, dizendo:

— Bem, ano que vem nós resolvemos isso.

Aquilo me fez sorrir. Ano que vem. Nossa. Pensar tão adiantado me dava um pouco de medo e me empolgava ao mesmo tempo.

Depois de um tempo, Cam pegou a tartaruga no colo e se levantou.

— Já volto.

Enquanto Cam levava seu animal de estimação para casa, corri ao banheiro e rapidamente escovei os dentes. Terminei segundos antes de ele voltar. Ele tirou o casaco de lã, apoiando-o no encosto do sofá. A camiseta cinza que estava por baixo ficava esticada em seu peito, e, quando ele se espreguiçou antes de sentar, a camiseta subiu um pouco, expondo um pedaço de pele.

Meu coração palpitou ao vê-lo do corredor. Cam e eu nos beijávamos — muito — e ele gostava de ficar junto, portanto, em uma semana, já me acostumara a tê-lo me abraçando e me beijando, mas ainda não tínhamos feito nada como o que fizemos

na noite de Ação de Graças, embora eu imaginasse que ele quisesse. Então, houve uma porção de noites em que fui para cama, pensando nele, e, embora conseguisse um pouco de alívio para o que estava se tornando um desejo que ardia aos poucos, aquilo não era o bastante para mim.

Ele me queria.

Eu o queria.

Nós estávamos juntos.

E eu confiava nele.

Mordendo o lábio, brinquei com a beirada do agasalho que eu estava usando. Havia tirado as botas e as calças de ginástica quando voltamos, e agora pequenos arrepios se espalhavam pelas minhas pernas.

Será que ele estava esperando que eu tomasse a iniciativa? Ele parecia tão... cuidadoso comigo, como se estivesse preocupado que eu pudesse fugir dele. Eu queria correr *até* ele. Cam olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. A sala estava escura, exceto pelo brilho da TV.

— Você vem até aqui ou vai ficar me olhando o resto da noite?

Minhas bochechas ruborizaram ao me afastar da porta. Eu conseguia fazer isso. Não precisava esperar que ele tomasse uma atitude.

Reunindo coragem, caminhei até ele. Ele olhou para mim com aqueles olhos extraordinários e levantou uma mão. Apoiei a minha na dele, mas, em vez de me sentar ao lado dele, subi em seu colo, com uma perna de cada lado.

Cam imediatamente ficou em alerta, colocando as mãos nos meus quadris.

— Olá, meu anjo.

— Olá — respondi, com o coração tão rápido que havia grandes chances de eu ter um infarto.

Seu olhar baixou para me avaliar.

— Você sentiu tanto assim a minha falta? Só fiquei fora alguns minutos.

— Talvez. — Coloquei as mãos nos ombros dele quando baixei os quadris. Eu o abracei com mais força ao senti-lo excitado perto das minhas partes mais macias.

Suas mãos acariciaram meu tronco lentamente, tão devagar que achei que morreria, quando ele tocou meu rosto.

— O que você está fazendo?

Umedeci os lábios e seus cílios se levantaram, revelando um azul mais escuro.

— O que parece?

— Posso imaginar algumas coisas. — Seus polegares acariciaram minhas bochechas. — Todas elas me interessam muito.

— Interessam? — Minha respiração ficara mais curta e rápida. — Isso é bom.

Então, como parecia que ele me deixaria tomar a frente, aproximei a cabeça. Nossos lábios roçaram uma, duas vezes, então apertei os meus nos dele de forma mais intensa. Ele me acompanhou, nossos beijos ficaram mais profundos, mais lentos e infinitamente mais tudo, conforme a língua dele torturava a minha de um jeito que me fazia tremer e querê-lo ainda mais.

Suas mãos passeavam pelas minhas costas num ritmo lento, lânguido, fazendo-me curvar ao seu toque. Embora minha única experiência tivesse sido aquela da noite do Dia de Ação de Graças, parecia que meu corpo sabia o que fazer. Mexi os quadris e suas mãos apertaram minha cintura. Um arrepio percorreu o corpo grande dele, o que foi um pouco assustador e muito excitante.

Uma de suas mãos entrou por baixo do tecido do meu vestido, subindo pelas minhas coxas. A outra subiu, vindo pela frente e chegando aos seios. Ele segurou um deles e o polegar acariciou a

ponta, provocando o mamilo rijo através da roupa. Um gemido saiu de mim, um som que pareceu excitar Cam.

— Você gostou? — perguntou ele, com os lábios nos meus.

Será que precisava de confirmação?

— Gostei.

Seu dedo fez um círculo lento e irregular no meu mamilo. Tentei recuperar o fôlego quando seus lábios se afastaram de mim. Ele mordiscou meu queixo e, depois, meu pescoço. Curvei ainda mais as costas, empurrando os seios para sua mão, enquanto meu quadril começava a se movimentar. Um som extremamente sensual vibrou em seu peito quando ele se inclinou para trás e olhou para mim.

— Diga o que você quer, meu anjo. — Sua mão passou para o outro seio. — Qualquer coisa. E eu faço.

Havia uma coisa que eu precisava dele.

— Toque-me.

Cam se arrepiou de novo, e aquilo me deixou ainda mais excitada.

— Posso?

Fiz que sim com a cabeça, sem saber com o que estava concordando, mas confiei nele. As duas mãos dele vieram aos meus ombros, deslizando por baixo do decote do vestido. Fiquei imóvel quando ele me despiu, expondo meu sutiã. Ele continuou descendo meu vestido, até eu livrar os braços e o tecido ficar acumulado na cintura.

— Linda — murmurou ele, os dedos percorrendo as alças rendadas do meu sutiã. — Olha essa cor rosa. Que coisa mais linda.

Minha resposta se perdeu assim que ele baixou a cabeça, fechando a boca sobre meu mamilo. Através do sutiã bem fino, sua boca não parava, enquanto ele continuava puxando meus quadris contra sua ereção. Meus sentidos estavam todos tomados pelos

movimentos de sua boca e por senti-lo lá, pressionando minha intimidade. Minhas mãos fluíram para sua cabeça enquanto a minha tombou para trás. Ele foi para o outro mamilo e uma mordida provocativa me fez gemer alto.

Eu estava entregue a ele, cercada pelos sentimentos que gerava dentro de mim. Já estava quase perdendo as estribeiras, e, de repente, quando suas mãos tocaram minhas coxas, subindo pela barra da minha saia, fiquei tensa de um jeito maravilhoso.

Seus lábios traçaram um caminho até meu pescoço, provocando meu lábio inferior.

— Me diga uma coisa, meu anjo. — Sua mão deslizou por dentro das minhas coxas, fazendo pequenos círculos que se aproximavam do meu sexo. — Você já gozou algum vez?

Meu corpo inteiro ferveu, porém, quando não respondi, sua mão caminhou pela minha coxa, afastando-se levemente de onde eu o queria. Caramba.

— Sim — sussurrei. — Já gozei.

— Sozinha? — Ele subiu a mão pela coxa de novo.

Fiz força para a frente com o quadril e ele gemeu. Baixando minha testa na dele, fechei os olhos.

— Sim.

Como recompensa pela minha resposta, um longo dedo aproximou-se do meio da minha calcinha, fazendo meu corpo todo vibrar. O nó no meu estômago ficou ainda mais tenso e seu dedo me acariciou para a frente e para trás, com um toque suave que me levou à loucura.

O desejo anuviava meus pensamentos, e eu sabia que queria fazê-lo sentir o que eu estava sentindo. Mas minha mente não estava tão inconsciente a ponto de não saber o que fazer. Deslizei a mão pelo seu peito, sobre o abdômen. Hesitei um pouco no cóis da calça.

Cam ficou parado e mordiscou meu lábio.

— O que você quer, Avery?

— Eu quero... quero tocar você — admiti, surpreendendo-me. — Mas eu não sei do que você gosta.

Ele fez aquele som de novo, que me fez tremer, quando colocou a outra mão sobre a minha.

— Meu anjo, qualquer coisa que você fizer eu vou gostar.

— Mesmo?

— Com certeza. — Ele se moveu de forma a criar um espaço entre nós. — O que fizer comigo eu vou amar. Não precisa se preocupar com isso.

Encorajada por aquela afirmação, abri o botão de sua calça e, em seguida, baixei o zíper. Puta merda. Tomei um susto ao ver aquela carne dura e rosada. Sem cueca. Nada. Cam estava “de primeira”.

Ele riu com a minha descoberta.

— Fácil acesso. — Então, levou a mão lá embaixo para se soltar.

Não consegui parar de olhar e me senti uma idiota por isso, mas tinha algo de muito excitante em vê-lo daquele jeito, sabendo que ele me queria e eu o desejava. No entanto, hesitei um pouco, e, embora ele tivesse dito que gostaria de qualquer coisa que eu fizesse, duvidei daquilo e queria satisfazê-lo. Queria dar prazer a ele.

Vi sua mão envolver a base e ele puxar para cima.

— Eu pensei em você — sussurrei.

A mão parou.

— Como?

— Quando eu... me toquei, pensei em você.

— Puta merda — rosnou Cam. — É a coisa mais excitante que eu já ouvi.

Cam, então, me beijou, de maneira mais intensa e forte que antes. Não fiquei assustada. Ao contrário, aquilo me excitou ainda mais. Ele guiou minha mão até ele e envolvi sua ereção com os dedos. Ele deu um sobressalto na minha mão e seu peito subiu bruscamente.

Ele disse alguma coisa perto da minha boca que não identifiquei, então, moveu minha mão para cima de seu membro e depois para baixo, estabelecendo um ritmo que mantive depois de ele soltar meu punho. Com a mão agora livre, ele segurou a minha nuca, e a outra voltou ao meio das minhas coxas. Nós dois estávamos respirando rapidamente, quando ele se aproximou da minha calcinha. A palma da mão pressionou minha saliência sensível, ao passo que os dedos penetraram meu calor úmido, e eu fiquei perdida. Enquanto ele me beijava profundamente e eu o tocava, cavalgava em sua mão. Ele se impulsionava contra a minha, os movimentos curtos, mas intensos. O corpo dele tremeu quando senti a pressão familiar lá embaixo. O nó se desfez e a energia subiu como uma espiral através de mim. Gozei muito e sussurrei seu nome. Sua mão ficou lá, acariciando-me lentamente através da calcinha, enquanto tremores vibravam pelo meu corpo. E ele gozou logo em seguida, com espasmos pelo corpo todo.

Parecia ter passado uma eternidade, quando Cam gentilmente tirou minha mão dele. Sentia-me frouxa e saciada, e, nisso, ele me acomodou em seu peito, perto do coração que batia tão rápido quanto o meu. Beijou minhas pálpebras e, depois, meus lábios. Não falamos nada depois e aprendi que, às vezes, palavras são desnecessárias.

Mas, lá no fundo, eu sabia que havia palavras que precisavam ser ditas. Verdades que deveriam ser faladas antes que eu fosse adiante. Coisas com as quais eu precisava lidar.

— Ei — disse Cam, com a voz suave. Fiquei tensa sem perceber.
— Você está bem? Eu não...

— Foi perfeito. — Beijeí seu maxilar, desejando que houvesse um interruptor no meu cérebro. — Isso foi perfeito.

Eu só esperava que durasse.

CAPÍTULO

Aula de Economia se tornou infinitamente mais interessante quando aproveitei o tempo em sala para reviver tudo que Cam e eu havíamos feito, depois que seus amigos foram embora e Ollie tinha ido dormir na noite anterior.

Ele havia me levado para o quarto dele, fechando a porta em silêncio. Um nervosismo se instaurou em meu estômago conforme ele veio se aproximando de mim e tocou minhas bochechas. Desde a noite no meu sofá, nós nos beijávamos e nos tocávamos muito, mas parecia diferente no quarto dele, mais íntimo, com mais possibilidades.

Eu procurava não pensar em transar de fato, porque não tinha certeza se podia chegar ao fim. Se sentiria prazer ou se me lembraria do que tinha acontecido. Eu sabia que doeria, porque eu ainda era virgem, mas será que a dor se tornaria mais profunda?

Ele não tinha querido mais naquela noite e me perguntei se, de alguma forma, ele sabia.

Cam havia tirado meu suéter, mas deixara o sutiã e a calça jeans. A camisa dele se juntou às minhas roupas jogadas no chão, e, quando veio me beijar, suas mãos se embrenharam no meu cabelo. Caímos em sua cama e ele deslizou uma perna por entre as minhas. Enquanto os beijos dele desciam pelo meu pescoço e se concentraram nos meus seios cobertos por renda, as mãos foram para meus quadris, encorajando-me a me mover junto dele. Levou meu mamilo endurecido à sua boca, enquanto eu mantinha o embalo em cima dele, com a cabeça para trás e a boca fechada com força para não gritar. Cam me levou a um orgasmo desse jeito, sem mãos em mim, através da calça jeans e da calcinha. E, quando

deslizei as mãos por dentro de sua calça, segurando o membro longo e duro, ele se impulsionou na minha mão, exatamente como imaginei que faria dentro de mim.

Fiquei lá por um tempo, aconchegada nele. Conversamos sobre tudo e nada, madrugada adentro. Fui embora quando ele começou a dar piscadas, mas estava desperto o bastante para tentar me coagir a voltar para a cama dele. Porém, levantou e me acompanhou até a porta de casa. Cam me deu um beijo de boa-noite muito doce.

Havia grandes chances de eu ter me apaixonado.

Tudo bem. Provavelmente, já estava apaixonada há meses, mas agora parecia mais realista, era possível e — ah, meu Deus — eu realmente sabia como era me apaixonar — um desejo borbulhante. Quando estava perto dele ou pensava nele, eu me imaginava sentindo como bolhas de champanhe, constantemente fluindo para o alto. Será que pensei mesmo nisso?

Um sorriso grande e pateta apareceu nos meus lábios.

Brit percebeu meu olhar e fez uma careta.

Ruborizando, decidi que deveria prestar atenção nos últimos dez minutos de aula. O professor estava falando sobre as filas nos postos de gasolina no início dos anos 1980. Alguma coisa relacionada com oferta e demanda. Eu ia ter que reler aquele capítulo urgentemente.

— Meu Deus, como você está viajando — disse Brit para mim depois da aula, enquanto saíamos do Whitehall. — Está na cara que você está apaixonada.

Eu sorri.

— Estou mesmo.

Brit aproximou-se para andar de braços dados comigo. A neve caía levemente e as nuvens estavam carregadas.

— Fico feliz que vocês se entenderam. Você dois são tão fofos juntos que é quase nojento.

— Ele é... — Balancei a cabeça. — Tenho muita sorte.

— Ele tem sorte — corrigiu ela, cutucando-me enquanto nos arrastávamos ladeira acima. — Então, o que você vai dar para ele de Dia dos Namorados?

— Dia dos Namorados? — parei repentinamente. Várias pessoas que vinham atrás resmungaram, contornando Brit e eu. — Merda, é semana que vem. — Virei-me para ela, com os olhos arregalados. — Não tenho ideia do que dar para ele.

Brit riu e pegou no meu braço para continuarmos a caminhada.

— Você deveria ver sua cara — disse ela. — Foi como se tivesse acabado de descobrir que o mundo acabaria na semana que vem em vez de encará-lo como data comemorativa idiota criada pelos homens.

Eu ignorei aquilo.

— Nem imagino o que dar para ele.

— O que você deu para namorados anteriores?

— Nada — respondi, em pânico, prestes a admitir o inevitável. — Eu nunca namorei antes.

Então foi a vez de Brit fazer uma parada súbita e atrapalhar o trânsito de pessoas.

— O quê? Tipo, nunca? Caramba, eu sabia que você era um pouco, digamos, reservada, mas qual é?! Acho que as crianças Amish têm mais experiência que você.

Olhei para ela com raiva.

— Você não está ajudando e estou surtando de verdade aqui.

— Tudo bem, tudo bem. Tiro sarro de você mais tarde. Já entendi. — Ela torceu o nariz. — Vamos às compras depois da aula.

Naquele dia, mais tarde, a neve ainda caía, mas as estradas estavam limpas no caminho a Martinsburg. No shopping, eu ainda estava completamente perdida, observando os coraçõezinhos vermelhos pendurados no teto da loja de departamento.

Brit pegou um par de cuecas de cetim pretas com estampa de corações vermelhos.

— Hã...

— Não — eu disse. Além do fato de que era a coisa mais brega que eu já tinha visto, Cam nem sempre usava cueca.

Ela mordeu os lábios, pensativa.

— Bem, sempre tem os presentes padrão. Você pode comprar um perfume, uma carteira, uma gravata ou uma camisa.

— É muito sem graça.

— Não disse que eram boas ideias.

Fiz um bico enquanto caminhávamos para outra loja. A viagem foi uma perda de tempo, apesar de Brit ter experimentado todos os tipos de creme para o corpo. Quando fomos embora, ela estava tão perfumada que parecia trabalhar em uma dessas lojas de produtos de beleza.

De volta ao meu apartamento, vasculhei a internet para encontrar um bom presente. Queria alguma coisa especial, porque com Cam eu me sentia viva. Via as coisas de forma diferente, com mais clareza. Não sabia se era ele ou como eu ficava com ele, ou se eu finalmente estava *mudando*. De qualquer forma, Cam tinha um papel fundamental nisso e eu queria arranjar um presente que estivesse à altura.

Depois de cerca de uma hora, decidi que fazer compras para um garoto era um *saco*.

Meu cérebro já não aguentava mais. Se pudesse comprar um estoque vitalício de ovos para ele, com certeza, faria o maior sucesso.

Reclamando de frustração, levantei e olhei pela janela. A neve estava caindo rápida e intensamente, cobrindo o chão e os carros. O noticiário relatou que haveria acúmulo nas ruas, mas eu duvidava que o campus pudesse fechar.

Puxando o cabelo para trás e prendendo-o em um rabo de cavalo desgrenhado, fui até a cozinha, e lá tive uma ideia. Uma coisa que Cam havia mencionado algumas vezes.

Ele tinha dito que gostaria de ver um jogo do D.C. United.

Empolgada, voltei correndo para o computador e dei uma olhada no site deles. Clicando na parte da agenda, comprei duas entradas para um jogo no início de abril, imaginando que o clima estaria mais favorável.

Fechei o notebook com a sensação de dever cumprido. Ele poderia me levar ou, se preferisse, um de seus amigos. Eu não ligaria, contanto que ele estivesse feliz com o presente.

Menos de uma hora depois, Cam apareceu, úmido por causa da neve.

— Vai uma pizza?

— Que ótimo. — Dei um beijo em seu rosto e peguei a caixa de suas mãos. — Como estão as estradas?

— Terríveis. — Ele pegou duas latas de refrigerante da geladeira. — O que me levou a essa brilhante ideia.

Eu sorri.

— Às vezes suas ideias são meio assustadoras.

— Minhas ideias nunca são ruins ou assustadoras.

— Bem...

— Diga uma — ele me desafiou.

Nem precisei me esforçar.

— Que tal quando você amarrou uma corda no casco do Raphael e chamou aquilo de coleira?

— Aquela foi uma ideia inovadora!

— O coitadinho ficou parado e se escondeu dentro do casco.

Cam bufou.

— Não foi diferente de qualquer outro dia.

— Verdade. — Eu ri.

— A ideia de hoje é genial. — Colocando fatias de pizza sobre dois pratos de papel, ele piscou para mim. — Estão dizendo que deverá nevar até amanhã de manhã.

Fui tomada por um sentimento entre alegria e irritação. A neve era muito legal. Caminhar no campus com neve ou gelo no chão, não.

— E duvido muito que alguma aula seja cancelada amanhã — continuou ele, a caminho da sala. — Mas muita gente vai faltar e os professores já estão contando com isso.

— Entendi. — Sentei-me no sofá, procurando me aconchegar nele.

— Então estive pensando que poderíamos faltar amanhã, ficar bem aqui e assistir a filmes de quinta categoria o dia todo.

Minha primeira reação seria dizer que eu não poderia faltar um dia inteiro de aulas, mas, ao ver o olhar malicioso de Cam, pensei: que se dane.

— É uma ótima ideia.

— Não é? — Ele deu um tapinha na cabeça. — Estou cheio de grandes ideias.

— Sim, cheio de outras coisas também...

— Ha-ha.

Eu ri enquanto mordia aquela maravilha cheia de queijo. Cam comeu metade da pizza, e, quando Ollie apareceu, ele terminou o

restante. Eu ficava impressionada como aqueles dois comiam tanto e, ainda assim, tinham um corpo de babar. Comi duas fatias e ganhei uma bunda a mais.

Sentada entre os dois rapazes, cochilei enquanto eles assistiam a uma pequena maratona de um *reality show* sobre comércio ilegal de álcool. Quando acordei, Ollie já tinha saído e, embora eu estivesse deitada sobre Cam, o corpo dele estava excepcionalmente tenso.

Endireitei o corpo, bocejando e tirando o cabelo do rosto.

— Desculpe, não queria ter dormido em cima de você.

Ele olhou para mim com uma expressão indecifrável. Senti uma inquietude revirar meu estômago como um ninho de cobras. Sua mandíbula estava tão contraída que parecia que ele ia quebrar os dentes.

— Está tudo bem? — perguntei.

Cam expirou lentamente ao olhar para a mesa de centro.

— Você recebeu uma mensagem enquanto estava dormindo.

Segui o olhar dele até meu celular. No início, não entendi qual era o problema, mas, então, a ansiedade cresceu dentro de mim como uma tempestade. Totalmente desperta, dei um salto à frente e peguei o aparelho. Tocando a tela, meu coração pulou.

Você é uma puta mentirosa. Como consegue viver consigo mesma?

Fiz força para respirar, mas não consegui. Olhei para a mensagem, desejando que ela simplesmente nunca tivesse existido.

— Apareceu na tela quando chegou — disse ele.

Com as mãos tremendo, deletei a mensagem e apoiei o celular na mesinha novamente. A mágoa e uma onda irracional de raiva me invadiram. Aquelas duas emoções eram melhores que o pânico ameaçador.

— Você leu a mensagem?

— Não foi de propósito. — Ele se projetou à frente, com as mãos nos joelhos. — Estava ali, aparecendo na tela.

— Mas você não tinha que olhar! — acusei-o, encostando no sofá.

Cam olhou sério para mim.

— Avery, eu não estava fuçando nas suas coisas. A porcaria da mensagem surgiu e chamou minha atenção. Não pude evitar. Talvez tenha sido errado.

— Foi errado!

— Tudo bem, foi errado. Desculpe. — Ele respirou fundo. — Mas isso não muda o fato de eu ter visto a mensagem.

Fiquei congelada, parada no meio da sala. Aquele que era um dos meus piores medos estava para se tornar realidade. Ele descobrir o que tinha acontecido detinha o primeiro lugar facilmente, mas esse era um segundo lugar tão assustador quanto o primeiro.

— Avery — disse ele, com uma voz baixa e carinhosa. Naquele momento, percebi que não estava bravo comigo. Nem um pouco, nem mesmo depois de eu ter gritado com ele por ter lido aquela mensagem miserável. De alguma forma, aquilo era pior do que ele ficar zangado comigo. — Por que alguém lhe mandaria uma mensagem desse tipo?

Meu coração palpitou doloridamente contra as costelas.

— Sei lá.

Um olhar duvidoso atravessou seu rosto.

— Sei lá — repeti, agarrando-me àquela mentira com todas as forças. — De vez em quando, recebo uma mensagem desse tipo, mas não sei por quê. Acho que é alguma coisa de número errado.

Cam me analisou.

— Você não sabe de quem é?

— Não. — Isso era verdade. — Está escrito número desconhecido. Você viu.

Seus ombros ficaram tensos e, em seguida, ele segurou nos joelhos. Vários segundos se passaram enquanto meu sangue pulsava forte.

— Desculpe por ter ficado irritada com você — logo acrescentei. — É que fui surpreendida. Eu estava dormindo e, quando acordei, percebi que havia algo de errado. Então pensei... sei lá o que pensei, mas me desculpe.

— Pare de se desculpar, Avery. — Ele se sentou na beirada do sofá. — Eu não preciso ouvir suas desculpas. Quero só que seja sincera comigo, meu anjo. É só isso. Se estiver recebendo mensagens desse tipo, preciso saber a respeito.

— Por quê?

Suas sobrancelhas escuras se franziram.

— Porque sou seu namorado e eu me importo se alguém está chamando você de puta!

Eu me encolhi.

Cam desviou o olhar, com a respiração ofegante.

— Falando sério? Fico irritado, mesmo que seja uma mensagem accidental. Ninguém deveria ficar mandando mensagens como essa. — Seu olhar voltou para a minha direção. Uma eternidade pareceu ter passado. — Você sabe que pode me contar qualquer coisa, certo? Não vou julgá-la ou ficar irritado.

— Eu sei. — Minha voz pareceu pequena aos meus ouvidos e eu odiava aquilo. Então falei mais alto: — Eu sei.

Nossos olhares se encontraram.

— E você confia em mim, certo?

— Sim, é claro que confio. — Nem vacilei.

Novamente, houve uma pausa imensa que me fez pensar o pior.

— Merda — ele rosnou, e meu coração apertou. Será que ele sabia? Em que estava pensando? A verdade (toda ela) veio à ponta da minha língua, então ele fechou os olhos. — Eu não fui completamente honesto com você.

— O quê? — Essa era a última coisa que eu esperava ouvir dele. Ele esfregou as mãos na mandíbula.

— Peço a você para confiar em mim e para me contar tudo, mas eu não estou fazendo o mesmo. E, uma hora ou outra, você vai acabar descobrindo.

Opa. Deixe para lá a mensagem. Deixe para lá dizer qualquer coisa. Que diabos estava acontecendo? Quase atônita, contornei a mesa de centro e me sentei perto dele no sofá.

— Do que está falando, Cam?

Levantando a cabeça, ele me observou longamente, com um olhar sombrio, que fez meu peito doer.

— Sabe quando eu disse para você que todos nós já fizemos merdas no passado das quais não nos orgulhamos?

— Sei.

— Posso dizer isso por experiência própria. Só algumas pessoas sabem disso — disse ele, e, imediatamente, pensei no dia em que ficara irritado com Ollie e, depois, na festa, quando fora para cima daquele cara. Jase parecera ter dito alguma coisa para trazê-lo de volta à razão. — E é a última coisa que eu queria lhe contar.

— Você pode me contar — eu o reconfortei, e, sim, eu me sentia uma perfeita idiota, considerando tudo o que não contava a ele. Afastei aqueles pensamentos, concentrando-me em Cam. — Sério, pode falar comigo. Por favor.

Ele hesitou.

— Eu deveria estar me formando este ano, junto com Ollie, mas não estou.

— Eu me lembro de você ter me contado que ficou um tempo afastado.

Cam meneou a cabeça.

— Era meu segundo ano. Eu não fui muito para casa durante o verão, porque estava ajudando a treinar um time de futebol em Maryland, mas, sempre que eu ia, minha irmã... ela estava agindo de forma diferente. Eu não podia ficar cutucando, mas ela estava sempre apreensiva, e, quando estava em casa, não saía do quarto o tempo todo. E, segundo meus pais, raramente vinha para casa.

Senti o estômago contraído ao cruzar as pernas. Esperava estar errada e não saber aonde isso estava indo.

— Minha irmã sempre foi do tipo caridosa, sabe? Acolhia animais e pessoas perdidas, principalmente caras perdidos. Mesmo quando ela era bem novinha, sempre fazia amizade com as crianças menos populares da sala. — Seus lábios curvaram-se para cima nos cantos. — Ela conheceu um cara. Ele era um ou dois anos mais velho que ela, e acho que o namoro deles era sério. O mais sério possível quando se tem dezesseis anos. Encontrei o garoto uma vez. Nunca gostei dele. E não tinha nada a ver com o fato de ele estar tentando se dar bem com a minha irmãzinha. Apenas havia algo de esquisito no jeito dele.

Cam deslizou as mãos pelo rosto e, depois, pousou-as entre os joelhos.

— Fui para casa no feriado de Ação de Graças e eu estava na cozinha. Teresa estava lá e fui brincar com ela. Ela me empurrou e eu a empurrei de volta, no braço. Nada muito forte, mas ela deu um berro, como se eu a tivesse machucado para valer. Primeiro, achei que ela estava sendo uma idiota, mas ela começou a chorar. Ela desconversou e eu esqueci do assunto naquela noite, mas, na manhã de Ação de Graças, minha mãe topou com ela de toalha e viu.

Prendi a respiração.

— Minha irmã... estava coberta de hematomas. Nos braços e nas pernas. — As mãos dele estavam cerradas em punhos. — Ela disse que era da dança, mas todos nós sabíamos que não se machucava daquele jeito dançando. Levou quase a manhã inteira para arrancar a verdade dela.

— Tinha sido o namorado dela? — Lembrei-me da conversa à mesa, e o interesse súbito de Cam sobre com quem ela estaria falando fez sentido.

Um músculo tremeu em seu rosto quando ele concordou.

— O bostinha vinha batendo nela. Ele tinha sido esperto, pois só batia em partes do corpo mais escondidas. Ela continuou com ele. No início, eu não entendia por quê. Vim a descobrir que ela tinha muito medo de se separar dele.

Cam, de repente, se levantou e meu olhar o seguiu. Ele foi até a janela, abrindo as cortinas.

— Quem sabe quanto tempo isso duraria se minha mãe não tivesse intervindo. Será que Teresa, finalmente, teria contado? Ou será que o filho da mãe teria continuado a bater nela até matá-la algum dia?

Minha garganta se encheu de emoção, então mordi o lábio inferior.

— Meu Deus, fiquei louco da vida, Avery. Eu queria matar aquele filho da puta. Ele estava batendo na minha irmã e meu pai queria chamar a polícia, mas o que eles fariam de verdade? Os dois eram menores. Ele tomaria uns tapinhas na mão e faria terapia, sei lá. Isso não vale de nada. Para mim, aquilo não servia. Saí na noite de Ação de Graças e o encontrei. Não foi muito difícil, cidadezinha pequena e tal. Bati na porta dele e ele apareceu. Falei que não era mais para ele chegar perto da minha irmã, aí sabe o que o babaca fez?

— O quê? — sussurrei.

— Ele veio para cima de mim, estufando aquele peitinho. Disse que faria o que ele quisesse. — Cam soltou uma gargalhada rápida e sarcástica. — Aí eu não aguentei. Raiva nem é a palavra certa. Eu estava *colérico*. Bati nele e não parei. — Ele se virou, mas não estava olhando para mim. — Eu não parei de bater nele. Nem quando os pais dele apareceram e sua mãe começou a gritar. Precisou de dois policiais para me tirar de cima dele.

Meu Deus, eu não sabia o que dizer. Quando ele se sentou na cadeira do canto, eu não conseguia imaginá-lo batendo em alguém sem parar. Nem depois de tê-lo visto com raiva do cara na festa de Jase.

Cam esfregou o rosto novamente.

— Acabei indo para a cadeia e ele entrou em coma.

Fiquei boquiaberta, antes que pudesse controlar minha reação.

Ele desviou o olhar, baixando o queixo.

— Já briguei antes, coisa boba. Mas nada como aquilo. Os ossos da minha mão estavam todos abertos, mas eu nem sentia. — Ele balançou a cabeça. — Meu pai... fez a mágica dele. Era para eu ter ficado preso muito tempo, mas não. Acho que ajudou o fato do garoto ter acordado alguns dias depois.

A cada segundo, meus músculos foram travando, um após o outro.

— Eu me safei fácil, nem uma noite na cadeia. — Cam sorriu, mas sem emoção. — Mas não pude sair de casa por vários meses enquanto as coisas se resolviam. Acabei cumprindo um ano de serviço comunitário no clube de rapazes da região e mais um de terapia para controlar a raiva. É isso que faço toda sexta-feira. Minha última sessão será no outono. Minha família teve que pagar indenização, e nem queira saber quanto foi. Tive que parar de jogar futebol por causa do serviço comunitário, mas... como eu disse, eu me safei fácil dessa.

Ele tinha se safado facilmente.

Assim como Blaine tinha se safado facilmente.

Não. Eu tinha que parar bem ali. Eram duas situações completamente diferentes — Blaine era um estuprador e Cam tinha batido num cara que tinha batido na irmã dele. O que Cam havia feito era errado. Violência nunca pode ser a resposta para violência, mas o cara tinha machucado a irmã dele.

— Eu compreendo — respondi, e percebi que, mesmo a situação deles sendo parecida de certa forma, era muito diferente. E fiquei chocada comigo mesma. A velha “eu” só conseguiria pensar em como os dois se livraram, por quem eram, quem eram seus pais e quanto dinheiro tinham. Mas eu não era mais ela. E às vezes as pessoas boas fazem coisas ruins.

Ele virou a cabeça para mim.

— O quê?

— Eu entendo por que você fez o que fez.

Cam ficou de pé.

— Avery...

— Eu não sei o que isso diz a meu respeito, mas você estava defendendo sua irmã. Bater em alguém não é a solução, mas ela é sua irmã e... — E se eu tivesse um irmão que houvesse reagido daquele jeito depois do que acontecera comigo? Bem, ele teria se tornado meu herói, por mais terrível que fosse. — Existem algumas pessoas que merecem tomar uma surra.

Ele me encarou.

Descruzei as pernas.

— E, provavelmente, existem algumas pessoas que não merecem estar respirando. É uma coisa triste e doentia de se dizer, mas é a verdade. O cara poderia ter matado a sua irmã. Mas que diabos, ele poderia ter matado outra garota.

Cam continuou olhando para mim, como se um segundo nariz tivesse nascido no meu rosto.

— Eu mereço estar na cadeia, Avery. Quase matei o cara.

— Mas não matou.

Ele não disse nada.

— Deixe-me fazer uma pergunta. Você faria isso de novo?

Vários segundos se passaram e, então, ele disse:

— Eu ainda teria ido à casa dele e teria batido nele. Talvez não tanto quanto da outra vez, mas, de verdade, eu não acho que teria mudado nada. O filho da mãe bateu na minha irmã.

Respirei fundo e disse:

— Eu não culpo você.

—Você é...

Eu dei de ombros.

— Maluca?

— Não. — Um sorriso sincero quebrou a tensão no rosto dele. — Você é incrível.

— Eu não iria tão longe.

— É sério — disse ele, voltando ao sofá. Sentou-se ao meu lado.
— Achei que fosse ficar enojada ou com raiva, se soubesse.

Fiz que não com a cabeça.

Cam colou a testa na minha e pousou gentilmente as mãos no meu rosto. Seus olhos buscaram os meus.

— É bom tirar isso do peito. Não quero que existam segredos entre nós.

Sorri quando ele se curvou diante de mim, beijando o canto dos meus lábios, mas mal senti o toque. Cam se encostou e me puxou para seu peito. Eu me acomodei nele, mas uma frieza ainda tomava conta dos meus ossos. Ele havia dividido aquele segredo profundo comigo, mesmo temendo que eu o julgasse de alguma forma, e eu

me mantinha calada, guardando meus segredos perto do coração. Aquilo não era justo, e eu não conseguia tirar da cabeça que alguma hora isso se voltaria contra mim.

Como você consegue viver consigo mesma?

Cam beijou o topo da minha cabeça e eu preendi a respiração.

Não sei bem como conseguia.

CAPÍTULO

Eu não notara até então, mas havia um estresse que Cam carregava consigo; o peso de manter um segredo que ele achava que destruiria alguma coisa preciosa. Como eu não tinha reconhecido isso antes estava além da minha compreensão.

Mas agora estava tudo bem... quase tudo.

Parte de mim suspeitava que uma das razões pela qual ele, finalmente, havia me contado aquilo era porque não acreditava no que eu dissera sobre a mensagem. Talvez ele esperasse que, ao se abrir comigo, eu fizesse o mesmo.

Queria que esse fosse o caso, mas meu segredo destruiria o que eu mais prezava.

Nós.

Mas, já que era Dia dos Namorados, eu me recusei a pensar no assunto. Estávamos tendo o dia mais perfeito do mundo e não seria eu quem estragaria tudo.

Cam tinha aparecido na minha porta de manhã com uma única rosa vermelha, e mais uma depois de cada aula. Durante a tarde, tive seis aulas, ou seja, meia dúzia de rosas, que à noite se transformaram em duas dúzias quando ele chegou ao meu apartamento. Eu não sabia bem quais eram nossos planos, portanto fiquei aliviada ao vê-lo de calça jeans e moletom, nada muito chique. Estava tarde, passava das nove, já que o Dia dos Namorados caía numa sexta-feira, mas eu nem sabia se íamos sair.

Agradecendo-lhe pelas rosas, levei-as para a cozinha e as coloquei num vaso. Ele permaneceu na porta.

— O que está fazendo? — perguntei.

O sorriso dele estava malicioso.

— Fique bem aí e feche os olhos.

— Tenho que fechar os olhos?

— Tem.

Levantei uma sobrancelha ao tentar esconder minha empolgação crescente.

— Então, é uma surpresa?

— Claro que é. Feche os olhos.

Meus lábios tremeram.

— Suas surpresas são tão assustadoras quanto suas ideias.

— Minhas ideias e minhas surpresas são brilhantes.

— Lembra-se de quando achou que seria uma boa ideia...

— Feche os olhos, Avery. — Sorrindo, obedientemente fechei os olhos. Eu o ouvi se afastando e, depois de alguns momentos, voltou ao meu apartamento. — Não espie.

Não espiar era como pôr uma fatia de bolo na minha frente, com um garfo ao lado, e me dizer para não comer. Mudei o peso de perna.

— Cam...

— Só mais alguns segundos — disse ele, e ouvi alguma coisa pesada rolando lá dentro.

Mas que...? Mais que curiosa, estava sendo uma luta não abrir os olhos. Sinceramente, não tinha ideia do que ele estava inventando, e com Cam, tudo era possível.

A mão dele envolveu a minha.

— Mantenha os olhos fechados, está bem?

— Já estão fechados. — Deixei que ele me levasse da cozinha até a sala.

Cam soltou minha mão e deslizou o braço à minha volta, por trás de mim, encostando a bochecha na minha. Meses antes, eu teria odiado que qualquer um tivesse vindo por trás de mim, mas adorava quando ele fazia isso. O tato dos braços dele, a força de seu abraço, a intimidade por trás do gesto.

— Agora pode abrir os olhos. — Seus lábios roçaram meu rosto, gerando arrepios na minha pele. — Ou pode ficar aí com os olhos fechados. Eu gosto disso também.

Eu ri ao colocar as mãos sobre as dele, que estavam na minha barriga, e abri os olhos. Meu queixo foi ao chão.

— Meu Deus, Cam...

Diante de mim, em cima de um suporte, em um *terrário* gigantesco, completamente coberto de areia, rochas, folhas secas e um buraco de esconderijo, estava uma tartaruga quase do tamanho da minha mão.

Ele deu uma risadinha.

— Você gostou?

— Se gostei? — Embasbacada, mexi a cabeça, colocando as mãos sobre o vidro. O carinha lá dentro recolheu a cabeça. — Eu... eu amei.

— Que bom. — Ele ficou ao meu lado. — Achei que Raphael pudesse ter um amigo para brincar.

Eu ri novamente, piscando para disfarçar as lágrimas.

— Você não deveria ter feito isso tudo, Cam. Isso é... muito.

— Não é tanto assim, e todo mundo precisa de uma tartaruga de estimação. — Ele baixou a cabeça, beijando minha bochecha. — Feliz Dia dos Namorados.

Dando meia-volta, eu o abracei e o beijei como se não houvesse amanhã. Quando me afastei, seus olhos pareciam um oceano azul de fogo.

— Obrigada.

Ele me beijou de novo, suave e carinhosamente.

— De nada.

Deslizando meus braços à sua cintura, eu me encostei no peito dele.

— É menino ou menina?

— Para falar a verdade, eu não faço ideia. Em tese, daria para reconhecer pelo formato do casco, mas quem disse que eu sei?

Eu sorri.

— Bem, menino ou menina, vou chamá-la de Michelangelo.

Cam inclinou a cabeça para trás e riu.

— Perfeito.

— Só precisamos de mais duas agora.

— Verdade.

Sorri para ele, saindo de seus braços.

— Já volto.

Corri até meu quarto e peguei o cartão no qual prendera os ingressos. Quando voltei para a sala, Cam estava ajustando a luz de calor do terrário. Ele se virou com um leve sorriso nos lábios.

— Feliz Dia dos Namorados — eu disse, empurrando o cartão nas mãos dele. Minhas bochechas estavam pegando fogo. — Não é tão legal quanto o seu presente, mas espero que goste.

— Tenho certeza que vou gostar. — Com os lábios levantados de um lado, ele cuidadosamente abriu o envelope e tirou o cartão. Eu não tinha escrito muita coisa ali, porque não tinha noção do que escrever. Optei por uma mensagem curta e meu nome.

Prendi a respiração quando ele abriu o cartão. O meio sorriso se tornou um sorriso inteiro quando ele tomou os dois ingressos entre

os dedos. Olhou para mim por entre os cílios.

— Esse é um presente simplesmente maravilhoso, meu anjo.

— Sério? — Bati palmas de satisfação. — Torci para que gostasse. Digo, eu sei que não jogar futebol é um saco, e espero que ir ao jogo não o deixe triste, e você não precisa me levar...

Cam veio atrás da minha boca como um homem faminto. Não teve nada de lento nesse beijo; era um nível diferente de sedução.

— É claro que eu vou levar você. O presente é perfeito — disse ele, mordiscando meu lábio inferior de um jeito que liberou um calor dentro de mim, fazendo-me querê-lo ali mesmo. — Você é perfeita.

Uma voz insidiosa me invadiu. *Se ele soubesse o quanto estou longe de ser perfeita.* Afastei aquele pensamento, entregando-me ao beijo dele. Não era tão difícil assim. Não quando ele me sugava como se tivesse sido privado do ato por muito tempo.

Suas mãos desceram para os meus quadris e ele veio para cima de mim. Encostado na minha barriga, senti sua excitação. Cam era um... cara bem sexual, portanto não foi nenhuma surpresa que ficasse duro daquele jeito em tão pouco tempo, mas sempre me fascinava a intensidade com que ele me desejava e, mesmo assim, se segurava para não ultrapassar os limites que ele tanto queria.

Quando o toque dele ficou mais firme, envolvi seu pescoço com os braços. Parecíamos ter um acordo inconsciente, porque ele me levantou e eu o enlacei com as pernas. Gemi ao senti-lo apertado junto de mim, atenta à língua dele na minha.

Ele começou a caminhar e o sangue se agitou nas minhas veias. Eu sabia para onde ele estava indo, então, a excitação e o nervosismo se manifestaram em mim. Ele me deitou na cama e eu me inclinei para trás. Pausando só para dar tempo de tirar o suéter, ele apoiou as mãos dos lados da minha cabeça. O poder e a força de seus braços e corpo eram impressionantes, mas não amedrontadores.

Erguendo as mãos, passei os dedos sobre as chamas do sol no lado esquerdo de seu peito.

— Adoro essa tatuagem — admiti. — Por que você a fez?

Um meio sorriso apareceu.

— Quer mesmo saber?

— Quero.

— É bem idiota.

Eu segui o sol em volta de seu peitoral.

— Deixe que eu decida.

— Eu fiz depois da briga. — Cam mudou de posição, colocando os joelhos dele pelo lado de fora das minhas coxas, e deslizou as mãos por dentro da minha camiseta. Levantei os braços, ajudando-o a tirá-la. Não tenho ideia de onde ela foi parar. Ele a jogou para trás sem ver. — Eu fiquei meio detonado por um tempo. Não podia voltar para a faculdade, estava preso na minha casa e tinha feito aquilo comigo mesmo. Fiquei preocupado que pudesse haver algo de errado comigo, para ter agido como agi.

Minhas mãos ficaram de lado quando ele colocou uma das suas na minha barriga. As pontas de seus dedos chegaram ao fecho frontal do meu sutiã.

— Eu estava deprimido — admitiu. Seu cabelo caiu para a frente, descendo pela testa enquanto colocava a outra mão do lado da minha cabeça. — Estava irritado comigo mesmo, com o mundo e com toda essa merda. — Com outra pausa, passou a mão delicadamente pela minha barriga, para baixo e para cima, fazendo cócegas em mim. O sorriso sutil estava de volta. — Acho que tomei praticamente todas as bebidas que meu pai tinha em seu bar durante as duas semanas seguintes. Eu sabia que meus pais estavam preocupados, mas...

Cam se perdeu nas palavras ao baixar a cabeça, beijando o espaço entre os seios. Respirei profundamente e ele fez isso de

novo.

— Jase sempre vinha me visitar, assim como Ollie. Com certeza, eu teria ficado louco sem a ajuda deles. Posso? — Ele olhou para cima, cheio de desejo, com os dedos no fecho do meu sutiã.

Meu coração palpitou. Era a primeira vez que isso aconteceria. Com a boca seca, consenti.

— Obrigado — disse ele, e achei que era algo estranho por que se agradecer. Seu olhar baixou de novo e fiquei sem fôlego. Ele abriu o fecho delicado, mas não tirou a parte dos seios. — Foi uma coisa que Jase disse enquanto eu estava bêbado como um porco. Não sei por que, mas aquilo ficou na minha cabeça.

Inspirei com dificuldade quando ele passou um dedo pelo meio do meu peito.

— O que... o que ele disse?

Cam olhou para mim por entre os cílios.

— Ele disse algo do tipo que as coisas não podem ser assim tão ruins se o sol ainda estiver brilhando. Como eu disse, aquilo me afetou. Talvez porque fosse verdade. Contanto que o sol ainda brilhe, as merdas não podem ser tão ruins. Por isso que eu fiz essa tatuagem de sol. Meio que um lembrete.

— Não é idiota — eu disse.

— Hmm... — Ele levantou a beirada do meu sutiã e, gentilmente, empurrou-a para o lado e, depois, fez o mesmo movimento com o outro bojo. Um vento frio excitou meus mamilos já rijos. Eu estava completamente nua para ele, da cintura para cima. — Meu Deus, como você é linda, Avery.

Acho que agradei, mas não sei se as palavras foram coerentes. Ele acariciou meus seios e eu me curvei na cama ao mero contato com a pele dele. Cam disse alguma coisa com a voz baixa demais para eu entender, conforme roçou o polegar na ponta dos meus seios. Ao lado da minha cabeça, seu braço flexionou.

Nossos olhares se cruzaram, e a mão de Cam chegou ao botão da minha calça jeans. Havia uma dúvida nos olhos dele, e concordei, balançando a cabeça, querendo saber o que mais ele faria.

Ele tirou minha calça e depois minhas meias. Fez algum comentário sobre o desenho de crânios e ossos, mas foi difícil prestar atenção com tamanha palpitação em meu corpo. Ele então tirou por completo o sutiã e, quando me deixou só de calcinha, seu lento escrutínio do meu corpo foi como caminhar sob o forte calor de agosto no Texas.

Nossos lábios se tocaram quando ele se deitou de lado. Os beijos eram lentos e profundos conforme sua mão passeava pelo meu peito. O toque dele era provocante e experiente, enquanto os beijos percorriam meu queixo e desciam pelo pescoço. Fiquei tensa no mesmo segundo em que sua boca alcançou a ponta do meu seio. Ele já havia feito isso antes através do sutiã, mas nada se comparava com a sensação de não ter nada entre nós. Meu sangue se transformou em lava borbulhante e meus quadris moviam-se incessantemente em pequenos círculos. Quando ele sugou intensamente, sua outra mão desceu caminhando pela minha pele e, em seguida, deslizou por dentro da calcinha.

Os dedos dos meus pés se curvaram quando seu dedo alisou minha saliência. Sensações novas e fortes pulsaram em mim. Minha cabeça caiu para trás, ao mesmo tempo que ele foi lentamente descendo a cabeça, os dedos acariciando-me por inteiro.

Ele levantou a cabeça, com os olhos grudados nos meus, enquanto deslizou a ponta do dedo para dentro de mim. Perdi o ar e cravei os dedos em seus braços.

— Está bom? — perguntou ele, com a voz profunda e reconfortante, como um uísque envelhecido.

Inspirando, fiz que sim com a cabeça outra vez.

— Está.

Um sorriso íntimo e discreto cresceu em seus lábios ao pressionar um pouco mais. Meu corpo entrou em chamas conforme ele começou um ritmo, com os olhos fixos nos meus. Meu corpo inteiro tremia. O nó que se formava sempre que ele me tocava estava muito mais profundo e intenso.

— Você é tão apertada — ele murmurou, e depois seu beijo me consumiu.

Meus quadris estavam se movendo mais rápido e ele girou a palma da mão, pressionando meu ponto mais sensível. A sensação de seu peito nu esfregando no meu, sua mão na minha calcinha, seu dedo dentro de mim — tudo aquilo era demais. Agarrei a mão dele, minhas coxas se contraíram e nosso beijo foi interrompido, então chamei seu nome ao sentir o alívio trovejar pelo meu corpo.

Cam fez um som profundo, dando mordidinhas no meu pescoço.

— Amo o jeito que você diz meu nome.

Eu mal conseguia respirar, quanto mais falar, pois ele continuava a se mover dentro de mim, extraindo os últimos espasmos. Quando os tremores finalmente acalmaram, ele retirou a mão e eu fiquei zonha e corada. Eu queria oferecer mais do que vinha fazendo. Nervosa e excitada, empurrei o peito dele levemente com as mãos e ele se virou de costas. Respirando profundamente, subi por cima dele, com uma perna de cada lado, e, antes que eu perdesse a coragem, me encaminhei lá para baixo e desabotoei suas calças, arrancando-as.

Cam se retesou no instante em que o envolvi com os dedos e minha respiração quente soprou bem na ponta. Suas mãos, imediatamente, se contraíram no meu edredom.

— Puta merda — ele rosnou.

Sorri com a súplica em sua voz, então fechei a boca sobre ele. Seu corpo todo ficou tenso e suas costas se arquearam. Não sabia direito o que fazer quando as coisas chegavam a esse ponto, mas não era muito difícil usar a imaginação.

E não foi mesmo.

Cam fechou uma mão em volta da minha enquanto eu o tomava, e a outra mão pousou na minha nuca com uma pequena pressão, guiando meus movimentos pouco hábeis. Eu não estava envergonhada ou preocupada em fazer errado. Se o corpo e os gemidos profundos serviam de indicadores, eu estava acertando o suficiente para dar prazer a ele.

Ele me afastou antes que o alívio o percorresse, sentando-se um pouco e me beijando quando gozou. Amei o jeito que seu corpo tremeu, mas, acima de tudo, amei como me senti segura o bastante para fazer aquilo. Cansada, relaxei, deitando de costas junto com ele, seu peito subindo e descendo intensamente.

— Esse foi o melhor Dia dos Namorados de todos os tempos.

Uma risada profunda e gutural escapou de mim.

— Tenho que concordar.

A mão dele encontrou a minha entre nossos corpos e a apertou.

— Está com fome?

— Não — respondi, abafando um bocejo. — E você?

— Ainda não.

Eu perdera toda a noção da hora, mas me sentia tão mole que precisaria de um cataclismo para me tirar da cama. Ou chocolate. Uma coisa que eu tinha certeza era que não queria que ele saísse dali. Criei coragem para pedir o que eu queria.

— Fica comigo esta noite?

A mão de Cam passeou pelo meu ombro.

— Não precisa pedir duas vezes. — Ele beijou meu ombro. — Já volto.

Virei-me de lado quando ele saiu, puxando a coberta sobre mim. Ouvi água correndo no banheiro e, em seguida, ele voltou, deitando-se atrás de mim. Com os braços em volta da minha cintura e o

corpo inteiro pressionado contra o meu, sorri, já com sono, e pensei no sol.

Tudo estava perfeito.

CAPÍTULO

O sol brilhou em fevereiro e março. Passei metade das férias de primavera me divertindo com Cam e Ollie na minha casa e, depois, na última parte, na casa dos pais dele. Até conseguimos sair com Brit enquanto ela estava na casa dos pais.

Achei estranho que Brit não parecesse saber o que tinha acontecido entre Cam e o ex-namorado da irmã dele, mas não toquei no assunto. O que Cam me contou era uma coisa bem pessoal e, apesar da minha curiosidade sobre se ela sabia ou não, eu não violaria aquela confiança entre nós.

Principalmente sabendo das tantas oportunidades que tive para me abrir com ele. Era uma coisa que, não importava quantas vezes eu dissesse a mim mesma que faria, não conseguia fazer com que as palavras passassem pela minha língua. A ideia de me abrir com Cam me amedrontava. Não seria fácil e eu nem sabia por onde começar.

Em vez disso, sempre me policiava para não deixar o celular às vistas de Cam. Ainda recebia as mensagens e ligações, pelo menos duas vezes por semana, e evitava checar meu e-mail. Várias vezes durante os últimos dois meses, eu *quase* respondi à mensagem. Ou *quase* abri meu e-mail e respondi a uma das mensagens.

Assim como com Cam, eu preferia fingir que não estava acontecendo a ter que lidar com aquela história. Eu odiava aquela parte de mim, realmente detestava, porque ainda fugia em vez de encarar a verdade.

Quando o inverno foi perdendo força e o chão começou a descongelar, Cam estava decidindo se faria uma visita aos pais no feriado de meados de abril ou ficaria por aqui relaxando, enquanto

Jacob passava os almoços tentando convencer Brit a acompanhá-lo a algum tipo de aventura voluntária de jardinagem.

Brit mergulhou seu bolinho frito num molho de maionese. Ollie a observou, o rosto perfeito contorcido com nojo e choque. Ela não estava nem ligando.

— Não vou passar os últimos quatro dias do meu feriado do semestre plantando margaridas.

— Não são margaridas — suspirou Jacob. — É um jardim botânico de maravilhas e amor.

Cam estava sentado à mesa, ao meu lado. Pousou a cabeça no meu ombro, escondendo o riso. Eu preferi o velho método de cobrir a boca com a mão.

— Isso me parece estupidez. — Brit jogou a fritura coberta de maionese na boca, e Ollie soltou um gemido. — Vou passar os quatro dias sendo vegetariana.

— Você preferiria passar seu tempo sendo um pepino ou alegrando sua alma?

Os ombros de Cam começaram a tremer.

— Acho que prefiro ser um pedaço de brócolis — respondeu Brit.

Na nossa frente, Ollie finalmente tirou o olho de Brit e voltou-se para Jacob.

— Você está falando sério?

— Sim! — Ele bateu as mãos na mesa. — Por que não pintar o mundo com lindas flores de diferentes cores?

Olhei bem para ele e perguntei:

— Você está chapado?

Jacob pareceu ofendido... por dois segundos, talvez.

— Talvez um pouco.

Rindo, olhei para Brit.

— Você deveria ajudá-lo a montar seu jardim da felicidade.

Ela fez uma careta.

— Você pode ajudá-lo.

— Ah, não. — Cam levantou a cabeça e se aninhou em mim, colocando a mão na minha perna, pouco acima do joelho. — Ela é toda minha nesse fim de semana. Sem jardim de amor.

— A menos que ela esteja plantando no *seu* jardim de amor? — indagou Jacob.

Revirei os olhos.

— Que coisa linda.

— Parece que ela andou plantando algumas coisas ontem à noite. — Ollie afastou o copinho de maionese de Brit. — Ao menos, foi o que os barulhos de ontem à noite disseram.

Meu queixo foi ao chão.

— Que seja!

— Você colou o ouvido na parede do meu quarto? — Cam levantou um pouco a mão, e minhas bochechas, de repente, começaram a queimar por um motivo completamente diferente.

Ollie encolheu os ombros.

— O que mais eu podia fazer?

— Doido — disse Cam.

Os três deram início a uma discussão sobre vegetais, deixando a mim e Cam de fora daquela conversa bizarra, o que por mim estava ótimo. Eu não era muito fã de legumes e verduras.

— Tenho outra grande ideia. — Cam colocou o queixo no meu ombro, falando em voz baixa.

Virei só um pouco a cabeça para ele.

— Ai, caramba...

— Você vai adorar.

Senti o peito borbulhando e quis dizer que o amava, mas ali, sentada no restaurante, enquanto nossos amigos discutiam os prós e contras do aspargo, não me pareceu o melhor momento para dizer uma coisa dessas. Então fiquei com um:

— Qual é a ideia?

— Tire o resto do dia de folga e vamos sair juntos.

Aquela parecia uma ideia ótima.

— Tenho aula.

— Você tem aula de Arte. Isso não conta como aula de verdade.

— Como assim?

Ele levantou a cabeça, encostando os lábios ao lado da minha orelha.

— Você me disse que quase dormiu na aula segunda-feira.

— Quase — reiterei.

Cam, então, beijou o ponto embaixo da minha orelha, o que me deu um arrepio.

— Confie em mim. O que quero fazer é muito melhor do que arte.

Minha mente foi rapidamente para uma coisa. Sexo. Tipo, sexo mesmo, com penetração de verdade e tudo.

Ah, meu Deus, não acreditava que tinha acabado de pensar nisso. Será que existia alguma penetração falsa da qual não tinha conhecimento? Na verdade, mais ou menos. Tínhamos feito tudo, menos sexo. Nós tínhamos nos tocado, agarrado, ele tinha me chupado e eu o tinha chupado, mas sexo? O ato de fato ainda não tinha rolado, mas, da última vez, o que Ollie alegava ter ouvido, na verdade, é que a coisa parecia ter seguido nessa direção. Houve certo esforço nesse sentido.

Eu tinha entrado em pânico e, basicamente, chupado Cam. Não que ele tivesse reclamado, mas eu não podia continuar só nisso. Precisávamos levar nossa relação para o próximo nível. Além do mais, eu provavelmente era a única virgem de vinte anos no campus, e por quanto tempo mais Cam me esperaria? Estávamos juntos há quatro meses, e o tempo para os caras era como idade de cachorro: quatro meses representavam quatro anos.

A expectativa cresceu dentro de mim, mas, por trás da empolgação, uma inquietude se formou no meu peito como uma bola de neve.

Cam abraçou minha cintura, puxando-me da cadeira e me ajeitando em seu colo. As pessoas à nossa mesa, basicamente, nos ignoraram, mas aquelas das mesas em volta não tiravam os olhos.

Ele estava totalmente inabalado pela atenção atraída, tanto que tombou a cabeça para trás e riu abertamente.

— Então, o que me diz?

— Vocês dois são tão insanamente fofos que é até bonitinho — disse Jacob, interrompendo-nos. Olhamos para ele. — Se não faltar à aula de Arte e sair daqui com ele, vou dar um chute no seu traseiro.

— Então, como posso recusar?

Eu só esperava que, quando chegasse a hora de verdade, eu pudesse dizer sim.

* * *

Cam era realmente extraordinário.

E não sei como ele conseguia me surpreender constantemente sendo tão atencioso ou como era possível ser tão maravilhoso. Ou por que demorei tanto tempo para tirar a cabeça do meu umbigo e ver aquilo.

Quando saímos do campus, ele me encontrou perto do meu carro e quase me enfiou em sua caminhonete.

— O que você está fazendo?

— Você vai ver.

O meio sorriso dele me deixou no escuro. Só quando chegamos à interestadual e vi a placa que descobri para onde estávamos indo. Virei-me para ele e, em meio à empolgação, quase me sufoquei com o cinto de segurança.

Cam deu uma risada.

— Nós vamos para Washington, não vamos? — exclamei, praticamente pulando no banco.

Ele me olhou de esguelha.

— Talvez.

— E vamos ao Museu Smithsonian, certo?

— Possivelmente.

Girei o corpo para a frente e bati palmas.

— Por quê? — falei sem pensar. — Digo, eu sei que você não curte muito história, então, por quê?

— Por quê? — Ele riu novamente, mexendo em seu boné de beisebol. — Eu disse que iria com você ao Smithsonian e não consegui levá-la no seu aniversário, então, pensei: por que não hoje?

Por que não hoje? Essa era uma das coisas que eu mais amava em Cam. Sua habilidade de fazer coisas de supetão, sem pensamentos ou planejamentos por trás. Ele literalmente vivia o momento e nada o desanimava, nem mesmo a encrenca na qual se metera, porque tinha superado aquilo.

Principalmente porque eu sabia que ele tinha aceitado o que tinha feito e as consequências de seus atos. Deve ter levado algumas

semanas até que isso acontecesse, mas ele aprendeu a lidar com o fato.

Eu admirava isso nele.

Passamos o resto da tarde e a maior parte da noite de exposição em exposição. Cam parecia mais interessado em me tocar e roubar beijos do que no que estava à nossa frente, mas por mim estava tudo bem. Pensei nos casais que observara na última vez e percebi que eu havia me tornado um deles. Era tão normal, tão perfeito. Não havia nada de diferente entre nós e eles, e aquilo me dava um prazer tremendo.

Já era tarde quando chegamos em casa e, já que não haveria aulas na quinta-feira, tínhamos a noite toda. Quando voltamos da nossa viagem improvável, despejei um pouco dos petiscos fedidos de tartaruga numa tigela e a coloquei no terrário de Michelangelo.

Ao fechar a tampa do terrário, Cam veio por trás de mim, colocando as mãos no meu quadril. Ele me virou e eu o beijei logo em seguida.

— Obrigada por hoje — agradei, passando os braços em volta de seu pescoço. — Eu me diverti muito.

— Eu lhe disse que minha ideia era ótima.

— Normalmente, elas são mesmo.

— Puta merda. — Seus olhos se arregalaram de tanta surpresa.
— Você acabou de admitir isso?

Eu sorri.

— Talvez.

— Sim, sim... Você sempre soube que minhas ideias são dez.

— Numa escala de 1 a 100, certo?

— Ha. Ha. — Ele deslizou as mãos por mim até chegar às minhas costelas. — Quer saber? Tive outra ideia.

— Ela envolve ovos?

Cam soltou uma gargalhada e puxou meus quadris na direção dele.

— Não envolve ovos.

Eu tinha uma boa noção do que envolvia. Meu estômago foi ao chão.

— Não mesmo?

Ele balançou a cabeça.

— Mas envolve uma coisa igualmente saborosa.

Meu rosto pegou fogo conforme virei a cabeça de lado.

Seus lábios seguiram o movimento, acariciando minhas maçãs do rosto.

— E envolve você, eu, uma cama e muito pouca, ou nenhuma, roupa.

Senti arrepios na espinha.

— É mesmo?

— Sim. — Cam deslizou as mãos por dentro da minha calça, pousando os dedos no meu bumbum. Ele esfregou os lábios na minha testa. — O que acha?

Eu não estava pensando. Inclinei a cabeça para trás e Cam acatou o meu convite tácito. Seus lábios eram meus e suas mãos estavam sob minha blusa. Ele se afastou só o bastante para tirá-la e depois a dele. Lábios se fundiram, começamos a caminhar, nossos quadris trombaram no sofá e ele perdeu o equilíbrio. Caiu de costas, metade no sofá, metade fora dele. Risadas brotaram entre beijos e as mesmas risadas desapareceram quando nossas mãos ficaram mais entretidas. Com uma habilidade além da imaginada, Cam tirou minha calça enquanto eu subia nele. Depois, demonstrou um tipo completamente diferente de talento.

Suas mãos subiram, acomodando meus seios e encontrando meus mamilos cobertos por cetim. Minhas costas se curvaram ao

seu toque, então reprimi um gemido ao mesmo tempo que Cam fez aquele som sexy quando aproximou o quadril do meu. Um calor invadiu meu âmago quando uma mão deixou meu seio e acariciou a curva da minha barriga, entrando debaixo da minha calcinha. Ele me tocou, esfregando o polegar bem no lugar certo, fazendo-me dar um grito. O desejo — a necessidade de me perder em nada além daquela sensação, mesmo que por alguns momentos, tomou conta de mim. Minha pele estava pegando fogo quando transferi o peso do corpo para os joelhos e fui descendo, baixando o zíper de sua calça.

— Avery — gemeu Cam, mexendo o quadril em minha mão.

Ao ouvir meu nome nos lábios dele, uma tensão cresceu dentro de mim. Nossos corpos seguiam o mesmo ritmo, mas ainda separados. Então a tensão foi subindo e se espalhando. Tombei a cabeça para trás, mordendo o lábio. Uma felicidade tomou conta de mim.

Cam mudou de posição embaixo de mim e, subitamente, ficou de pé e eu me agarrei em seu pescoço como um macaquinho. Meu corpo ainda estava trêmulo quando toquei a cama. Envolvida naquele fervor, observei-o se despir. Completamente.

Meu Deus, ele era lindo.

Ele enroscou os dedos na minha calcinha e eu levantei os quadris de forma que ele pudesse puxá-la para baixo. Não era a primeira vez que ele havia me deixado nua, mas era a primeira vez que nós dois estávamos nus. Havia diferentes estágios de nudez, pelo que eu tinha aprendido nos últimos quatro meses. Esse era o estágio final. Senti um frio na barriga.

Cam veio por cima de mim, com os lábios trilhando um caminho pelo meu corpo. Meus dedos estavam em seu cabelo, quando ele voltou a ficar por cima, exigindo minha boca. Ele se acomodou sobre mim e eu o senti na minha coxa.

Meu coração palpitou e, depois, acelerou.

Um tremor percorreu o corpo dele, ou talvez fosse o meu gerando isso nele, porque achei que eu também estivesse tremendo. Não sabia se era de excitação ou de outra coisa. Minhas mãos encontraram o peito dele e lá as espalmei.

— Você quer isso? — ele perguntou, com a voz tensa, já que estava se reprimindo.

— Sim — respondi, e disse a mim mesma que queria. Eu queria isso. Queria cruzar essa linha final com Cam.

Seus olhos se encontraram com os meus por um momento e, em seguida, ele aproximou a cabeça, beijando-me e descendo o corpo sobre mim. Eu o senti lá, a pontinha dele escorregando em meio à minha umidade, e não sei o que aconteceu. Talvez tenha sido o peso dele sobre mim ou a sensação dele entre minhas pernas. Por um segundo amedrontador, eu não estava no meu quarto ou embaixo de Cam. Estava novamente no sofá, com o rosto apertado rudemente naquele tecido áspero. Um vento frio bateu na minha pele despida abaixo da cintura, seguido de uma mão grosseira e invasiva. Tentei evitar a memória e me concentrar no que realmente estava acontecendo, mas, quando ela se apoderou de mim, não consegui mais tirá-la da cabeça.

Todos os músculos do meu corpo se travaram e a insegurança de mais cedo voltou para se vingar. Foi como ser atingida por uma corrente do ártico. Fiquei fria por dentro e por fora. Um pânico me invadiu com garras poderosas e afiadas.

Virei a cabeça para o lado, interrompendo o beijo e empurrando seu peito.

— Não. Pare. Por favor, pare.

Cam congelou sobre mim, com o peito subindo e descendo intensamente.

— Avery? O que...?

— Saia de cima. — Minha pele estava arrepiada enquanto ainda sentia a pressão sobre meu peito. — Saia de cima. *Por favor.* Saia

de cima de mim.

Ele se afastou em um instante, então cruzei a cama, pegando o edredom e me enrolando nele. Fiquei de pé num pulo, andando para trás até acertar a cômoda. Potes e vasilhas de creme chacoalharam. O som delas caindo no chão me fez perder o controle. Meu coração disparou tanto que achei que ia vomitar.

— Meu Deus — sussurrei roucamente. Havia grandes chances de eu vomitar aquele *pretzel* que tínhamos dividido mais cedo.

A luz do corredor criava sombras estranhas em metade do rosto pálido de Cam. Seus olhos estavam grandes como a lua. Ele olhou para mim, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

— Eu machuquei você? Eu não...

— Não. Não! — Fechei os olhos com força. — Você não me machucou. Você nem mesmo... Eu não sei. Sinto muito... — Eu me interrompi, sem ideia do que dizer.

Cam respirou fundo várias vezes, apoiando as mãos na cama.

— Converse comigo, Avery. O que acabou de acontecer?

— Nada. — Minha voz falhou. — Nada aconteceu. Eu só achei...

— Você achou o quê?

Balancei a cabeça.

— Sei lá. Não é nada de mais...

— Não é nada de mais? — Ele arregalou muito os olhos. — Avery, você quase me matou de susto. Você entrou em pânico, como se eu estivesse machucando você ou... ou como se eu estivesse forçando você a isso.

Horrorizada, senti a barriga contraída.

— Você não estava me forçando, Cam. Eu gostei do que você estava fazendo.

Vários segundos depois, ele disse:

— Sabe que eu jamais a machucaria, certo?

— Eu sei. — Lágrimas ficaram engasgadas na minha garganta.

— E eu nunca a forçaria a fazer nada que não quisesse. — Ele falou lentamente cada uma das palavras. — Você entende isso, certo? Se não estiver pronta, por mim tudo bem, mas você precisa conversar comigo. Precisa me avisar antes de chegar a esse ponto.

Espremendo o edredom, acenei com a cabeça.

Houve outro período de silêncio e seu olhar me perfurou. Um certo nível de compreensão tomou conta de sua expressão e eu mordi o lábio. Queria saber o que ele estava pensando e, ao mesmo tempo, não queria.

— O que você não está me contando? — perguntou ele, como fez naquela noite no estacionamento.

Eu não consegui dizer nada.

Sua mandíbula se contraiu.

— O que aconteceu com você?

— Nada! — A palavra explodiu como uma bala de canhão. — Não há nada para contar, cacete. Deixa essa merda pra lá.

— Você está mentindo.

Pronto. Ele disse. Estava descobrindo.

Cam respirou profunda e longamente.

— Você está mentindo para mim. Alguma coisa aconteceu, porque aquilo? — Ele gesticulou para onde estávamos entrelaçados momentos antes. — Aquilo não se tratava de não estar pronta. Aquilo foi alguma outra coisa, porque você sabe, *você sabe*, eu esperaria por você, Avery. Eu juro, mas você tem que me contar o que está se passando na sua cabeça.

Meu peito doeu com aquelas palavras, mas não conseguia dizer nada.

— Estou implorando para você, Avery. Você tem que ser aberta e honesta comigo. Você disse que confiava em mim. Precisa provar isso, porque eu sei que tem mais coisa aí. Eu não sou idiota nem cego. Lembro de como você agiu quando nos conhecemos, e tenho certeza que me lembro do que você disse na noite em que ficou bêbada.

Meu Deus. O chão estava se movendo sob meus pés.

Ele não ia parar.

— E aquela mensagem que você recebeu? Vai me dizer que não tem nada a ver com isso? Se confiasse em mim, enfim me diria o que diabos está acontecendo com você.

— Eu confio em você. — As lágrimas chegaram aos meus olhos, embaçando a imagem dele.

Cam me observou por um segundo e, em seguida, ficou de pé, pegando a calça do chão. Ele a vestiu, levantando o zíper, mas sem abotoá-la. Olhou para mim com uma expressão tensa.

— Não sei mais o que fazer com você, Avery. Já contei coisas das quais não me orgulho. Coisas que quase ninguém nesse mundo sabe e, ainda assim, você esconde coisas de mim. Você esconde *tudo* de mim. Você não confia em mim.

— Não! Eu confio. — Comecei a me aproximar, mas parei quando vi seu rosto. — Confiaria minha vida a você.

— Mas não a verdade? Que mentira deslavada, Avery. Você não confia em mim. — Ele saiu andando até a sala.

Eu o segui, com as mãos tremendo.

— Cam...

— Pode parar. — Ele pegou o suéter dele do chão e olhou para mim. — Eu não sei mais o que fazer e sei que não sei de tudo nesse mundo, mas o que eu sei é que relacionamentos não funcionam dessa forma.

Meu peito foi tomado de medo.

— O que está dizendo?

— O que acha que eu estou dizendo, Avery? Você tem algumas questões óbvias a serem trabalhadas e não, não me olhe como se eu tivesse acabado de chutar seu cachorrinho. Você acha que eu terminaria por causa de alguma coisa que estivesse acontecendo com você? Assim como pensou que eu pensaria mal de você quando vi a cicatriz em seu punho? Sei que você acha isso, e é mentira. — Tristeza e raiva transbordavam de sua voz. — Como pode haver qualquer futuro para nós se você não consegue ser honesta comigo? Se não consegue realmente confiar que o que eu sinto por você é forte o bastante, então não temos nada. Esse é o tipo de merda que acaba com os relacionamentos. Não o passado, Avery, mas o *presente*.

Fiquei sem fôlego.

— Cam, por favor...

— Chega, Avery. Eu disse isso antes. Só o que pedi de você foi que confiasse em mim e não me deixasse de fora do seu mundo. — Ele se virou para a porta. — Você não confia em mim e está me deixando de fora de novo.

Então ele foi embora, batendo a porta do apartamento. Fui até o sofá antes que minhas pernas desabassem. Sentando-me, aproximei os joelhos do peito. Havia algo quebrado dentro de mim, no meu coração, e a dor era real demais.

Minha boca se abriu, mas nenhum som saiu.

Nada jamais saía.

CAPÍTULO

Fiquei na cama e dormi a maior parte da quinta e da sexta-feira. Uma sensação pesada e sufocante pairava sobre mim, como um cobertor muito pesado. Eu tinha ferrado com tudo. De vez. Esse era o mantra de autopiedade que repetia para mim mesma. Era a verdade e era só nisso que eu pensava.

Não era assim que tinha planejado passar o feriado de primavera.

Enterrando a cabeça no travesseiro, fiquei longe do telefone, porque, se verificasse e Cam não tivesse ligado, eu me sentiria ainda pior. Bobeira da minha parte, já que ele não ligaria.

E não havia dúvidas na minha cabeça de que eu *amava* Cam. Havia uma diferença entre estar apaixonada e amar alguém, e eu deixara aquilo escapar pelos meus dedos.

Cam chegara ao limite.

Ele tinha confiado em mim, e, de certa maneira, eu desprezara aquela confiança. Se ele soubesse de tudo, as coisas teriam acabado de outro modo entre nós quarta-feira à noite. Mas fiquei em silêncio, como ficara todos esses anos.

Em determinado momento, durante o sábado, a tristeza profunda e cortante deu lugar a outra coisa. Joguei longe o cobertor e fiquei de pé no meio do quarto, respirando com dificuldade. Girando, peguei um frasco de creme e o joguei pelo quarto. O creme bateu na porta do armário e, então, caiu no chão.

Não satisfeita, peguei outro frasco e o joguei com mais força. Aquele bateu na parede, quebrando o reboco. Lá se ia meu depósito de caução.

Eu não estava nem aí.

A raiva cresceu em mim como um vapor quente. Perdi a paciência, puxando o edredom e os lençóis da cama.

Então ataquei meu armário.

Eu odiava aqueles suéteres, blusas de gola alta, cardigãs e camisetas largas. Odiava tudo, mas, acima de tudo, eu me odiava por ter feito *isso*. Gritando, arranquei tudo de lá. Os cabides balançaram e caíram no chão. Lágrimas embaçavam meus olhos quando me virei, procurando mais alguma coisa para destruir, mas não havia mais nada lá. Nenhuma foto para lançar. Nenhuma pintura para arrancar da parede. Nada. Eu estava tão irritada — irritada comigo mesma.

Indo para o corredor, eu me encostei na parede, fechando os olhos. Respirando com intensidade, joguei a cabeça para trás e engoli um grito.

O silêncio estava me *matando*.

E foi só isso que sempre existiu. Silêncio. Era só o que eu conhecia. Ficar calada. Fingir que nada tinha acontecido, que nada estava errado. E olha só como tudo estava dando certo?

Deslizei pela parede e abri os olhos. Estavam tão secos como eu me sentia por dentro, frágil.

Quem eu poderia culpar por aquilo? Blaine? Os pais dele? Os meus? E isso importava? Em nenhum momento enfrentei meus pais e lhes disse o que pensava. Eu só me fechei e engoli — engoli até poder fugir.

O problema era que fugir não estava mais resolvendo. Nunca tinha resolvido nada, mas veja só quanto tempo levei para perceber isso? Cinco anos, quase seis? E quantos quilômetros? Milhares?

Então, como uma merda de um despertador, ouvi meu telefone tocando lá da sala.

Ficando de pé, caminhei até lá, com a cabeça latejando quando vi NÚMERO DESCONHECIDO na tela. Peguei o telefone e apertei o

botão para atender.

— Que foi? — eu disse, com a voz trêmula.

Nada. Mais silêncio.

— Que é que você quer de mim, porra? — exigi. — Que foi? Não tem nada para falar? Só tem me ligado e mandado mensagens há nove meses! Acho que deve ter uma tonelada de merda para dizer.

Mais uma pausa eterna do outro lado, e então:

— Não acredito que você atendeu.

Meus olhos se arregalaram. Puta merda, a voz era de uma garota. A pessoa que vinha me ligando e, muito provavelmente, me mandando e-mails era uma garota.

Uma garota.

Sei lá o que eu esperava, mas com certeza não era uma *garota*.

Só pude dizer duas palavras.

— Por quê?

— Por quê? — A garota tossiu uma risada seca. — Você não tem ideia de quem esteja falando, não é? Você nem leu um e-mail sequer que eu mandei? Nem um?

Ela estava me questionando?

— Bem, quando vi o teor de alguns deles, decidi não me torturar.

— Tenho mandado e-mails para você *desde* junho, tentando conversar com você. Não havia nada de errado com os primeiros e-mails que lhe mandei. Se tivesse lido algum deles, você teria visto. Então, novamente, por que eu deveria acreditar que você não tinha lido, já que, quando se trata de contar a verdade, sua fama não é lá muito boa?

Franzi a testa, sem acreditar no que estava ouvindo.

— *Quem é você?*

— Meu Deus, isso é inacreditável. Meu nome é Molly Simmons.
Meus olhos se arregalaram.

— Molly?

— Você parece ter reconhecido meu nome. Acho que leu os e-mails.

— Não... meu primo me contou sobre você. — Voltei a ficar de pé, tentando me controlar. — Eu não li os e-mails. Não estou mentindo.

— Bem, seria a primeira vez que diz a verdade, se esse for o caso — disse ela, e ouvi uma porta batendo.

Eu não sabia o que dizer. Completamente em choque... Eu estava absolutamente atônita.

— Sei lá... Meu Deus, sinto muito mesmo pelo que você...

— Não ouse pedir desculpas — ela me cortou, com a voz afiada como uma lâmina. — Sinto muito não significa porra nenhuma para mim.

Fiquei de queixo caído ao balançar a cabeça, o que era idiota, porque ela não podia me ver.

— Você é uma puta mentirosa. Por sua causa...

— Ei! Fala sério. Você está me chamando de puta? Você tem que entender o quanto isso é doentio. — Minha mão agarrou o telefone. — De verdade, cada mensagem nojenta que você me mandou é doentia. E eu nem entendo por que você está fazendo isso.

— Por quê? — A voz dela virou um grito. — Você está falando sério?

— Sim!

Havia uma respiração audível.

— Diga-me uma coisa. O que era verdade? O que você disse à polícia ou o que Blaine contou a todo mundo?

Respirei fundo, sem resposta.

— O que foi, Avery? Se for verdade, por que você retirou as acusações sabendo do que ele era capaz? Porque você tinha que saber que havia alguma coisa de errada com ele e que ele faria aquilo de novo.

Meus ombros se elevaram e eu sussurrei:

— Você não entende.

— Ah, eu entendo completamente. De qualquer forma, você é uma mentirosa. — A respiração de Molly estava forte no telefone. — Você sabe por que eu queria entrar em contato com você? Porque eu precisava conversar com alguém que tivesse passado pelo que eu passei, então pensei... — A voz dela se perdeu. — Não importa o que eu pensei ou por que fiz isso. Você nem se deu ao trabalho de ler um e-mail, uma merda de e-mail. O mínimo que podia fazer era me contar a verdade.

Fechei os olhos, pousando a testa na mão. Minha cabeça ainda estava girando com o que tinha acontecido com Cam, e agora isso. Cheguei a receber tantos e-mails de contas que não reconhecia. Muitos com meu nome ou o de Blaine como assunto. E não cheguei a abri-los porque não queria lidar com aquilo, mas nunca achei que pudesse ser ela.

Mas, então, isso teria mudado alguma coisa? Será que eu os teria aberto e entrado em contato com ela? Aspectos legais do acordo de confidencialidade à parte, será?

Eu estaria mentindo se dissesse que sim.

— Você está aí? — perguntou Molly.

— Estou. — Pigarreei, levantando a cabeça. A bola no meu peito se abriu. — Eu não menti.

— Então era verdade? — A voz dela parecia mais próxima do telefone. — E você retirou as acusações.

Meu corpo ficou tenso como uma corda enrolada.

— Sim, mas você...

— Por que você fez uma coisa dessas? — A voz dela era impassível. — Como pôde? Como pôde permanecer em silêncio esse tempo todo?

— Eu...

— Você é uma covarde. Você se apegava ao silêncio porque é uma covarde! Você ainda é a mesma garotinha de quatorze anos, amedrontada, fingindo ter superado aquilo anos depois! — ela gritou, e meu ouvido doeu. — Isso aconteceu comigo porque você não contou a verdade. Você pode dizer o que quiser a si mesma, mas essa é a verdade. E nós duas sabemos.

Molly desligou na minha cara.

Fiquei ali sentada, olhando para o telefone. A raiva ainda fervilhava dentro de mim, mas parte do que ela havia dito tinha penetrado aquela neblina, pois fazia sentido.

Você se apegava ao silêncio porque é uma covarde! Você ainda é a mesma garotinha de quatorze anos, amedrontada, fingindo ter superado aquilo anos depois!

Ela estava certa.

Meu Deus, ela estava muito certa. Todos esses anos e eu nunca havia dito as palavras desde aquela noite. Eu tinha medo demais de contar isso a alguém, até mesmo para Cam. E fora por isso que ele tinha ido embora, porque também estava certo. Eu não tinha me libertado do passado e não haveria futuro a menos que eu fizesse isso. Tudo o que vinha fazendo esse tempo todo era fingir — fingir estar bem, estar completamente feliz, ser uma sobrevivente.

E eu não era uma sobrevivente. Por muitos anos, não fui nada além de uma vítima largada no meio-fio.

Molly não conhecia a história inteira. Provavelmente, não mudaria de opinião se soubesse, mas *sobreviver* e ser uma *sobrevivente* eram duas coisas diferentes. Foi exatamente isso que eu vim fazendo esse tempo todo. Apenas sobrevivendo, esperando o dia

em que as ações de Blaine não fossem estragar tudo o que era bom na minha vida.

Baixei a cabeça nas mãos. Lágrimas encheram meus olhos.

Em vez disso, havia coisas que poderia ter feito de forma diferente. Não podia mudar o que tinha acontecido comigo, mas poderia ter mudado a maneira de reagir, principalmente agora, quando estava tão longe daqueles que haviam bloqueado qualquer tentativa de superar isso. Mas, para ser sincera, era muito mais que isso. Sempre fora maior que Blaine. Tinha a ver com os meus pais — tinha a ver comigo.

A única maneira de verdadeiramente seguir adiante era confrontando o que havia acontecido, fazendo uma coisa pela qual eu já havia sido punida.

Não era o passado que estava se impondo entre nós.

Era o presente.

Cam estava certo.

De repente, levantei-me de uma só vez. Comecei a me mexer antes mesmo de saber o que estava fazendo. Foi quando parei na frente da porta do apartamento de Cam que meu coração subiu à garganta. Provavelmente, já devia ser tarde demais para nós, mas se eu contasse a ele — se pudesse me explicar —, então já seria um começo. De qualquer forma, eu devia isso a Cam.

Devia isso a mim mesma.

Bati na porta e ouvi passos segundos depois. A porta se abriu, revelando Cam. Os olhos dele imediatamente se fecharam e sua boca se abriu, e eu sabia que ele ia me pedir para ir embora.

— Podemos conversar? — perguntei, com a voz forçada. — Por favor, Cam. Não vou tomar muito do seu tempo. Eu só...

Os olhos de Cam se abriram e ficaram fixos em mim.

— Você está bem, Avery?

— Sim. Não. Não sei. — Parte de mim queria dar a volta e entrar no meu apartamento, mas me recusei a sair correndo. Nunca mais.
— Eu só preciso conversar com você.

Respirando fundo, ele deu um passo para o lado.

— Ollie não está aqui.

Aliviada por ele não ter fechado a porta na minha cara, eu o segui até a sala. Cam pegou o controle remoto, colocou a televisão no mudo e se sentou no sofá.

— O que está acontecendo, Avery? — perguntou, e seu tom sugeria que não esperava ouvir a verdade de mim, o que me magoou.

Magoou porque ele não tinha motivo algum para esperar que eu fosse honesta sobre qualquer coisa.

Sentei na beirada da poltrona reclinável, sem saber exatamente por onde começar.

— Tudo. — E aquilo foi tudo o que consegui dizer no início. — Tudo.

Cam se aproximou, virou a aba do boné para trás. Um hábito adorável que dizia que ele estava prestando atenção.

— Avery, o que está havendo?

— Eu não fui sincera com você e sinto muito. — Meu lábio inferior começou a tremer e sabia que estava a segundos de perder o controle. — Sinto muito, e você provavelmente não tem tempo para...

— Eu tenho tempo para você, Avery. — Ele olhou para mim com firmeza. — Se você quer falar comigo, eu estou aqui. Sempre estive aqui. E sou todo ouvidos.

Quando ele olhou para mim, a vontade de sair correndo veio à tona. Instinto. Fugir. Não lidar com isso. Mas Cam continuou olhando para mim e alguma coisa se abriu dentro de mim. Não era fácil, mas as palavras estavam chegando. Eu não ia fugir.

Uma tranquilidade se instalou em mim, então, depois que inspirei, expirei lentamente.

— Quando eu tinha quatorze anos, fui a uma festa de Halloween — eu me ouvi dizendo, sentindo como se estivesse num túnel. — Eu estava lá com meus amigos. Estávamos todos fantasiados e havia um cara lá. Era a casa dele e... e ele era três anos mais velho que eu e meus amigos, além do meu primo.

Respirei fundo mais uma vez, meu olhar baixou para as mãos.

— Ele era muito popular. E eu também. — Uma risada seca, sem emoção, saiu de mim. — Isso pode não parecer importante, mas foi. Eu nunca achei que alguém como ele pudesse fazer... pudesse ser como ele era. E talvez isso tenha sido estúpido da minha parte, como uma falha fatal ou coisa parecida. Sei lá. — Mexi levemente a cabeça e ergui o olhar. — Eu estava conversando com ele e bebendo, mas não estava bêbada. Juro a você, não estava bêbada.

— Eu acredito em você, Avery. — Cam fechou brevemente os olhos, apoiando o queixo nos dedos. — O que aconteceu?

— Estávamos nos paquerando e estava divertido. Você sabe, eu não pensava em nada dessas coisas. Ele era um cara legal e bem bonito. Num determinado momento, ele me colocou no colo e alguém tirou uma foto. Só estávamos nos divertindo. — Eu ri de novo, e novamente com um som ácido. — Quando ele levantou e me puxou para um dos quartos de visita vazios que ficavam no andar inferior, eu não pensei que fosse nada de mais. Sentamos no sofá e conversamos mais algum tempo. Então ele pôs os braços em volta de mim. — Esfreguei as mãos continuamente, na esperança de aliviar os nós formados no meu estômago. — No início, eu não me importei, mas ele começou a fazer coisas que eu não queria. Falei para ele parar e ele riu de mim. Comecei a chorar e tentei fugir dele, mas ele era mais forte que eu, e assim que ele me colocou de barriga para baixo, eu não consegui fazer mais nada além de gritar para ele parar.

Cam ficou totalmente imóvel. O único sinal de que estava respirando era o músculo pulsante em sua mandíbula.

— E ele parou?

— Não — respondi num sussurro. — Ele não parou, não importava o que eu fizesse.

Um instante passou e Cam ficou tenso. Ele parecia querer ficar de pé, mas mudava de ideia.

— Ele estuprou você?

Fechando os olhos, concordei, balançando a cabeça. Falar sobre o assunto era quase como sentir as mãos de Blaine de novo.

— Ainda sou virgem. — Eu me forcei a abrir os olhos. — Ele não me tocou lá. Não foi assim que ele... me estuprou.

Cam olhou para mim e, imediatamente, vi que ele havia entendido. A compreensão iluminou seus olhos. As mãos se fecharam nas coxas. O músculo da mandíbula acelerou.

— Filho da puta — ele disse, com os lábios tensos. — Você tinha *quatorze* anos e ele fez *isso* com você?

— Foi. — Os nós na minha barriga cresceram.

Outro momento de silêncio e Cam enfiou as mãos nos cabelos.

— Merda. Avery. Eu suspeitava de alguma coisa. Achei que algo do tipo pudesse ter acontecido com você.

Abracei meu corpo.

— Achou?

Ele concordou.

— Era a maneira como você agia de vez em quando. Como você ficava assustada, mas eu tinha a esperança de que não tivesse ido tão longe. E, quando você me contou que ainda era virgem, achei que esse podia ter sido o caso.

Aquela era uma suposição compreensível.

— Avery, sinto muito, muito mesmo. Você nunca deveria ter passado por esse tipo de coisa, principalmente com essa idade... — A mandíbula travou e ele pareceu que ia levantar outra vez, mas parou. — Por favor, me diga que esse filho da puta está na cadeia.

— Agora está. — Eu me concentrei na televisão muda. — É uma longa história.

— Eu tenho tempo. — Quando não disse nada, ele falou novamente, porém com a voz tensa. — O que mais, Avery? Por favor, fale comigo, pois estou a segundos de reservar um voo para o Texas e matar esse filho da puta.

Inclinei-me para trás, puxando os joelhos contra o peito. Sabendo que devia tudo a ele, respirei fundo de novo.

— Depois que parou, acho mesmo que ele não tinha noção do que havia feito de errado. Ele apenas me deixou lá no sofá e, quando consegui levantar, eu sabia que precisava falar com alguém. Eu sabia que precisava ir a um hospital. Eu estava com tanta... — Fechei os olhos, quase chorando, quando um arrepio se espalhou por mim. Os minutos depois de Blaine foram tão horrendos quanto durante o ataque. — Eu não conseguia achar meus amigos, mas encontrei minha bolsa, e acabei saindo da casa; continuei andando até lembrar que eu tinha um telefone. Liguei para a emergência.

Incapaz de continuar sentada, coloquei os pés no chão e me levantei.

— Acabei parando no hospital e eles fizeram um exame. A polícia apareceu e eu contei o que tinha acontecido, e era verdade.

— Claro que era verdade — disse ele, acompanhando-me com o olhar.

— Quando a polícia deixou o hospital, a festa tinha acabado, mas Blaine estava na casa dele. Eles o prenderam e o levaram. Fui para casa e faltei às aulas nos dois dias seguintes, mas todos descobriram que ele tinha sido preso pelo que fizera. — Parei na frente da televisão. — Então os pais dele apareceram.

— O que quer dizer?

Comecei a andar de um lado para o outro de novo.

— Meus pais e os dele eram, ou são, amiguinhos do country clube. A única coisa com que eles sempre se preocuparam foi com sua imagem. Minha mãe e meu pai têm mais dinheiro do que jamais poderiam querer, mas... — Senti a garganta apertada e a visão embaçada. — Os Fitzgeralds ofereceram aos meus pais um acordo. Que, se eu retirasse as acusações e permanecesse em silêncio sobre o que tinha acontecido, eles pagariam para mim e para eles uma soma absurda em dinheiro.

As narinas de Cam pareciam soltar fogo.

— E seus pais mandaram eles se foderem, certo?

Eu ri, mas saiu quase como um soluço.

— Eles mostraram aos meus pais a foto que foi tirada de Blaine comigo na festa e disseram que, se aquilo fosse a julgamento, ninguém acreditaria na garota com “a fantasia de piranha sentada no colo dele”. E meus pais não queriam ter que lidar com o escândalo. Eles preferiam que as coisas voltassem a ser como antes, então, concordaram.

— Puta merda — sussurrou Cam.

— Aconteceu tudo tão rápido. Eu não acreditava no que meus pais estavam me mandando fazer. Eles não conversaram direito comigo sobre isso antes, mas eles... eles ficaram muito preocupados com o que todos pensariam se a coisa toda fosse a público (as fotos e o fato de que eu *tinha* bebido). Eu estava tão assustada e confusa e, sabe, nem sei se eles acreditaram em mim.

— Puxei o cabelo para trás, odiando o que eu estava prestes a admitir. — Então eu assinei o acordo.

Cam não disse nada.

— Concordei em receber o dinheiro, metade do qual foi para minha conta, para que, quando eu fizesse dezoito anos, tivesse

acesso a ele, e concordei em retirar as acusações e nunca mais falar sobre o assunto. — Baixei as mãos de lado. — Isso faz de mim uma pessoa terrível, não é?

— O quê? — As sobrancelhas de Cam foram até o teto. — Você não é uma pessoa terrível, Avery. Caramba, você tinha quatorze anos e seus pais deveriam ter mandado eles à merda. Se tem alguém a ser culpado nessa história, tirando o filho da mãe que fez isso com você, são eles. Você não tem nenhuma culpa nisso.

Concordei, meneando lentamente a cabeça ao me sentar na poltrona.

— Em questão de dias, todos na escola se viraram contra mim. Aparentemente, não havia nada no acordo sobre Blaine manter a boca fechada. Ele contou às pessoas que eu tinha mentido. Que eu tinha feito todas aquelas coisas com ele por vontade e, então, o acusado falsamente. Todos acreditaram nele. Por que não? Eu tinha retirado as acusações. Não falaria sobre o assunto. A escola foi... foi terrível depois daquilo. Perdi todos os meus amigos.

Cam esfregou as mãos na mandíbula.

— Foi por isso que parou de dançar?

— Sim — sussurrei. — Eu não conseguia suportar as pessoas olhando para mim e sussurrando sobre o que tinham ouvido ou falando abertamente sobre o assunto bem na minha frente. Aí eu fiz isso... — Levantei meu braço esquerdo. — Minha mãe ficou uma fera.

Ele olhou para mim como se não compreendesse a última parte.

— Ela ficou uma fera porque você... — Parando de falar, ele balançou a cabeça. — Não é à toa que você nunca vai para casa visitá-los.

— Foi por isso que eu escolhi aqui, sabe. Era longe o bastante para fugir de tudo aquilo. Achei que fosse disso que eu precisava: ficar distante de tudo.

— Aquela mensagem que eu vi? Foi alguém que sabia sobre o que tinha acontecido?

Concordei novamente.

— Quem quer que tenha dito que não dá para fugir do passado sabia do que estava falando.

A tensão no rosto de Cam só aumentava.

— O que mais aconteceu, Avery? Você disse que esse *Blaine* — ele praticamente cuspiu o nome — estava na cadeia? Mas quem tem mandado mensagens para você?

Curvando-me à frente, apoiei a testa nas mãos abertas. Meu cabelo deslizou para a frente, cobrindo o rosto.

— Tenho recebido essas mensagens desde agosto. Achei que fosse algum idiota, então ignorei. E meu primo vinha tentando entrar em contato comigo, mas eu o ignorava também, porque... bem, por razões óbvias. Finalmente, conversei com meu primo no feriado de inverno passado, na noite em que fui ao seu apartamento.

— Na noite da luta?

— Isso — respondi. — Ele estava tentando entrar em contato comigo para me contar que Blaine tinha sido preso por ter feito o mesmo com outra garota no começo do verão. Meu primo, na verdade, pediu desculpas. Aquilo foi muito importante para mim, mas... eu não sabia que essa garota estava tentando me contatar esse tempo todo. — Respirando fundo, contei-lhe o que tinha se desenrolado com Molly.

Quando terminei, Cam balançou a cabeça.

— O que aconteceu com ela é terrível e fico feliz que esse desgraçado esteja indo para a cadeia. Melhor ainda, ele deveria ser castrado, mas o que aconteceu com ela não é culpa sua, meu anjo. Você não o obrigou a fazer aquilo com ela.

— Mas, como não contei nada a ninguém, permiti que ele fizesse isso de novo.

— Não. — Cam ficou de pé, com os olhos em chamas. — Não diga essa merda para si mesma. Ninguém sabe o que teria acontecido com você, se não tivesse retirado as acusações. Você tinha quatorze anos, Avery. Você fez o melhor que pôde naquela situação. Você *sobreviveu*.

Nesse momento, levantei a cabeça.

— Mas é isso, sabe? Só o que fiz foi sobreviver. Eu não vivi. Olha só o que eu fiz conosco. E sim, eu fiz isso! Eu o afastei *de novo*.

A expressão dele suavizou.

— Mas agora você está me contando.

— Deixei o que aconteceu comigo há cinco anos me afetar! Quando quase transamos? Eu não estava com medo de você nem de sentir dor. Não foi isso. Estava com medo de que, uma vez começado, aquilo que Blaine tinha feito me arruinasse ou que eu arruinasse tudo por conta própria. Sou uma covarde, *fui* uma covarde. — Ficando de pé, cruzei os braços na altura da cintura. — Mas já é tarde demais, não é? Eu deveria ter sido honesta com você há meses, assim você saberia no que estava se metendo, e eu sinto muito por não ter sido.

— Avery...

Minha garganta queimava ao sentir as lágrimas inundando meus olhos.

— Sinto muito, Cam. Eu sei que contar isso a você agora não muda nada, mas eu precisava lhe dizer que você não tinha feito nada de errado. Você é perfeito, *perfeito* para mim, e eu amo você. — Minha voz falhou novamente. — E eu sei que você não consegue me olhar do mesmo jeito agora. Eu entendo.

Os braços de Cam caíram de lado. Ele olhou para mim perplexo.

— Avery — disse, com a voz suave, subitamente se aproximando de mim e pousando as mãos nas minhas bochechas. — O que você disse?

— Que você não consegue me olhar do mesmo jeito?

— Não isso. Antes disso.

Eu funguei.

— Que amo você?

— Você me ama? — Os olhos dele procuraram os meus.

— Sim, mas...

— Pare. — Ele balançou a cabeça. — Você acha que eu vejo você de forma diferente? Eu já disse que sempre suspeitei que alguma coisa tivesse acontecido...

— Mas tinha a esperança de que não fosse isso! — Tentei me afastar, mas as mãos de Cam baixaram para os meus braços, impedindo que fugisse. — Você olhou antes para mim com *esperança* e você não a tem mais.

— É isso mesmo que você acha? É isso que a tem impedido esse tempo todo de me contar isso?

— Todo mundo olha para mim de forma diferente depois que descobre.

— Eu não sou todo mundo, Avery! Não para você, não com você. — Nossos olhares se encontraram. — Você acha que eu ainda não tenho esperança? Esperança de que você, enfim, supere isso? Que isso não vá atormentá-la por mais cinco anos?

Eu não sabia o que dizer, mas meu coração estava acelerado quando ele tocou minhas mãos. Ele as colocou no próprio peito, logo acima do coração.

— Eu tenho esperança — disse ele, sem tirar os olhos de mim. — Tenho esperança porque amo você, já amava você, Avery. Provavelmente, antes mesmo de eu me dar conta.

— Você me amava?

Cam tocou a testa dele na minha e seu peito subiu intensamente sob minhas mãos.

— Eu amo você.

Meu coração perdeu o compasso.

— Você me *ama*?

— Sim, meu anjo.

Havia uma força naquelas palavras, mas havia um poder na verdade. Alguma coisa se abriu dentro de mim, como a fundação de uma grande e pesada muralha que, finalmente, cedeu diante de tamanho peso. Uma tempestade de emoções revirou-se dentro de mim, buscando uma saída. Eu não podia impedir. Nem sequer tentei. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, tão rápido que não pude ver o rosto de Cam através delas.

Um som vibrou na sua garganta e ele me puxou para perto do peito, abraçando-me com força. Ele me segurou, sussurrando palavras reconfortantes e sem sentido. Em determinado momento, ele me levantou nos braços e me carregou para o quarto dele. Deitou-me em sua cama e veio do meu lado, acomodando-me em seu peito. Quando as lágrimas vieram, elas não pararam. Era um choro do tipo cheio de soluços, daqueles em que não se pode falar ou respirar. Também havia algo de renovador naquelas lágrimas, como se cada gota que caísse, de certa forma, simbolizasse que eu finalmente estava me libertando.

Chorei por Molly e por tudo o que ela tivera de passar. Chorei por Cam e por tudo que o fiz passar. Chorei, porque, no fim, ele ainda me amava. Acima de tudo, chorei por tudo que eu tinha perdido e por tudo que sabia que poderia ganhar agora.

CAPÍTULO

Deitado na cama, ao meu lado, Cam estendeu a mão e pegou uma mecha do meu cabelo. Ele enrolou um cacho castanho-avermelhado em torno dos dedos e, então, jogou-o no meu nariz.

— Então, como é, finalmente, ser uma veterana na faculdade?

Peguei a mão dele e desenrolei meu cabelo, sorrindo.

— Não sou oficialmente uma veterana. Não até as aulas voltarem depois do outono.

— Eu já a considero uma veterana. — Ele pegou de novo meu cabelo, dessa vez fazendo desenhos com ele no meu rosto. — O que eu disser, está valendo.

— Então como é, finalmente, estar no último ano? Ano que vem é seu último ano.

— Maravilhoso — respondeu, traçando meu lábio inferior com as pontas do meu cabelo. — É incrível.

Aproximando-me dele, enrosquei os dedos na gola de sua camiseta.

— É muito bom ser uma veterana.

— Seria melhor se não se inscrevesse em cursos de verão.

— Verdade. — Eu estava tendo aulas de Biologia no verão para me livrar logo disso. E daria certo. Cam estava auxiliando um time de futebol infantil, portanto ele ficaria aqui na maior parte do tempo. Mas eu ia sentir falta de Brit e Jacob. Eles já tinham voltado para casa.

Com um sorriso leve, tratei de chegar mais perto ainda. Cam abriu os braços e apoiei a cabeça neles, passando um braço e uma perna sobre ele.

— Perto o bastante? — perguntou ele.

— Não.

Ele riu enquanto seus dedos subiam e desciam pela minha coluna. Meu corpo relaxou diante daquele carinho suave. Seus lábios roçaram minha testa e ele sorriu.

As coisas estavam diferentes entre nós desde que lhe contara a verdade. Tinha sido difícil e esquisito logo em seguida. Embora Cam não admitisse, ele não sabia direito como proceder com o nosso namoro. Tipo, o que deveria dizer ou fazer, e nenhuma mudança milagrosa aconteceu da noite para o dia. Três semanas se passaram antes de qualquer coisa sexual acontecer entre nós. Não que ele não quisesse, mas eu sabia que não queria me pressionar. Precisei assumir as rédeas e, basicamente, atacá-lo para que a mensagem fosse transmitida. É claro, não tínhamos feito sexo, ainda, mas a primeira vez que ficamos íntimos novamente, depois de eu me abrir com ele, reconquistou qualquer terreno que tivéssemos perdido nesse aspecto.

De uma maneira quase imperceptível, ele me olhava de forma diferente, mas não era como eu temia. Agora ele sabia a história inteira e isso nos fez mudar.

Para melhor.

Eu era mais como eu mesma, como costumava ser *antes*. Até fui a uma festa na casa de Jase no fim de semana anterior. Houve momentos de inquietude lá, mas Cam esteve ao meu lado para me ajudar, em vez de eu ter que lidar com aquilo sozinha. Dancei com Cam.

Ele gostou muito.

Não havia mais segredos entre nós e tínhamos o verão inteiro à nossa frente para explorar, mas havia coisas na minha cabeça.

Resolver questões problemáticas com Cam tinha sido importante e um grande passo necessário, mas ainda havia coisas que eu precisava encarar, das quais ainda precisava cuidar, e não era pouca coisa.

Rolando para cima de Cam, montei nele.

— Oi.

Os olhos dele assumiram aquela sensualidade de sempre ao colocar as mãos na minha cintura.

— Olá.

— Então, tenho pensado sobre uma coisa.

— Ah, meu Deus.

— Cala a boca. — Eu ri e baixeí a cabeça, beijando seus lábios.

— Na verdade, tenho pensado muito. Tem uma coisa que eu queria fazer.

— O quê? — As mãos dele deslizaram sobre meu short e pousaram nas minhas coxas.

Mordi meu lábio.

— Quero ir para casa.

As sobrancelhas de Cam se levantaram de susto.

— Quer ir para o Texas?

— Quero.

— Por quanto tempo?

Apoiando as mãos na barriga dele, eu me sentei. Um traço de tensão ricocheteou no rosto dele quando me curvei sobre ele. Parte disso, fiz de propósito.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil. Só por um ou dois dias.

Seus dedos me apertaram com mais força.

— Poxa vida. Lá se vai meu plano malévolo de passar o verão como um solteirão tarado.

Revirei os olhos.

— O que quer fazer se for para lá? — ele perguntou, acariciando minhas coxas.

— Quero ver meus pais — admiti. — Preciso falar com eles.

— Sobre o que aconteceu?

— Nunca mais conversei com eles sobre o que aconteceu desde aquela noite. — Dei uma batidinha no peito dele. — Eu preciso falar com eles. Sei que parece uma bobagem, mas preciso dizer para eles que o que eles fizeram foi errado.

Cam soltou minhas coxas e colocou as mãos sobre as minhas.

— Não parece uma bobagem, mas acha que é sensato? Digo, você acha que vai ajudar e não...

— Me magoar? — Eu sorri suavemente. — Não há nada que meus pais possam fazer para me magoar mais, mas eu sinto que preciso confrontá-los. Isso me torna uma pessoa ruim?

— Não.

— Preciso fazer isso. — Respirei fundo. — Também preciso conversar com Molly.

— Como é?

— Preciso conversar com ela e tentar explicar por que fiz o que fiz. Sei que é arriscado, e se isso se voltar contra mim por conta do contrato de confidencialidade, então que seja, mas, se conseguir fazê-la entender só um pouco, então talvez a ajude e a faça parar de me contatar. — E essa, sim, seria uma bela mudança. Desde que conversamos, ela continuava me mandando mensagens. Mais esporádicas, então acho que foi uma melhora, mas eu queria que aquilo acabasse.

Queria superar por completo.

Os olhos de Cam se encontraram com os meus.

— Não sei quanto a isso. A garota não me parece a pessoa mais estável do mundo.

— Ela não é maluca. Ela só está brava e com razão.

— E você não é o motivo pelo qual isso aconteceu com ela. Você sabe disso, certo? Você não é responsável.

Não disse nada, porque não tinha tanta certeza sobre isso. Se eu não tivesse retirado as acusações, Blaine não teria se livrado das consequências de seu ato, o que, talvez, fosse o bastante para impedi-lo de fazer aquilo novamente. Ou não. Isso sempre será um grande mistério.

— Preciso fazer isso por mim mesma e por Molly — eu finalmente disse. Não ia ser nada divertido. — Não quero mais fugir, Cam. E eu sei que nunca vou conseguir esquecer o que aconteceu. Isso, bem... isso fará parte de mim para sempre, mas não será eu. Não mais.

Cam ficou em silêncio por um instante.

— Sabe o que eu acho?

— Que eu sou o máximo?

— Além disso.

— O quê?

— Acho que você já conseguiu isso, Avery. Acho que você já aceitou que isso fará parte de você, mas que não é você. Você só não se deu conta disso ainda. — As mãos dele subiram para meus quadris. — Mas, se quiser fazer isso, então vai fazer, e eu estarei ao seu lado.

— Você quer ir... — Dei um grito quando Cam, subitamente, rolou por cima de mim.

— Você não vai fazer isso sozinha. De jeito nenhum — disse ele, pousando o peso sobre o braço. — Eu vou com você. E você não vai me convencer do contrário. Quando está pensando em ir?

— Tem algum plano para este fim de semana?

Uma risada silenciosa balançou seus ombros.

— Caramba.

— Preciso fazer isso.

Ele se curvou e beijou a ponta do meu nariz.

— Não acho que precise, meu anjo, mas, se acha que sim, então é isso o que importa.

Eu amava a fé dele em mim. Era linda.

— Você realmente quer vir comigo?

— Essa é uma pergunta idiota, Avery. E sim, existem perguntas idiotas. Essa foi uma delas. É claro que eu vou estar lá com você.

Um sorriso cresceu nos meus lábios.

— Eu amo você.

— Eu sei.

— Metido.

— Confiante — respondeu, baixando a cabeça até a minha. Ele me beijou suavemente, mas meu corpo acordou para a vida. — Eu amo você, meu anjo.

Comecei a abraçá-lo, mas ele se desvencilhou de mim e agarrou minha mão.

— Ei! Volte aqui.

— Não. Temos coisas a fazer. — Ele me tirou da cama. — E, se começar o esfrega-esfrega, não vamos fazer nada do que precisamos.

— O que precisamos fazer?

Abaixando-se rapidamente, ele me colocou sobre o ombro e girou em direção à porta.

— Temos umas passagens para comprar.

* * *

Parecia maluquice ir para o Texas, mas ali estávamos nós, fazendo o check-in num hotel não muito longe da casa dos meus pais. Sem querer atrasar o que eu precisava fazer, assim que deixamos a bagagem no hotel, pegamos a estrada. Não contei aos meus pais que estava indo ao Texas, portanto não tinha certeza se eles estariam em casa.

Cam assobiou levemente ao seguir pela estrada sinuosa depois da curva e ver a propriedade dos meus pais.

— Deus do céu, isso é que é casa.

— Na verdade, não — eu disse, enquanto observava o gramado todo aparado e enfeitado na frente da imensa estrutura de tijolos. — Seus pais têm uma casa. Isso é só uma grande casca.

Ele estacionou o carro alugado no centro da rotatória, próxima à fonte de mármore onde a água borbulhava. Olhando para aquilo, ele deu um leve sorriso.

— Acho que nunca vi uma casa com uma fonte na entrada na vida real.

Respirei fundo, nervosa, mas determinada.

— Eu consigo.

— Você consegue. — Ele apertou gentilmente meu joelho. — Tem certeza de que não quer que eu entre?

— Tenho. — Olhei para ele, sorrindo. É claro que eu o queria lá comigo. — Eu preciso fazer isso sozinha.

Ele encostou no banco do carro.

— Se mudar de ideia, mande uma mensagem que eu vou na mesma hora.

Curvei-me para a frente e o beijei de leve.

— Você é maravilhoso.

Seus lábios se curvaram, colados nos meus.

— Você também.

Beijando-o mais uma vez, abri a porta e saí do carro. Se ficasse mais um instante ali, mudaria de ideia. Quando fechei a porta, Cam me deteve.

— Apenas lembre-se de que, o que quer que eles digam, não muda o fato de que você é uma mulher linda e forte, e nada do que aconteceu foi culpa sua.

Lágrimas encheram meus olhos e uma determinação de aço fortificou minha espinha.

— Obrigada.

Cam piscou para mim.

— Agora vá fazer coisas boas.

Dando-lhe um sorriso emocionado, virei de costas e segui na direção das largas escadas e atravessei a varanda. Um ventilador no teto agitava o ar quente e levantava alguns fios do meu cabelo. Levantei a mão para bater na porta e, então, balancei a cabeça. Enfieei a mão no bolso e tirei a chave. Eu não precisava bater.

A fechadura se abriu e, olhando mais uma vez para Cam à minha espera, entrei na casa dos meus pais.

Nada havia mudado. Essa foi minha primeira impressão ao fechar silenciosamente a porta. Tudo estava limpo e brilhante. Não havia cheiros ou sons. Nada acolhedor naquele vestíbulo frio.

Caminhei sob o lustre dourado e adentrei a antiga sala de visitas.

— Pai? Mãe?

Silêncio.

Suspirei ao passar pela mobília branca que minha mãe surtaria se alguém ousasse tocar. Chequei a sala de jantar e, depois, a sala de estar. Finalmente, depois de verificar o escritório e a cozinha, fui para o andar de cima.

Meus passos não faziam som algum.

No segundo andar, fui até o fim do corredor, na última porta, e a abri.

Era o meu quarto — como bem disse, *era*.

— Puta merda — sussurrei.

Todas as minhas coisas tinham ido embora: meus livros, minha escrivaninha, os pôsteres e outras coisinhas que eu tinha deixado para trás. Não que realmente importasse, mas, caramba, nada naquele quarto demonstrava que, algum dia, eu tinha passado por ali.

— Nós embalamos suas coisas.

Dei um pulo e girei. Ela estava parada no batente da porta de onde costumava ser meu quarto, vestida de calça bege de linho e blusa branca. Seu cabelo loiro claro estava penteado, o rosto isento de qualquer ruga ou imperfeição física.

— Mãe.

Uma sobancelha delicada subiu no canto.

— Suas coisas estão no sótão, se foi por isso que veio até aqui. Mandamos os empregados levarem suas coisas lá para cima, depois que conversamos no outono.

— Vocês esqueceram meu aniversário — eu disse.

Ela inclinou a cabeça para o lado em um movimento suave e elegante.

— É mesmo?

Olhei para ela por um momento, e tudo o que pude pensar foi “que vadia”. A raiva subiu dentro de mim, mas eu a controlei. A raiva nunca levava a nada com a sra. Morgansten. Você tinha que vencê-la em seu próprio jogo: ficar calma e controlada.

— Não vim aqui buscar minhas coisas.

— Veio para voltar a morar aqui? — perguntou, não parecendo muito esperançosa. Ela não parecia nada. Fiquei me perguntando se ela também tinha feito cirurgia plástica na voz. Era tão expressiva quanto o rosto.

— Não. — Quase bufei. — Vim aqui para conversar com você e com o papai. Ele está em casa?

Ela não respondeu imediatamente.

— Ele está lá fora, na galeria externa.

A maioria das pessoas chamaria aquilo de varanda, mas não minha mãe.

— Bom, então vamos lá.

Sem aguardar uma resposta, passei por ela e comecei a descer as escadas. Ela acompanhou meus passos e pude sentir seus olhos nas minhas costas. Comecei a contar. Cheguei a cinco degraus antes do fim até ela começar a falar.

— Você renovou o corte de cabelo recentemente?

— Não.

Ouvi uma leve bufada.

— Dá para notar.

Suspirei, indignada.

— Então por que você perguntou?

Minha mãe não respondeu até chegarmos ao cômodo que levava à varanda.

— Que roupas são essas, diga-se de passagem?

— Umas merdas de loja barata — respondi, mesmo não sendo verdade.

Ela me repreendeu de leve.

— Que bonito, Avery.

Revirei os olhos ao abrir a porta, tentada a sair correndo pela casa e começar a chutar toda aquela mobília branca. O papai estava sentado em uma das espreguiçadeiras, lendo jornal. Antes que eu pudesse abrir a boca, minha mãe abriu.

— Veja quem decidiu nos fazer uma visita.

O papai abaixou o jornal ao olhar para cima. Ficou surpreso.

— Avery.

— Olá, pai.

Sentando-se, ele dobrou o jornal e o colocou de lado.

— Não esperávamos você por aqui.

Nenhum “como tem passado” ou “estou feliz em ver você”. Sentei-me em uma das cadeiras.

— Eu sei. Não vou ficar muito tempo.

— Ela quer conversar conosco. — Minha mãe continuou de pé. — Nem imagino o que possa ser, mas há um carro alugado na entrada da casa com um garoto dentro.

Ignorei o comentário.

— Isso não tem nada a ver com o carro alugado ou com quem está lá dentro.

— Eu certamente não esperaria que você percorresse todo esse trajeto para falar sobre isso — falou ela.

Respirei longa e profundamente.

— Conversei com David. — Meu pai se retesou e minha mãe ficou, surpreendentemente, quieta. Bom sinal. — Ele me falou sobre Molly Simmons e Blaine Fitzgerald, e sobre o que aconteceu no último verão, o que vai acontecer nesse verão.

— Avery...

— Não. — Cortei minha mãe antes que ela pudesse dizer qualquer coisa que, certamente, me irritaria. — Eu não rompi o

acordo. Fiquei de boca fechada todos esses anos. Fiz exatamente o que vocês dois me mandaram fazer.

Ela ficou de pé.

— David não tinha o direito de ligar para você...

— Por que não? É contra a lei me contar que Blaine estuprou outra garota, assim como me estuprou?

O papai inspirou, nervoso, mas a mamãe ficou ainda mais branca, se é que era possível.

— Não há por que expor isso dessa forma tão rude — disse ela, cruzando os braços. — Sabemos o que você disse...

— O que eu lhes disse aquela noite no hospital foi o mesmo que eu contei à polícia. Blaine me estuprou. Foram vocês dois que decidiram que eu deveria retirar as acusações, o que fez todo mundo pensar que eu menti.

— Avery — começou meu pai, porém não o deixei continuar.

— O motivo pelo qual me dei ao trabalho de vir até aqui é porque preciso superar o que aconteceu comigo, e a única maneira é dizer a vocês dois o que deveria ter dito na época. — Tomei ar, mesmo sem precisar. — Vocês dois estavam errados. Vocês cometeram o maior erro de sua vida.

Minha mãe se pronunciou:

— Como é?

— Você me ouviu. — Fiquei de pé, cerrando os punhos. — Vocês deveriam ter mandado os pais dele à merda. Vocês deveriam ter dito a eles para dar o fora da casa de vocês. Deveriam ter ido à polícia e contado o que os pais dele estavam tentando fazer, que era subornar a *filha de vocês* para ficar em silêncio. E por quê? Para não terem que ir ao tribunal? Assim, ninguém faria perguntas? E vocês todos ainda poderiam ir ao clubezinho de vocês sem que as coisas ficassem estranhas? Enquanto isso eu era tachada de puta mentirosa por todos. E Blaine ficou livre para fazer o mesmo com

outra pessoa. Quanta culpa nós temos? Vocês deveriam ter ficado do meu lado e acreditado em mim! Vocês deveriam ter procurado ajuda para mim. Eu sou a filha de vocês. Deveriam ter pensado em mim.

Meu pai desviou o olhar, e pude entender por quê. Talvez eles sempre tivessem suspeitado da verdade. No seu lugar, eu também sentiria vergonha.

— Mas as coisas não ficaram tão ruins assim para você, Avery. — Mamãe expirou fazendo um ruído. — Afinal de contas, veja o que conseguiu fazer com aquele dinheiro. Foi para a faculdade, mobiliou seu próprio apartamento. — Os lábios dela esboçaram um sorriso. — Você faz parecer que não fizemos nada por você.

— Nancy — disse meu pai, levantando a cabeça.

— O quê? — Ela ergueu um pouco o queixo. — Ela nunca pensou no quanto isso foi duro para nós.

Encarei minha mãe, mas não fiquei surpresa. Parte de mim queria estar, mas não fiquei tão magoada com as palavras dela.

— Sabe, esse é o problema, mãe. Você sempre só se preocupou com como tudo era tão difícil para você. — Balancei a cabeça e olhei para o meu pai. — Estou melhor, caso se importem. Estou indo bem na faculdade, tenho amigos e conheci um homem maravilhoso que sabe o que aconteceu comigo. Portanto, essas são as coisas que não deram errado. Espero que um dia eu possa dizer o mesmo sobre nós.

Meu pai apertou os lábios atrás da mão fechada, ainda olhando para o jardim. Olhei mais uma vez para eles e virei-me para minha mãe. Ela me encarou com firmeza, mas linhas finas começaram a aparecer nos cantos de seus lábios. Não importava o quanto ela parecesse incólume, eu sabia que tinha pisado em seu calo.

— Eu não vim até aqui para fazer vocês dois se sentirem mal — eu disse, engolido em seco. — Não foi esse o motivo da minha viagem. É que eu precisava dizer uma coisa, finalmente. E preciso

que saibam que eu perdoo vocês, mas nunca mais pensem que podem me dizer o que fazer ou não com a minha vida.

Ela continuou olhando para mim por mais um tempo e depois virou-se, com a mandíbula travada. Dei alguns segundos para que eles se manifestassem, mas o silêncio se manteve entre nós. Que seja.

Caminhei até a porta, com a coluna ereta e a cabeça erguida. Não era forçado. Era real. Outro peso fora tirado do meu peito, restando apenas uma coisa para fazer. Mas isso era para amanhã. Hoje... hoje tinha sido um bom dia.

Sorrindo levemente, atravessei a sala de visitas formal; no caminho, peguei uma almofada que provavelmente tinha custado um mês inteiro de aluguel e a joguei no chão. Infantil? Pode ser. Fez com que eu me sentisse bem? Com certeza.

Ao sair pela varanda frontal, vi que Cam estava do lado de fora do carro, com o boné de beisebol puxado para baixo, enquanto inspecionava a fonte. Meu sorriso se alargou quando o vi colocando a mão embaixo do fluxo de água.

Ele se virou e, quando me avistou, deu a volta no carro e me encontrou na metade do caminho.

— Como foi?

— Ah... — Eu me espreguicei, inclinando a cabeça de lado para escapar da aba do boné, beijando-o. — Foi como o esperado.

As mãos dele imediatamente pousaram nos meus quadris, um claro sinal de que o rápido beijo teve efeito sobre ele, mesmo diante da casa dos meus pais.

— Quer falar sobre isso?

— Durante o jantar? — Dei um passo para trás e ele segurou minha mão. — Vou levá-lo ao Chuy's...

— Avery?

Cam se retesou e segurou minha mão com mais força quando me virei ao som da voz do meu pai. Ele estava na metade da varanda, vindo em nossa direção.

— Se ele disser alguma grosseria, não posso prometer que não vou enfiar a mão na cara dele, aqui e agora — Cam me avisou com a voz baixa.

Apertei a mão dele.

— Com sorte, esse não será o caso.

— Só estou dizendo — ele murmurou.

Esperamos que meu pai nos alcançasse. Ele chegou onde Cam e eu estávamos de mãos dadas.

— Este é Cameron Hamilton — eu o apresentei, porque o contrário pareceria falta de educação. — Cam, este é o meu pai.

Cam estendeu a mão livre, mas sua mandíbula estava tensa e os olhos, dois cubos de gelo.

— Olá.

Meu pai apertou sua mão.

— Prazer em conhecê-lo.

Cam não disse nada.

— Que foi, pai? — perguntei.

Seu olhar se cruzou com o meu por um segundo e depois se desviou. Perto desse jeito, sob a forte luz do sol do Texas, vi o quanto meu pai tinha envelhecido. Naquele momento, percebi que o que tinha acontecido cobrara um preço dele. Ele, ao contrário de minha mãe, não tinha escondido tudo debaixo de numerosos procedimentos cirúrgicos e maquiagem.

Meu pai respirou fundo e disse:

— Sabe do que mais sinto saudade? De ver você dançar.

CAPÍTULO

Durante o jantar, contei a Cam sobre a conversa que tive com meus pais. Achei que ele fosse lançar uma faca na parede quando contei sobre a atitude da minha mãe.

— Sério — eu disse. — Não fiquei surpresa. Ela sempre foi... fria, e isso só piorou com os anos.

A tensão de Cam era visível.

— Você é mais boazinha que eu.

Dei de ombros. Ele não pensaria assim, se participasse dos meus diálogos internos.

— Fico feliz por ter conversado com eles. E meu pai? A história da dança foi sua maneira de demonstrar algum tipo de arrependimento. Pelo menos, ele entendeu o que eu disse, sabe?

Ele concordou balançando a cabeça.

— Então, como se sente a respeito disso?

Boa pergunta. Encostei na cadeira.

— Não estou sentindo muita coisa. Como eu disse, fico feliz por ter feito isso, mas não sei. É como ter que ir ao dentista. Você não quer, mas sabe que precisa, e depois, você fica feliz por ter ido.

Estendendo as mãos sobre a mesa, ele segurou nas minhas.

— Ainda quer ver Molly amanhã?

— Quero. — Tinha verificado meu e-mail depois de marcarmos nossa viagem e encontrei um que era dela. Não foi difícil. Havia muitos. Mandeí uma mensagem rápida explicando que estaria na cidade e que queria vê-la. Fiquei parcialmente surpresa quando ela

respondeu, na mesma hora, que concordava. — Eu ainda quero vê-la.

Cam desviou o olhar, mandíbula tensa. Ele não era muito a favor da ideia, mas me apoiava, independentemente de qualquer coisa. Esse foi um dos momentos em que me dei conta de quanto fui sortuda por atropelá-lo no corredor da aula de Astronomia. Eu precisava perceber isso mais vezes.

E precisava dele, tipo *necessitava* dele.

Não queria mais falar sobre meus pais ou sobre minha visita pendente a Molly. Queria mostrar a Cam o quanto eu o amava. Não porque era isso que eu imaginava que deveria fazer, mas porque era o que eu queria.

— Pronto para ir embora? — perguntei, com o coração acelerando.

Pagamos a conta e fizemos a pequena viagem de volta ao hotel. Ainda era cedo, e, estando tão perto de Houston, havia muita coisa para mostrar a Cam, mas eu não queria perder nenhum tempo. Queria ficar só com ele.

Cam sentou-se na beirada da cama, com a aba do boné virada para trás, e começou a mexer nos botões do controle remoto. As cortinas estavam fechadas na grande janela do outro lado do quarto e apenas um raio de sol a penetrava.

— Vou tomar uma ducha rápida.

Peguei minhas coisas e fui para o banheiro.

Ele olhou para mim longamente, abrindo a boca e meneando a cabeça. Uma certa luz preencheu seus olhos, causando um arrepio em mim. Sorri e corri ao banheiro. Fechando a porta, coloquei meu nécessaire sobre a pia. Não tinha trazido as roupas e me perguntei se Cam havia notado.

E se houvesse, o que será que estava pensando?

Na mesma coisa que eu?

Tomei um banho rápido, tirando de mim aquele cheiro inevitável da viagem. Aproveitei o momento para afastar a conversa com meus pais do pensamento. Não demorou muito. Minha pulsação já estava agitada e meu corpo inteiro concentrado em Cam.

Saindo do banho, enrolei a toalha em volta do peito e penteei os cabelos. Meu estômago estava colado nas costas, como se eu estivesse numa montanha-russa. Escovei os dentes e, em seguida, não havia mais nada a fazer para ficar procrastinando.

Abrindo a porta, encontrei Cam no mesmo lugar, porém, agora, ele estava deitado de costas, com as pernas penduradas na beirada da cama. O boné estava ao seu lado e o controle remoto em cima da barriga.

Parei na porta.

Cam virou a cabeça e, imediatamente, sentou-se. Cachos de cabelo escuro caíram sobre sua testa, roçando nas sobrancelhas. Por baixo dos cílios grossos, os olhos tinham um tom vibrante de azul.

Com a pele formigando como se tivesse milhares de alfinetes, caminhei até onde ele estava sentado. Inclinou a cabeça para trás, engolindo em seco, quando parei na frente dele, meus dedos segurando o nó da toalha.

Seus cílios baixaram e os lábios se separaram.

— Avery.

Colocando uma mão no ombro dele, subi na cama, com um joelho de cada lado de suas coxas. As mãos dele tocaram meus quadris cobertos pela toalha.

— Cam?

Seus lábios se levantaram nas laterais e a covinha começou a aparecer na bochecha esquerda.

— O que vai aprontar?

— Nada — respondi, reconhecendo a falta de ar em minha voz.
— Tudo.

— São duas coisas opostas.

— Eu sei. — Sentei-me em seu colo, tremendo quando senti a ereção através da calça jeans apertada contra meu calor. — Me beija?

Não esperei por uma resposta. Curvei a cabeça para a frente e toquei seus lábios uma, duas e outras tantas vezes, deslizando a ponta da língua sobre seu lábio inferior e depois dentro da boca. Seu toque nos meus quadris ficou mais intenso, mas eu estava totalmente no controle ao fazer com que sua boca se abrisse e aprofundar o beijo. Seus lábios vieram até os meus para me acompanhar. Tive certeza de que ia derreter sobre ele, sobre a cama.

— Me toca? — Meus lábios roçaram nos dele. — Por favor.

Cam obedeceu.

Ele deslizou as mãos sob a toalha. As duas estavam nas minhas coxas, subindo e descendo lentamente. Cada subida aproximava mais seus dedos de onde eu o queria desesperadamente. Uma parou no dorso da minha coxa, enquanto a outra chegou irresistivelmente perto do meu âmago.

— Agora — eu disse, levantando a cabeça.

Cam riu ao subir um pouco mais os dedos. Suas falanges roçaram minha umidade e, depois, recuaram. Um gemido de frustração saiu de mim.

— O que você quer? — perguntou ele, com aqueles cílios escondendo os olhos.

— Quero que você me toque.

Outro alarme falso quando suas falanges me tocaram novamente e ele recuou, deslizando a mão pela perna.

— Estou tocando você, meu anjo.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Não sei.

— Por favor. — Encostei a cabeça na dele. — Por favor, me toque, Cam.

Cam inclinou a cabeça para trás de novo. Nossos narizes se encostaram e, em seguida, os lábios.

— Bem, quando fala assim, acho que entendo o que quer dizer.

— Finalmente — gemi.

Ele riu novamente e, depois, mordiscou meu queixo, enquanto sua mão se percorria a parte de dentro da minha coxa. Eu me contraí quando ele alcançou o ponto com a mão cheia.

— Assim?

— Sim.

Seus lábios tocaram o meio da minha garganta ao mesmo tempo que o dedo deslizou para dentro de mim.

— E assim?

Meus olhos se fecharam e minhas costas se curvaram.

— Isso.

Cam recuou um pouco a mão e tocou minha saliência com o polegar. Perdi o fôlego quando ele enfiou outro dedo dentro de mim e seu corpo ficou tenso sob o meu.

— E o que acha disso?

Forcei o quadril para a frente, gemendo ao sentir meu corpo esquentar.

— Isso. Assim está ótimo.

— Está ótimo? — murmurou, com os dedos fluindo.

Outro gemido escapou de mim, mas eu queria mais. Queria senti-lo dentro de mim, precisava que ele viesse. Um desejo selvagem

nasceu da luxúria e de algo muito, muito mais forte. Abri os olhos e me concentrei nele. Lentamente, desfiz o nó da toalha e deixei que ela escorregasse pelas minhas costas, caindo no chão.

A mão de Cam parou e sua respiração acelerou. Ele trouxe a mão livre para cima, segurando meu seio.

— Caramba, Avery...

Coloquei minha mão sobre a dele, com o coração palpitando.

— Não pare.

O polegar dele se concentrou em meu mamilo duro e ele rosnou:

— Nem pensei em parar.

— Não foi o que quis dizer — sussurrei. Descendo minha outra mão, encontrei o zíper da calça dele. — Eu quero você, Cam.

— Você me tem — gemeu. — Você me tem por completo.

Um sorriso de satisfação apareceu quando envolvi seu punho com os dedos. Com um nível de controle que eu não sabia que tinha, tirei a mão dele das minhas coxas.

— Eu quero você de verdade. — Abri o botão de sua calça jeans e baixe o zíper. Meus dedos analisaram sua rigidez e ele estremeceu. — Você não me quer?

— Mais do que você imagina — disse ele, baixando os olhos quando o segurei com a mão. Ele gemeu. — Avery...

Eu o soltei, só o tempo de tirar sua camiseta e jogá-la de lado. Ele tinha uma pele toda dourada e músculos definidos.

— Eu quero isso, Cam.

Ele segurou meus quadris, com o peito subindo intensamente.

— Tem certeza, Avery? Porque, se não tiver, não precisamos...

Silenciando-o com um beijo, deslizei minhas mãos sobre o peito dele.

— Tenho certeza.

As mãos dele agarraram meu quadril e, então, em um movimento forte, ele me colocou de costas e veio por cima de mim, com os olhos brilhantes e intensos. Aproximou o rosto de mim, reivindicando meus lábios com um beijo febril, cheio de paixão. Então, ficou de pé, devorando-me com um olhar que me derreteu, enquanto arrancava a calça. Meu olhar percorreu seu peito, a tatuagem, o abdômen perfeito e, depois, mais para baixo. Cam era imenso e uma parte estranhamente ingênua de mim ficou se perguntando como aquilo daria certo.

O olhar faminto de Cam passeou pela minha pele nua. Meu coração palpitava instavelmente, a ansiedade causava um frio na barriga.

— Eu podia ficar olhando para você por toda eternidade. Nunca me cansaria.

— Mesmo quando eu envelhecer?

— Mesmo assim.

Então ele foi descendo, roçando os lábios nas minhas pernas e barriga. Chegou ao peito, sugando e dando mordidas leves até meus seios parecerem pesados e inchados. Cam se perdeu no tempo, movendo-se lentamente sobre mim, lambendo cada centímetro da minha pele, como se procurasse memorizar meu corpo ou reivindicá-lo. Eu não estava nem aí. Ele podia ficar ali o resto da vida. Um calor intenso se formou no meu estômago e se espalhou mais para baixo, gerando uma ânsia gloriosa. Pela primeira vez, eu não estava com medo ou insegura quanto ao desejo em pleno despertar. Queria explorá-lo. Queria que Cam o explorasse.

Meu corpo procurava o dele, ansioso e tenso a cada expiração, cada gemido e choro. O desejo, poderoso e dominante, se espalhava por mim. Eu jamais tinha me sentido dessa forma.

Cam trouxe os lábios até os meus, apoiando-se no braço e mergulhando continuamente na minha boca, enquanto gentilmente enfiava um e depois dois dedos. Logo eu estava corcoveando debaixo dele. Então, levantou a cabeça e pude ver algo de provocante em seu olhar — selvagem. Espelhava o que eu sentia por dentro. Ele me excitou até o limite e, lentamente, retirou os dedos.

Eu reclamei:

— Cam.

Ele riu ao deslizar para baixo pelo meu corpo, e então senti sua boca em mim, a língua movendo-se até eu perder a cabeça e meus quadris impulsionearem sem controle. Era como se eu estivesse flutuando, enlouquecida de necessidade, e, quando ele passou os dedos sobre minhas terminações nervosas, eu gozei e gritei seu nome.

Cam subiu rapidamente, com os olhos fixos em mim enquanto meu corpo tremia. Ele afastou minhas coxas e senti uma pontada de incerteza, de frieza e escuridão, mas ignorei o que quer que fosse. Eu estava *pronta*. Sua ereção pousou sobre mim e, então, deslizou para dentro, só a ponta.

— Eu te amo — disse Cam, suavemente, com uma mão espalmada no meu rosto. — Eu te amo muito.

Envolvi-o com um braço.

— Eu te amo.

Ele me beijou profundamente e desceu uma mão até meu quadril, impulsionando o dele para a frente. Uma dor aguda e penetrante se espalhou por mim. Lágrimas de surpresa escorreram dos meus olhos e congelei com a incrível pressão de plenitude.

— Você está bem? — ele sussurrou, ficando imóvel.

Acenei com a cabeça e disse que sim.

Os olhos de Cam procuraram os meus ao mesmo tempo que o braço dele tremia diante do meu. Ele permaneceu imóvel, enterrado lá dentro de mim, e trouxe a boca à minha. Ele me beijou lenta, terna e tão profundamente que senti um tipo diferente de lágrimas surgindo nos meus olhos. Meu peito se encheu de amor e, depois, finalmente, a dor desvaneceu e a pressão dentro de mim começou a ficar boa. Hesitante, levantei os quadris.

Ele gemeu.

— Av...

Fiz de novo, impulsionando-me para junto dele. Segurou meu quadril, forçando-se para a frente, arrancando um grito de prazer de mim. Agarreí seus ombros ao envolver sua cintura com as pernas, trazendo-o mais a fundo. Ele se movia sobre mim, dentro de mim, a intensidade aumentando até se tornar um ritmo frenético. Minha cabeça girou com a satisfação crescente em mim. Ele acelerou o movimento e pude sentir seu toque em toda parte, a boca em meus seios, um prazer penetrante. Com os quadris em movimento, Cam desceu uma mão entre nós, o que foi o máximo. Joguei a cabeça para trás, tremendo em volta dele. O momento foi incrível. Os espasmos chacoalharam meu corpo em ondas tensas e sensuais.

— Avery — ele grunhiu meu nome, enterrando a cabeça no meu ombro. Dois impulsos rápidos e ele gozou quando o último dos tremores atravessou meu corpo.

Os corações pulsavam juntos, nossa pele escorregadia de umidade. Minutos se passaram, talvez horas. Não sei. Quando ele saiu lenta e cuidadosamente, beijou-me de um jeito que, penso, nunca me beijara antes.

— Isso foi... não tem palavras. — Ele meneou a cabeça, com os olhos brilhantes. — Você está bem?

— Perfeita — respondi, espalmando as mãos em seu rosto. — Você foi perfeito.

Cam mergulhou a boca na minha.

— Só porque estou com você.

CAPÍTULO

Entrando debaixo da ducha na manhã seguinte, senti a água quente esquentar deliciosamente meus músculos doloridos. Eu me transformei na água espargida, deixando-a lavar meu rosto voltado para cima. A noite anterior... a noite toda... um grande sorriso estava estampado no meu semblante. Tinha sido incrível. Não só o sexo — e o sexo tinha sido absurdamente maravilhoso —, mas tudo que veio depois. Estávamos mais próximos do que antes, e não foi o ato sexual que nos aproximou.

Foi o ato de plena confiança um no outro.

Ouvindo o suave deslizar da porta do chuveiro, abri os olhos e dei de cara com Cam atrás de mim. Completamente nu. Meu olhar baixou. E duro.

Minhas bochechas ruborizaram ao cruzar os braços de vergonha em frente aos seios. Sim, estávamos próximos, mas isso não queria dizer que ficar de bunda de fora no banheiro em plena luz do dia não fosse intimidante.

— Você é linda. — Cam riu um pouco e tirou meus braços da frente. — E você está querendo se esconder?

— Nem todos nós fomos abençoados com a sua confiança.

— Sei. — Ele passou um polegar sobre meu mamilo e, em seguida, beijou o canto do meu lábio, subindo as mãos pelos meus braços. A água escorria pelas minhas costas. — Fiquei me sentindo só lá fora. Achei que podia me juntar a você.

— Estava se sentindo só? — Dei um passo para perto dele.

— Sim. — Cam deixou os braços descenderem para minha cintura. Acabou com a distância entre nós. Por causa de nossa pele

escorregadia, a minha junto da dele, partes do meu corpo ficaram bem animadas. — Eu pedi o café da manhã. Temos cerca de vinte minutos.

— Vinte minutos para nos limpar e refrescar?

— Só precisamos de alguns minutos para isso.

— E quanto ao resto dos minutos?

Cam não disse como queria passar o resto desses minutos. Ele me mostrou... em grandes detalhes. Beijando-me uma vez antes de lançar a boca nos meus seios. Uma bola de lava se formou na minha barriga quando ele virou de lado, a água espirrando sobre nós. Atordoada, minha mão flutuou pelas mechas molhadas de cabelo. Meus dedos as penetraram como se fossem seda. Ele deslizou a mão entre as minhas coxas e trouxe a boca até a minha. Sabia exatamente como me tocar, como quase me fazer perder o controle.

— Segure-se em mim — ele mandou.

Envolvei seu pescoço com os braços, soltando uma respiração curta quando ele me levantou, encostando minhas costas no azulejo úmido, e se posicionou entre minhas pernas. Ele nos uniu com um lento e torturante impulso. Meus gemidos preencheram o banheiro, o que estimulou ainda mais seus quadris. Meu coração palpitava no peito, o tremor se propagando até o estômago.

De alguma forma, acabamos fora do chuveiro, com minhas costas no piso frio e Cam sobre mim, o corpo remexendo sobre o meu, minhas coxas o apertavam e a água ainda descia. Uma mão estava no meu peito, a outra enroscada no meu cabelo molhado. Sua boca estava quente, exigente, necessitada.

— Cam! — gritei, arqueando as costas quando meu gozo se apoderou de mim, explosivo e devastador. Seus braços vieram ao meu redor quando ele me levantou, sentando-me em seu colo. Meus joelhos derraparam sobre o chão molhado. Relâmpagos percorreram minhas veias. Seu corpo tremia enquanto me segurava

próxima a ele, impulsionando uma vez mais, comprimindo meu quadril contra o dele, quando ele gozou.

Por um tempo, o único som ouvido foi o da nossa respiração ofegante. Estávamos largados um nos braços do outro, minha cabeça em seu ombro, minha mão pousada sobre o coração acelerado dele.

— Você...

— Estou bem — eu o cortei, rindo. — Não vou quebrar.

— Não sei. — Ele tirou meu cabelo do rosto. — Você... — Uma batida na nossa porta nos interrompeu. — Merda. A comida chegou.

Saí de seu colo e fiquei de pé, escorregando nas poças que deixamos no chão e quase caindo. Ele caminhou até a porta do jeito que estava.

— Cam!

— Que foi? — Ele olhou por cima do ombro.

Jogando-lhe uma toalha, dei uma risada.

— Você estava prestes a atender a porta com sua piroca de fora.

— Bem lembrado. — Ele se envolveu na toalha e me olhou com um sorriso malicioso. — Embora muita gente adoraria ver minha piroca.

Eu ri ao voltar para baixo da água quente. Sua piroca era mesmo impressionante.

* * *

A casa de Molly ficava numa parte boa da cidade. Classe média, organizada e limpa. Paramos na frente de uma casinha de um andar e verifiquei o número no meu telefone para ter certeza que era o lugar certo.

— É aqui.

Cam estacionou o carro perto da calçada, com o rosto levemente franzido.

— Tem certeza que precisa fazer isso?

— Sim, eu devo isso a ela.

Ele desligou o carro.

— Você não deve nada a ela.

Olhei para ele.

— Devo, sim. Não que eu me culpe pelo que aconteceu a ela, mas, se não conversarmos, ela nunca vai entender por que eu não disse nada. E eu preciso que ela compreenda. — Porque eu, realmente, queria passar uma semana sem receber as mensagens maldosas dela.

Inspirando superficialmente, ele tirou as mãos do volante.

— E, é claro, quer que eu fique aqui fora?

Confirmei com a cabeça e ele suspirou.

— Não gosto disso.

Eu me dirigi a ele e beijei seu rosto.

— Mas você gosta de mim.

— Eu amo você. — Ele virou a cabeça para mim, pôs a mão em volta da minha nuca e trouxe a boca até a minha. — Não significa que eu esteja feliz por ficar aqui fora, enquanto você entra na casa de uma garota qualquer, que pode ser uma psicopata.

— Ela não é uma psicopata.

— Isso é o que você diz.

— Isso é o que eu digo.

Seus lábios se curvaram para cima de um só lado.

— Se não sair em cinco minutos, vou arrombar atirando para todo lado.

— Você não tem arma.

— Ela não sabe disso.

Eu ri suavemente.

— Vou precisar de mais que cinco minutos.

— Seis.

— Mais — retorqui.

— Você não precisa disso, meu anjo. — Quando eu não disse nada, ele rosnou. — Sete.

— Você está sendo ridículo. Eu vou ficar bem.

Cam suspirou de novo.

— Está bem. Por favor, tenha cuidado.

— Pode deixar.

Antes que eu pudesse me livrar de suas mãos, ele me segurou com mais força e tomou minha boca. O beijou começou suave, mas ficou mais profundo e excitante quando sua língua deslizou para dentro, movendo-se de um jeito que me lembrou o que tinha feito na noite anterior e naquela manhã. Gemi em sua boca, e, quando ele se afastou, fiquei ofegante.

Um olhar malicioso tomou conta de seus olhos azuis.

— Quando mais rápido voltar, mais rápido terá mais disso.

— Isso é tão feio. — Eu me desvencilhei, mas sorri.

— Eu te amo.

Eu nunca me cansava de ouvir aquilo.

— Eu também te amo.

Sair daquele carro estava quase impossível, mas me levantei. Minhas sandálias bateram no asfalto conforme corri até a porta da frente. Estava sob o sol do fim da manhã só há alguns segundos e minha testa já pingava de suor.

Levantei a mão para bater, mas a porta interna já foi abrindo, revelando uma garota magra e baixa, com cabelos pretos e olhos grandes acinzentados — olhos desconfiados. Eles me analisaram e, depois, olharam sobre meus ombros. Ela era uma garota bonita, que parecia cansada e desgastada.

— Quem é aquele? — ela indagou.

Imediatamente, reconheci a voz.

— Aquele é Cam, meu namorado.

Seu rosto se franziu como se tivesse comido alguma coisa azeda.

— Ele não pode entrar aqui.

— Eu sei. — Fui rápida ao confirmar. — Por isso que ele está no carro.

A expressão de Molly parecia uma carranca, mas ela abriu passagem. Abrindo a porta de tela, eu a segui até a sala escura lá de dentro.

— Esta é a casa de seus pais? — Meus olhos analisaram as várias fotos que preenchiam as paredes e a mobília antiga.

— Sim. — Ela adentrou a sala e pegou o controle remoto. Desligou a televisão e jogou o controle no sofá ao lado dela. — Eles estão no trabalho.

— É legal.

Ela sorriu de lado.

— Diz isso a garota que veio da Red Hill.

A cutucada sobre a rua em que meus pais moravam não passou despercebida. Sentei-me numa poltrona, cruzando as pernas.

— Muito bem. Fico feliz que tenha concordado em me ver.

Molly não se sentou, mas ficou de pé a alguns centímetros de mim.

— Tem certeza?

— Sim.

Ela riu sarcasticamente.

— Não sei por quê, mas tenho minhas dúvidas sobre isso, dada a situação da nossa última conversa e o fato de ter passado nove meses me ignorando.

Tudo bem. Isso não seria fácil.

— Não gosto muito de ler e-mails de desconhecidos, depois de frequentar o Ensino Médio e ter sido bombardeada por mensagens de ódio. E tem o *fato* de que você me mandou uma tonelada de mensagens não muito agradáveis.

Cruzando os braços, ela levantou o queixo.

—Você sabe por que mandei aquelas mensagens.

— Porque eu não respondi no início e porque você me culpa. — Quando ela não retrucou, eu me inclinei à frente. — Eu não estava mentindo quando disse que não sabia nada sobre você, até conversar com o meu primo em janeiro deste ano. Eu não olhei os primeiros e-mails. Essa é a verdade.

Ela mordeu os lábios e disse:

— Então você ainda se atém à história de “não sou uma puta mentirosa”?

Expirei pelas narinas e olhei para cima. A raiva subiu pela minha pele, mas, como com a minha mãe no dia anterior, mantive a calma.

— Como eu disse pelo telefone, não menti para a polícia.

— Então, por que retirou as acusações?

— É uma longa história.

Ela abriu os braços.

— Obviamente eu tenho tempo. Conte-me.

Seu tom mandão fazia com que fosse cada vez mais difícil não mandá-la para aquele lugar. Mantendo a mesma voz controlada,

contei a Molly tudo sobre a noite do Halloween e sobre os dias seguintes. Durante a maior parte do tempo, ela manteve a expressão inabalável e tão implacável quanto um policial. A única vacilada foi quando contei a ela o que Blaine havia feito. Não precisei perguntar para saber que tinha sido igual. Quando terminei, ela se virou, com os ombros caídos, mas a coluna ereta.

— Não posso contar isso a ninguém, mas eu precisava contar a você.

— Você contou ao seu namorado?

— contei.

Ela se manteve de costas para mim, em silêncio.

— Queria que meus pais não tivessem concordado com o acordo, e queria também não ter concordado. Queria ter sido tão forte quanto você e...

— Você não sabe nada sobre mim. — Ela se virou, com os olhos frios.

Levantei as mãos.

— Mas eu sei que você é forte, mais forte que eu. Você fez a coisa certa e eu sei que não deve ter sido fácil.

— Não foi fácil.

— Eu sei. — Acho que essa garota só queria uma boa briga.

Seu queixo afilado projetou-se à frente.

— Nada disso foi fácil. Conversar com a polícia, os detetives, depois os advogados. Tendo que reviver todas as merdas que ele fez comigo? Em detalhes? Não foi fácil. E eu não teria passado por nada disso, se você tivesse sustentado a verdade!

— Sinto muito...

Ela se aproximou rapidamente, e eu estava tão despreparada, que só fiquei ali parada.

Molly me deu um tapa, virando minha cabeça para o lado. Lágrimas de dor e surpresa surgiram em meus olhos.

Ela tinha batido bem no meu rosto.

Quase não acreditei naquilo. O lado inteiro do meu rosto queimava, ardia. Caramba. Para alguém tão magricela, ela tinha um tapa bem forte.

A fúria superou o choque, e minhas mãos coçaram para retribuir o favor. Mas eu entendia a raiva de Molly. A dor dela ainda era recente e a cortava lá no fundo. Eu já estivera no lugar dela, de vez em quando ainda ficava. A raiva nunca chegava a me deixar. Talvez nunca deixasse. Portanto, eu compreendia por que ela estava tão furiosa.

Aquele foi um dos motivos por que não apresentei meu punho ao rosto dela.

— Você mereceu isso — disse ela, com a voz trêmula.

Minha bochecha continuava ardendo quando me levantei.

— Talvez, sim. Mas não mereci o que Blaine fez comigo e não mereço toda a merda que você está despejando sobre mim por uma decisão que tomei aos quatorze anos de idade e na qual não tive muita escolha.

— Seus pais não colocaram uma arma na sua cabeça e a obrigaram assinar aqueles papéis, certo?

Balancei a cabeça.

— O que você teria feito se tivesse quatorze anos e seus pais mandassem você fazer isso?

Ela ficou atônita.

— Nem se dê ao trabalho de responder, porque não importa. Sinto muito, mas, se me bater de novo, eu vou revidar. Sinto muito que tenha acontecido com você. E sinto muito por você ter que enfrentar um julgamento e tudo mais. E, *acredite*, o maior arrependimento que tenho foi ter assinado aqueles malditos papéis

do acordo. Mas não posso mudar o passado. Só o que posso fazer é superar.

— Bom, então boa sorte superando.

Ali de pé, olhando para a garota com quem dividia um terrível episódio, eu me sentia... vazia. Não havia anjinhos com trombetas ou luzes douradas de revelação. Eu me sentia do mesmo jeito que me sentira ao sair da casa dos meus pais. Nada. De repente, percebi que Cam estava certo. Eu não precisava ter feito isso para seguir em frente. Nem precisava ter confrontado meus pais. Embora tenha sido ótimo.

Eu tinha começado a seguir em frente no momento em que contara a verdade para Cam.

Só não acontecera da noite para o dia. A superação é um processo lento, e precisei de um tapa na cara para me dar conta disso.

Eu não precisava ficar ali.

Precisava sair dali, com Cam, e voltar para casa, em West Virginia, com meus amigos. Precisava continuar superando tudo.

Comecei a ir para a porta.

— Aonde pensa que vai? — Seus dedos ossudos agarraram meu braço e me pararam. — Avery?

Retirando a mão dela do meu braço, mantive a voz tranquila.

— Estou indo embora, Molly. Vou voltar lá para fora, para o homem que me ama independente do que tenha acontecido no passado ou de qualquer decisão estúpida que eu tenha tomado. Vou voltar para casa, que não é a casa na Red Hill, e vou ver meus amigos. É para lá que eu vou.

A garganta de Molly fez algum movimento, mas ela não disse nada conforme caminhei até a porta. Parei e me virei para ela.

— Olha, se quiser me ligar para conversar ou coisa parecida, você, obviamente, tem meu número. Ligue a hora que quiser, mas já

aprendi com os meus erros. Se me mandar mais alguma mensagem que me irrite, nem que seja só um pouco, vou chamar a polícia e prestar queixa contra você.

Ela fechou a boca e deu um passo para trás.

— Espero que fique bem. De verdade. Adeus, Molly.

Ela não me impediu mais e não veio para fora, como fizera meu pai. Entrei no interior refrigerado do carro e expirei longamente.

— Como foi... por que seu rosto está vermelho? — Cam segurou meu queixo e gentilmente o virou para ele. — Ela bateu em você?

— Sim. — Pisquei quando ele gritou um palavrão. — Mas acho que ela se sentiu melhor depois de ter colocado isso para fora.

Seus olhos ficaram focados em mim.

— Mas isso não legal, porra.

— Eu sei. — Envolvi a mão dele com a minha e a apertei contra meu rosto dolorido. — Mas já acabou. Disse o que precisava e acho que não vou ter notícias dela tão cedo.

Cam espalmou a mão, gentilmente acariciando meu rosto.

— Avery...

— Você estava certo. Eu não precisava fazer isso, mas acabou sendo bom. Por mim, está tudo bem. — Fechando os olhos, virei a cabeça e dei um beijo na palma da sua mão. — Leve-me para casa, Cam. É lá que eu quero estar.

CAPÍTULO

O único problema do verão depois que você se tornava adulto era que acabava antes que pudesse se dar conta de que ele havia começado. Ou aquilo poderia ter alguma relação com eu ter me inscrito em cursos de verão, o que parecia estragar a estação por completo.

Abrindo só um olho, gemi. Primeiro, vi meu bracelete — não o prateado. Cam tinha comprado outro com várias voltas de corda que carregava um pingente do símbolo do infinito. Então, vi o horário. Por que eu tinha ajustado o despertador tão cedo? Não tinha aula antes das nove.

A cama se mexeu ao meu lado.

E Cam não tinha aula antes das dez. Seria um semestre tranquilo para ele, já que pegara menos aulas na faculdade.

Um sorriso sonolento surgiu nos meus lábios ao rolar de barriga para baixo, espreguiçando as pernas e os dedos dos pés. Os lençóis deslizaram sobre minha pele e acabaram em algum lugar no pé da cama. Ou havia um fantasma tarado no meu quarto, ou Cam estava bem acordado.

Lábios tocaram entre minhas escápulas ao mesmo tempo que uma mão se acomodou na minha lombar. Dedos traçaram um caminho ascendente, causando ondas de pequenos arrepios na minha pele.

— Bom dia, meu anjo. — A voz de Cam estava grossa por causa do sono.

Ah, fora para isso que eu havia ajustado o despertador tão cedo, o que era tão diferente do ano anterior. Antes eu me preocupava em

chegar atrasada, ficava incrivelmente irritada, na verdade. Agora, ajustava o relógio para uma hora mais cedo para ter um tempinho a dois.

— Bom dia — murmurei, fechando os olhos e sentindo sua mão subir e descer; ela parou na covinha da minha bochecha e depois foi direto à minha nuca.

Ele beijou o meio das minhas costas e, então, os lábios chegaram aos ossinhos do meu quadril. A respiração quente dançava pela minha lombar e, em seguida, ele beijou minha nádega direita.

Eu ri e o afastei.

— Você sabe o que dizem sobre um cara que beija a bunda de uma garota? Literalmente?

— Que ele conhece o seu lugar?

— Muito engraçado. — Ele tirou o cabelo do meu pescoço e me beijou lá. — Que ele está completamente apaixonado pela garota.

— É mesmo?

— Mesmo — murmurou ele, segurando meu quadril com uma mão só.

— Onde você aprendeu isso?

— Na internet.

— Que lindo.

— Sabe o que mais aprendi? — Ele me levantou e enfiou um braço por baixo de mim. — Que os seios das mulheres ficam no auge da rigidez pela manhã.

— O quê? — Eu ri.

— Isso mesmo — respondeu ele, segurando meu seio direito. — Tenho que verificar essa teoria. — Ele apertou gentilmente e meu mamilo enrijeceu. Foi para o outro seio e fez o mesmo. — Acho que o que li estava certo. Seus seios estão excepcionalmente rijos esta manhã.

Caindo na gargalhada, dei um tapa em suas mãos, mas a risada rapidamente cedeu quando sua mão voltou com muito mais propósito. Os dedos fizeram sua mágica na ponta dos meus peitos e não demorou até eu começar a mexer os quadris em incessantes círculos sobre os lençóis.

— Adoro como a sua mente funciona — disse Cam, acomodando-se atrás de mim.

Olhei para ele por cima do meu ombro.

— Como é?

Ele indicou o relógio.

— Ajustou para mais cedo. Você, minha querida, é brilhante.

— Eu sei. — Sorri, e então coloquei o rosto no travesseiro. Meu coração já estava acelerado e o corpo pronto. Eu estava pronta. — Então, você vai fazer alguma coisa com o tempo extra ou vai me impressionar com seu conhecimento do lado obscuro da internet?

— Mandona. — Seus lábios roçaram meu ombro e as mãos voltaram para os meus quadris. — E eu a faria gritar até o campus com meu conhecimento do lado obscuro da internet.

— Bom saber.

Cam me levantou novamente.

— Podemos?

Ele sempre hesitava e perguntava antes de fazer qualquer coisa. Algo naquele gesto sempre me reconfortava; seu cuidado e o fato de que ele tinha consciência de que ainda havia momentos em que eu me sentia esquisita quando o assunto era intimidade, ou quando eu apenas não queria ser tocada. Tais momentos eram bastante raros, mas ainda existiam, então ele se adaptou a isso e sempre tomava cuidado.

Nós dois nos adaptamos.

Durante o verão, eu tinha começado a me consultar com um dos psicólogos do campus uma vez por semana, e continuaria até que não fosse mais necessário; quem sabe, um dia, eu pudesse ajudar alguém com a minha história e minhas experiências.

— Sim — respondi, e, para dar um incentivo a mais, caso ele estivesse confuso, empurrei meu quadril na direção dele. Cam deu um rosnado profundo em sua garganta e meu sorriso cresceu.

Ele se posicionou entre minhas pernas e eu levantei os braços até a altura dos ombros, pondo o peso dele sobre eles. Levantando um pouco, virei a cabeça e seus lábios logo encontraram os meus. Eu amava o jeito que ele me beijava, como se estivesse bebendo da minha própria essência. Um beijo dele era o suficiente para me derreter em suas mãos. Era bom a esse ponto.

Cam interrompeu o beijo ao projetar o quadril para a frente, entrando em mim por trás. O ritmo era lento, sem pressa, e ainda assim absolutamente devastador com cada vinda. Minha testa tocou o travesseiro e minha respiração ficou ofegante conforme comecei a impulsionar para trás contra ele. Suas mãos se encontraram com as minhas, entrelaçando nossos dedos com o acelerar do ritmo.

— Eu te amo — sua voz era um sussurro rouco e lindo no meu ouvido, o que me levava às alturas. Fomos ao ápice com poucos segundos de distância.

Foi meu sussurro em seu ouvido que nos fez levantar para, finalmente, irmos para o banho.

Acabei quatro minutos atrasada para a aula, mas entrei mesmo assim: sorri sem graça para o professor e tomei o meu lugar.

* * *

O clima estava agradável, não um calor insuportável, então nosso grupinho almoçou do lado de fora, sentando sob a sombra de um dos carvalhos antigos próximos à biblioteca.

Jacob levantou seu chapéu-coco, aquele da festa de Halloween do ano anterior, franzindo a testa para a dúzia de copos de isopor em sua frente. Ele estava construindo uma pirâmide. Nem perguntei.

Coloquei um canudinho no meu copo e tirei os chinelos dos pés. Brit fez menção de tocar meus dedos e olhei para ela furiosa.

— Se tocar meus pés, você morre.

— Ela está falando sério. — Cam me cutucou. — Uma vez, eu toquei em seu mindinho e quase perdi um dedo.

— Não foi a única coisa que você quase perdeu.

— Nossa, isso parece sério. — Brit olhou para seu pote de maionese e para as fritas, e suspirou. — Sinto a falta de Ollie. Adorava fazê-lo sentir nojo das minhas batatas fritas.

— Bem, você pode causar nojo em todos nós. — Jacob torceu o nariz. — O que está fazendo nesse momento.

— Não é a mesma coisa. — Ela fez um beicinho. — Ollie era gostoso.

— Como é? — Jacob quase derrubou sua pirâmide maravilhosa. — Eu sou gostoso.

Cam fez cara feia para ela.

— E eu também.

Eu o cutuquei na barriga.

— Bem, já que eu tenho que explicar o óbvio. — Brit mergulhou a batata frita na maionese com gosto. — Jacob, você não gosta de garotas. Cam, você é totalmente devotado a Avery, então, resta Ollie.

Eu sorri.

Jacob olhou para cima, com os lábios formando um sorrisinho.

— Bem, tem mais um.

Virando-me na altura da cintura, segui o olhar dele. Jase estava atravessando a rua, vindo em nossa direção.

Brit suspirou.

— É, ele não é para mim.

— Por que não? — perguntei, olhando para o amigo de Cam.

Ela fez um som evasivo.

— Ele não é do tipo que namora, ou pelo menos foi o que ouvi dizer.

— E você quer um namoro? — perguntei.

— Não. — Ela riu, pegando mais uma batata. — Mas tenho a impressão de que, uma vez que sinta o gostinho dele, você sempre vai querer mais.

— Meio como crack? — sugeriu Jacob.

— Ou Cheetos — corrigiu Brit.

Cam fez uma careta ao surrupiar uma das minhas batatas fritas. Olhei para ele querendo matá-lo, mas o beijei logo em seguida.

Jase sentou-se perto de nós, esticando as longas pernas. Parecia meio distraído, com feições pálidas e beirando a perfeição.

— Tudo bem. Estou alucinando ou acabei de ver sua irmã entrando no Knutti?

— Você não está alucinando — respondeu Cam. — Você a viu. Ela se matriculou aqui.

— Ah... — Os olhos de Jase miraram à distância. — Isso é... isso é legal.

Olhei para Cam e ele deu de ombros. Com o olhar ainda focado em alguma coisa que ninguém via, Jase esticou a mão sobre Cam e furtou um punhado das minhas fritas.

— Mas que saco! — exclamei.

Cam gargalhou.

— Suas fritas não estão mais seguras.

— Está na cara — murmurei, olhando para os dois.

Jase piscou para mim; ele era ridiculamente lindo, como Cam, quando fazia isso.

— Vocês virão para o luau neste fim de semana?

Confirmei com a cabeça e veio à minha mente, de novo, a diferença que fazia um ano. No ano anterior, a esta hora, eu nem teria considerado uma festa, quanto mais uma dessas organizadas por fraternidades. Sorri para mim mesma ao terminar o restante das fritas, antes que os garotos devorassem tudo.

— Vocês vão mesmo levar um porco? — perguntou Brit. — Porque no ano passado aquilo não era um porco. Era um peru selvagem, e foi nojento.

Jase riu.

— Levaremos um porco dessa vez.

Ao meu lado, o bolso lateral da bolsa vibrou. Curiosa sobre quem poderia ser, porque todos que me contatavam estavam ali sentados, abri o bolsinho e tirei o celular.

Era uma mensagem de texto — uma mensagem de um número normal. Com código de área do Texas.

Aqui é a Molly. Podemos conversar quando sobrar um tempo? Por favor.

Um pequeno tremor desceu pelo meu braço quando vi a mensagem. Molly não tinha me contatado desde que eu deixara o Texas. Nada dela e de suas mensagens antes daquela vez eram tão amigáveis, embora isso não nos tornasse amigas.

Imediatamente respondi a mensagem.

Sim. Ligo para você à noite.

Vários minutos passaram e fiquei olhando para o telefone. Molly tinha respondido novamente com um ok, mas eu ainda estava chocada.

— Está tudo bem? — perguntou Cam, colocando a mão na minha lombar. A preocupação franziu suas sobrancelhas.

— Está, sim. — Guardei o celular na bolsa novamente. Tudo estava bem. Talvez não perfeito, mas a vida não era para ser perfeita. Era confusa, e, às vezes, era desastrosa, mas havia beleza em meio à confusão e poderia haver paz em meio ao desastre.

Não sei o que teria sido da minha vida se não tivesse decidido arrancar o mal pela raiz e me libertar do passado. Sabia que não seria assim. E também sabia que, se não tivesse conhecido Cam, não estaria sentada ali, naquele instante. Talvez, algum dia, eu superasse por conta própria, mas eu era mulher o bastante para admitir que tive ajuda.

E era mulher o bastante para, sempre que olhava para o céu noturno e via a Corona Borealis — ou alguma coisa que a lembrasse vagamente —, agradecê-la.

Encostando-me no peito de Cam, inclinei a cabeça para trás e levei a mão ao rosto dele. Puxei sua boca até a minha e o beijei suavemente.

— Obrigada.

Seus lábios se levantaram só de um lado.

— Pelo quê?

— Por ter esperado por mim.

AGRADECIMENTOS

Escrever agradecimentos nunca é fácil, não importa quantos eu já tenha escrito. Quero, primeiramente, agradecer a Molly McAdams e Cora Carmack por suas incríveis sinopses e pelo apoio. Sarah — sua arte da capa está linda e eu me apaixonei por ela desde que a vi. Ao meu agente Kevan Lyon, um grande obrigada por ser o agente mais solidário do mercado editorial. Obrigada a Marie Romero por fazer mágica na hora de revisar meus erros de digitação, e a Valerie por sempre estar disposta a organizar uma turnê para mim, no último minuto, e fazer um trabalho excepcional. Nada disso seria possível se não fosse por vocês, os leitores. Nenhum agradecimento bastaria por lerem meus livros. Até hoje, fico impressionada como tanta gente lê. Por último, mas não menos importante, um grande obrigada a Stacey Morgan. Ela foi a primeira pessoa a saber de *Espero por Você* — uma ideia que surgiu quando eu estava no banho — e esteve comigo desde o primeiro dia deste livro. OBRIGADA.

NOTAS

[1] No original, a autora faz referência ao automóvel Tundra, da Toyota, equivalente à picape Hilux, comercializada no Brasil. (N. T.)